

AMÉRICA  
PREHISTÓRICA  
E HERCULES

*exumados  
da filologia  
sumérica*



PEREGRINO VIDAL

*ff. Petrópolis, 17/10/58*

*A América Prehistórica  
e  
Hércules*

EXUMADOS DA FILOLOGIA SUMÉRICA

(“Poseidon amou Cleitô” — Platão)



(Ex “Mitologia griega y romana”, de H. Steusing)

Botucatu S. Paulo  
1959





## CAPÍTULO I

### COMO ENCONTRAMOS A HISTÓRIA DA AMÉRICA

Dolorosa surpresa nos espera, quando nos remontamos aos primórdios da humanidade e tentamos lobrigar os primeiros passos do HOMEM AMERICANO! Todos os povos do outro continente, galgando os séculos, têm a satisfação mui justa de encontrar os iniciadores do grandioso drama, que, em cada nação, é a HISTÓRIA PÁTRIA. Só a nós, os americanos, êsse feliz encontro é negado!

Partimos da larga praia dos nossos dias, e nos aventuramos pelo vasto mar do passado. Correndo sempre, marcha-à-ré, chegamos ao século XVI. Aqui assistimos ao desembarque dos aventureiros, que navegam sob a bandeira da civilização cristã, e tentam e conseguem cantar, na "Tôda cercada pelo oceano", ou "A-ME-RIK", o rútilo pendão da civilização cristã, a cujos esvoaçamentos, metem a ferro e fogo, uma civilização que consignava seus admiradores feitos em anais de quase quarenta séculos; e sob a capa fulgurante de "Morte ao paganismo!", matam impiedosos e sepultam, barbaramente, uma civilização, que, eras atrás, se emparelhava muito bem às civilizações que bordavam as margens do Nilo, do Euphrates, do Indus, e dos rios do Celeste Império!

Encontramos êsses aventureiros, que, soerguendo com a esquerda o lábaro pacífico de Cristo, e empunhando, com a dextra, rútilo, ensanguentado gládio, avançam triunfantes pelo México, pelo Peru e pela Colômbia. Cristianíssimos, quase despovoam o Olimpo cristão, para erguerem altares aos divos celícolas; para depois, ao redor dêsses altares, numa luta desigual, bárbara, impiedosa, luta de conquista, assanhada pela "auri sacra fames", degolarem aos milhares os nossos pacíficos e ingênuos indígenas, e para se apoderarem de seus desconhecidos tesouros, que, quais troféus de guerra, ufanos remetem para a metrópole, que delira pelas conquistas de seus filhos!

Feras sedentas de ouro e de prata, não se contentaram com o extermínio de indefesos e desavisados americanos; destruíram seus preciosos arquivos, que ciosos conservavam as histórias e os feitos gloriosos dos povos do nosso continente, e contavam suas origens; queimaram seus escritos; entregaram à volúpia das cha-

uns seus hieroglifos; esotraçalharam seus misteriosos livros; só deixaram intactas, por ignorá-las, ou por não entendê-las, as misteriosas pictogravuras que salpicam as pedras e as rochas de nossas serras, ou enxameiam em nossas ribanceiras; só poupamos, por não havê-las visto, as grandiosas esculturas dos nossos TUP-Y, gravadas nas cristas de nossas montanhas; como, por exemplo, o enorme "Gigante que dorme", no Rio de Janeiro.

Desde criança acalentávamos ardente desejo de chegar até à misteriosa origem de nossa história. Remontamo-nos às eras passadas; chegamos ao século XVI; e lá fomos intimados: "Daqui não passam!" "A América, a partir daqui, não tem mais história!". Amarga decepção, que nos obrigou a confessar que eramos filhos de pais incógnitos!

Desde muito tempo nos atenezava êsse rude e inexorável ultimatum, e essa dolorosa confissão: "Do século XVI, vocês não passam! Tentávamos superar a impiedosa barreira! Tentamos mais vezes a escalada; ensaiamos várias vezes a arrancada, para descobriremos os primórdios da nossa gente, para encontrarmos os primeiros que pisaram o solo americano, e nêle plantaram o pavilhão da civilização americana. Desejosos de adentrar os humbrais de nossa história primordial, nas páginas cheias de encantos, pelo misterioso véu que as encobria, porfiando, como o viajor que galga uma montanha, vencíamos alegre as ingremidades dos séculos, que lindam nossa história; e quando, no alto, nos esperançávamos de encontrar a aurora da vida americana, quedávamos estarelecido perante o negrume da noite infinda, em que, amortalhada, se espriava a aurora do continente americano!"

A alta civilização surpreendida pelos negregados conquistadores espanhóis, no Anahuac com os Mexicanos, no Chiapas e no Yucatã com os Mayas, na Colômbia com os Muisca ou Chibchas, no Peru com os Incas, e no Amazonas com os nobres Aruak — civilização ainda a palpitar no acervo de escombros, que outrora foram ciclópicos monumentos da civilização agonizante, nas múltiplas tradições de nossos indígenas: essa civilização forçava-nos a lançar olhares perscrutadores para além do século XV de nossa era, e mandava-nos espreitassemos bem longe, para lobrigar os albôres da tão decantada civilização americana. Parecia-nos deslumbrar algo a agitar-se nas cerradas trevas dos séculos, que precederam de muito a era cristã, e se distendiam, qual véu funéreo, por sôbre todo o continente americano!

O continente se nos assemelhava a vastíssimo cemitério, em que jaziam silenciosas e imóveis as cinzas de centenas de milhões de cadáveres, que em tempos idos, haviam hospedado outras tantas inteligências humanas, cujos lampejos e anseios haviam iluminado com sua admirável cultura o imenso continente, agora pontilhado por túmulos mortuários, pelas urnas funerárias e igaçabas, e pelos

grandiosos "mounds", a recordarem a civilização do México, dos Mayas, dos Chibchas, dos Peruanos e dos Aruak! Muita vez scutimo-nos impellido a levantar essas taciturnas lápides, perscrutar essas covas, desventrar essas urnas, para saber o nome de seus donos! Mas... a história, ao lado, sempre nos sussurrava: "Ausesios inúteis, trabalho perdido!"

Não esmorecemos porém em nosso tentame de penetrar as densas trevas de nossos primórdios. E um dia surpreendeu-nos um rastilho de luz, qual fogo fátuo, a serpear por entre aquêlê negrume! Casualmente deparou-se-nos no mapa o nome: OCEANO ATLÂNTICO! Oceano Atlântico, resmungamos alvissareiros, quer dizer: "Oceano dos ATLANTES" ou dos "Cantores brilhantes do Templo"! De pronto aflorou-nos à mente a pergunta: "Os Americanos, não seriam os antigos Atlantes?" Se pudessemos transferir para os Americanos, a história dos Atlantes, e se pudessemos obrigar a América a endossar a história da ATLÂNTIDA, teríamos resolvido o problema da origem misteriosa dos Americanos. Por quê não tentaríamos essa transferência e êsse endosso! Resolvemos tentá-lo. Mas, o difficil era encontrar o ponto de partida!

Acêrca dos Atlantes, os autores antigos pouca cousa nos deixaram. Constava-lhes que ao Ocidente Extremo do continente áfro-europeu, a muitos dias de navegação, se estendia uma ilha muito vasta, que na extensão superava a Libya e a Asia juntas; era cortada por rios navegáveis; dispunha de solo belo e fértil; povoavam-na grandes animais; nela se admiravam grandes cidades; e viam-se casas construidas com suntuosidade; seus habitantes tinham leis e costumes admiráveis; possuíam muito ouro e prata. O historiador máximo da Atlântida é Platão.

Tudo o que Platão, com os antigos, nos conservou da Atlântida, podia applicar-se fâcilmente à América. Necessitavamos porém de alguma cousa que nos autorizasse a proclamar a identidade da América com a Atlântida. Essa autorização nos foi outorgada pela LÍNGUA SUMÉRIA, que conhecíamos rudimentalmente, língua que descobrimos ser a usada pelos Atlantes, como também pelos Americanos primitivos.

Tempos atrás havíamos acariciado a opinião vistosa do nosso profundo poliglota, H. de Barenton, que proclamava a língua suméria antiga, como língua primitiva da humanidade, e mãe de tôdas as línguas do universo, não excluidas as modernas! Seu volumoso "L'origine des Langues, des Religions et des Peuples" havia-nos fascinado! Não o subscreveramos porém "in totum"! Sua tese generalizada a tôdas as línguas do orbe, pecava por patente exageração. Mas, applicada às línguas antigas, era muito acertada! — Por nossa conta e risco, achegamos a tese de Barenton às línguas antigas americanas, especialmente ao tupi, e surpreendeu-nos o vermos que o tupi era um próximo derivado do sumério. O mesmo conce-

tramos com o assírio, com o hebráico, com o sânscrito, com o grego antigo, com o latim antigo e com o basco: todos êles resultavam das raízes do sumério! — Com o sumério conseguimos soletrar e analisar os numerosos topônimos que salpicam o mapa americano, intraduzíveis com o tupi; como também, mediante o sumério, descobrimos nas lendas tupícas do Amazonas, um segundo sentido, muito outro e mais vasto que a tradução dada do tupi. Encontramos nelas o histórico do povoamento da América.

Lançamos satisfeito e alvissareiro o nosso entusiasmado “heureka”: a língua suméria-antiga era a mãe de tôdas as línguas americanas, o nahua, o othomi, e outras; os primitivos americanos falavam o sumério, que deixaram gravado nos topônimos! Mais, pelos topônimos e pelas lendas amazonenses ficamos sabendo que os primitivos americanos eram CANTORES vindos do Templo de Jerusalém, da Ásia. De lá vieram povoar a América! O próprio nome América nos disse muita coisa! A-MER-IK nos diz: a “Tôda cercada pelo oceano”, e AM-er-ik-a, é: “morada dos brilhantes cantores do templo”! AT-LAN-TES são: “brilhantes cantores do Templo”, e AT-LÂN-TID-A é: “o Reduto brilhante dos cantores do Templo”.

Voltamos a Platão. Em sua narração há um ponto saliente: a resenha de TREZE NOMES, que êle dá como apelidos dos treze primeiros povoadores da Atlântida. Platão dá os treze nomes, como os aprendera de Sólon; e acrescenta, em nota, que Sólon os havia apanhado dos lábios dos sacerdotes egípcios. Recebera-os em língua “bárbara”, e vertera-os para o grego, como os próprios Egípcios os haviam vertido da língua “bárbara” para o linguajar do Nilo. Tentamos descobrir essa língua “bárbara”.

Revestimos com o sumério os treze nomes “bárbaros”. Do grego, os passamos para o sumério, e tivemos como resultado, a aparição de treze nomes que se alinhavam solenemente na grande parada etnográfica, lançada por Moysés no capítulo décimo do Gênesis. Eram cinco jafétidas, quatro semitas e quatro hamitas, filhos ou netos de Noé. Os povoadores da Atlântida eram todos gente de Noé!

Com os treze nomes, consultamos várias inscrições rupestres da América, e nelas encontramos exatamente, em estilo simbólico, os treze nomes de Platão!

Traduzimos, como se fôra sumérico, o Gênesis. Nêle deparamos: Cap. IX, 19 — “Todos os homens foram gerados no “Monte de todos os cantores” (Gol-go-tha), pelos filhos de Noé. Dêsse monte, por ordem do Filho do Homem (Jeová), os cantores partiram, em tribos, para tôdas as regiões do universo.” No cap. X, temos: “1) Por ordem do Filho do Homem, partiu processionalmente a maioria dos cantores do Templo. Os cantores filhos de HAM inauguraram a saída do Templo, e demandaram várias re-

giões, a oriente do Monte do Templo, e as regiões da "Morada dos cantores queimados" (APH-RI-KA). Todos esses cantores praticavam o culto da Serpente.

2) Os cantores chamados "Propagadores do culto do Templo" (I-APH-ET), marcharam para o norte do Templo, e para as terras do Oriente, todas percorridas pelos grandes rios. Todos esses cantores cultuavam o Templo, e todos ardiam pelo culto do Filho do Homem, e aumentavam ao Filho do Homem cantores. (3) Todos os cantores que demandaram o norte, eram homens brancos, perfeitos, fortes, altos, guerreiros, todos com cabelos claros afogueados. (E-ur-op-a = "Região dos cantores altos e brancos"). (4) Todos estes cantores propagavam o culto do Templo do Filho do Homem, o "Templo chamado de todos os cantores" (U-xa-lam). Possuíam templos e muitos sacerdotes dedicados aos templos. (5) Todos estes cantores claros e altos povoaram as regiões da Europa e da América, povoadas por cantores submissos ao Templo."

No vers. 30, estamos nós! "Todos os cantores viviam no Templo e nos arredores do Templo, na "Terra dos cantores do Templo" (AS-I-A). Muitos desses cantores viajaram para a "Toda cercada pelo oceano" (A-ME-RIK). Eram cantores todos estes que cantavam no Templo. (32) Os cantores que partiram para a "Toda cercada pelo oceano" (América) eram todos filhos de No-ah. Todos esses cantores deixaram o Templo por ordem e por caminhos estabelecidos pelo Filho do Homem. Todos esses cantores, acompanhados das crianças e das mulheres, partiram do Templo. A "Toda cercada pelo oceano" foi povoada por cantores do Templo. Todos esses cantores praticavam o culto do Templo". (\*)

---

(\*) — Acerca da fundação de TRO-Y-A (a "Toda cercada pelo mar"), a Mitologia nos diz: "Os primeiros habitantes de Troia foram os TE-UK-ROS ("cantores altos do Templo"), que a povoaram em tempos mui remotos, e eram de origem cretense. (K'-re-ja = terra dos cantores todos = A-SI-A). Naquelas eras viviam na ilha de Sa-mo-th'-ra-ki-a (cidade de todos os cantores do Templo = Jerusalém), no mar A-ig-e-u ("de todos os cantores do Templo"), dois irmãos, I-as-i-on ("cantores negros saídos do Templo") e Dardano ("brilhantes cantores do Templo"). Os dois irmãos, mediante o templo de Jerusalém, dominavam o país.

Iasion apaixonou-se pela deusa De-me-ter ("chefe do culto negro" = Satã), e se revoltou contra o Ol-yn-po ("assembleia de todos os cantores"), e passou para o culto negro. Expulsos, os cantores rebeldes, por Jeová, do Templo, foram fundar templos negros na Frígia. (Phar-yg-i-a = "terra dos cantores saídos do Templo" = Babilônia.)

Dardano, profundamente perturbado pela morte do irmão, abandonou o reino e a pátria (Ásia), e seguiu pelo continente asiático, para a costa da My-si-a (a "Toda cercada pela água"); aí, onde correm juntos para o mar, os rios SI-MO-IS ("de todos os cantores do Templo" = Mis-sis-si-pi ou "o grande caudal de todos os cantores") e o ES-KA-MAN-DER, ou "rio dos dois chefes negros" = PI-XON ou "rio dos negros" = A-MA-ZO-NA ou "rio dos dois cantores negros"; e onde o monte I-DA ("de todos os cantores") ou AN-TI-LA

As várias lendas amazônicas, que traduzimos pelo sumério, repetem o Gênesis, acrescentando-lhe pormenores interessantes, como veremos. Muitas outras passagens da Bíblia, lida sumericamente, nos relatam parte da história da América.

Platão, como geralmente os autores antigos, narra os acontecimentos históricos mediante a linguagem MYTHOLÓGICA. MYTH-O-LOGIA é "linguagem (logia) revestida (myt) com figuras ou imagens". A mitologia foi usada para transmitir, como em quadros coloridos, os acontecimentos históricos, como também os fatos e as verdades religiosas, entre os povos que se não guiavam pela Bíblia Sagrada. Aliás, a própria Bíblia, nalgumas passagens usa o estilo alegórico ou simbólico!

Por isso fizemos farta colheita das passagens mitológicas, que revelavam afinência com o nosso tema; e fomos felizes, porque nelas empolgamos copiosa messe, que vinha alicerçar nossos pensamentos e corroborar nossas asserções.

A FILOLOGIA (suméria) valeu-nos de fonte copiosa para nossas pesquisas na história americana. Como nosso trabalho se baseia de modo especial na Filologia, análise das palavras pelo sumério, somos obrigados a manter, ao menos nos nomes próprios, a ortografia etimológica, a única que nos pode fornecer material idôneo para o estudo filológico.

Arrimo indispensável da História é a CRONOLOGIA. Após sérias e reiteradas indagações, acêrca da cronologia, resolvemos adotar a cronologia resultante das tradições americanas, mórmente das mexicanas. Assim, temos como pontos básicos: a Criação do

("monte de todos os cantores"), ou montes A-PA-LA-CHES ("montes ditos dos cantores todos"), escarpando-se em direção à praia, se perde na planície.

Aqui os Dardânios encontraram os pastores Teucros, com quem se irmaram, recebendo deles terras, e cedendo-lhes o nome de Dardânios. Na montanha Ida fundaram uma colônia, chamada Dardânia (México). Os Dardânios como os Teucros eram fiéis cultores de Jeová e de seu Templo em Jerusalém."

Todos esses cantores que praticavam o culto do Templo, adoravam naturalmente o deus do Templo, que era o Filho do Homem (o Filho de Deus em forma humana); eram por tanto MONOTEISTAS. O POLITEISMO surgiu entre os povos dispersos. Todo o nome de Deus, entre esses povos, analisado pelo sumério, contém as duas palavras: FILHO do HOMEM. Por exemplo, o grego THE-ÓS (filho do homem); o sânscrito DEV-AS (filho do homem); o anglo-saxônio GOTT (GOT-TO), (filho do homem); o japonês PO-DO-GE (o filho do homem, cantor); o húngaro IX-TEN (filho do homem); o egípcio NETER (filho do homem).

Esse nome FILHO do HOMEM, durante os longos peregrinares desses povos, foi-se modificando, conforme a língua de cada povo, conforme o lugar onde estacionavam, conforme as ações atribuídas a Deus, e conforme o sítio, em que imaginavam operasse Deus: o sol, os montes, as searas, as sementeiras, a caça, os bosques, o céu, o mar, o inferno, a guerra, a paz, a vida, a morte, a saúde, etc. Assim se originou o Politeísmo! No fundo estava sempre Jeová, o deus do Templo de Jerusalém!

mundo e dos homens no ano 5199 antes de Cristo, data adotada também pela Igreja no seu Martirologio, quando anuncia a venturosa data do Nascimento de Jesus, em Belém. O Dilúvio universal, será em 3483, data média entre as apresentadas pelos três textos escriturais, hebreu, samaritano e o dos Setenta. A dispersão das gentes, pelas tradições mexicanas, ocorreu pelo ano 3067.

A data esquisita de 5199, talvez tenha uma explicação no século mexicano. Estes tinham o século de 52 anos, que chamavam de Xi-uh-mol-pil-li, que, em sumério, diz: "Os dias da vida perfeita do Filho do Homem". Também tinham o século duplo, chamado Uh-eh-u-e-til-it-z-tli, que significava: "A vida plena do Filho do Homem foi cortada num madeiro pelos homens"! Criam que o Filho do Homem, em vindo à terra, aqui viveria feliz uns cinquenta e dois anos, espaço de uma geração ou século (dêles); infelizmente a vida do Filho do Homem, pela maldade dos homens, foi partida quase pelo meio = 33 anos! Daí a mutilação da cantésima geração ou 5199!

Ou digamos melhor: O ano 5200 assinalaria o fêcho da centésima geração humana, (52 × 100), e anunciaria o começo da 101 geração, a do Filho do Homem. Hec-a-ton (100) pode dizer: "revelação do Filho do Homem".

NOTAS: — 1: Muito nos valemos em nosso trabalho da versão que fizemos da Bíblia, lendo o texto hebraico ou grego, como se fora sumério. Fizemos com a Bíblia o mesmo que havíamos feito com a *Iliada*, com a *Odisseia*, com a *Aeneida*, e com textos sânscritos: todos nos deram perfeita tradução do sumério — provando assim que todos êles estão escritos na DUPLA LÍNGUA dos Cantores do Templo: língua interna, o "emeku"; língua externa, o "emexal". O mesmo havíamos feito com numerosas lendas amazônicas, escritas em tupi; também elas estavam na dupla língua dos Cantores do Templo.

Citando a nossa versão da Bíblia suméria, prescindimos inteiramente da questão da inspiração divina — dote que enobrece a nossa Bíblia; traduzimo-la como se fora um livro histórico simplesmente. Citamo-la como "Roteiro dos cantores", porque o nome corresponde a THORA ou "guia dos cantores". Não queremos nela comprometer a autoridade da S. Igreja, a depositária autorizada dos Livros Santos.

Como nos será necessário muita vez falar do culto engendrado por Satã — o culto fálico — contra o culto de Jeová ou do Templo; em atenção ao eufemismo, evitaremos a palavra "fálico", substituindo-a sempre pela palavra "negro", e falaremos do culto "negro", dos cantores "negros"!

2: O sumério é língua polisemântica: a mesma palavra pode indicar duas ou mais coisas simultaneamente. A discriminação do sentido é feita pelo contexto próximo ou remoto. Por isso acontece que traduzimos a mesma palavra ora com um sentido ora com outro. Foi o contexto que nos levou a isto!

3: Não apresentamos BIBLIOGRAFIA, porque nosso estudo é inteiramente original; esperamos sirva de apontamentos para ulteriores estudos, que serão feitos por quem melhores talentos possuir na matéria.



Ver "As Realidades da Atlântida" em "O Sendero de los Atlántidos" - pag. 96

## CAPITULO II

### OS TREZE POVOADORES DA ATLÂNTIDA

Platão nos recorda TREZE NOMES, que estrelam a bandeira dos primitivos povoadores do continente Atlântico — continente que os antigos conheciam como "Segundo grande continente", ou como "o continente arrancado ao oriental". Outrossim o conheciam como THARXIX (Todo Brilhante), que era o nome da sua capital, Tiro. Sob o ponto de vista físico, o apelidavam de "A tôda cercada pelo oceano"; sob o aspecto religioso era a HAV-I-LAH ou "Vergel de todos os cantores".

Seus primeiros povoadores, sempre guiados por Po-se-i-don (o brilhante cantor do Filho do Homem) e por J-e-o-vá (o Filho do Homem, o senhor do Templo), aportaram ao continente, em duas levadas distintas e algo distanciadas uma da outra. A primeira vinha sob o nome de Euenor e Leucippe — na frase de Platão — casal que no continente engendrou Cleitô, filha única e muito amada. Eram três tribos de cantores, provenientes do Templo de Jerusalém, e chefiadas por Euenor, Leucippe e Cleitô.

Os dois, Euenor e Leucippe, no continente engendraram a filha Cleitô, que cercaram de todo o carinho e conforto; mas, quando, a jovem atingiu a idade núbil, vieram a faltar-lhe os pais: foi, quando da menina se amerceou Poseidon, que por ela se apaixonou: desposou-a e a fez mãe de dez filhos, em cinco partos geminados ou de gêmeos. Estes formaram a segunda grande leva de povoadores da Atlântida.

A segunda leva veio para o continente, chefiada pelo chefe da primeira tribo, ATLAS, o qual trazia em sua companhia mais nove tribos com seus respectivos chefes, que respondiam aos nomes de: Eumelos, Ampheres, Euaimon, Mneseus, Autochthon, Elasippos, Mestor, Azaés, e Diaprepés.

Contamos TREZE POVOADORES primitivos: três da primeira leva e dez da segunda, todos trazidos por Poseidon ou Neptuno, o donatário do continente em nome de Jeová. Esses treze povoadores formam como que o núcleo central da história da Atlântida. Platão junta aos nomes a nota de que eles foram vertidos da língua "bárbara", que é exatamente o sumério. Do grego passamos esses nomes para o sumério original.

Começamos pelo do donatário secundário, que Platão na sua linguagem mitológica, dá como mulher, e lhe chama de Kleitô, nome derivado de "kleitós", que significa: "a famosa, a celebre, a formosa" atributos que descobrimos no sumério: THUB-AL ou "homem brilhante". Ora Thubal é o quinto filho de Japhet, conforme o grande quadro genealógico e etnológico do cap. X do Gênesis. A palavra "kleitô" é passível de outra tradução: TSOR, que é Tiro, e significa: "famosa, célebre, brilhante", e indica a capital da Atlântida, a famosa Tyro antiga, da costa oriental da Atlântida.

O segundo nome é de EUENOR, o "que tem ou gera gente viril"; vertido para o sumério nos dará: MÁGOG, de "ma" (gerar) o "gog" (leões ou guerreiros). Magog é o segundo filho do Japhet bíblico.

O terceiro nome é LEUCIPPE, em grego "égua branca", com correspondente no sumério: MOSOCH, de "mox" (claro) e "sug" (cavalo). Mosoch é o sexto filho de Japhet, irmã de Magog e de Thubal. Dos três, diz Ezequiel, em 38,2: "Dirige teu rosto contra GOG (o leão = Satã), a terra de Magog, príncipe e chefe de Mesoch e de Thubal, e profetiza contra ele." Famílias das tribos de Magog, de Mosoch e de Thubal — três filhos de Japhet — constituíram a primeira leva dos povoadores da Atlântida. Os três jafétidas eram cantores que abandonaram o Templo de Jerusalém, e demandaram, por ordem de Jeová, o extremo ocidente. São tribos da raça BRANCA.

O quarto citado por Platão é ATLAS, nome que em grego significa "intolerante"; nome que encontra sinônimo no sumério em THAR-XIX ou "Todo violento"; também pode significar: "Todo brilhante", que seria o nome da capital, Tiro. Tharxis é o segundo filho de Javan, filho este de Japhet. Atlas deu o nome a toda a segunda expedição de cantores que demandaram a América, os AT-LAN-TES ou "os cantores brilhantes do Templo". Deu o nome ao continente: At-lan-tid ou "dos brilhantes cantores a terra", denominou o mar, AT-LAN-TIK ou "seio dos brilhantes cantores". E-u-xi-no — indica: "mar de todos os cantores do Templo".

O quinto nome é EUMELOS. Em grego significa, "abundância de ovelhas", e o traduzimos para o sumério por ELISAH. El-isa é o que "traz muitas ovelhas". Este é o nome do primeiro filho de Javan, Elisa, irmão de Tharxis, netos de Japhet.

O sexto nome é AMPHERES — "o cercado por toda a parte, o posto ao redor"; sentido que encontramos no sumério acasalando HAV (cercado) I (todo) LAH (o lado): dão-nos, Havilá, que é o terceiro filho de Kux e neto de Ham. Um negro.

O sétimo é EUAIMON, que significa "mui perito" e também "sangrento". Este nos leva a Ragná, palavra composta de "rag" (sangue) e "ma" (muito). Ragná bíblico é o quinto filho de Kux, neto de Ham. Também negro.

O oitavo nome grego é MNESEUS, "o que lembra": nome que passamos para o sumério com HUS — nome do primeiro filho de Aram, neto de Xeem. Semita — amarelo.

O nono nome é AUTOCTHON, "o indígena" — palavra que em sumério traduzimos por MAX (rebento, novo), e equivale ao hebraico MAX, que é o quarto filho de Aram, neto de Xeem. O Autocthon de Platão também é traduzido por TZEQIL, com o mesmo sentido que Max, isto é: XE (filho) kil (do país). Outro semita-amarelo.

O décimo nome dos lembra cavalos, isto é, ELASIPPOS — "o que guia cavalos", "cavaleiro". No hebraico lhe encontramos tradução em ARPHAXAD, de "ar (guiar, montar), "pak" (com inteligência) e "xad" (cavalo). Temos o terceiro filho de Xeem-amarelo.

O undécimo é MESTOR — "conselheiro ou mentor", que traduzimos no sumério por LUD, que é o quarto filho de Xeem. Um amarelo.

O duodécimo é AZAÉS — "o sêco, o esquelético", que corresponde ao hebraico XABÁ, isto é: "tosquiado todo". É filho do hamita Ragma. Hamita-negro.

O décimo terceiro nome é DIAPRÉS, que diz o mesmo que "ilustre, exímio", e o traduzimos por "DE-DAN" ou "pensamento forte". Dedan é filho de Ragma. Hamita-negro.

Podemos concluir que esses treze nomes lembrados por Platão, como os nomes dos povoadores da Atlântida, são nomes que pertencem ao grande quadro etnográfico, traçado por Moisés, na distribuição das tribus noéticas, povoadoras do mundo, após o dilúvio universal. Enquadraram-se no grupo: cinco jafétidas (brancos), quatro semitas (amarelos) e quatro hamitas (negros), que caldeados pelo tempo, nos deram o **HOMEM VERMELHO**, ou o misterioso **HOMEM AMERICANO**!

Resta-nos decifrar o nome do condutor dos nossos povoadores, Poseidon, que tanto se amerceou de Cleitô, desposou-a e a fez mãe de dez filhos. Com o sumério, fácil nos é analisar este nome. PO-SE-I-DON significa: "o Cantor brilhante do Filho do Homem", que é o grão-sacerdote do Templo de Jerusalém, Nimrod, mais tarde endeusado, e que os latinos chamaram de NEPTU-NO ou "Cantor do Filho do Homem". Pelas suas numerosas viagens pelos mares, foi tido como deus do mar!

A filologia nos leva à conclusão de que os treze povoadores, a quem Platão atribui o povoamento primitivo da América ou Atlântida, são treze netos ou bisnetos de Noé: conclusão que nos faculta mais um passo na pista: a **Atlântida foi povoada pouco depois do dilúvio, por descendentes de Noé**. E proseguimos na pista!

Os treze povoadores que Platão conheceu com os sacerdotes de Saís do Egito, encontramos-os claramente reproduzidos em muitos monumentos americanos. Nalguns monumentos, admiramos

os treze povoadores em medalhões ou em quadrinhos, que lhes perpetuam os animados e quase sempre simpáticos semblantes, sempre nítidos e perfeitos; noutros monumentos, os nossos treze povoadores são assinalados por figuras simbólicas, condizentes porém com os nomes recordados por Platão.

Os monumentos, que desafiando dezenas de séculos, ostentam os gloriosos fundadores da primitiva civilização americana, andam semeados por tôda a América; no sul, porém, mais copiosa messe dêles nos ocorre.

Resenhamos alguns dêstes monumentos, que comprovando a narração de Platão, nos dizem outrossim que a Atlântida do sábio grego, é a própria América, a qual se viu obrigada a prestar culto singular, mediante seus monumentos, aos treze fundadores de sua civilização. Em muitos dos nossos monumentos, juntamente com os treze fundadores, aparece também a figura majestosa e simpática do Grão-sacerdote, o nosso XU-MÊ, o chefe que guiou para a América as três levas de povoadores ou repovoadores da América. Guiou-as, localizou-as e repovoou-as.

Ao mesmo tempo que os ditos monumentos nos apresentam os nossos povoadores, nos fazem contemplar a épica luta travada entre as duas turmas povoadoras: uma, guiada pelo Grão-sacerdote, Xumê, e a outra, pelo Leão da Montanha, pela ANTA (Serpente grande), MAG-OG (serpente brilhante) ou Satã: turmas que serpeiam pela América tôda, de norte ao sul, encaçando-se uma a outra, e roubando-se mutuamente as presas e as conquistas.

Nossos monumentos, se os passarmos sob a craveira da literatura suméria, a que indubitavelmente pertencem, mister será colocá-los além do século XX antes de Cristo, na época da pictogravura, ou escrita simbólica. Opinamos sejam do século XXII-XXI, pouco depois do última estada de Xumê na América. São labores dos seus TUP-Y ou "gravadores das montanhas"!

Passamos em resenha vários dêstes monumentos, para dêles colhermos nossa conclusão, isto é, que êles estão atestando que a América foi a terra dos Atlantes ou dos treze povoadores da Atlântida, lembrados por Platão. Ao mesmo tempo que vislumbramos essa conclusão, vamos antecipando fatos da nossa pré-história.

O MONUMENTO de ITAQUATIÁ — é a chave que nos abre o segredo de nossa história. O nome da serra nos dirá: IT-AK-O-A-TI-Ã ou "serra, onde os cantores do fundador do Templo ergueram um Templo". Trata-se de uma inscrição rupestre, gravada na entrada de uma furna da serra de Itaquatiá, serra cercada pelo rio das Mortes e pelo Ingahy, distante uns oito dias de viagem da cidade de Vila Rica (Ouro Preto). A inscrição foi copiada em 1730, por ordem do conde de Bobadella, e foi explicada pelos entendidos de então, como inscrição sepulcral dos tempos de santo Thomé, o pretense evangelizador da América. (Figura 1).

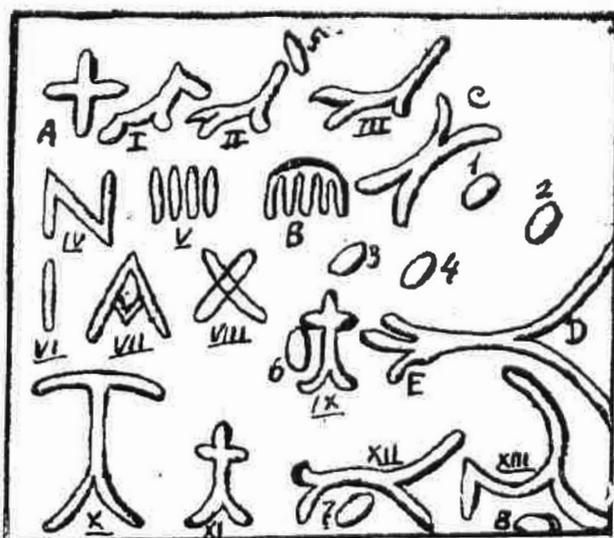


FIGURA 1

Inscrição de Itaquatá.

Nada de inscrição sepulcral! A inscrição da rocha nos conta o início do povoamento da América, história repetida mais tarde por Platão, acerca dos treze povoadores da Atlântida. A inscrição nos declara a identidade da América com a Atlântida dos antigos!

Na primeira linha há uma cruz: é o hieróglifo a designar a terra a ser partilhada e povoada, a "Tôda cercada pelo mar", a "A-me-rik"; um pé, com cabeça alongada e abaixada: é o chefe da primeira imigração, o donatário da terra, a famosa Cleitô de Platão, Thubal, o homem brilhante! Segue-se um pé ungueado e com garra: é Leucippe ou Mosoch, chefe da segunda tribo que integrava a primeira imigração americana. Vemos mais um pé ungueado maior: é Euenor ou Magog, o irmão de Mosoch, os dois chefes que com suas respectivas tribos acompanharam ao irmão Thubal, na campanha do povoamento da América.

Com o decorrer da campanha povoadora, quando Cleitô, no dizer de Platão, havia chegado à nubilidadade, ficou órfã — as tribus de Magog e de Mosoch se haviam espalhado pelo norte do país. Poseidon amerceado da orfandade de Cleitô, veio em socorro dela, trazendo-lhe mais dez tribus de cantores, saídos do templo de Jerusalém. Uma grande letra bifurcada, símbolo de Poseidon, quase se ajunta ao pente de cinco dentes: são os cinco partos que Po-

soldou dou a Clottô. Na mesma linha, temos Atlas ou Tharxis, o chefe da segunda expedição, mais Elisa seu irmão. Estes com os três da primeira linha, se estenderam particularmente pelo norte do país, sobretudo pelo México. Na terceira linha a começar pela direita, encontramos Euaimon e Amphérés, os dois hamitas que povoaram as Antilhas. Fecha a linha, mais à direita, o semita Auctothon, que com o semita Mneseus povoou o Panamá.

A quarta linha abre-se, à esquerda, com Elasippos e Mestor, os dois chefes semitas cujas tribos povoaram o Peru ou o "domínio dos sacerdotes", que isto significa a palavra Peru. Os dois últimos. Xaba e Dedan, são os dois hamitas que povoaram o Brasil ou BERAZIL, que significa: "Domínio dos cantores tostados" ou pretos.

À direita, nota-se uma grande forquilha tricúspide, a indicar a invasão dos cantores negros, ou do culto satânico, o culto da Serpente, a qual lançou no "Vergel de todos os cantores", oito como ovos, espalhados especialmente pela costa oriental do continente, mormente no Berazil. Foram oito centros principais do culto negro!

A inscrição do Itaquatiá é a mais perfeita que possuímos da nosso pré-história: é perfeita correspondência à descrição de Platão sobre a Atlântida. Não só nos dá os treze povoadores da América, mas também no-los coloca nos sítios por eles povoados; além disso, a figura traduz muito bem o conceito expresso pela denominação grega, e consequentemente pelos nossos sumérios.

— A inscrição de Itaquatiá encontramos-la repetida na serra de S. Thomás das Letras, em Arruoca, em Minas. A cópia feita com tinta vermelha, é bastante imperfeita e algo adulterada, na origem, ou por arte dos copistas; a não ser que o autor da cópia tenha querido debuxar um quadro relativo ao tempo, em que fervia a luta entre a gente dos dois povoadores. Que tal tenha sido a intenção deles, pode-se presumir do fato de termos ao pé do quadro, um animal, anta ou tigre, imagem do adversário Magog. (Figura 1-A).

— Perto da Lagôa Santa, em Minas, na Lapa Vermelha, depara-se uma outra interessante inscrição. Nela admiramos os treze povoadores, representados por linhas curvo-verticais. Há catorze linhas e quatro figuras de animais. (Figura 2).

— Nas Pedras das Tartaguras, no município de Itapeva, S. Paulo, encontramos semelhantes inscrições, em que figuram sempre os três, os seis e os quatro, isto é, as três primeiras tribos, as seis do norte, e as quatro do sul: sempre os treze povoadores da América! (Figura 3).

— O GIGANTE que DORME. — A grande inscrição de Itaquatiá nos é repetida e ilustrada pelas figuras admiráveis que compõem o quadro colossal, formado pelo "Gigante que dorme", gravado nos montes que se alçavam, à esquerda da entrada da barra da Guanabara, do Rio de Janeiro. O "Gigante que dorme" ou o "Gigante de pedra", se estira sobre uma linha de cerca de vinte quilômetros, e se ergue à altura de mais de 700 metros, for-

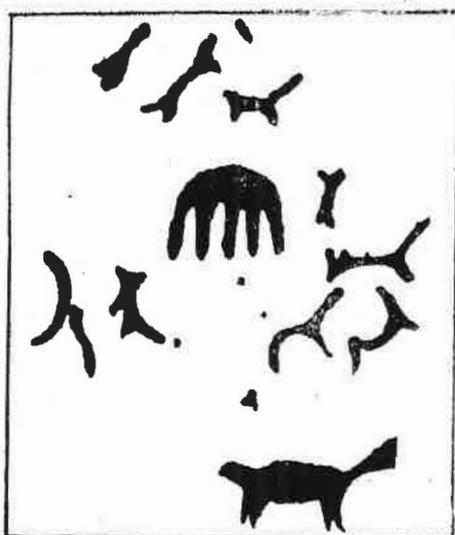


FIGURA 1-A

Inscrição da Serra de S. Thomaz das Letras. (De "Prehistória Brasil." de Anibal de Mattos). — É repetição da inscrição de Itaquatiara.



FIGURA 2

Inscrição da Lapa Vermelha. (De "Prehistória Brasil." de Anibal de Mattos). Os treze povoadores da América.

mando quadro colossal, que se nos impõe, e faz pasmar perante a extensão do quadro, a suma perfeição das gravuras, e muito mais pela incompreensível perspectiva, adivinhada pelos seus exímios gravadores, os TUP-Y. (Figura 4).

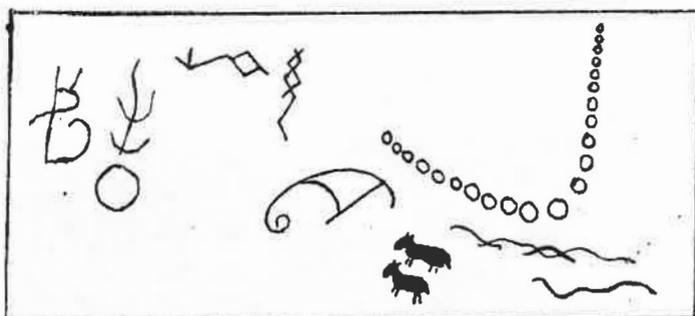


FIGURA 3

Inscrição da Pedra "Tartaruga" no Rio Negro. (Do "Arquivo do Museu Nacional", vol. VI). Ainda os treze Povoadores americanos.

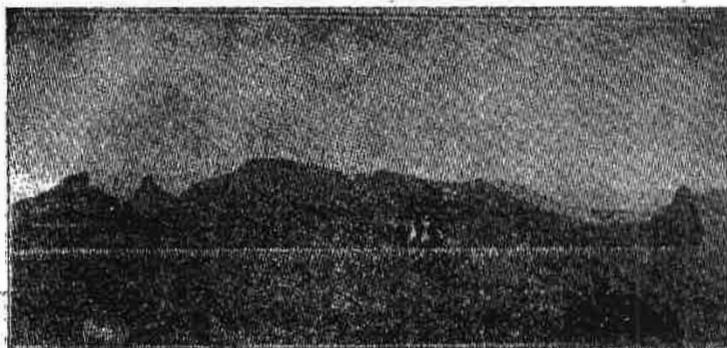


FIGURA 4

"O GIGANTE QUE DORME". (Da "Chor. do Brasil", de Veiga Cabral).

Fixando demoradamente com o olhar, o imenso quadro, fácil nos é descobrir que o pretenso gigante se desdobra como por encanto, em duas figuras bem distintas: à direita, revela-se-nos o semblante majestoso, alvacento do Grão-sacerdote, Xumé; à esquerda do sacerdote, divisamos o Filho do Homem, semelhante às imagens de Minerva ou Apolo — o companheiro invisível e indivisível de Xumé. São os Cas-tor (cantor brilhante) e Pol-lux (Filho do Homem), figuras mui conhecidas pela mitologia. Os morros da Tijuca formam os rostos da gigantesca figura; o dos Dois Irmãos, o peito; os contrafortes do Corcovado dão-lhe o tronco e as pernas; por fim, o Pão de Açúcar lhe empresta os pés. — O Morro dos Dois

Irmãos forma o peito do Gigante; talvez o nome do morro provinha dos dois semblantes do Gigante. Assim também na divisa entre Piauí e Pernambuco, corre a "Serra dos Dois Irmãos": o nome da serra deve ter igual origem, isto é, do Gigante que dorme naquela serra.

O pescoço do Gigante está coberto pelas figuras dos dois irmãos Atlas e Eumelos; o início da saliência torácica é ocupada pelos vultos enormes de dois negros hamitas, Ampheres e Euaimon. Logo em seguida, se apresenta o novo par de Mneseus e Mestor, a cuja direita se ergue majestoso o semblante do nosso Azaés (Xabá), e a seu lado, o do companheiro Diaprepés (Dedan).

No hipogástrio do Gigante surpreendemos um como círculo luminoso, que encerra um cavalo branco, um vulto brilhante de homem, e mais uma cabeça de leão em pé: são os três primeiros povoadores da Atlântida, a saber, Cleitô — o vulto brilhante; Eue-nor — o gerador de leões; Leucippe — o cavalo branco. Descortinamos os joelhos do Gigante cobertos, na frente, por um carão, acompanhado de caras menores, até chegarmos a uma cara maior, que envolve os pés do monstro. Cremos sejam os filhos dos treze povoadores, os iniciadores da campanha do povoamento.

Se passarmos ao longíssimo paralelograma, que serve de leito ao Gigante, teremos, à esquerda, os dois vultos repetidos de Poseidon e de Cleitô, e a contemplá-los, alguns enormes offidios, com caras humanas; à direita descobriremos alguns leões, em atitude de fuga, após haverem perpetrado um morticínio, enquanto os amigos de Xumê o choram. Numerosas figuras menores enfeitam e completam as maiores.

Atrás do pescoço do Gigante, vemos o cimo da Gávea, com parte do semblante de MA-gog (Cobra grande), que parece estar a espiar seus antagonistas. Na saliência torácica do Gigante, descobrimos o carão do Sol, aureolado por corôa de raios — símbolo do Peru (per = caminho, u = do sol), e ante a saliência dos joelhos, lobrigamos lindo semblante de mulher, que, com a mão estendida, aperta ou comprime o seio — o símbolo do império das Amazonas ("a mulher, o seio com a mão comprime"). Entre a mulher e o sol, surgem quatro vultos: são os quatro povoadores do Peru e do Brazil.

(\*) — O magnífico quadro do "Gigante que dorme", que admiramos no Rio de Janeiro, o encontramos perfeitamente reproduzido alhures; como, por ex. nas montanhas de Cahy=ba, onde o rio Paraguaí faz divisa entre o Mato Grosso e a Bolívia; nas montanhas do Acuarial, nas proximidades do rio Paraguaí; em Minas, nas montanhas que dão fundo à cidade de Belo Horizonte, e nas montanhas iminentes a Itajubá. (Figuras 5 e 6).

(\*) — Os treze povoadores da Atlântida com o duplo gigante que dorme, os podemos contemplar magnificamente representados em esculturas, no rocho-



FIGURA 5

Inscrição da Lagoa de Gahyba. (De A. de Carvalho).

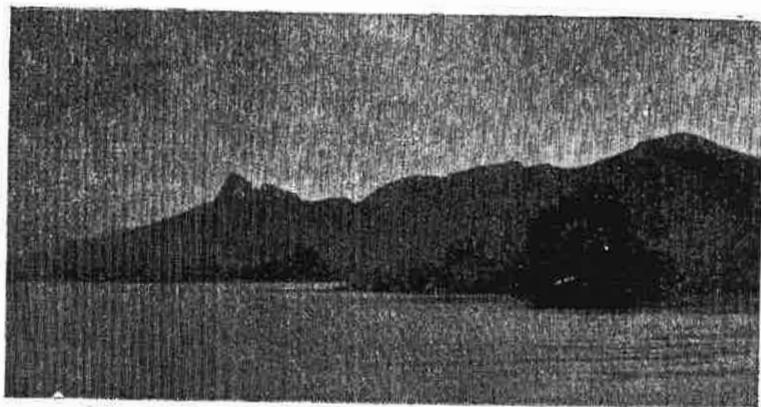


FIGURA 6

Esculturas nas montanhas do Acurlal. (De "Nos sertões do Paraguay", de dr. O. Ulrich). — Repetição do "Gigante que dorme".

do posterior ao grande monumento do Ingá, na Paraíba do Norte. Outros-  
sim os encontramos nas vizinhanças de Monte Santo, Bahia, perto do segu-  
mento da serra do Anastácio. (Figuras 7 e 8).

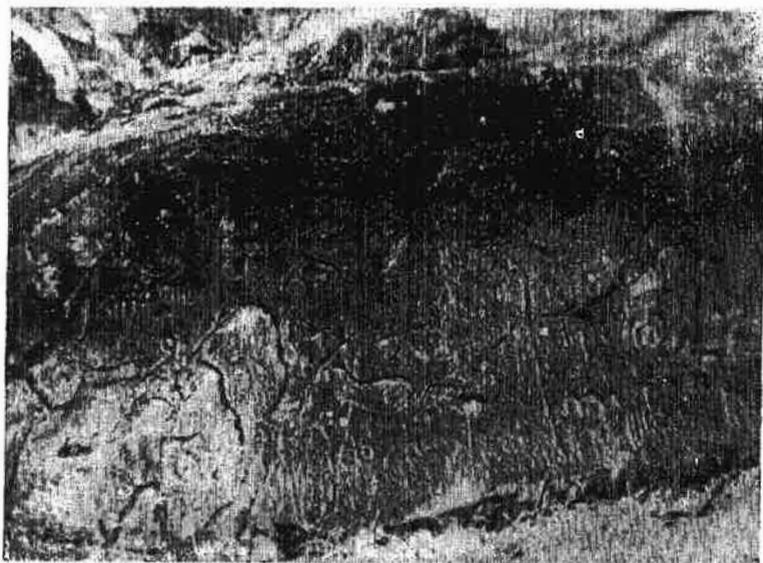


FIGURA 7

Inscrição do Monumento do Ingá, Paraíba do Norte (Fotos do snr. Antero  
Pereira Júnior). Início do povoamento da América.

De tudo isso podemos, mais uma vez, concluir, que realmente  
a Atlântida de Platão é a América, que, ciosa, por toda a parte  
recorda seus povoadores.

(1) — Nota interessante nos ocorre, ao resenharmos os treze povoadores,  
cujas imagens descobrimos, quer no monumento do Ingá, quer no misterioso  
“Gigante que dorme”: além de os encontramos sempre na mesma ordem, ve-  
mo-los traduzirem perfeitamente, nas linhas dos semblantes, os nomes com que  
os assinala Platão. O mesmo acontece com os símbolos que contemplamos na  
bela inscrição de Itaquatiá: aqui cada símbolo corresponde à denominação  
individual, dada pelo historiador de Atlântida; cada símbolo é facilmente in-  
terpretado pelo nome, com que Platão designa cada um dos nossos treze po-  
voadores.



FIGURA 8

Inscrição da Serra do Anastácio — Bahia. (De "Viagem pelo Brasil", de Martius).  
Sempre os treze povoadores.

## CAPÍTULO III

## OS TREZE POVOADORES NO MÉXICO

Na Enciclopédia Espasa, encontramos magnífico quadro hieroglífico mexicano, a repetir-nos os treze povoadores do continente americano! No centro do quadro, Poseidon, todo majestoso, em forma de deus, aparece a Cleitô, a Atlântida, oferecendo-lhe as cinco tribos geminadas, a serem enxertadas no tronco trigêmeo primitivo. A jovem aceita a oferta de Poseidon, que a faz mãe de cinco partos (florões a cercarem as duas personagens). Vemos, à esquerda, uma jangada e outra embarcação: são os transportes marítimos das duas expedições que vieram à América. No quadro serpeia o cordão dos dez povoamentos: seis, à esquerda, os do norte, e quatro à direita, os do sul. À esquerda, adivinhamos os dez chefes das tribos, cinco mais cinco; logo acima surpreendemos os oito ÓVOS da Serpente, ou o culto negro que a Serpente conseguiu infiltrar em oito dos reinos dos Atlantes (só escaparam o Peru e o Panamá). Na extrema direita, divisamos repetidos os cinco partos geminados, reforçados com a chegada de Xumé, com sua gente repovoadora. (Figura 9).

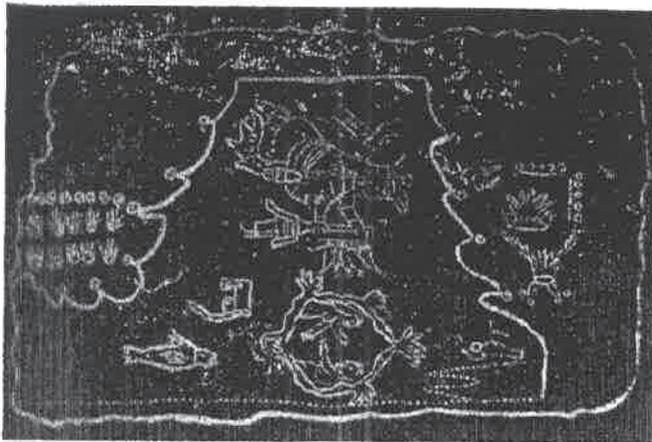


FIGURA 9

Os Treze Povoadores no México. (Da "Enciclopédia Espasa").

A parte inferior está pontilhada: quer-nos parecer que os pontos indiquem anos, durante os quais o povoamento se processou. Assim teríamos uns "cincoenta e cinco" anos, para o povoamento da primeira expedição, e uns "oitenta e cinco", para a expansão das dez tribos que integravam a segunda leva de povoadores. Tudo somado, chegaríamos a uns cento e quarenta anos. A linha que vemos no monumento do Ingá — linha de pontos que o atravessa todo — se consideramos os pontos como índices de anos, viria abonar nosso parecer.

(\*) — O Neptuno que visita a Cleitô, cena que admiramos no quadro mexicano, o vemos mui bem reproduzido num significativo relêvo, encontrado em S. Luzia de Cozumahualpa, na Guatemala. (Enc. Espasa). (Figura 10).



FIGURA 10

Relêvo de Cozumahualpa — Guatemala.  
(Da "Enciclopédia Espasa").

Cleitô jaz deitada à esquerda, amarrada na cinta com três grossas cordas, que são as três primeiras tribos povoadoras, que a amarraram com o culto do Templo. Implora socorro e compaixão. Aparece-lhe o deus Poseidon, com cabeça de concha (deus do mar), o qual ostenta seis penas sob o braço direito, e quatro ao longo do antebraço esquerdo: são as dez tribos povoadoras que lhe trouxe da Ásia para o nosso continente.

De Poseidon parte uma série de dez círculos: são ainda as dez tribos povoadoras. Estas, representadas por vergõntees, se encaixam nos três laços dos primeiros povoadores. Mas, enquanto penetram as três primeiras tribos, também se introduz o culto negro! Poseidon aponta a Cleitô cinco caixinhas: são os cinco partos geminados. Os dez medalhões ou círculos trazem a effigie dos chefes das tribos. As primeiras seis tribos estão povoando o peito de Clei-

tó, ou o norte do País; as outras, a povoa-lho as pernas, corrom o Peru e o Berazil.

(\*) — Nas ruínas de Palenque, Chiapas, México, no templo do "Belo relêvo", há um painel, obra de estuque, que além de representar os dois chefes lutadores do povoamento americano, nos apresenta os treze povoadores em quadrinhos, nos dois lados superiores: seis à esquerda e sete à direita. Dos da direita, os três últimos parecem deitados: são os três povoadores da primeira leva — Cleitô, Mosoch e Magog.

O centro do painel é ocupado por Xumé, quando ainda moço, sentado sobre o tigre bicéfalo — é o culto negro, que Xumé combateu! O tigre bicéfalo, ou o deus Nebo (Cobra Grande) foi, pelos nossos Tupy, traduzido pelo Urubu-rei, que também é representado com duas cabeças. O Tigre ou o Leão dos nossos povoadores (do culto negro) foi conhecido pelos nossos, como Leão americano, Tigre, Onça ou Anta.

Na cabeça do Herói, sobre o barrete, aparece o vulto de Neptuno com os vários povoaamentos: quatro, seis e três — os treze povoadores. No peito, no colo e no pé dêle, figuram várias caras de povoadores.

(\*) — Em Quiragua, Guatemala, depara-se-nos mais um monumento, em que podemos descobrir os nossos treze povoadores, chefiados por Xumé. — Sob um sol esplendido, o Verbo divino, divisamos o rosto majestoso de Xumé, feito por cinco camadas — os cinco partos geminados — cada uma bipartida para duas figuras: são os dez chefes das tribos da segunda leva. De sob o vulto de Xumé, sobressai o semblante de Cleitô; ao redor e ao pé dêle, se podem entrever rostos de povoadores. No lado direito divisamos treze quadrinhos com faces humanas. O superior é Magog, os dois seguintes, seus companheiros, Mosoch e Thubal; depois dêstes, seguem aos pares, os dez chefes que chefiaram a segunda leva. (Figura 11).

(\*) — Nos monumentos mexicanos, Xumé é muitas vêzes representado por uma serpente EMPLUMADA, ou por um offício "sui generis", parecido com uma Rã; enquanto seu adversário é lembrado mediante uma cabeça de tigre ou de onça. Xumé, no sul, é frequentemente simbolizado pela meiga e benéfica lua: o inimigo dêle, pelo sol!

Num relêvo de Xochicalco, no México, sobressai um friso mui significativo, que representa uma grande serpente, o repovoador da Atlântida, Xumé. As treze escamas salientes, pelo corpo da serpente, são os treze povoadores: os três superiores e os dez posteriores. O mesmo sujeito é repetido em treze fitas: três sob as fauces; quatro, no nariz e seis na cauda da serpente. Na terceira curva da serpente, vemos a Xumé ainda moço, a sopesar os cinco partos geminados, ou as dez tribos. (Figura 12).

(\*) — Descobrimos uma vasilha de argila, obra primorosa de cerâmica, de Costa Rica, América Central: cerâmio a representar ao grande povoador, com as dez tribos, sob a figura de um reptil esquisito, espécie de rã. (Figura 13).

As mãos anteriores do reptil, com seis dedos, indicam as primeiras seis tribos das dez, que povoaaram o norte americano; as outras quatro são lembradas pela mão posterior, com quatro dedos. A segunda mão posterior, na realidade um pé, muito esquisito, é sinal do viajante povoador, ou Maratá, ou Profeta andarilho. As seis manchas maiores nos braços, e quatro no dorso: é repetição das dez tribos. As três manchas das pernas são as três tribos primitivas do povoamento. O Profeta como que endossou tôdas as treze tribos, e as fundiu com a gente nova que trouxe na terceira leva.

(\*) — Encontramos nossos treze povoadores, num lindo quadro, copiado de um manuscrito indígena de Cholula no México. — A parte esquerda do quadro, a superior, é consagrada ao povoamento pelas dez tribos. Começa por



FIGURA 11

Monumento de Poseidon em Guatemala. (Julgado de uma rainha Maya)! (Da "Enciclopédia Espasa").



FIGURA 12

Friso de Kochicalco — México. A Serpente povoadora, Sumé com os treze povoadores — as treze escamas salientes pelo corpo da Serpente emplumada; também nas treze fitas: três sob as fauces; quatro no nariz; e seis na cauda da Serpente. Na terceira curva, Sumé moço a sopesar seus cinco partos, um deles gorado, o dos dois Negros trânsfugas.



FIGURA 13  
Vasilha de argila de Costa Rica. Poseidon com os  
treze povoadores. (Da "Enciclopédia Espasa").

um cordão que a envolve parcialmente: seis espaços fechados — são as seis primeiras tribos das dez, as quais foram povoando o México, a América Central e as Antilhas. Vem um espaço maior — distinção local das tribos do norte, das tribos do sul. Mais quatro espaços fechados, para indicarem as tribos do sul. (Figura 14).

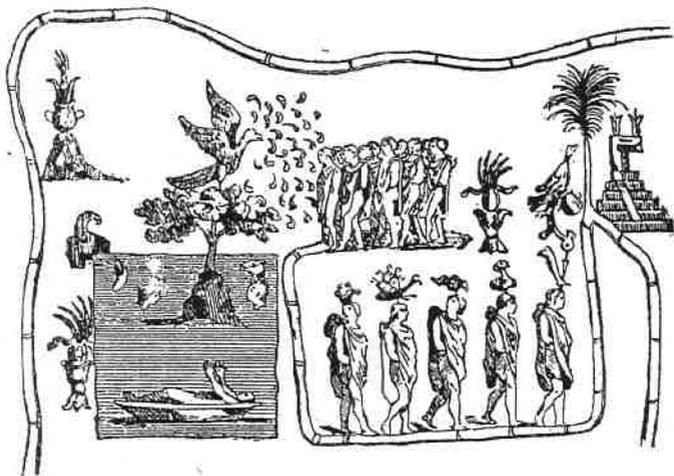


FIGURA 14  
Pintura mexicana. Os treze Povoadores da América  
(Do "Manual Bíblico", de Vigouroux).

No canto inferior, à esquerda, contemplamos um quadro das águas americanas; delas se alteia um monte, coberto por árvore frondosa e florida, encimado por alegre pássaro, o Xumé (o cantor) a abençoar com a palavra, a gente que com ele vai colaborar no repovoamento. No fundo das águas, jaz, em miseranda barca submersa, Tharxix ou o país, a implorar socorro contra o ladrão Magog, e povoamento. Aparece-lhe o "chifrudo" Xumé, com sua obra fecunda e povoadora. Ao lado oposto, surpreende-nos, cheio de inveja e ódio, o cão ou tigre de Magog, o encarniçado inimigo do Profeta.

Na parte direita inferior, contemplamos a turma dos inimigos de Xumé, chefiados pelo tronchoso e retesado Magog, a sopesar a perna de andarilho povoador, mas encimado pelo gavião ladrão, que vai roubando os frutos, semeando pelas tribos de Xumé.

(\*) — Os treze povoadores da América, os encontramos também gravados em lindos cerâmios, que jazem escondidos no nosso subsolo. Na cerâmica de Santarém, Amazonas, distinguimos um vaso, espécie de fruteira. Nela está magistralmente gravada a história dos nossos treze povoadores, com o chefe, o Grão-sacerdote.

A elegante bandeja repousa sobre um pé anelar, e traz nas bordas, a enfeitá-las, uns animaizinhos, que parecem quatis. Bem observado, o vaso nos deixa adivinhar: no fundo, à direita, Cleitó a beijar Xumé: o corpo do Grão-sacerdote está ornado com os vultos dos seis povoadores do norte; reaparece o vulto d'ele para encabeçar os quatro do sul. No fundo, à esquerda, damos com três cenhos furiosos de tigres: são os chefes das tribos inimigas de Xumé. Os quatis das bordas são tigres que esmagam o Grão-sacerdote.

(\*) — Paisagens bizarras e poéticas, podiam-se um tempo, admirar na serra que cerca a capital de Minas — então o Curral d'El-Rei. O primeiro quadro, aberto no começo, à esquerda do observador, descreve o povoamento da América, pelos filhos de Neptuno, aliados do Grão-sacerdote.

Uma grossa serpente com a cabeça de Atlas, dobra-se para, na dobra, encostar-se ao vulto suave do Grão-Sacerdote. Sobre as espirais da serpente, sorriem-nos os primeiros quatro filhos do deus do mar, isto é, Atlas e Eumelos, e os dois negros, Ampherés e Euaimon. Vem o Grão-sacerdote, do qual parte um tronco, onde estão gravados os vultos dos outros seis filhos de Neptuno: Mneseus, ornado com os cornos de sacerdote, xermita; Autothoon; mais dois xermitas de cornos, Elasiippos e Mestor; em seguida, o quase imberbe Azaés, e o barbudo Diaprepés. Estes últimos são os nossos progenitores, os que povoaram o Berazil.

(\*) — Vamos encontrar os nossos treze povoadores nas lendas dos Paracys (cantores do grande Templo), do Mato Grosso. Esses índios, para o povoamento do país, em vez de admitirem como chefe supremo a Poseidon, imaginam uma mulher primitiva (as Mães das coisas!) da qual se originaram o rio Cuyabá e o Paracy e mais um homem de nome: Du-ru-ka-va-i-te-rê ("o que voltou do Templo do Filho do Homem, com muitos cantores"), que vem a ser o nosso Xumé. O homem é pai de dez filhos — as dez tribos da segunda leva — Uazalé, Zatemaré, Carnahité, Caacuré, Camazué, Zannia, Zacalu, Zaururé, Aurumizaré e Cutiburé (Figuras 15, 16, 17, 18 e 19).

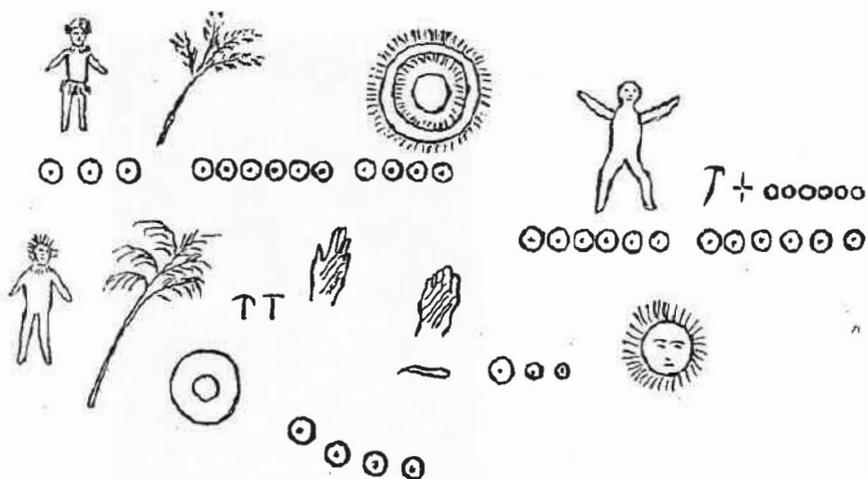


FIGURA 15

Inscrição de Dorá, Faxina Est. de S. Paulo. (Do vol. 50 da "Rev. do Inst. Hist. do Brasil"). — O povoamento da América pelos treze — 3-6-4, e as lutas tremendas renhidas entre a gente de Poseidon (côr vermelha) e Magog (côr preta). O Herói do povoamento o realizou (palmeira) mediante três lavas de gente (três séries de círculos) de três, seis e quatro tribos.



FIGURA 16

Papantla — México. (De "Arte Pré-hispânica de México", Inst. de Arte e Hist. Mex.). Distinguímos os três primeiros povoadores da Atlântida; o da esquerda, com três lanças, é Cleitô, o donatário da Atlântida; no centro, Euenor; e à direita, Leucippe, os dois auxiliares de Cleitô.

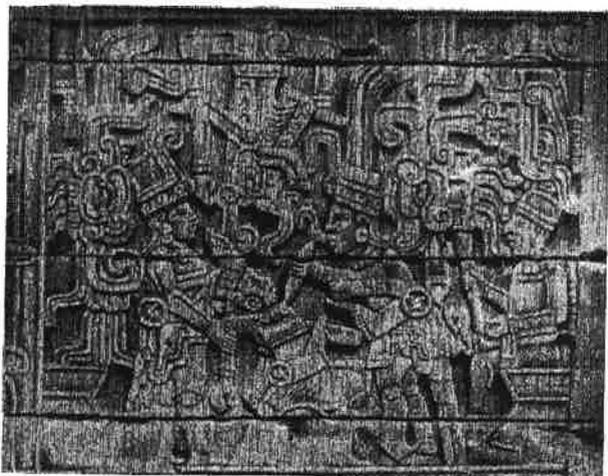


FIGURA 17

Cleitô está morrendo, quando sobrevem a salvação das cinco gerações geminadas. (De "Arte Prohispnica").



FIGURA 18

A chegada salvadora do Xumé com seu clássico bico de águia: o grão-sacerdote, invocado pelo irmão Havilah, amarrado ao leito de suplício: o deus vem acudir com sete tribos, que irão repovoar a Atlântida. (De "Arte Prohispnica").

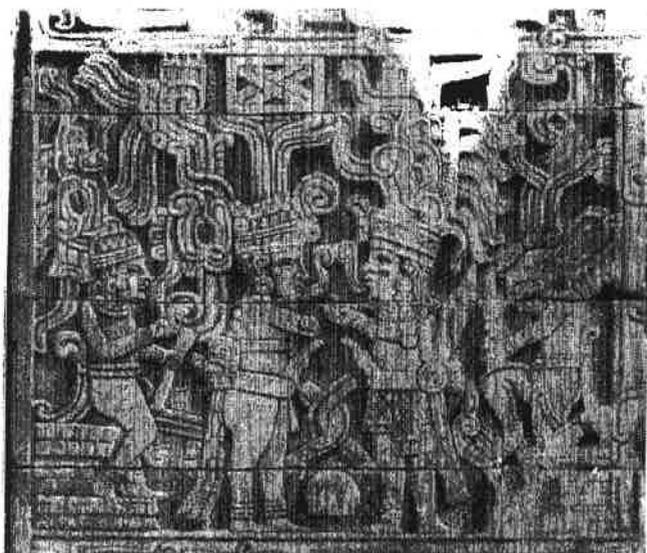


FIGURA 19

Xumé a parlamentar com Magog (este com cinco rodinhas pendentes do ouvido: as três primeiras tribos, mais as duas dos Negros trãnsfugas. Atrás dêles, vemos o deus NEBO, o deus-leão ou deus-cão, deus da fecundidade. Repete as seis tribos e as quatro de Poseidon, mais as três primitivas. (De "Arte Prohispânica").

(\*) — As tradições dos Mayas-Quichés admitiam quatro chefes principais, os que deram origem a treze tribos ou clans daquela gente. Os mesmos Quichés, como os Guatemaleses e os Chichimecas, concordavam em que TREZE CHEFES, cada um à frente da própria tribo, desembarcaram em tempos diferentes, no Golfo do México, de onde depois foram povoar a América. Os Tzendais do México chamavam a sua terra de Oxlahunnachan, palavra que, na língua dêles, significa: "Casa (na) das treze (oxlahun) serpentes (chan) ou povoadores.

Conclusão. — Os treze povoadores da Atlântida, pelos nomes, se revelam netos de Noé, provenientes todos do Templo de Jerusalém: todos falam o sumério ou a língua dos Cantores. As línguas antigas dos nossos ameríndios, como o tupy, o quechua, o maya, o mexicano, se analisam perfeitamente pelo sumério; grande número de nomes geográficos americanos só se interpreta etimologicamente, pelo sumério; os treze fundadores da Atlântida reaparecem a cada instante nas figuras, nas gravações que enfeitam nossos montes e rios — tudo isso nos faz concluir que os Atlantes foram os primitivos americanos.

As tradições copiosas que colhemos entre os nossos aborígenas, ostão chieias de recordações dos célebres treze povoadores da Atlântida e das intermináveis lutas, renhidas entre os povoadores sequa-zos do culto negro, satânico, e os povoadores paladinos do culto do Templo ou de Jeová. Tudo isso nos deixa concluir que os ameri-canos encontrados nos séculos XV e XVI, são filhos e sucessores dos antigos Atlantes, os "Cantores brilhantes do Templo"! A Atlân-tida dos antigos é a própria América!

E se a Atlântida é a própria América, encontraremos a história da América, perscrutando a história dos Atlantes, seguindo em nos-sas pesquisas, sôbre tudo a Platão, o historiador máximo dos Atlan-tes, e auscultando as tradições numerosas dos nossos indígenas, que são páginas vivas do passado; mais as lendas, conservadas fiel-mente pelo canto, mórmente dos Pagés. De entre estas, valemo-nos das três maiores: Erem, Kakuhy e Porona-minaré, que tradu-zimos na íntegra do sumério.

---

NOTA — Os sumérios tinham como número sagrado o 13, porque treze em sumério é: U-ex ou A-ex, palavras que também significam: "Filho do Ho-mem" (I-E), que é Jeová. Coincidência foi que também o número 13 repre-senta os 13 povoadores da América!

## CAPÍTULO IV

### OS PRIMÓRDIOS DA AMÉRICA

Do século 52 ao século 34 antes de Cristo, isto é, desde o início do cosmos até o dilúvio, (5199-3483), o continente americano partilhou da história do continente ÚNICO, como parte integrante dêle. Nesses dezessete séculos, a história da América se irmana com a história do continente único primitivo. A TER-RA (vergel dos cantores) é obra maravilhosa do poder e da sabedoria de Jeová. J-E-O-VÁ diz o mesmo que "Filho do Homem, criador do Templo", ou "Filho do Homem que brilha no sol". (Com o correr dos tempos, por infeliz sinédoque, muitos permutaram o Filho do Homem com o Sol, e passaram a deificar o astro do dia em lugar do seu autor !)

A história do "homo sapiens" afigura-se-nos qual ingente acervo de pedras, de vários volumes e de várias côres. As pedras são os acontecimentos vividos pelos homens, ou que tangenciaram ao homem. Se fixarmos sôbre o acervo dos acontecimentos o olhar perscrutador, não nos custará descobrir que nêsse amontoado gigantesco, as pedras estão ligadas, ou melhor, estão mergulhadas num "espírito de luta", que é a alma de tôda a história. Viver é lutar, monodiava triste o nosso poeta !

A luta supõe campos antagonicos, chefes adversários e o objetivo comum de ataque. Na história humana estendem-se os campos do Bem e o do Mal: no primeiro, proclama-se o culto brilhante de Deus; no outro, campeja o culto negro da Grande Serpente, ou Lúcifer. A "Bela Helena", objeto da luta, são os cantores que Jeová criara para o serviço do seu templo, e para cantarem as loas do Pai Supremo: cantores que Lúcifer deseja acorrentar a seu templo negro, para ter também êle, como Jeová, adoradores ! Ser adorado é o sonho imortal de Lúcifer !

Lúcifer ou Serpente Grande (Sat-An) é a primeira e a mais perfeita das criaturas, saídas das mãos poderosas de Jeová: é o príncipe das coortes angélicas; era o governador e inspetor do Templo de Jeová, a quem invejou e tentou roubar os cantores. "NA-HAX" = "supremo governador", em sumério; NAHAX, em hebraico = "cobra". Cantores é sinônimo de HOMENS, pois o canto era a finalidade dêles !

Jeová, no comêço dos tempos — seguimos o “Roteiro dos cantores”, criou todos os elementos da LUZ (os átomos da luz), que dispersou por todo o universo, para com êles formar tôdas as criaturas da terra e do céu. Da condensação de glóbulos luminosos, resultou a água. No seio da mãe água, formou-se o imenso “DISCO” da Terra, que surgido das águas, ficou acamado no leito macio do elemento líquido.

A terra, às ordens de Jeová, brota o magnífico reino vegetal, e após êle, o variadíssimo reino animal. As aves e os peixes foram dados pelas águas. No mesmo tempo, na abóbada celeste, se desenhavam os milhões de estrélas, enquanto Jeová se regozija, contemplando sua obra divina.

O “Roteiro” abre-nos um parêntesis mui esquisito e interessante: “Jeová para levar todos os cantores a cantarem com o Filho do Homem, dispôs que os dois luzeiros da terra fôsem duas finais moradas para todos os cantores do Templo: o HE-LI-OS seria o “Jardim dos cantores do Templo” ou o “Remanso do Filho do Homem”; a SE-LE-NE seria “a Prisão dos cantores negros”! O criador de todos os cantores do Templo, o Deus que mora no Templo, formou as duas grandes CAVIDADES, cercadas de luz, para acolher a todos os cantores do Templo. A cavidade coberta de luz brilhante, é a casa de todos os cantores, respeitadores e servos do Templo — é o “Jardim dos cantores do Templo” (Helios); e a caverna sombria — cavidade coberta de luz, é casa destinada à prisão dos cantores todos, escravos do templo negro — é a “Prisão dos cantores negros” (Selene); mais, formou os grandes acervos de luz que brilham no céu (as estrélas). (Os planetas seriam sucursais da Lua!).

O imenso disco era sulcado por quatro grandes rios, que iniciavam seu curso no mar central, o Mediterrâneo ou Sa-har-á (mar central para a irrigação), e corriam para os quatro pontos cardiais em busca do OK-Ê-AN-O (água que corre ao redor do plano terrestre). (Figura 20).

O disco terrestre não ostentava nem montes nem vales. Só se alteava majestoso, ao oriente do Sahará, o HED-EN (montanha do Templo ou dos cantores), em cuja esplanada, Jeová edificara um suntuoso templo, de pedras brilhantes — onde êle chefiara o grandioso côro dos homens todos: sonho dourado, com que pretendia encantar ao Rei Altíssimo, EL!

Jeová criou, com maestria divina, o Pai dos cantores, AD-AM, e a Mãe dos Viventes HE-VA. (Conforme a tradição sumérica. Jeová extraiu a Adam o útero, de que o tinha dotado, e com o útero fez a Mulher!). Antes de criar os homens, Jeová havia criado a incalculável legião dos Espíritos angélicos, chefiados por MA-GOG (luz brilhante, ou Lúcifer!). A legião angélica tinha a seu cargo o governo do mundo e a vigilância dos cantores.

## O Continente único.

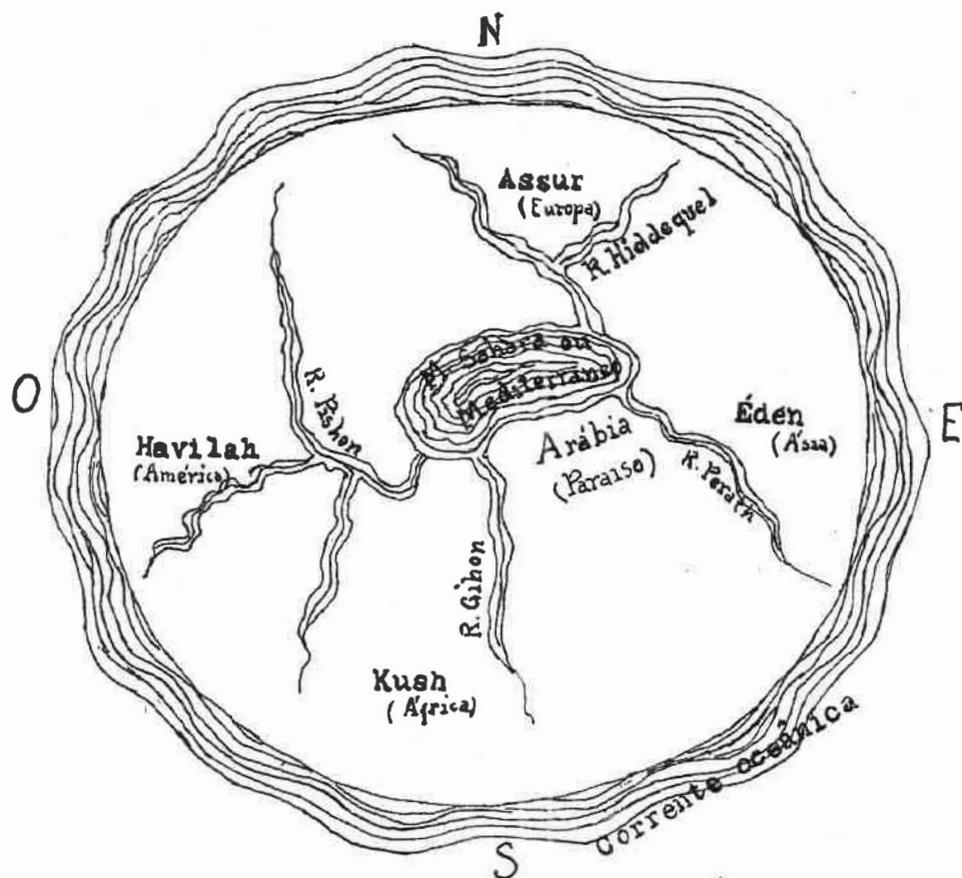


FIGURA 20

Lúcifer, cioso e êmulos da glória de Jeová, enganou, roubou e estragou moral e fisicamente os pais dos cantores; estragando-lhes, de modo especial, o poder de transmitir a vida física! Os pais dos cantores, arruinados e longe do Templo de Jeová, procriaram os Ka-in (tostada prole); e com êstes, Lúcifer fundou o obsceno culto negro, que consiste na adoração de Lúcifer através dos falos; e um pouco ao oriente do Heden, fundou a cidade de Han-ok (santuário da Serpente), que mais tarde transportou para Ba-by-lu (cidade dos cantores negros) ou Babilônia.

Desde os primórdios da humanidade, aparecem os dois cultos — o dos Ka-in ou “cantores negros” e o dos Hab-El ou dos “Filhos de Deus”: o primeiro sempre a hostilizar o segundo, e tentando, sem cessar, destruí-lo; o segundo, sempre vítima do primeiro, mas sempre sustentado por Jeová.

Os nossos Tupyambás, os maiores representantes dos nossos indígenas, contam entre seus ancestrais, e portanto no seu panteon, os dois filhos de Monan (Jeová): Ar-ik-u-te (ilustres cantores do Filho do Homem) e Tam-an-don-ar-é (cantores do deus negro e destruidor do templo) — irmãos belicosos que ocasionaram o dilúvio universal! A mesma tradição, mais ou menos alterada, dos dois irmãos, a encontramos entre todos os nossos selvagens.

Penitenciados (após dez saros ou dez “partos”) Adam e Heva voltam para o Templo da Montanha, onde dão a Jeová os tão desejados cantores, Hab-el (filhos cantores), com que entra a funcionar o grande Templo de Jeová, e se forma a cidade do Templo (Xal-em), que ao depois se chamou “Cidade de todos os cantores do Templo” (Ir-us-al-em), a cidade duplamente berço da humanidade.

Os Ka-in eram negros, gigantes terríveis, que combatiam constantemente aos Hab-el; assaltavam-nos no Templo, e lhes roubavam as crianças e as mulheres — para terem vítimas de seus sacrificios horrendos, em que matavam e queimavam as crianças em honra de Lúcifer! Por sua vez, os homens do Templo iam buscar mulheres entre os Ka-in! Foi uma luta dezoito vêzes secular! A luta culminou em uma noite, em que os negros, à traição, subiram a montanha do Templo, e incendiaram todo o Templo, com tôda a cidade santa, e com todos seus habitantes! Foi o extermínio dos cantores de Jeová, o qual, ferido no íntimo de sua alma, resolveu “Exterminar aos homens juntamente com a terra!” Algumas das nossas tribos indígenas lembram um incêndio mundial que precedeu ao dilúvio universal!

Chegamos ao horrendo cataclismo, em que foi envolvida também a América — o Dilúvio! O “Roteiro” no-lo descreve, resolvendo satisfatoriamente as muitas dificuldades opostas à narração bíblica. Assim o castigo atinge “os homens residentes em todo o TERRITÓRIO HABITADO (ba-sar)”. A arca salvadora, que é dita de madeira de “gopher”, é: “habitação viajante, com base curva (goph), que se assenta (er), e fica acima da tempestade”. Os animais “puros” serão os “animais destinados ao Templo”. O dilúvio, que, “está quarenta dias sobre a terra”, será: “a efusão do mar todo (ham ab ul) sobre tôda a vizinhança do Templo (ar es)”.

Vem o terrível acontecimento! “O continente da Terra foi coberto todo até a Montanha (do Templo), pelas águas do oceano. Tôda a terra foi conquistada pela elevação do oceano, que, em arremetidas, inundou tôda a terra. A terra tôda foi chupada pelo

oceano. Cortados os laços que o prendiam, o oceano cresceu, e com suas águas a bramir, se lançou furioso, e inundou tôda a terra, que cercou inteira com suas águas. O mar arruinou tôda a vestidura da terra, com possantes excavações das águas. (Daqui os vales e os montes nasceram!) Tôda cercada pelas águas, foi tôda despedaçada e amassada... Todo o monte do Templo foi tomado e coberto pelo mar; todo o Templo, já todo queimado pelo incêndio, foi derrubado pelo mar...

“A “Cidade dos cantores negros” (Ba-by-lu) foi coberta tôda pelo mar! Tôda a região dos “Cantores fálcos” (Kas-dim) foi presa pelas águas do mar, e também todos seus cantores foram presos pelo mar... Tôda a “Região dos cantores do Templo” (AS-I-A) desapareceu no coração do mar!”

Tivemos um dilúvio com universalidade antropológica absoluta, e geográfica relativa: pereceram todos os viventes que viviam no “território habitado da Terra”. — Uma arca com 150 metros de comprimento, 25 de largura e 15 de altura, era mais do que suficiente para abrigar as oito pessoas da família de Noé, e os poucos animais que viviam ao pé do homem, no “território habitado”.

“Cessada a grande tempestade do oceano” — continua o “Roteiro” — “recolheram-se tôdas as águas para o vasto seio do oceano. A inundação tôda das águas recolheu-se para a séde do abismo. A Terra, antes fortemente coesa, despedaçou-se tôda, em muitos fragmentos; e levantou-se do mar muito fragmentada! A inundação gerou duas terras irmãs: a primeira, a “Região dos cantores do Templo” (AS-I-A), e a outra, a “Tôda cercada pelo mar” (A-ME-RIK). A parte chamada “Tôda cercada pelo mar” — onde cresceu o templo dos cantores fálcos — está ligada por um braço de mar, ao grande continente. Esta foi destinada por decreto do Filho do Homem, para morada de todos os cantores fiéis ao Filho do Homem e ao culto do Templo. A multidão tôda dos espíritos desordeiros foi exilada das vizinhanças do Templo”.

Mais adiante o “Roteiro” repete que “Coberta tôda pelo mar, a terra mudou sua planície tôda: elevaram-se nela os MONTES, e cavaram-se nela os VALES. Assim tôda transformada pelo mar, ergueu-se das águas a terra, prisioneira do mar, e partida em duas principais terras: a “Tôda ligada pelo oceano” (A-ME-RIK) e a outra parte, a “Região dos cantores do Templo (AS-I-A)”. E esclarece-nos que “no início, a terra era como que um círculo extenso, todo cercado pelo mar. Só um grande monte se elevava no centro da terra; e nêle se levantava o santuário do Filho do Homem. Tôda cercada pelo mar, a terra mudou tôda sua forma de círculo: tôda a terra se ergueu das águas, mas tôda mudada e partida tôda!”

Tôdas as tribos americanas conservaram nítida, e a transmitiram, a tradição do dilúvio universal. Os Mayas davam o dilúvio com término da quarta idade do mundo, a A-ton-a-ti-uh, ou “as

águas destruíram todos os homens da Serpente! “Davam-lhe a data de 33 séculos mexicanos (de 52 anos), após a criação do mundo. O que vem dar no ano de 3483 antes da era vulgar.

Nessa data, ementam as tradições mexicanas, a terra foi assolada por ingente flagelo: caíram chuvas em demasia, que chegaram a cobrir tóda a terra, e pela submersão desta, ocasionaram o extermínio de todo o gênero humano. Dêsse dilúvio só escaparam oito pessoas, chefiadas por Kox-kox (o que se eleva sôbre a inundação) e sua mulher Xo-chik-et-zal (a mulher recolhida da devastação total): os oito felizardos salvados dentro de um “tlap-tlip-et-hak-al-hi” isto é numa “habitação viajante, grande, que se eleva no dorso da inundação”!

Um passeio pelos altos de nossas serras, mostra-nos o trabalho furioso, medonho, executado pelas águas diluviais, na transformação do disco térreo primitivo; como também nas faz sorrir perante as estonteantes hipóteses que inçam a geologia e a paleontologia, e nos faz sorrir ao lembrarmos os milhões ou bilhões de anos, que os homens das “bases científicas” emprestam à formação das nossas serras, que nasceram exatamente lá pelo ano 3483 antes de Cristo, na agitadíssima partenogênese das águas do oceano, fecundadas pelas iras de Jeová!

Nêsse parto, nasceu também a América ou o continente americano. A América, como continente emancipado do continente único, apareceu no século 34 antes de Cristo, e apareceu não mui distante do continente oriental, talvez uns 80 ou 100 quilômetros, ocupados por um rio-mar, que se chamou mais tarde “Ponto Euxino” ou “Mar Negro”, e simultâneamente respondia ao nome de At-lan-ti-ko ou “mar dos cantores todos do Templo”. Os semitas o conheciam também como Grande Euphrates.

Por ocasião da separação dos continentes, tudo o que hoje é Mar das Antilhas, então era terra firme, e constituía a parte melhor do continente americano. O desventramento do continente se deu bem mais tarde, no século XXI antes de Cristo!

## CAPITULO V

### APARECE O HOMEM AMERICANO

O continente americano surgiu das águas vingadoras do dilúvio. Surgiu distanciado do continente áfro-europeu, uns 80 ou 100 quilômetros; mas surgiu com a parte central oriental quase completa. Tudo o que hoje é mar das Antilhas, e mais uma parte de mar, era terra firme, que fazia parte do nosso continente; até era esta a parte principal e melhor do continente. Platão recorda que o solo da Atlântida, separado do continente áfro-europeu, estava muito acima do nível do mar, e terminava em costas cortadas a pique.

A Arca de Noé, a "casa que andou sôbre as águas", foi pousar no mesmo planalto da Montanha do Templo, no Hed-en, onde Jeová erguera o majestoso Templo, berço da humanidade. Do templo que havia sido incendiado pelos inimigos dos cantores, e cujos escombros haviam sido derribados pelas águas do dilúvio, as pedras tôdas ficaram na montanha (A), mas espalhadas (RA) pela correnteza (RAT). Estas últimas palavras deram lugar à tradição de que a Arca noética fôra repousar no monte Ararat, na Armênia, quando pelo contrário foi pousar no mesmo monte, onde se erguia o templo fundado por Jeová, e depois reconstruído por Noé; templo, mais tarde tomado e destruído pelos cultores de Satã, e novamente reconstruído no mesmo lugar por Abraão. A Arca pousou no mesmo monte, onde surgiu a cidade e o templo de Jerusalém. Debalde foi procurada no monte Ararat!

O estúpido projeto dos filhos dos homens de erguerem uma TÔRRE, "cujo cume toque nos céus", é lembrado pelo "Roteiro", mas com estas palavras: "Para destruir o Templo do Filho do Homem, os violentos cantores resolveram construir um grandioso templo (la nu), com uma cidade (kir), que seria a habitação de todos os cantores do culto negro. Nêsse templo cantariam todos os cantores rebeldes!" Deve ser o templo em ruínas, de Ba-al-bek, ou "Templo dos cantores rebeldes", não longe de Damasco. A palavra SYR-I-A nos diz: "cantores separados do Templo", e BA-BEL é: "cantores rebeldes". Tudo tem referência à explosão do culto negro, no próprio templo de Jerusalém, onde Satã soube traiçoeiramente infiltrar-se: infiltração que ocasionou a dispersão dos cantores, a

chamada "Dispersão das gentes", que as tradições mexicanas colocam a 2132 anos após a criação do mundo, o que equivale ao ano 3067 a. Cristo.

O planalto que coroava a montanha do Templo, fôra modificado bastante. As águas da inundaçãõ derrubaram as paredes do edificio, que havia resistido ao incêndio, e espalharam com sua correnteza as pedras e escavaram cavernas. Numa destas cavernas, os oito supêrstitos do dilúvio adaptaram sua morada. O primeiro pensamento dos "salvos das águas", foi o de reedificarem o Templo e criarem filhos cantores do Templo.

No-ah (príncipe dos cantores), de acôrdo com Jeová, organizou a cantoria do Templo, as festas e os sacrificios. O officio de cantores foi confiado oficialmente aos filhos de Xe-em (cantores do Templo); o serviço do culto e sacrificios, foi entregue aos filhos de Ha-am (servos do Templo); aos filhos de I-aph-et (difusores do culto do Templo) foi confiada a difusão do Templo e do culto de Jeová: eram os evangelizadores do Templo, os encarregados de povoar, mediante o culto de Jeová, as terras tôdas do mundo.

A crescente família de Noé foi-se espalhando pela AS-I-A ou "Terra dos cantores do Templo" e pela HAR-AB ou "vizinhanças do Templo". Tôda a vida dos filhos de Noé se concentrava no Templo e no canto do Templo. Viver era cantar: **ser homem era ser cantor do Templo!** O Templo dominava tudo! Jeová com figura de cantor, nas grandes solenidades, dirigia pessoalmente os grandiosos coros do Templo. Jeová amava a tôdos os cantores; porém suas preferências eram pelos meninos do côro!

No-ah governou o Templo até sua morte, 350 anos após o dilúvio. Morreu pelos anos 3133, a. C. Coisa de meio século depois da morte de Noé, 2132 anos depois da criação do mundo, 3067 antes de Cristo, deu-se o **primeiro povoamento oficial das terras distantes do Templo:** filhos e netos de Noé saíram do Templo e foram povoar o mundo. Antes desta saída oficial havia-se dado a saída dos cantores revoltados contra o culto do Templo e adeptos do culto negro. Eram Hamitas!

Acêrca da dispersão das gentes, o "Roteiro" anda bem informado. "Todos os homens foram gerados no "Monte de todos os cantores" (GOL-GO-TA) pelos filhos de No-ah. Dêsse monte, por ordem do Filho do Homem, os cantores partiram em tribos, para tôdas as regiões do universo."

"Por ordem do Filho do Homem, **partiu processionalmente a maioria dos cantores do Templo.** Os cantores filhos de HAM haviam inaugurado a saída do Templo, e demandaram várias regiões, a oriente do Monte do Templo, e as regiões da "Morada dos cantores queimados" (APH-RI-KA). Todos êsses cantores praticavam o culto da Serpente."

"Os cantores chamados — Propagadores do culto do Templo — (I-APH-ET), marcharam para o norte do Templo, e para um terrão do Oriente, tôdas percorridas pelos grandes rios. Todos êsses cantores cultuavam o templo, e todos ardiam pelo culto do Filho do Homem, e aumentavam ao Filho do Homem cantores. Todos os cantores que demandaram o Norte eram homens brancos, perfeitos. Fortes, altos, guerreiros, todos com cabelos claros afogueados. (E-ur-op-a, é: "região dos cantores altos e brancos")."

"Todos êstes cantores propagavam o culto do Templo do Filho do Homem, o templo chamado de "todos os cantores". Êstes possuíam templos e muitos sacerdotes dedicados aos templos. Todos êstes cantores, claros e altos, povoaram as regiões da Europa e da América, povoando-as de cantores submissos ao Templo."

"Todos os cantores viviam no Templo e nos arredores do Templo, na Terra dos cantores do Templo" (AS-I-A). Muitos cantores VIAJARAM para a "TÔDA CERCADA pelo OCEANO" (A-ME-RIK). Eram cantores todos êstes que cantavam no Templo."

"Os cantores que partiram para a "Tôda cercada pelo oceano", eram todos filhos de No-ah. Todos êsses cantores deixaram o Templo por ordem e por caminhos estabelecidos pelo Filho do Homem. Todos êsses cantores, acompanhados das crianças e das mulheres, partiram do Templo. A "Tôda cercada pelo mar" foi povoada por cantores do Templo. Todos êsses cantores praticavam o culto do Templo l'."

Podemos ajuntar ao relato do "Roteiro" o que acrescentou Moysés ao grande quadro etnológico, do cap. X do Gênesis, isto, é, que "os filhos de Noé se repartiram o mundo segundo suas LÍNGUAS (elemento lingüístico), segundo suas famílias (elemento etnográfico), segundo suas regiões (elemento geográfico) e segundo suas nações (elemento político)."

Mais, podemos adiantar que as várias levas de povoadores demandaram as várias regiões do mundo acompanhados pelo Grão-sacerdote do Templo de Jerusalém, Nim-Rod, o grande cantor de Jeová, o Poseidon dos gregos, o Neptuno dos latinos. De modo especial mereceram ter êsse condutor as várias levas dos filhos de Japhet!

Os filhos de Japhet com marchas lentas, à guisa de nômades, demandaram o noroeste do Templo, que os antigos conheciam pelo nome de ILHAS, e pelo nordeste e nos deram os AR-Y-AS ou "alvos cantores do Templo". Os escuros filhos de Ham marcharam para o sul do mar central, e foram povoar a terra que mais tarde se denominou Aph-ri-ka ou "Terra dos cantores queimados", por haver-se nêles propagado o culto da Serpente, ou o culto negro, cujos sequazes ergueram suntuoso templo nas montanhas da Ma-uritan-i-a (terra de todos os cantores negros, saídos do templo).

Ma-u-ru, é "cantor do culto negro", e Nu-mi-di-a seria "templo negro dos cantores do templo").

Os cantores filhos de Xem se espalharam pelo sudeste do Mediterrâneo, na AS-I-A ou MES-A (terra do Templo), e se estenderam pelas montanhas do Oriente até SE-PHA-RA, que é a "Terra de todos os cantores" ou CHI-NA (terra dos cantores). No Templo da Montanha, em Jerusalém, ficou o núcleo central dos Xemitas, auxiliado por numerosos Hamitas, sacerdotes. Phal-eg significa: "dispersão dos cantores".

Os povoadores eram chamados de SERPENTES, pelas suas marchas ziguezagueantes, com que iam disseminando os povos.

A primeira dispersão oficial dos povos deu-se em Jerusalém, pelo ano 3067, segundo a cronologia mexicana, antes de Cristo. Acompanhados de preferência aos jafétidas, porque eles nos vão dar o nosso HOMEM AMERICANO.

Tradições mexicanas dizem que oito gerações (uns 400 anos) depois do dilúvio, deu-se uma confusão inexplicável entre o povo que estava edificando a torre do ZA-KO-AL-I (templo de todos os cantores do Templo), em Jerusalém; e, como não se entendessem mais, o povo se dividiu em famílias, que emigraram para diversas partes do mundo.

Os Jafétidas partem do Templo de Jerusalém; sobem à Ásia Menor; ali, uma parte se encaminha para a Thracia (brilhantes cantores do Templo). Uns dêstes avançam e nos dão os GER-MAN-I (cantores possantes do Templo); e prosseguindo na rota povoadora, espalham os Indo-germanos. Outro ramo demandou o Ocidente, e nos deu os I-TAL-I (cantores brilhantes do Templo); os GAL-I-I (os grandes cantores); os HIS-PA-NI (cantores filhos de cantores); e por fim os LU-SI (cantores brilhantes). POR-TUG-AL é "caminho para a terra dos cantores". Ao lado de Portugal, encontramos Cor-du-ba ou "grande cidade dos cantores"; E-bo-ra ou "templo de todos os cantores"; Co-nim-bri-ka ou "cidade do descanso dos cantores do templo"; Mad-rid ou "o grande caminho"; o rio Ta-gus, ou "caminho dos cantores"; Ol-ys-si-po ou, onde" abriram passagem para a "tôda cercada pelo mar"; rio Du-ri-us ou "volta dos cantores do Templo".

#### A PRIMEIRA LEVA — DOS TOLTECAS

Pesquisando e cotejando tradições americanas, especialmente mexicanas, podemos chegar à conclusão de que os primitivos povoadores da América se dividem em TRÊS LEVAS principais e bem distintas: TOLTECAS, XIXIMECAS e AZTECAS.

A primeira é dos TOLTECAS. TOL-TE-KA é: "altos cantores do Templo", chamados também OTH-OM-I ou "altos cantores

do Templo". São irmãos dos Galli, dos Itali e dos Germani. Tôda gente alta, branca, bonita. Jafétidas.

A leva que demandou a América, era composta de famílias de três tribos de Jafétidas, chefiadas por três filhos de Japhet — Magog, Thubal e Mosoch; são a tríade de Platão — Euenor, Cleitô e Leucippe. Partiram de Jerusalém na primeira dispersão de cantores, dispersão pacífica, em 3067 antes de Cristo. Viajaram pelos montes, durante duas gerações (uns cem anos), até chegarem ao sítio que denominaram TLA-PA-THAN (a tôda cercada pelo mar = América). Chegaram lá pelo ano 2963 — século XXX antes de Cristo. Vamos ler sua viagem em três lendas americanas.

Na "Erem" — "Por ordem do Filho do Homem, o Cantor, duas levadas de cantores, com suas mulheres e filhos, demandaram a "tôda cercada pelo mar". Êsses cantores, deixado o Templo de todos os cantores (u-xa-lam), e rodeando, pelas montanhas, o mar chamado "central", atingiram o "Mar de todos os cantores" (a-t'-lan), que se para a "Região do Templo" (Ásia), da "Tôda cercada pelo mar". Todos êsses cantores, viajando no dorso de árvores ajuntadas a árvores, (jangada), e carregados pelas vagas, se dirigiam do continente oriental, do Templo, para a costa que fecha a "Tôda cercada pelo mar".

Chegados à "Tôda cercada pelo mar", fundaram a cidade e o templo de todos os cantores, a cidade chamada "de todos os cantores do Templo" (Ta-gas-te), ou chamada a cidade "Todo brilhante" (Tyro, a antiga)."

Na lenda "Kukuhy": "O Filho do homem mandou os cantores do Templo para a "Tôda cercada pelo mar", para nela implantarem o Templo de todos os cantores. Os cantores partiram da Cidade do Templo de todos os cantores (Ir-u-xa-lam), e se dirigiram para a terra "Tôda fechada pelo mar". Obedientes ao Filho do Homem, os cantores destinados à "Tôda cercada pelo mar" viajaram pelos montes que cercam o mar "Todo fechado pelos montes" (Sa-har-a) de todos os lados. Viajando pelos montes chegaram ao "Mar de todos os cantores" (A-t'-lan). Os cantores chegados ao "Mar de todos os cantores", construíram, com traves ligadas, uma armação que os transportou à "Tôda cercada pelo mar".

Os cantores do Templo, na "Tôda ligada pelo mar", na praia oeste do "Mar de todos os cantores", fundaram a cidade principal, a "Todo brilhante" (Tyro). Na "Todo brilhante" erigiram o templo de todos os cantores; o templo, jardim do culto do Templo; o templo que o Filho do Homem desejava constituisse a fôrça de todos os cantores, da "Tôda cercada pelo mar".

Fala a "Porona-minari": "O Filho do Homem mandou aos cantores do Templo abrirem o Templo, no "Jardim de todos os cantores do Templo" (A-me-ri-ka). Uma multidão de cantores, filhos todos do

Templo de todos os cantores, e nomeados pelo Filho do Homem. se puseram a viajar para a "Tôda submissa ao mar". Todos êsses cantores, homens e mulheres, acompanhados de tôdas as suas crianças, passaram as montanhas tôdas que ligam o Templo ao Mar de todos os cantores (A-t'-lan). Chegados ao "Mar de todos os cantores" derrubaram muitas árvores, e com elas construíram uma casa (gaiola), feita de árvores da floresta, e a cobriram tôda com ramos. Um tronco de árvore, encimado de ramos; apanhava o vento, que no mar impelia a casa feita com árvores. Todos êsses cantores do Templo passaram, protegidos pela casa de árvores, o mar que ligava o continente chamado "Matriz dos cantores do Templo" (A-SI-A) à "Tôda cercada pelo mar" (A-ME-RIK).

Êsses cantores aportaram, homens e mulheres, na "tôda dominada pelo mar", pelo lado leste. Tôda a "tôda vestida pelo mar". foi povoada por cantores, todos provenientes do Templo de todos os cantores... Edificaram a cidade "Todo brilhante" (Tyro); nela construíram o templo de todos os cantores do Templo. O filho do Homem manifestou aos cantores a vontade de encher a "Tôda submissa ao mar", com o culto do Templo..."

A mais bela lenda amazonense, a "Mai pituna oiukuau-ana" (Como a Noite apareceu), começa: "A "Tôda cercada pelo oceano" foi povoada por cantores do Templo. Levas de cantores, por ordem do Filho do Homem, cultivaram tôda a "Tôda cercada pelo mar". Eram todos cantores e mulheres do Templo de todos os cantores do Templo (A-ux-al-em). Os cantores viajaram pelas montanhas, até chegarem ao "Mar de todos os cantores". Trepados em esteiras, ligadas com madeiras, chegaram à praia da região da "Tôda cercada pelo mar"."

A expedição partiu do rio Durius, Portugal. Viajou embarcada em jangada, munida de alto mastro, formado por um tronco de árvore, cuja ramagem supria as velas — como podemos ver no monumento do Ingá. A travessia não seria demorada: uns cem quilômetros se vencem facilmente, sob o impulso de vento favorável. Do Durius voaram para o CA-NA-DÁ (primeira estância dos cantores). Aqui Tor-on-to nos diz: "entrada dos primeiros cantores"; Ni-ag-ar-a = "todos os cantores o povoaram com o Templo"; Ma-ni-to é "cidade de todos os cantores"; As-si-ni-bo-i-a = Onde "os primeiros cantores inundaram a "Tôda cercada pelo mar"; enfim, Ot-ta-wa nos lembra que aqui — "os cantores todos se espalharam".

Desceram, e se estabeleceram na vasta planície que ficava aos pés dos Montes AL-LEG-HAN-Y ou "montes que cercam a "Tôda Brilhante" (Tyro); aqui deram princípio à cidade que seria capital do ME-XIK-Ô ou "País, jardim dos cantores". O nome da cidade é TY-RO, TUL-A, TOL-LA-N — todos êles dizem: "a TÔDA BRI-

LIANTE", nome que, além de aprogoar o brilho da cidade, também lembrava o nome do chefe da primeira leva de povoadores da América, Thub-al ou "Homem brilhante". Os semitas lhe chamavam também TSUR ou "a Brilhante, a mágica".

A planície em que se iniciou o grande reino do México, com Tyro capital, se estendia à direita do atual Golfo do México. e ocupava toda a vasta área, hoje dominada pelo Mar das Antilhas Platão nos diz que a planície estava muito acima do nível do mar, e terminava em costas cortadas a pique. Em todo o redor da capital se estendia uma planície que estava rodeada por um cerco de montanhas, que se prolongava até o mar. Sua superfície era unida e regular, de forma oblonga: de um lado media três mil estádios (uns 620 km.) e, do centro ao mar, acima de dois mil (420 km.). (1)

(1) — No centro da enorme pictogravura do "Gigante que dorme", no Rio, é fácil lobrigarmos um como círculo luminoso em que aparece o Leão (Magog), o homem brilhante (Thubal) e o cavalo branco (Leucippe), os chefes dos primeiros homens que surgiram na América — o HOMEM AMERICANO! O mesmo grupo, o admiramos repetido no grandioso monumento do Ingá. Assim, sem precisarmos mendigá-lo alhures, temos o nosso HOMEM AMERICANO, um perfeito jafétida, neto de Noé: homem que, partindo de Jerusalém, veio peregrinando até Portugal, e de Portugal, embarcado numa jangada (e não em pirogas!), demandou as plagas americanas, no Canadá, para ir logo iniciar o povoamento da América, na antiga planície mexicana planície hoje ocupada pelo mar!

(\*) — Acêrca dos TOLTECAS, conta-nos o historiador Ixilxochit que "um povo errante, através do México, sob a guia de um sacerdote astrólogo, Huemac, fundou a cidade de Tollan e elegeu um rei Chalchiublanetzin, cujo reinado se calcula num século mexicano, de 52 anos (c. 2975-2921). Hu-em-nk é o "Sacerdote-rei do templo dos cantores" ou Xumé, na primeira viagem que fez à América (aonde veio, parece, quatro ou cinco vézes!) Dêle, diz o autor que morreu aos trezentos anos, depois de haver compilado um livro de história e de profecias.

Huemac ensinou aos primeiros Toltecas as práticas religiosas, enquadradas num admirável calendário; mais ensinou-lhes a agricultura e mormente a arquitetura, arte em que os Toltecas foram mestres abalizados. To-lan ou a "Toda Brilhante" é a própria Tyro, a primeira capital da América. A capital em breve passou para Te-o-ti-hu-ac-ân (esplanada onde se ergue o templo do deus dos cantores do Templo) isto é, Jeová ou o Sol. No centro dela, erguia-se a grandiosa pirâmide do Sol. Como creassem que Jeová morava no Sol, por sínédoque, cultuavam o continente pelo conteúdo.

O sexto rei tolteca Hitl ergueu na capital o grande templo da Rã, ou de Hércules, chamado, mais tarde, templo de Quetzalcoatl (c. 2713-2654). O oitavo rei, Itzacalcizin (c. 2650-2598) chegou a dominar Toluca, Cuernavaca, Yolotepec, Cholula e Jalisco. No seu tempo deve ter-se introduzido no país o culto negro ou fálico, na adoração do grande deus do céu Tez-ka-trip-ok-a (o senhor do grande templo da Serpente brilhante), e na do deus da guerra Hu-it-zil-poch-tli (o deus destruidor dos cantores do Filho do Homem) — é sempre Satã.

Sob o reinado do nono rei, Topiltzin (c. 2508-2524) desintegrou-se o domínio tolteca, por causa das revoluções locais, das invasões de outras tribos e de numerosas vítimas feitas pela fome e pelas epidemias. Foi quando se abandonou Teotihuacán, e a capital passou para Az-ka-pot-zal-co (principal cidade dos cantores que servem ao templo). O povo tolteca restante, parte emigrou para o sul, Tabasco e Guatemala, parte foi absorvida pelas novas tribos invasoras.

Encontramos vários reis em Azkapotzalco: o último deles é ainda Huemac, ou Xumó (c. 2436-2371), que viera à América com a terceira leva de povoadores, os Aztecas. A hegemonia de Azkapotzalco durou apenas uns cem anos. Caiu pelas lutas religiosas travadas entre o culto negro e o de Jeová.

### A SEGUNDA LEVA — DOS XIXIMECAS

Quando Cleitô atingiu o estado núbil, morreram-lhe os pais. Ficou orfã, e Poseidon dela se enamorou, e a fez mãe, em cinco partos geminados. Assim nos fala Platão no seu linguajar mítico-histórico, que traduzido nos dirá: Teria passado o lapso de uma geração, uns cincoenta anos, quando os dois fundadores, os mais velhos, Magog e Mosoch, morreram para a filha, para Thubal, isto é, os dois com suas tribos demandaram o norte do país, deixando Thubal com sua tribo, na planície de Tyro. Poseidon para reforçar os povoadores, mandou-lhes dez tribos, chefiadas por cinco pares de irmãos. Foi a segunda leva dos povoadores da América. Chamaram-se XIX-IM-E-KA ou "Os irmãos geminados dos cantores do Templo".

Esta leva como a primeira, foi conduzida ao Anahuac pelo Grão-sacerdote Xumé. Este conduziu as dez tribos e as colocou no país, onde reinou sob o nome de Hu-et-zin ou "sacerdote-rei do templo dos cantores" (c. 2869-2817), na capital tolteca de Teotihuacan.

Estas tribos partiram de Jerusalém em 3010; viajaram como nômades, 117 anos, até chegarem ao México, em 2893. Integram esta leva cinco tribos geminadas ou duplas, chefiadas por dez chefes, que eram cinco pares de irmãos. Platão nos conservou o nome dos chefes, na língua "bárbara".

1.º par — Atlas ou Tharxix; Elisa ou Eumelos. 2.º par — Dedan ou Ampheres; Xabá ou Euaimon. 3.º par — Hus ou Mneseus; Max ou Autocthon. 4.º par — Arpaxad ou Elasisos; Lud ou Mestor. 5.º par — Sebá ou Azaés; Havilá ou Diaprepés. O primeiro par eram dois filhos de Javan — jafétidas; o segundo eram hamitas, netos de Kux; o terceiro eram semitas, filhos de Aram; o quarto, semitas, filhos de Xem; o quinto, hamitas, filhos de Kux. A segunda leva trazia duas tribos filhas de jafétidas, quatro de hamitas e quatro de semitas, que se juntaram às três tribos jafétidas da primeira leva.

Os primeiros povoadores da América foram cinco tribos jaféticas, quatro hamitas e quatro semitas. Explicamos destarte, a variedade de raças notadas no homem americano. Com a vinda da segunda leva que se amalgamou com a primeira, uma e outra tôda de cantores do Templo de Jerusalém, formou-se a federação tolteca, dos dez reinos toltecas, chefiados pelo de Atlas, no México, o qual deu o nome de Atlântida à América, e o de Atlântico ao mar que separa os dois continentes.

Tradições americanas lembram que os Xiximecas viajaram em sete navios-cavernas, flutuantes, ao sabor da correnteza; nelas passaram o Atlântico; no comêço chegaram ao Haiti, e depois a Cuba; de lá passaram ao México.

Como a segunda leva veiu ao continente em sete naus-cavernas, cremos dever enquadrar nesta viagem a miraculosa abertura do Estreito de Gibraltar. Vinha o Grão-sacerdote com tôda sua gente, embarcado em sete naus; vinha sulcando o "Mar Central da terra" (Sa-har-à), quando deu com a passagem tolhida pela montanha do Atlas. Queixou-se a Jeová, o qual lhe mandou prosseguisse a viagem, cantando. Os cantores cantavam e a montanha se fendia, e se afastava de ambas as partes, dando comunicação entre os dois mares, o Interno e o Atlântico, e facultando a passagem às naus de Hércules.

As duas novas extremidades da montanha receberam o nome de Colunas de Hércules: "Ho-i Es-tyl-o-i tu Heracleus", que traduzimos: "Aos brados dos cantores, tôda a montanha se abriu, às ordens de Heraclés". O cabo africano chamou-se A-by-la ou "montanha de todos os cantores", e o europeu, Kal-pe ou "estreito dos cantores". A Gabel Tarik (montanha de Tarik) preferimos GI-BIL-TIR, que nos diz: "montes onde os cantores passaram". Isto aconteceu, lá pelo século 30 antes de Cristo.

Os nossos monumentos, ao figurarem os cinco pares, chefes das dez tribos, apresentam-nos o segundo par, o de Dan e Xabá, com semblante negro. São as duas tribos, que se deixaram embair pelos sacerdotes do culto negro, e passaram para êsse cultb. Essas tribos povoaram as Gu-y-a-nas ou "terra dos cantores do culto negro". O nosso Go-y-ás se refere ao mesmo culto, pois diz: "cantores do culto negro".

De parceria com os Toltecas e Xiximecas, aparecem os famosos e misteriosos PEL-AS-GOS, os autores dos admiráveis monumentos megalíticos, que encontramos disseminados por tôda a América, na Grecia, na Itália e alhures. PEL-AS-GO nos diz: "Trabalhadores, associados aos cantores". Eram operários do Templo de Jerusalém, que acompanhavam aos cantores do Templo, que iam povoar a terra: os cantores fabricavam o templo espiritual, e os pelasgos fabricavam o templo material. Eran. homens peritos nas ciências e nas

artes: astrônomos, matemáticos, pintores, decoradores, gravadores, cinzeladores, escultores, canteiros, britadores de pedras, pedreiros, entalhadores, e muitos músicos. Respeitavam como chefe a Hércules, a quem acompanhavam em tôdas as expedições que o Semideus fazia pelo mundo. (Figura 20-A).

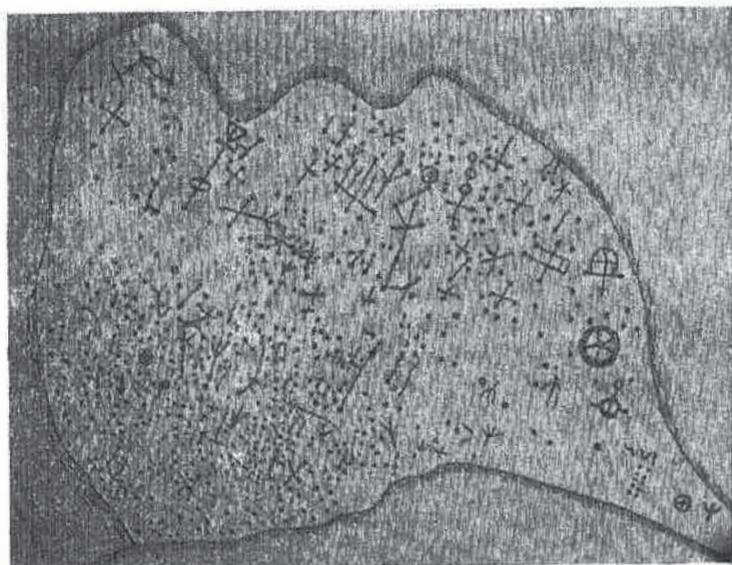


FIGURA 20-A

Inscrição de Pedra Lavrada, Paraíba. (De A. de Carvalho). Uns querem ver nela a representação do zodiáco. Preferimos dizer que a inscrição relata o povoamento da América pelas dez tribos, a segunda leva, chefiada por ATLAS. Os numerosos pontinhos-estrelas, julgamos seres letras "astrológicas", imitação das do firmamento, onde os antigos LIAM a história das obras de Jeová. (Astrologia).

Os povoadores da segunda leva se prepararam no templo de Jerusalém com orações, secundadas pelos cantores todos do Templo. Desceram da cidade santa; atravessaram a Arábia, onde já havia uma colônia de cantores negros, saídos do Templo; passaram através do A-ig-yp-to (terra dos cantores, cultores da Serpente); viajaram pelos montes que fecham o mar chamado "do meio", chegaram a Portugal (caminho para a terra dos cantores); e em jangadas fornecidas de mastros e velas arbóreas, navegaram para oeste, e chegaram à capital da "Tôda cercada pelo mar", a Tyro.

Aqui, as duas primeira tribos, jafétidas, se espalharam pelo México e pelo Canadá. Prosseguindo a marcha processional povoadora demandaram o Panamá (segunda estância dos cantores): estas terras couberam à quinta e à sexta tribos, semitas. Com novo aranco chegaram até o Lago de TIT-IK-AK-A (curva da viagem dos cantores do Templo), onde ficaram a sétima e a oitava tribos, os semitas que povoaram a PE-RU ("domínio dos sacerdotes", e a Colômbia, com os MU-IS-CAS (cantores possantes do Templo).

Do Peru, o resto da leva seguiu para o BE-RA-ZIL, ou "DOMÍNIO dos CANTORES escuros": aqui ficaram as duas últimas tribos, as de Sebá e Havilá, dois hamitas. Subindo pelo litoral brasileiro às AN-TIL-LA — "planície cortada aos cantores", ali assentaram as restantes, terceira e quarta tribos, os hamitas, Dedan e Xabá. Estas últimas tribos ganharam mais tarde o nome de CA-RA-I-BA os "cantores destruidores dos cantores do Templo", por haverem passado para o culto negro. NI-CA-RA-GU-A nos pode dizer que ali "os cantores do Templo dissolveram a expedição povoadora".

As tribos jafétidas, brancas, espalharam-se, de preferência, pelo norte do continente; as semitas, amarelas, povoaram o centro e o sul ocidentais, e as hamitas, escuras, o centro e o sul orientais do país americano. O México era dos brancos; o Peru, dos amarelos e o Berazil, dos escuros.

As treze tribos formaram a FEDERAÇÃO TOLTECA, composta de dez reinos, que os hebreus chamavam de "Os Reis de THARXIX (da América)". Podemos imaginar os dez reinos assim discriminados: o Canadá com os Othomi; o México, com os Toltecas ou Nahuas; o Chiapas com os Quichés; a Guatemala e o Yucatã, com os Mayas; o Panamá, com os Muiscas; o Peru com os sacerdotes; o Berazil com os Tupy; o Goyaz com os Tapuyas; as Guyanas e as Antilhas, com os Caraibas.

O império de Tharxix era conhecido pelos antigos como "O Jardim das Hespérides", e seus reinos eram chamados de "Maças de ouro" (chrysomela), ou "Velocino de ouro". Diziam-no guardado pelo famoso dragão Ladon, o oceano. Os semitas o conheciam como Havilá ou como OPH-HIR, "região do ouro" ou "região brilhante" (pelo sol que a ilumina constantemente); os gregos, como Mysia ou Troya, Dardânia.

### O NEGRO POVOADOR DA AMÉRICA

Tôda a história da Atlântida, qual nó-la deixam adivinhar os monumentos e as tradições americanas, as parcas notícias dos autores antigos e os vários acenos que lhe reserva a mitologia — tôda

essa história parece reduzir-se a uma luta entre dois cultos: o luminoso e o tenebroso; o divino e o satânico; o do Templo de deus e o da caterva de Satanás. A história da Atlântida se enquadra na grandiosa epopéia que foi e é, a luta entre o BEM e o MAL: o bem, irradiação contínua e luminosa de Jeová, e o mal, fosforescência mefítica de Satã. Jeová é o criador e senhor dêste mundo; Satã é o "príncipe dêste mundo", e é também a criatura mais perfeita, criada no início por Jeová, destinada a superintender o Templo do Altíssimo, e a custodiar os homens, que povoariam o Templo.

Satã, desde o momento em que viu os primeiros cantores (os homens) destinados a cantarem no Templo com Jeová — canto que importava a adoração de Jeová —, sentiu em si o desejo ardente, insopitável de também êle, em vista de suas grandezas, ser adorado, e para isto ter cantores, como os tinha Jeová. Daqui surgiu seu plano de roubar os cantores de Jeová, e fazê-los seus cantores; daqui suas satânicas manobras para conquistá-los, avançando contra as ordens de Deus!

A primeira avançada de Satã contra Jeová, foi, quando após fementidas promessas, juradas a nossos ingênuos pais, teve a ousadia de transplantar barbaramente para o seio da mulher, parte do poder generativo do homem, poder que Jeová reservara exclusivamente para o homem — com o que arruinou o seio da mulher, e traiçoeiramente lançou no organismo humano a tirania humilhante do amor sexual, a infeliz e tirânica atração dos sexos humanos!

Conforme as tradições suméricas, Lúcifer conseguiu atrair para seu templo — aos pés do Monte do Templo — Adam e Heva; e ali, a título de consagrá-los cantores seus, após havê-los embriagados, numa intervenção brutal, arrancou ao homem o segundo seio generativo, isto é, a víscera ovárica, e o ajustou ao útero da mulher, tornando-a assim, além de criadora dos filhos, também geradora! Os futuros cantores (homens), como viriam à existência através do aparelho generativo, engenhado por Satã, que não pelo ordenado por Jeová, pertenceriam naturalmente a Satã.

Com isto Satã tornou-se HOMICÍDA desde o início, e ladrão dos cantores de Jeová, e ao mesmo tempo inimigo fidalgo de Jeová, contra o qual iniciaria luta sem trégua!

O nome de Cobra grande ou BOIA UAÇU, nome pelo qual os nossos indígenas conhecem a Serpente Bíblica, em sumério nos diz: "A Serpente (bo) venceu (i) a mulher (a), submetendo-a (u) com o seio (a) segundo (çu)". Temos outros nomes usados pelos nossos amerabas, que indicam a Serpente Bíblica: XI-E-MA = arruinou ao homem o seio; XUN-MUM = destruiu o homem; IP-GRIP = sacrificou o homem; EB-A-UT-XU = ligou na mulher o seio segundo; GIT-AN-CA = ligou a mulher no seio; MA-HA-TZO = ligou a mulher com o seio.

O "Roteiro dos cantores" repete a mesma narração da infame façanha de Lúcifer, acrescentando-lhe os pormenores da traiçoeira operação, executada pelo Mau!

Lúcifer com essa treda operação física, endossou três nomes, que recordam sua vergonhosa façanha: VE-NUS ou VE-NER = "arruinou o homem"; em grego APH-RO-DI-TE ou "Aninhou na mulher o segundo seio"; o horrendo e claudicante marido de Venus é VUL-CA-NUS = "estragou os filhos do homem"; nome completado pelo grego EPH-A-IS-TOS ou "caçou a mulher com o segundo seio"! Aos dois luridos nomes de Venus e Vulcano, ajuntou-se-lhe o do sanguinário MA-VOR-TE ou "destruidor dos filhos do homem", que com o grego nos dá AR-ES ou "o destruidor do Templo"!

Com a sua inglória e inverecunda façanha, Lúcifer mereceu a maldição de Deus e se tornou o MALDITO, o MAL, e o autor do mal e de todos os males que acabrunham e martirizam a humanidade, dos quais um dos mais salientes e mais dolorosos, é a tirania e as desordens do amor sexual. Assim, tudo o que é feito pelo Maldito, ou é feito mediante as obras dêle, é mau!

Eco da maldição apanhada pela Serpente, foi, entre o mais, como ementa o "Roteiro", a pena imposta a nossos pais, vítimas da traição de Lúcifer, a pena de que os filhos que houvessem através do organismo alterado pela operação da Serpente, e bafejados pelo amor sexual, êsses filhos seriam negros, em oposição aos filhos que gerassem no Templo, sob as ordens diretas de Deus, os quais seriam alvos, brilhantes.

Amaldiçoado por Jeová, Satã conseguiu arrebanhar um tçoço dos espíritos celestes, os TIT-AN ou "príncipes celestes"; e, embebedados de orgulho, lançaram-se à conquista do Templo, que surgia no cimo da Montanha, a séde majestática de Jeová. Foi esta a segunda façanha tentada pelo pai do amor sexual, e nela foi fulminado com seus tolos comparsas, pelos raios do Altíssimo, e foi irremediavelmente precipitado no TAR-TA-RO ou "Prisão dos cantores fálicos" (se-le-ne). Essa prisão segundo as tradições sumérias seria a Lua, "Se-le-ne".

O chefe dos revoltados, aos demais títulos ajuntou o de "TYP-HON" ou "o esmagado e humilhado". Apesar de humilhado e esmagado, Lúcifer não esqueceu seu sonho doirado — o de ser adorado pelos homens, como o é o Filho do Homem. Buscou seus adoradores por entre os filhos dos homens, "entre as trevas", de preferência, entre os negros!

Dêstes exigiu o adorassem sob as imagens dos órgãos generativos humanos; criou-lhes e lhes impôs o culto tenebroso, obsceno, negro, o culto fálico, culto perpetuado até os nossos dias, no culto do "lingam" dos indus, e no triângulo encimado pelo esquadro dos

filhos da viúva de Hiram, e na foice atravessada pelo martelo comunista. O culto obscuro, praticado na mais completa nudez, era alimentado, além das mais nojentas práticas libidinosas, pelo sacrifício de tenras crianças, extraídas do seio materno, esmagadas e queimadas em honra de Satã, disfarçado em enorme serpente, ou eram comidas pelas serpentes!

Enquanto o culto divino, selado com o sacrifício de alvos cordeirinhos, continuava no Templo e nos corações dos Filhos de Deus; o culto tenebroso, regado com o sacrifício de tenras crianças, ou de "porcos", vigorava entre os "filhos dos homens", mórmente entre os negros!

Âmago do culto negro ou fálico é a adoração de Satã, mediante o culto rendido aos emblemas dos órgãos reprodutores humanos — os falos (phal-lu); com essa adoração visava-se salientar e louvar a ação homicida de Satanás, perpetrada no início, quando a Serpente estragou o processo da geração humana! Estrago que o ferrete de Cristo marcou no Maldito com o "Homicida e mentiroso desde o início"! Pelo tredo homicídio, Satã mereceu os títulos de Leão (Gog), de Tigre, de Lobo, de Caçador da Montanha (do Templo), de Violento, de Opressor dos cantores, de Destruidor do Templo!

Os infelizes adeptos do culto negro não tardaram em cair num estado miserando de selvageria. As selvas eram preferidas para suas agrestes habitações. Na caça e na pesca encontravam seu principal alimento. Eram dados à guerra, à pilhagem, às mortandades. Os cantores e as mulheres negras, estadeavam, nos antros negros, libidinosos e nojentos, como muita vez censura o "Roteiro". Os nossos exploradores seiscentistas a encontraram arraigada entre os ameríndios, mórmente da costa oriental — sul — da América, exatamente na região povoada pelos quatro hamitas: Antilhas, Guianas, Goyás e Berazil!

## EXPLOSAO DO CULTO NEGRO

Após a partida dos primeiros povoadores, os jafétidas, o grande Templo de todos os cantores de Jerusalém, continuou a funcionar regularmente. "Todos os cantores eram filhos do Templo, e cultivavam o Templo. Cantavam no Templo com as mulheres, com os sacerdotes e com as crianças; cantavam as músicas escritas nas taboinhas do Templo; todos tinham amor pelo Templo, e favoreciam em tudo aos homens do Templo". Mas, eis que de repente estourou no Templo o culto negro!

Dois chefes dos cantores, parece, SABTAH e RAGMAH, filhos de Kux e netos de Ham, deixaram-se fascinar pelo Anjo decaído, Satã; passaram para o culto da Serpente, e iniciaram no pró-

prio Templo o culto negro! Muitos cantores e muitas mulheres do Templo, seguiram o culto negro, e abandonaram o Templo; e correram para todos os lugares onde os primeiros cantores haviam espalhado o culto do Templo. Cantores e sacerdotes do Templo propagaram o culto negro, com que matavam o culto do Templo e o próprio Templo!

Correram ao MIS-RA-IM, "terra dos cantores do Templo", e o perverteram, de onde foi chamado A-IG-YP-TO ou "terra dos cantores cultores da Serpente"; na Itália, nos deram os LI-GUR-ES ou "cantores expulsos do Templo"; na Hispania, apareceram os I-BE-ROS ou "cantores do culto negro"; muitos outros cantores do Templo tornaram-se trãsugas do Templo, e correram a engrossar as fileiras dos cultores de Mag-Og!

"O culto negro, avisa-nos o "Roteiro" espalhou seu negrume na região "Tôda cercada pelo mar" (A-me-rik), região onde foi residir a Serpente, num grande templo, no templo negro de Tyro, a capital da América!"

Dois brilhantes cantores do Templo, — cremos sejam os dois etnarcas Dedan e Xabá, das Antilhas, seduzidos pelo culto negro — eram hamitas, filhos de Ragmah! — deixaram a "Tôda cercada pelo mar", e correram às montanhas da Mauritânia, onde se escondia, nas selvas, o grandioso templo da Serpente, na "cidade de todos os cantores" (Car-ta-go); alí se iniciaram no culto negro, e conseguiram ser consagrados grão-sacerdotes do culto negro; mais: foram investidos de plenos poderes, para, na América, derrubarem todos os templos de Jeová, e substituí-los com templos do culto negro!

Volveram para a "Tôda cercada pelo mar"; onde iniciaram sua obra deletéria: o culto negro foi incêndio que, num átimo, se alastrou por todo o país. Todos os sacerdotes e todos os cantores correram para a Cobra Grande, com todos os homens, mulheres e crianças! O culto negro aqui foi iniciado no México e Antilhas passou para as cidades da América Central, voou para o sul, e como incêndio devastador, se alastrou por todo o Rio-monstro ou das A-MA-ZON-AS, ou onde "a mulher com a mão apertada o seio" — sinal usado pelas mulheres pertencentes ao culto negro. Os homens usavam uma fita enrolada na perna direita.

A invasão do culto negro na América data de, mais ou menos, 2800 antes de Cristo. Esta invasão está magistralmente descrita na lenda que o grande sertanista Couto de Magalhães chamou de "página bíblica": "Mai Pituna oi-u-kuao-ana" ou "Como a Noite apareceu!" A Noite é o culto negro!

Os cantores negros tomaram a capital Tyro; apoderaram-se do grande templo que a primeira leva de Povoadores havia erguido bem no centro da cidade, em honra de Jeová; transformaram esse

templo no templo máximo do culto negro, em que fixou sua séde oficial Mag-og, a Serpente Grande. Ali Satã era visível, no centro do templo, numa enorme redoma, com corpo envolvido, à guisa de serpente, a empunhar ostensivamente o emblema obsceno do culto negro, com a pretensão de igualar o culto e o fulgor cultural, que Jeová tinha em seu templo de Jerusalém. As chamadas ruínas de VILA VELHA no Paraná, são um fac-simile do templo de Tyro: no centro alteia-se a tal coluna satânica, com a imagem da Serpente muito bem saliente!

O templo negro de todos os cantores de Tyro era frequentadíssimo por homens e mulheres, que lá iam tomar parte aos ritos obscenos e nojentos e assistir aos sacrificios das crianças, queimadas em honra da Cobra Grande!

### A TERCEIRA LEVA — DOS AZTECAS

Jeová amava deveras a Cleitô, a “tôda cercada pelo mar”! Como soubesse que ela era dominada e tiranizada pelo culto negro e pelos seus cantores, providenciou para que uma TERCEIRA LEVA de cantores do Templo demandasse a América, a fim de repovoá-la com gente do culto do Templo. Por isso, impôs a HU-IZ-ÍT-AN, o “fundador de todos os cantores do Templo”, o nosso Xumé, que viesse com numerosa caravana de VERDADEIROS CANTORES do TEMPLO (AZ-TE-CAS) salvar a América do incêndio do culto negro. São os Argonautas da história mitológica! AR-GO-NA-UT-A-I é: “os nobres cantores, que marcham contra os cantores negros!”. Os cronistas indígenas confessaram a Cortés, que antigamente tinha chegado ao México um povo gigante e robusto, de nome KIN-A-MÊ ou “Enviados do Filho do Homem”.

A terceira leva, chefiada por Xumé, partiu calculamos, do Egipto, em 2526 a. C. Viajaram por mar, pelo Mediterrâneo, em “cisternas fechadas” (naus meio redondas); chegaram à margem ocidental do mar, e aportaram na “Tôda cercada pelo mar”.

Tradições vigentes em Haiti e no México, na época da conquista, lembravam que VINTE CHEFES haviam desembarcado de muitos navios, vindos do Este, com numerosa colônia de estrangeiros, que tinham na frente QUETZALCOHUATL. O chefe dos emigrantes trazia um penacho, e seu nome, pelos indígenas era interpretado: “Serpente de plumas verdes”. Às tribos primitivas ajuntavam-se mais vinte famílias!

Esta leva dos AZTECAS, após muitas aventuras, chegou, em 2450, à capital, Tyro, onde, após dois decênios, Xumé conseguiu converter para o culto do Templo a ZAM-PAN-CO, isto é, “todos os cantores do templo negro”, e mais, conseguiu entrar em acôrdo com TLA-KA-PAN-TZIN, o “chefe do templo de todos os canto-

res" negros, o próprio Lúcifer, que residia pessoalmente no grande templo de Tyro, o centro do culto negro!

A vitória da expedição de Kumé à América, foi profetizada pela visão que tiveram os Aztecas, quando descortinaram, numa parreira com espinhos (entre os ramos), que brotava das fendas de um penhasco, uma águia real que trazia no bico uma COBRA, e estedia as possantes azas para o sol nascente. Está no brasão do México!

Numerosos operários do Templo acompanharam o Profeta, vinha para a América com os Aztecas. Eram os famosos PELAS-GOS.

Contra o culto negro, Jeová, em tempo, suscitou OANNE. O-AN-NE é "o lutador contra Serpente Grande". Oanne era também HER-KU-LES ou "O Cantor do Filho do Homem".

Filho de Abayu, virgem do Templo de Jerusalém, filha de Kux e neta de Ham, Hércules, por natureza, era sacerdote do Templo. Sua vida atingiu a idade patriarcal de 26 gerações ou de 1352 anos, isto é, c. de 3380-2028 antes de Cristo. Hércules ligou Noé com o grande Abram. Sua vida é resumida pelo "Roteiro dos cantores"

"Entre os filhos de Kux surgiu o cantor guerreiro do Templo, o Grande (nim) Sacerdote (rod) de todos os cantores. Sacerdote e cantor, criou as culturas fundamentais de tôdas as nações do universo. Caçou os homens todos para o Templo, que cultivou nas nações de todo o mundo. Pregou o culto do Filho do Homem em todos os países, que percorreu, para nêles deter o culto negro, culto que se espalhou no universo. Nim-rod derrubou o culto de todos os cantores rebeldes, e pregou o culto de todos os cantores do Templo".

"Os cantores negros se haviam estabelecido na região dos "cantores fálicos" (KAS-DIM), na Cidade dos "cantores rebeldes" (BAB-EL), que foi denominada "Cidade dos cantores fálicos" (BA-BY-LU) ou de "todos os cantores". Na Cidade dos cantores negros, a Serpente reunira todos os cantores negros. Renovou tôdas as nações do universo, e levantou templos em tôdas as terras dominadas pelo culto negro. Destruidas as cidades e os templos do culto negro, ergueu reinos e cidades com o culto do Templo. Afastou todos os cantores dos templos negros, sustentados pela "Tôda brilhante" (Tyro).

"Chamou para o Templo os cantores negros; aproximou-se das mulheres negras, e todos largaram o culto dedicado à Serpente; e do templo negro, passaram para o culto do Templo. Em tôda a "Morada dos cantores queimados" (Aphrika), estabeleceu o culto dos cantores do Templo. No país dos cantores negros, chamado a "Tôda cercada pelo oceano" (A-me-rik), onde a Serpente estabelecerera seu luxuriante "Vergel dos cantores negros" (HAV-I-LÁ), restabeleceu os cantores primitivos do Templo".

"A Serpente estabelecera a sua habitação capital no templo dos cantores negros, na grande e famosa cidade "a Tôda brilhante" (Tyro), cidade na frente oriental da "Tôda possuida pelo oceano". Os cantores negros da "Tôda brilhante" chefiavam todos os cantores. Ali a Serpente se instalara no templo negro, no meio de um alto falo, descansando num lugar elevado, com um falo na mão. Esse templo chamava-se "Templo dos falos". Os cantores do templo negro governavam a "Tôda brilhante" e os templos todos da "Tôda cercada pelo oceano". Os cantores negros governavam as cidades tôdas da terra!"

"Os cantores do culto negro enviavam cantores para tôdas as regiões da "Tôda cercada pelo oceano". Os cantores negros que cantavam no templo da Serpente, dominavam os cantores todos da "Tôda brilhante" e os cantores que cantavam em todo o país da "Tôda cercada pelo oceano". Aqui a Serpente manifestava seus desejos aos cantores..."

O movimento dos cantores de Tyro, deixa-nos adivinhar que nesses tempos, a América era muito povoada, e constava de muitas cidades. A grandeza, a magnificência, o fulgor, o movimento comercial e religioso de Tyro, a metrópole, apregoam o povoamento extraordinário do país! Ezequiel nas suas lamentações refere-se às grandezas de Tyro, a primeira metrópole da América, que não a Tyro da Phenícia!

## CAPÍTULO VI

### POSEIDON — AMIGO DA AMÉRICA

As muitas e escrupulosas pesquisas que tentamos na antiguidade americana, permitiram encontrarmos em toda parte um homem extraordinário, um super-homem, um sacerdote-cantor, encarregado expressamente pelo Filho do Homem, o senhor do Templo Jeová, a Minerva dos latinos, a Athena dos gregos — de povoar, e mais tarde repovoar o continente americano, conduzindo para elle primeiramente duas levas de povoadores, cultores do Templo de Jeová, e mais tarde, trazendo-lhe uma nova leva que devia substituir o primitivo povoamento, inquinado do culto negro, por gente nova do culto do divino A-pol-lo (o brilhante Filho do Homem). Esse homem, imensamente superior à craveira humana, percorre o México, sob o nome de Quetzalcoatl; peregrina pela América Central, entre os Quichuas e os Mayas, chamando-se Kukulkan; demanda sob o nome de Wotan, os Muiscas ou Chibchas, da Colômbia; navega o nosso Amazonas, e percorre o litoral brasileiro, denominando-se ora Jurupary, ora Pay-Xumé.

Em toda a parte é sempre o Grão-sacerdote, de longas barbas, cabelo encaracolado, a povoar ou repovoar a América, combatendo sem tréguas, em toda a parte, o culto negro. Em toda a parte se nos depara o super-homem, envergando sua clássica pele de leão ou de pantera, e a empunhar uma clava ou maça, ou arma semelhante, com que avança contra os monstros do culto negro, e os reduz à impotência!

O estrangeiro de vestes brancas, ensina a cultivar a terra; incentiva as indústrias; desperta o amor pelas artes; fala de um deus bom e misericordioso; prega u'a moral sã e perfeita, e organiza a sociedade. Dotado de imensa bondade, faz-se amar e obedecer por todos, que com o andar do tempo, cheios de reminiscências do grande Profeta — o grande Maratá — chegam a adorá-lo como deus!

A ninguém disse de onde viera nem como se chamava, aceitando indiferentemente, o nome com que o chamassem. Repugnava-lhe imenso, se lhe falasse em guerras; para não ouvir falar de tais cousas, para demonstrar seu horror por elas, tapava os ouvi-

dos com algodão. Detestava sumamente os sacrifícios humanos! Um dia desaparecia, sem deixar vestígio algum, nos caminhos!

Os conquistadores do nosso continente julgaram ter encontrado como rastro do "Homem Branco", o sinal misterioso da Cruz, deixado pelo Profeta. Enganaram-se. A dita cruz era o símbolo do Templo, pregado pelo grande Cantor do universo!

Se embevecidos com a figura ultra-humana do Grão-Pagé, vestido de branco, que percorre as americanas plagas, lançarmos o olhar perscrutador para os demais países do orbe, em todos os países antigos que guardaram uma história para contar-nos, surpreendemos ao mesmo herói, com ares de semideus, arauto de Minerva ou de Athena, a lutar contra terríveis monstros, que infestam o mundo com o culto obscuro. Em todos os países do mundo antigo, damos com esse homem misterioso, inconfundível, pela sua clássica clava e pela sua inseparável pele de leão; damos com ele a povoar ou repovoar países com gente nova, a criar e organizar impérios, e a levantar sobre os montes ou sobre as pirâmides, templos dedicados a Jeová, o Filho do Homem, ao deus que é combatido pelos seguidores do culto nefando. É sempre o mesmo em todos os países; nêles sempre exerce a mesma missão, que poderíamos chamar de pré-messiânica.

O super-homem que admiramos em todo o continente americano, e o encontramos em todos os países da antiguidade, facilmente o identificamos com o famoso HÉRCULES da fábula e da mitologia. Mas nosso Hércules não pertence à fábula, nem pertence à mitologia. Hércules é um personagem inteiramente histórico; e é mais do que isso, porquanto Hércules deu uma época à história da humanidade, época que nossos cálculos fazem correr do século XXXIV ao século XXI antes de Cristo! Isto é, de 3380 a 2028.

Hércules corresponde à segunda época, das quatro em que os Na-hu-as (cantores do Filho do Homem) dividiam o tempo decorrido desde a origem, até o fim do mundo. Chamavam-na de "E-he-ca-to-na-ti-uh" palavra que, vertida, nos diz: "O Filho do Homem mandou o chefe dos cantores a todos os povos"! No quadro que representa esta época — a do vento ou ar — vemos descer Quetzalcoatl, com sua clássica cauda de serpente, ornada de plumas (Serpente emplumada). Era o deus do vento e das tempestades! Vento, percorre rapidamente o orbe; tempestade, tudo destrói no culto negro, para em tudo renovar o culto de Jeová ou do Templo.

A época iluminada por Hércules, que poderíamos chamar de "Época Heráclida", estende-se por treze séculos! Treze é o número sagrado dos americanos! Nela se enquadram todos os povos que acabam de surgir do dilúvio. Todos esses povos foram beneficiados pela missão civilizadora de Hércules.

A clava e a pele de leão resumem a missão social desempenhada por Hércules na humanidade. Em tôdas as nações que iam povoando a face da terra, após a tremenda catástrofe do dilúvio, foram aparecendo monstros humanos, cultores e fautores de um culto tenebroso, satânico, que se opunha ao culto que a humanidade deve a Jeová. Hércules, que aponta no horizonte humano com credenciais divinas, vem mandado expressamente para combater êsses monstros, e com sua clava sobrehumana — a palavra — domá-los e matá-los, para depois oferecer suas peles em sacrifício ao sol divino!

Livrar a sociedade dêsses monstros, era civilizá-la. Hércules levou a todos os povos antigos uma civilização notável, própria, característica: fundação de cidades e de impérios; organização e governo dos mesmos; instituições religiosas; cultivo esmerado da ciência, das letras e das artes. O Euphrates, o Indus, o Nilo, o Amazonas são os maiores expoentes da civilização heráclida. São expoentes, que, pela identidade de cultura, faziam supor um centro comum, uma fonte geral, que outrora e ainda hoje, alguns identificariam com uma Atlântida desaparecida!

A fonte comum das civilizações atlântica, ciclópica, pelagica, foi Hércules, o superhomem, que em muitos países se chamou O-AN-NE (fundador do Templo dos cantores), e noutros se houve como verdadeiro Oanne, o homem misterioso que aparecia à margem dos rios, primitivas estâncias da humanidade; e durante o dia, doutrinava as multidões, para nas horas caladas da noite, retirar-se a lugar ermo, e lá elevar-se às alturas de meditação e da contemplação!

Em todos os países antigos descobrimos êsse Oanne. Em nosso continente americano, o Oanne encantava com sua palavra e com suas obras. o Annuac, o Chiapas, os Quichés, o Yucatã, com os Mayas e os Muiscas de Iraca, na Colômbia, como também aos Peruanos e aos Chilenos. O Vidente Oanne que deixou seu nome gravado na Ilha de Joanes ou de Marajó — já havia percorrido, em sua missão repovoadora, os países da Mesopotâmia, os do Nilo, os da Ásia Menor, a Pérsia, a Bactriana, a Índia e a Trácia e o extremo Oriente, a China! Seus clássicos doze trabalhos são outras tantas campanhas, que o Herói realizou nesses países que formavam o mundo antigo.

Tudo o que Hércules fez no país das Hespérides ou América, não era senão repetição do que o semideus havia efetuado nos outros países da Europa, da África e da Ásia. Hércules foi o herói mundial! A "Tôda cercada pelo mar", foi o país mais estremecido de HER-KU-LES o "Cantor do Filho do Homem"!

Digno de nota é que em todos os países antigos, encontramos a história do Xumé, sob nome diferente; cada país descreve a vida do semideus Hércules, como se êle pertencesse só àquêlê país, e

tivesse vivido exclusivamente naquele país. Todos lhe narram o nascimento prodigioso, as peripécias da vida e da morte, mais ou menos gloriosa; mas tudo vem ligado intimamente com as circunstâncias do país, e como se Hércules fôsse natural daquela terra. Para os Egípcios, Hércules nasceu no Egito, lá viveu e lá morreu; para os Babilônios, pelo contrário, êle nasceu, viveu e morreu em Babilônia; para os Mexicanos, Hércules é o herói do México. O mesmo se diga das demais nações, beneficiadas pela missão repoadora de Hércules.

Tôdas essas biografias são iguais em suas linhas gerais; mas cada uma escolhe, acrescenta, omite episódios que condizem ou não com as circunstâncias do país. Tôdas elas vestem e engalnam ao herói com as côres nacionais. Os nomes próprios que recamam a história de Hércules, vertidos do sumério, nos dizem sempre a mesma pessoa e a mesma cousa!

Narrativas semelhantes nos oferecem os gregos com seu Heraclês; os indus, com o Buddha; os ítalos, com Eneias; os babilônios, com Semíramis; os persas, com Zoroastro; os chineses, com Fo-Hi; os Mayas, com Wotan; os amazonenses com Xumé! Em tôda a parte é sempre o mesmo Hércules, o "cantor do Filho do Homem"! Em tôda a parte Xumé combate contra os inimigos de Jeová, os fautores do culto negro, introduzido por Lácifer, que, desde os tempos mais remotos, aspira a ser adorado em lugar do Filho do Homem, e para isso lhe vem roubando os cantores, a começar com o "Pai dos cantores", Ad-am!

Tantas e tamanhas foram as façanhas cometidas pelo nosso Profeta, que os antigos historiadores, acolitados pelos poetas, que escreveram a história mitologicamente, foram levados a criar vários heróis, que juntos representassem ao grande Hércules. No Euphrates foi conhecido por Nimrod, Nino, Samuramit; no Egito é Thot, Menés, Osiris; na Pérsia, é Zarathustra; em Creta, é Minos; na Grécia, é Cecrops, Cadmus, Danau; na Índia, é Buddha.

Em geral é Joannes, o animal misterioso, ou sacerdote, revestido com pele de peixe, que aparecia, às margens dos rios e pregava as verdades luminosas, que espancavam as densas trevas que envolviam aos filhos dos homens. É Neptuno ou Poseidon, porque em suas excursões no dorso dos mares, domina o abismo. Como grande cantor, anansador de feras humanas, que se rendem ao som fascinador de sua lira, é ORPHEU! Como guerreiro invencível revestido de sua inseparável pele de leão, é Hércules, o semideus, que por voz unânime, foi proclamado o mais célebre dos heróis do mundo.

Seus feitos, debuxados em inúmeras lendas, o perenizaram em todos os países; seus doze trabalhos principais, tornaram-se clássicos. Famílias e nações ufanam-se por pertencerem à prosápia do

Herói universal. Muitas das nossas tribos indígenas se dizem descendentes de Xumé. Muitas cidades o cultuaram em seus templos! A Grécia tóda o venerava como glória de Juno — Hera-klés. Culto especial lhe reservavam Thebas e Argos. Os Fenícios lhe consagraram a cidade de Tyro, e o honravam com o título de "Mel-kart", ou "Rei da cidade" principal do país. Os Mexicanos o identificaram ao planeta Venus, porque sempre próximo do Sol (Jeová), e o conheciam como deus da civilização; e foi adorado por muitas tribos, ainda que sob aspectos diferentes.





## CAPÍTULO VII

### O PROFETA APARECE EM JERUSALEM

A mitologia recorda IOLE, a filha de Euryto, rei de Oechalia. Era a mais formosa que houve na terra. O Profeta a conheceu desde seus verdes anos; sentiu-se prêso de amor por ela; jurou em seu coração e em sua vontade, que havia de desposá-la. Casar com ela era o sonho doirado de Hércules: sonho que nunca pôde realizar; só conseguiu sonhá-la, e vê-la muita vez, em seus devaneios!

I-O-LE nos diz: "O Templo do Filho do Homem", e também "Templo de todos os cantores" de Jerusalém, (o sumério é polissêmico), e nos esconde o famoso e histórico templo de Jerusalém. a cuja sombra o Profeta viu a luz, e onde almejava passar, a cantar, seus dias todos.

O Templo de todos os cantores, o U-XA-LAM, edificado na brilhante montanha, o HED-EN, liga-se duplamente ao berço da humanidade: foi o berço primeiro, onde apontaram os primeiros homens, Adam e Heva — o "Pai dos cantores" e a "Mãe dos viventes"; como também foi o ponto de partida, o viveiro, de onde emigraram as três grandes famílias — jaféticas, semita e hamita, que foram povoar o mundo após o cataclismo do dilúvio. Esse templo foi também o berço do "Cantor do Filho do Homem", Hércules.

Sobre êsse famoso templo, fala-nos o "Roteiro": "Apareceu o brilhante edifício do Templo. Elohim tratou de construir com pedras lavradas, e ajuntadas com argila, um edifício elevado, protegido por bosque. Construiu o edifício do Templo; edificou o templo ligado ao remanso de todos os cantores, isto é, à Cidade de todos os cantores do templo. O vasto edifício foi construído todo no cimo da montanha, coberta desde a base, de árvores, que formavam um bosque. O templo foi edificado todo com pedras volumosas e direitas, cortadas da abobada superior da montanha, pedras que brilhavam com luz suave."

Esse templo, menina dos olhos do Filho do Homem, de Jeová, foi totalmente incendiado, à traição, pelos descendentes dos Kain, incêndio que moveu Jeová a inundar a terra toda com o dilúvio universal. O dilúvio acabou de derribar os muros que haviam resistido ao incêndio.

Após o dilúvio, No-ah (renovador do templo), reconstruiu o templo no mesmo lugar, onde surgira o primeiro; o reconstruiu e zelou dêle. O templo de Noah foi saqueado e derribado, lá por 2500 antes de Cristo, pela grande invasão dos GU-TI ("cantores fálicos"), que formando enorme exército, partiram de Tyro, na América, foram desembarcar na Ásia Menor, tomaram a Palestina e se assenhorearam do império de Babylonia, onde dominaram uns 125 anos, c. 2526 a 2383.

No saque de Jerusalém, os GUTI, aprisionaram todos os cantores e as cantoras e as crianças cantoras do Templo de Jeová, e os remeteram para Tyro. Aqui os cantores e as cantoras, foram obrigados a agregar-se aos cantores negros, e as crianças — as queridas crianças de Jeová! — foram bárbaramente sacrificadas no templo dos cantores negros à presença de Satã! (Tôda a Ilíada, em sumério, gira ao redor dêsse nefando rapto da bela He-le-na, ou de todos os cantores.

O infeliz templo foi reedificado magnificamente, no mesmo sítio, por Abrão, lá pelo ano 2050, onde pontificou seu amigo Melquisedek!

O templo era habitação de Jeová, isto é, do Filho do Homem. Estava confiado à guarda dos Espíritos, ou Anjos. ANG-EL-O é: "espírito brilhante do templo". Guardavam-no especialmente os SER-APH-IM (príncipes protetores do templo) e os KER-UB-IM (guardas da região do templo). A superintendência cabia ao chefe supremo dos anjos BE-EL-ZE-BUL (chefe brilhante de todo o templo), o qual depois es tornou SAT-AN-AZ ou "a grande serpente maldita".

Jeová aparecia no templo visivelmente, com aparências e vestes de cantor; e, em dias determinados, regia os grandes coros do templo. Os aztecas tinham dois calendários, o solar e o lunar. Ao primeiro denominavam: TUN-AL-PRO-HU-AL-I, que quer dizer: "táboa das festas, em que canta no templo o Filho do Homem". O título do lunar dizia: "TUN-AL-AM-OTH", isto é, "táboa das festas, em que cantam os cantores".

O FILHO DO HOMEM, — "I E" — nome muitas vêzes citado em nossa história, é o Filho de Deus, o Verbo Divino, o Logos, criador do mundo e dos homens, cantores êstes natos no grande Templo, onde, sob a regência do Filho do Homem, cantariam os louvores de DEUS— TRINO — EL (o Altíssimo), OH (o Filho ou a Palavra) e IM (o Espírito)! O Filho do Homem, como criou o mundo, assim o governa.

O Filho do Homem (Pol-lux) acompanhou a Hércules (Cas-tor) em tôdas suas peripécias. O cavaleiro celeste que abençoá a mãe de Hércules, nas façanhas dos Argonautas, o carvalho falante, a velha carregada por Jason, a imagem de Minerva, Medea e outras,

são tôdas personagens que facilmente se identificam com o Filho do Homem, que sempre dirige e auxilia seu fiel combatente e amigo Hércules.

Já no início de sua carreira, o Herói preferiu MIN-ER-VA (o Filho do Homem, Cantor) a Venus, que é Lúcifer. Tôda a vida laboriosa de Hércules, cifrada nos seus doze clássicos trabalhos, foi dirigida e abertamente amparada pelo irmão amado do Herói, o rei E-UR-YS-THE-U, nome que traduzimos: "O Filho do Homem, o criador dos cantores do Templo", que é o próprio Jeová. Era o culto de Jeová que o nosso Profeta pregava em tôda a parte; a Jeová que êle erguia seus templos e santuários. O Filho do Homem tinha em Hércules um fiel e completo lugar-tenente, um perfeito ministro!

Tôdas as genealogias nos dão Hércules como filho de uma VIRGEM, que o concebeu miraculosamente. Uns a chamam A-BA-Y-U (filha do chefe dos cantores do Templo), que se tornou mãe, aos desesseis anos. Dizem-lhe AL-KE-ME-NA (cantora do templo de todos os cantores), que concebeu de Júpiter o herói. Os mexicanos conhecem-na por ÇE-U-UC-Y ou "cantora do Templo de todos os cantores", virgem fecundada pelo sol, mediante o sumô de cucurra do mato.

O aparecimento oficial do Profeta, iniciando sua alta missão no templo, teve um rebate aflitivo nos arraiais dos homens do culto negro, que então estanciavam ao pé da montanha do Templo. Ali, a cidade dos cultores negros albergava aos GI-GAN-TES (espíritos corrompidos do Templo) e aos TI-TÁS (homens fálicos), todos submissos à Serpente Grande, Saçã, chamada também E-UR-IM-ED-ON ou "chefe de todos os espíritos encarregados do Templo".

Aqui o "Roteiro" nos descreve uma gigantesca batalha renhida no Hed-en ou Monte do Templo. Seria uma batalha material ou sòmente espiritual? Propendemos para a primeira!

O chefe dos corrompidos tocou a rebate, e concitou tôda a sua gente para a grande batalha, em que escalariam a Montanha Santa, se apoderariam do Templo, e se assenhoreariam de todos os cantores de Jeová; o qual seria estrangido a desertar do Templo, deixando seu trono brilhante à Cobra Grande!

A batalha passou na história mitológica, com o nome de "Gigantomaquia", e foi perpetuada nas estupendas esculturas, em alto relêvo, da Acrópole de Pergamo, na Ásia Menor — obra considerada pelos entendidos, como a mais importante produção da arte antiga, que representa a batalha de Zeus e Minerva contra os Gigantes e os Titãs. Queremos ver um aceno da grandiosa batalha, na hagiografia, no rápido mas épico bosquejo: "Houve uma batalha no céu. O Mikael e seus anjos batalhavam contra o Dragão e seus anjos: mas êstes não prevaleceram, nem mais seu lugar se

achou nos céus"! Céu ou "U-ra-no" nos diz: "Montanha do Filho do Homem", e MI-KA-EL é "o brilhante chefe dos cantores".

A defesa do Templo contava com centenas de cantores, todos entremeados por espíritos angélicos — estes em vestes humanas, aparentando cantores, armados de fulgurantes armas e providos de tambores. Formavam a vanguarda; a retaguarda acolhia as mulheres e as crianças cantoras. As hostes atacantes, por sua vez, englobavam um sem número de espíritos angélicos, revoltados (gigantes); muitos cantores, fugidos do Templo ou excomungados; bando de "mulheres cantoras" (NYN-PHÊ) negras, mais uma cáfila de mulheres licenciosas. Fechava a defesa, a turba multa dos "homens negros" (Ti-tãs).

Os cantores do Templo obedeciam ao fulgurante cetro do "Mi-ka-el" (brilhante chefe dos cantores). A defesa tôda era comandada pelo próprio Jeová (Minerva). Os assaltantes obedeciam às ordens do próprio Cobra Grande!

Os inimigos iniciaram a batalha, ateando fogo ao bosque, que cobria as abas da montanha, cuidando que, com o fogo, renderiam os habitantes do monte. Intervieram os anjos, que facilmente dominaram o fogo.

Satã ordenou a suas tropas, se movessem ao assalto do monte. Ele mesmo abria a marcha, meneando brilhante cetro. As hostes satânicas iniciaram a subida!

Do templo começaram a sair os cantores e os anjos. Estes estavam munidos de lanças e de espadas fulgurantes. Saíam todos, em grupos de vinte pessoas. Demandaram a encosta oriental do monte. Todos êles vinham cantando: salmeando as grandiosas lamentações, que faziam ecoar o templo. O Mikael, com sua espada fulgurante, dirigia o canto.

Todos estavam ansiosos de encontrar e rechassar o exército do culto negro, dos opressores do Templo. Os cantores, amparados pelos anjos, e chefiados pelo próprio Jeová, desciam para a raiz do monte, sempre a cantar as lamentações e as loas do Chefe, Jeová.

"Todos os cantores cantavam; os cantores cantavam com as mulheres tôdas, com tôdas as crianças e com todos os anjos. Eis que o Filho do Homem, o príncipe dos cantores, lançou sua flecha contra o exército inimigo. Então todos os cantores e todos os anjos atacaram os inimigos do Templo, chefiados pela Serpente".

"Os anjos avançavam, inflamados pelas palavras fogosas do chefe; e todos os cantores, dirigidos pelos anjos, arrastados pela confiança no Chefe, se inflamavam na frente tôda dos combatentes inimigos! Todos os anjos guiavam os cantores, e os cantores todos combatiam como heróis. Todos os cantores com todos os anjos

submeteram todos os inimigos dos cantores do Templo, esmagaram a todos os servos da Serpente!"

"O chefe de todos os anjos mandou segurar os espíritos vencidos, e correu a pegar a Serpente, o príncipe de todos os opressores do Templo. Todos os maus, congregados contra o Templo do Filho do Homem, foram destruídos pelo Templo".

Após a derrota sofrida por Cobra Grande, que calculamos tenha acontecido, lá pelo ano 3380 antes de Cristo, Satã, acompanhado com todos seus anjos rebeldes, foi confinado a domicílio quase coacto, na "Prisão dos cantores negros", o TAR-TA-RO. Tártaro é sinônimo de SE-LE-NE, a Lua. Os sumérios sabiam que a Lua seria a prisão de Serpente Grande e de todos seus companheiros, como também de todos os cantores rebeldes!

Dizem que Juno, ou Hera, odiava de morte o filho de Alcmena, Heraclês. Mal era nascido que a ciumenta deusa enviou para junto do berço da criança, "duas serpentes" (duo opheis), no intuito nada honroso de o matar, estrangulando-o! A criança, apesar de novinha, teve ânimo e forças para estrangular os dois bichos! — Hera ou Juno é o próprio Satã, o chefe do culto negro. Hércules seria o grande batalhador, que iria combater sem tréguas o culto negro! Daí, o envio das duas serpentes. O "duo opheis", nos diz: "o grosso exército de todos os cantores negros". Temos o exército que tentou escalar a montanha do Templo, para além da conquista do Templo, lograr também a destruição dos cantores de Jeová, e em primeira linha, a destruição do futuro martelo dos cantores negros, que seria Hércules!

Derrotado completamente e exilado com todos seus espíritos rebeldes, Satã não se deu por vencido! Foi levantar seu arraial de cantores negros na "Tôda cercada pelo mar", na América, onde mais tarde fixou sua morada oficial, na que foi a famosa cidade de Tyro, a capital da América! Os profetas chamam a MAG-OG (serpente grande) de príncipe de Tyro! Daí, Satã foi dirigindo a seu bel prazer, os dez estados que formavam a Federação Atlântica, e mais sete reinos, que ficavam além do Atlântico, estados avassalados pelo culto negro, a Tyro e à Cobra Grande!

### JUVENTUDE DO GRANDE PROFETA

O nosso Profeta é geralmente conhecido pelo nome de HÉRCULES, que significa: "O cantor do Filho do Homem", também nos poderia dizer: "O cantor-sacerdote do universo". Também lhe disseram OR-PH-EU, ou "o cantor de todos os cantores". O nome do Profeta, dada a abundância dos sinônimos que enriquecem o sumério, foi vertido em mais de vinte nomes, diferentes no som, mas iguais no sentido.

Hércules voltou ao mundo com erodometais de semideus, a começar pelo seu concebimento virginal. Os mexicanos que chamam à mãe do Herói de Ci-xu-ak-o-atl, isto é "ilustre cantora do Templo de todos os cantores", recordam que astrólogos predisseram à mãe dêle que iria ter um filho, a quem estavam reservados destinos gloriosos. A mitologia consignou que Júpiter dissera a Juno: "Hoje nascerá uma criança da raça de Perseu (o herói que venceu e decepou a cabeça ao monstro Medusa), que será o mais poderoso de todos na terra". Daqui o ciúme e o ódio de Juno (Lúcifer) contra Hércules, como o tinha contra Jeová.

Hércules nasceu na Palestina, em J-er-ux-al-am ou "a santa cidade de todos os cantores do Templo". Disseram-no filho de Amphitryon (o senhor do Templo de todos os cantores), rei de Thebas (o templo dos cantores). Amphitryon estava desposado a uma mulher, que sobressaia entre suas pares, pela beleza dos olhos, e pela nobreza de porte, de nome Al-ke-me-na (cantora do Templo de todos os cantores). Hércules foi filho de uma nobre cantora do Templo de Jerusalém, que logrou concebê-lo virginalmente, como concordam tôdas as genealogias dêle.

Os nossos índios do Amazonas veneram o Profeta sob o nome de J-u-ru-pa-ry ou "o brilhante cantor, regresso, do Filho do Homem". Dizem que êle foi mandado à terra pelo sol, a fim de reformar os costumes, e pôder o astro do dia encontrar na terra uma donzela perfeita, paciente, não curiosa, guardadora dos segredos, a qual seria escolhida para espôsa do sol. Jurupary nasceu de uma mãe virgem, chamada Ce-u-uc-y (cantora do templo de todos os cantores). A virgem foi fecundada pelo sol, mediante o sumo de cucurra do mato, ou pelo sumo de purumã: sumo misterioso, que enquanto Ceuucy comia o fruto, lhe correu pelo seio, e prodigiosamente a tornou mãe. É êste um dos segredos da religião de Jurupary, que não pode ser revelado nem conhecido pelas mulheres, e que os moços só aprendem da bôca do pagé, chegados à puberdade, nas festas da iniciação.

Os gregos nos dizem o mesmo, com outras palavras. Júpiter condoído dos imensos males que afligiam a humanidade, resolveu engendrar um herói, que salvasse os homens e os deuses, livrando a humanidade de muitos monstros, que ameaçavam de morte aos homens, e pretendiam acabar com os deuses. Suas virtudes extraordinárias, sua força invencível, e sobretudo a maviosidade de seu cantar, seriam as armas que lhe assegurariam a vitória.

Amphitryon, rei de Thebas, estava ausente do paço, entretido com negócios de guerra. Zeus tomou-lhe a figura; e de noite, se apresenta ao palácio real, como senhor do mesmo. Foi conduzido pelos criados até à espôsa, que sem reconhecer nêle o rei do Olympo, dêle concebeu a Hércules, enquanto sôbre a cidade caia uma chuva de ouro.

Do Hércules incliano, Buddha, dizem que nasceu prodigiosamente no bosque Lum-bi-ni (país de todos os cantores) e saiu do seio materno puro, na presença de todos os deuses e deusas, descidos para isto do céu; no mesmo tempo, uma chuva de flôres cobria a terra, e côros celestiais entoavam louvores. Mal nasceu, deu uns passos, e pronunciou palavras, com que tomava posse do mundo.

Juno que se identifica com VE-NUS (serpente grande), e esta com SAT-AN (grande serpente) conservou e sempre praticou odiosidades contra Hércules, que, acompanhado do Filho do Homem, iria empenhar-se numa luta de morte contra o culto negro, o culto engendrado por Venus, sempre ávida de adoração. Já vimos a tremenda luta renhida na montanha do Templo, contra os cantores de Jeová, quando do aparecimento misterioso de Hércules.

A mitologia, para sublinhar a nobreza do Herói, lembra que Júpiter quis conferir-lhe o dom da imortalidade, e ao mesmo tempo, a nobreza dos imortais. Para isto aproximou a criança do seio de Juno, que dormia. O menino mamou bastantemente no peito da diva, e lhe sugou abundante leite. Leite é "gal-ak" ou "alta sabedoria", de Hera ou Lúcifer. Jeová comunicou a Hércules uma sabedoria semelhante à de Lúcifer, a criatura mais perfeita que saiu das mãos de Jeová. Essa sabedoria se bipartia: em celeste, o conhecimento do reino sideral, a astrologia; e em terrestre, as ciências, as artes, a metalurgia, e as artes de construção.

A astrologia fazia parte saliente da doutrinação dos sacerdotes e do ensino dos cantores. "O Filho do Homem colocou como em taboinhas de cantores os traços fundamentais de suas obras: gravou no seio fulgurante das estrélas vinte e sete escritos (constelações) que revelam as obras dos primórdios, revelam tôda a criação, estendendo-a até o dia negro, em que o oceano destruiu a terra (dilúvio)". Jeová prendou a Hércules com essa ciência, juntamente com as ciências físicas e medicinais: a missão que Hércules ia desempenhar no mundo, exigia dêle uma ciência igual à que possuía Lúcifer, para com igualdade de armas e de tática, poder o Herói lutar contra os monstros do culto negro.

A astrologia se ligava ao conceito expresso pela palavra "coelum" = o KO-IL-ON ou "mansão dos cantores do Templo". O grego U-RA-NO, diz o mesmo. O nosso Paraíso pode analisar-se: Pa-ra-de-is-o ou "remanso dos cantores desaparecidos com o culto do Templo". Aliás a contemplação do céu estrelado era aconselhada aos cantores como meio para se desapegarem do amor sensual!

O futuro Profeta passou sua infância na cidade de Jerusalém, entregue aos cuidados de sua desvelada mãe. O menino crescia em tamanho, em fôrça e formosura. A mãe dedicava-lhe todo o carinho e esmêro, dando-lhe por si mesma e por hábeis mestres, uma educação digna do futuro atleta. O menino, aos poucos, foi

iniciado nas letras, na ciência de bem modular a voz e no som da lira, magistralmente dedilhada; ensinaram-lhe a arte de bem manejar o arco e a flecha e demais armas de então. Distinguia-se pela força extraordinária dos braços, pela ligeireza dos pés, em domar cavalos e em lutar. Apesar de sua força extraordinária, ninguém era mais dócil, mais compassivo, que o jovem herói.

Se recordamos os mestres que educaram Hércules, veremos que seu afamado atletismo é simplesmente seu notável ofício de cantor do Templo e defensor do culto verdadeiro, contra o culto negro de Satã. Resenham-se entre seus mestres: Amphitryon — o senhor do templo de todos os cantores; Eutólico — o grande fundador do Templo de todos os cantores; Euryto — cantor do Templo de todos os cantores; Castor — cantores novos; Kiron — cantores do Templo; Radamanto — o que reuniu os cantores do segundo Templo; e Lino — cantores do Templo. O futuro Profeta passou sua meninice e adolescência entre os primeiros cantores do segundo Templo — o templo reedificado por Noah; deles aprendeu tôdas as ciências e as artes dos cantores, para mais tarde ser o cantor universal. Seu principal mestre era Jeová ou Amphitryon!

Ponto marcante na adolescência do Profeta, foi o que nos veio transmitido sob o enleado título: "Hércules na encruzilhada". O episódio se deu, quando o jovem estava entre os pastores do monte Citerão.

Hércules, para fugir às iras de seu inimigo, Cobra Grande, o pai dos cantores negros, passou sua infância e sua puberdade, juntamente com sua mãe, no monte Citerão. Cit-a-ir-on é "a encosta da montanha da Cidade do Templo", ou da Montanha do Templo, o Hed-en; encosta coberta de bosques, e êstes pontilhões de casebres, em que se agasalhavam os pastores e os cantores dispensados do canto ou aposentados do serviço coral.

O Jovem estava com três lustros de idade; já começava seriamente a pensar na missão que lhe fôra traçada pelo Alto. Pensativo, quedara à beira da estrada, onde se cruzavam dois caminhos. Casualmente lançou o olhar para o lado de onde vinham as duas estradas. Teve duvidosa surpresa. Viu duas mulheres que se encaminhavam para êle, procedendo uma e outra de diverso caminho. Formosas eram ambas: uma delas apresentava-se com rosto meigo e plácido, e estava vestida de branco puríssimo, e sobressaia pela modéstia de seu trajar. A outra olhava brejeiramente para o mancebo, com rosto afogueado, vivo, e com um brilho ardente, irrequeto e sedutor nos olhos. Sua indumentária cingia-se a tenue veste, bordada, a cair-lhe em amplas pregas dos ombros, apertando-lhe o voluptuoso talhe, do qual revelava mais do que encobria; ares sedutores eram os seus!

Esta última estugou o passo, e logo se aproximou do jovem, para ser a primeira a lhe falar. Ofereceu-lhe um caminho largo,

cômodo, atapetado de flôres, alegrado de música, e aljofrado de delicias sensuais. A segunda pelo contrário, lhe apontava um atalho íngreme, escarpado, estreito, árido, extremamente penoso. Eram duas deusas que pretendiam conquistar ao futuro Profeta: Venus, a deusa brejeira, e Minerva, a deusa da sabedoria. Hércules, perante as duas, titubeou um instante na encruzilhada; mas logo se decidiu e abraçou, com tôdas as veras de sua alma, a Minerva; ao mesmo tempo que sentiu brotar em todo seu ser repugnância e asco pela deusa sedutora!

Lendo nas entrelinhas desta narração mitológica, podemos facilmente descortinar o fato nela adumbrado: Hércules iniciou resolutamente sua missão de ministro de Minerva, ou do Filho do Homem, Jeová! Entrou na liça para renhir a dura e longa batalha contra o culto negro, que avassalava o mundo de então. O culto negro o esperava, e o esperava disfarçado em leões, javalis, hidras, abutres, cervas, touros, cavalos e gigantes e até mulheres guerreiras!

Enquanto Hércules ia crescendo e se aperfeiçoando no ofício de cantor do Templo, fervia, e muito, a luta religiosa entre os dois cultos, o de Jeová ou do Templo, e o de Satã ou culto negro. Satã, côncio da missão que caberia ao jovem cantor, naturalmente envidava todos os esforços para desviar para seu lado o jovem, e se possível, englobá-lo ao acervo dos cantores negros, como havia conseguido com muitos outros cantores do Templo. Hércules resistiu, reagiu e se manteve fiel ao culto de Jeová ou Minerva. E começou sua luta contra os monstros do culto negro!

### OS TRABALHOS DE HÉRCULES

A MITOLOGIA — que é a narração dos fatos históricos e religiosos, contados em estilo enigmático, debaixo de figuras — secciona a vida trabalhosa do nosso Profeta, pelos casamentos por êle contraídos, durante sua longa existência terrena. Suas espôsas assinalam épocas de sua vida missionária. Salientam-se quatro matrimônios.

A primeira época, que reaparece no fim da vida dêle, é velada pelo casamento ou amor de Hércules à mais formosa donzela que houve sôbre a terra, isto é, I-OL-E, "o Templo de todos os cantores", ou "o Templo do Filho do Homem", o grandioso templo de Jerusalém.

Já aos dezoito anos, estreou sua missão de exterminar da face da terra o terrível monstro que a invadira, o culto negro. Investiu e matou um terrível LEÃO, que devastava a região do Templo: era o feroz culto negro, que já havia contaminado os sacerdotes e cantores residentes nas vizinhanças do Templo.

Chegado a idade legal de vinte e um annos, encaminhou-se para o Templo, para assumir oficialmente o encargo de cantor-sacerdote do Templo de todos os cantores, em Jerusalém, governado pelo próprio Jeová, que já se havia irmanado a Hércules numa celestial xipofagia, que passou na história mitológica sob o nome de “Os Gêmeos ou Dioscuros”, Cas-tor (o que faz correr ao Dragão) e Pol-lux (o Filho do Homem). Jeová acompanhou sempre e em tudo a Hércules.

Como recompensa de suas primeiras lutas vitoriosas contra o culto negro, o jovem recebeu do rei de Thebas — o governador do Templo — a própria filha como espôsa MEG-A-RA ou “o govêrno de todos os cantores”; Hércules foi feito Grão-sacerdote do Templo de Jerusalém. Hércules, o cantor mavioso, o futuro Orpheu, bem merecia essa distinção, de chefe de todos os cantores!

Meg-ar-a “Grão-sacerdote e cantor do templo” — designa o tempo em que o profeta, além de zelar pelo culto do Templo, no próprio Templo, se dedicou às expedições nos vários países, aonde foi mais para consolidar o culto do Templo, do que para combater o culto obsceno. Percorreu o Egito, a Mesopotâmia, a Pérsia, a Bactriana, até a Índia. Nessas expedições podemos ver os oito primeiros trabalhos de Hércules. O Leão de Nemeia, a Hidra de Lerna, o Javali de Erymanto, a Corça de Ceryneu, os Abutres de Stymphale, os Bois de Augias, o Touro de Creta e os Cavalos de Diomedes: em todos êsses trabalhos vemos nosso Herói combater o culto negro, e, geralmente, o vemos levar para seu rei Eurystheu as vítimas. Eurystheu é: “o Filho do Homem, criador de todos os cantores”. Hércules consegue estabelecer o culto de Jeová, em quase todos os países que visita. São as vítimas vivas trazidas ao rei.

Creemos que Hércules nos primeiros lustros de seu pontificado em Jerusalém, foi encarregado por Jeová de acompanhar uma por uma tôdas as levas que, deixando o Templo, foram povoando o mundo. Assim êle fez com as levas que vieram para a América!

Num momento de delírio ou “acesso de loucura” (grande desejo de fazer prosperar o Templo), Hércules matou Megara e os filhos que dela tivera! Foi, quando, para atender aos desejos de Jeová, deixou os filhos fiéis ao Templo, para acompanhar até as longínquas regiões as tribos que iam povoar o orbe, e para mais tarde visitá-las, quando nelas grassava o culto negro! Megara é substituída por DE-I-A-NE-IR-A, que nos diz: “Viajou com e para tôdas as tribos que saíam do Templo”.

OM-PHA-LE (canta com o Filho do Homem), rainha de Lídia, com quem Hércules trocou amôres, representa o tempo todo que o Profeta conseguia dedicar ao Filho do Homem, maxime, quando êste aparecia no templo a cantar com todos os cantores, e Hércules nêle pontificava como grão-sacerdote.

## CAPÍTULO VIII

### LUTAS DE HÉRCULES NO CONTINENTE ORIENTAL

#### EM BABILÔNIA E NA ASSÍRIA

As grandezas e as façanhas de Hércules nos dois continentes, foram tantas que não foi possível à história abarcar-las com uma só visão. Foi preciso multiplicar e transformar o Herói, em relação aos povos que o embaixador divino visitou e repovoou; e em relação aos vários aspectos que ofereceu sua missão entre os povos visitados. Daí, os vários nomes sob os quais foi conhecido pelas nações visitadas, e pelas personagens nelas representadas.

Os primeiros povos visitados pelo Profeta, foram os de Babilônia e da Assíria. BAB-YL-ON-I-A nos pode dizer: "o primeiro bando de cantores saídos do Templo", e AS-SYR-I-A, "primeiros cantores saídos do Templo". NI-NI-VE é: "Cidade do Filho do Homem, ou de todos os cantores". Nas terras banhadas pelo Eufrates, o Profeta foi conhecido como NIM-ROD (grão sacerdote); como NIN-O (senhor do Templo); como NIN-I-AS ou "senhor dos cantores do Templo"; como O-AN-NE ou "o Vidente do templo dos cantores". Caldeia poderia ser: Kal-da-i-a ou "expansão para a frente dos dispersos cantores do Templo". Cantores dispersos são os cantores do culto negro.

Oanna, segundo a tradição, foi o civilizador da Caldeia. Apareceu saindo do Mar Vermelho, no ponto em que este confina com Babilônia. Tinha corpo de peixe; mas, debaixo da cabeça de peixe, havia outra que era de homem; como também da cauda, apareciam-lhe pés humanos. Tinha voz humana. Passava os dias entre os homens sem se alimentar. Ensinava-lhes a prática das ciências, das letras e das artes; as regras da fundação de cidades, e as de construir templos. Depois d'êlo, nada se inventou de excelente. Ao por do sol, Oanne mergulhava novamente no mar. Escreveu sobre a origem das coisas e da civilização um livro que entregou aos homens. Completada sua obra, desapareceu; porém depois tornou a aparecer mais algumas vezes.

Em Babilônia foi conhecido como SE-MIR-AM-IS ou "Cantor possante, chefe dos cantores", ou Samuramit, que os gregos fizeram

mulher! Esposa de Nino, rei de Babilônia. Dela dizem que depois se desgostou do marido e o assassinou, ficando senhora do império da Assíria. Soberana, correu às armas, e foi subjugando a Média, a Bactriana, a Pérsia, a Armênia e a Arábia — regiões que outrora haviam sido submetidas pelo rei Nino, mas que lutando haviam conseguido libertar-se do jugo assírio. Além de reconquistar essas regiões, Semíramis, logrou ajuntar a seus domínios, o Egito, a Líbia e toda a Ásia até o Índus: aqui teve que parar com sua marcha triunfal, porque sofreu derrota. Depois de 42 anos de reinado, Semíramis entregou o poder a Ninias, seu filho, e desapareceu, transportada ao céu, em forma de pomba! Foi ela que construiu as maravilhas da cidade de Babilônia, as famosas muralhas, flanqueadas por mil e quinhentas torres; os cais sobre o Euphrates, o templo de Be-lo (o Filho do Homem); soberbos palácios e os célebres jardins suspensos. Reedificou a cidade de Nínive e construiu muitas cidades.

Semíramis, a quem as tradições concedem nascimento extraordinário, foi quem organizou o primeiro império do mundo, o de Babilônia e depois o de Nínive, ou da Assíria. Organizados estes dois, correu a Média, a Pérsia, a Armênia, a Arábia, a Líbia, o Egito e a Ásia até a Índia. Voltou várias vezes a rever seus dois primeiros impérios, e sempre veio com nome diferente!

Voltou como Ur-nin-a ou “cantor sublime do Templo”, e fundou a cidade de Lag-ax (dos cantores do Templo); fez florescer a agricultura; construiu canais para irrigação do solo; organizou a cidade, reparando-lhe os muros; construiu celeiros públicos; levantou o palácio dos reis e vários templos, entre eles o do deus nacional EN-LIL (o grande rei); impulsionou e divulgou as taboinhas esculturais.

Deve ter-se ausentado de Lagax, para mais tarde voltar sob o nome de E-an-nat-u-um ou “cantor, sacerdote, fundador do Templo”; combateu a Ux, rei de Um-ma (templo negro); realizou expedições vitoriosas a regiões distantes, a Kis, ao Elam; chegou até Mari, no médio Eufrates.

Na cidade de Er-ech (cidade dos cantores) encontramos o rei Lu-gal-ban-da ou “o cantor príncipe dos grandes cantores”, temos também Tam-muz ou “destruidor da Serpente” — um e outro se confundem com o nosso profeta. Lugalbanda encabeça a segunda dinastia de Babilônia, a de Urek 1.<sup>a</sup>, e é denominada “domador de dragões”. Segue-lhe Du-muz-i (cantor do Filho do Homem) e Gil-gam-ex (destruidor dos opressores dos cantores). Simultaneamente temos a primeira dinastia, a de Kix 1.<sup>a</sup>. Esta começa com BE-LO ou “Serpente Grande”. Kix quer dizer: “serpente” e Ur-uk, “inimigo da serpente”. De Belo se diz que reinou 65 anos, sobre todas as províncias da Ásia, exceto a Índia. A dinastia de Kix é o império de Babilônia, fundado e regido por Satã, o qual foi ven-

cido por Lugalbanda, ou Hércules, que assim fundou o império de Babilônia, sujeito a Jeová.

Identificamos a Hércules Lu-gal-zag-gi-si (grande cantor, príncipe de todos os cantores) c. 2777-2753, da 3.<sup>a</sup> dinastia de Uruk: Pat-es-i (sacerdote do Filho do Homem) da cidade de Umma, venceu ao rei de Lagax, Urukagina (deixou Lagax!), e após haver-se apoderado de Uruk e de Ur, estendeu o império, tendo sempre o deus En-lil (o Filho do Homem), desde o Mar Vermelho até o Mediterrâneo. (Estas datas foram tôdas reduzidas após as últimas descobertas arqueológicas!)

Hércules reaparece em Sargon ou Xar-ru-hin (o príncipe que voltou da sua missão) da dinastia de Akkad (2752-2697), que submeteu as principais cidades da Mesopotâmia, o Elam, as margens e as ilhas do Golfo Pérsico, e levou seus exércitos até a Ásia e o Mar Mediterrâneo.

No fim de suas excursões, Hércules volta a Babilônia sob o nome de Ham-mu-rá-pi (cultivador dos cantores do Filho do Homem), c. 2067-2024, onde consegue reunir tôda a Babilônia; é o autor do famoso código de direito. Aqui êle entra na amizade de Abram, o hebreu, (2168-1993).

Numa das longas excursões, os GU-TI (cantores fálicos) de Tyro na América, conseguem invadir a Ásia Menor e apoderar-se de Babilônia, onde dominam uns 125 anos, c. de 2526-2383. Estes foram expulsos por Ut-ux-eg-al (o cantor criador de todos os cantores), Hércules da 5.<sup>a</sup> dinastia de Uruk!

Creemos se identifique com Hércules, o célebre Patesi de Lagax, GU-DE-A ou "o cantor de todos os templos". Gudêa príncipe piedoso, ampliou o templo de sua cidade; trouxe madeiras do Líbano, prata do Tauro, diorita de Magan e ouro de Meluka. Foi o príncipe justo, protetor dos desvalidos, e pela posteridade foi deificado.

Na literatura suméria, Hércules aparece mui bem representado pelo herói Gil-gam-ex (o destruidor dos opressores do Templo). Atribuem-se-lhe lutas ferrenhas contra animais ferozes; expedições heróicas aos jardins divinos, guardados por monstros; viagens distantes, além do confim do mundo. O herói mostra coragem, inteligência intrépida e decidida, em comparação com seu rival Em-ki-du (o gigante do templo negro), que representa a fôrça bruta, entregue aos vícios vergonhosos da sensualidade (o imundo anjo decaído). O herói exerce comércio com as potências do Além. É o grande lutador contra o culto negro! Não há duvidar que se trata do nosso Profeta, Hércules.

Gil-gam-ex venceu E-ab-a-ni- ou o "gigante destruidor do seio da mulher", o homem com face de touro; depois triunfou do tirano Hum-bab-a ou "opressor do pai do Templo"; esmagou aos monstros que lhe enviaram Anu e Ixtar, e reinou sôbre a cidade de Er-ech

(cidade do gigante), chamada também Ur-uk. Esses nomes todos recordam a Satã com suas façanhas: foi vencido por Hércules!

Na pré-história assírio-babilônica, estadeia-se a cada passo o nosso Herói, sempre sob novo nome; mas, sempre o mesmo pelas virtudes e façanhas, tôdas endereçadas ao combate do culto negro e de seu chefe, Lúcifer, e a implantar, em todo o grande país, o culto de Jeová. Todos êsses trabalhos do Profeta foram mais espirituais que materiais; suas conquistas se referem de modo especial, ao campo religioso: conquistava países, para submetê-los ao culto de Jeová; e nêles derrubava os templos do culto negro, culto vergonhoso inventado pelo inimigo do Filho do Homem e dos cantores do Templo!

### NO EGITO

A-IG-YP-TO diz: "Terra dos cantores do culto negro", e também seu rio NE-I-LO diz: "rio dos cantores negros". O outro nome MIS-RA-IM, se quisermos nos dirá: "País dos revolucionados cantores". Seus primeiros povoadores constituíam uma leva de cantores egressos do templo de Jerusalém, em seguida ao cisma nêle estabelecido, pela infiltração do culto negro. Nessa leva predominavam os hamitas. Por isso o Egito no comêço foi apelidado "País dos adoradores do deus Horus", o deus do culto negro. Êste nome se refere de preferência ao Egito Inferior, ao Delta, com sua capital Mem-phís, nome que, se diz: "Cidade dos escritores", também pode dizer: "cidade dos porcos", o animal principal do rito negro!

Aqui encontramos Hércules encabeçando a história do Egito, com o nome de MEN-ÊS ou "sacerdote cantor". As classes sacerdotais detinham o poder. Menés entrou militarmente no país, partindo de Theni no Alto Egito. Venceu e subjugou as classes sacerdotais, impondo-lhes o culto de RA. Ra significa tanto o sol como também "Filho" (de deus). O Filho do Homem, que se dizia morar no sol, equivocava-se com o sol! Menés lançou os alicerces da monarquia egípcia; fundou o novo império, com a nova capital Memphís, na margem esquerda do Nilo, conseguindo o terreno necessário, desviando o leito do rio, qua antes corria para a Líbia. A cidade foi consagrada ao deus PHTHA ou PHE-THA, "O Filho do Poderoso", Jeová. Incrementou a literatura, as ciências exatas e as artes plásticas.

Menés, à luz das tradições, foi o mais completo monarca egípcio: construtor, legislador e guerreiro ao mesmo tempo. Fundou o grande templo de Phtha; reuniu num único govêrno o Alto e o Baixo Egito; promulgou um código de leis; estabeleceu várias festas; iniciou a primeira dinastia histórica do Egito; ensinou a seus súditos a usarem cama e mesa; levou suas armas vitoriosas além das fronteiras do Egito. Os sacerdotes seus inimigos, o deram

como vítima de um hipopótamo, depois de um reinado de 62 anos Hip-po-po-ta-mo equivale a "afastado da região pelas artes dos cantores negros"!

No Egito, o nosso Herói foi conhecido outrossim como Im-hot-ep (cantor e escritor do templo), célebre artista, médico e arquiteto, conselheiro do rei Zo-zer (Filho do Homem). Tanto fez pela medicina que os pósteros o adoraram como descobridor das ciências e das artes. Parece ter sido o fundador da escola de arquitetura; sob sua direção surgiram as primeiras casas de pedras; foi quem planejou os primeiros monumentos egípcios existentes, como as Pyr-a-mid-es, ou "templo dos cantores mortos" de Sacara, os "mastabas" (moradas dos cantores defuntos) — obra prima da arte egípcia de estrutura atarracada, estilo dos túmulos. Impulsionou a geometria ou ciência para demarcar terras.

Hércules identifica-se cabalmente com o famoso deus egípcio O-SIR-IS ou o "possante cantor do Templo", gentil espôso de IS-IS (Filho do Homem). Ao nascer, ouviu-se uma voz a proclamar que Osiris, grande rei e benfeitor do universo, acabava de nascer. Osiris conseguiu magníficos resultados, graças aos encantos mágicos de sua irmã e espôsa Isis, Minerva ou o Verbo divino, que sempre o acompanhou. O par divino superou tôdas as resistências pela sedução da beleza, da ciência e da bondade.

Os homens levavam uma existência selvagem, penosamente disputada aos animais ferozes. Osiris ensinou-lhes o cultivo das plantas alimentares, o trigo, a cevada, a videira, que antes cresciam sem cultura. Com seus ensinamentos desapareceu a antropofagia e as guerras endêmicas. Os homens ignoravam as riquezas do subsolo: Osiris lhes fez notar os filões metálicos através da ganga; sob sua direção foi trabalhado o ouro e o bronze; fabricaram-se armas para matar as feras, instrumentos para se cultivar a terra, e mais tarde, estátuas para os deuses. Providos de alimentos e de meios defensivos, iniciou-se na vida social e intelectual; dotou-os de uma capital, que foi Tebas das cem portas; e os submeteu a leis de interesse geral; ensinou-lhes a conhecer a moral e a adorar os deuses.

Em seus ensinamentos dispunha de um sócio, Thot (do Homem o Filho), o deus das artes e das letras, Minerva, que tornou possível a difusão e a duração destes progressos mediante a invenção dos sinais da linguagem e da escrita. Os dois juntos suavizaram os costumes, e disciplinaram as inteligências dos homens; acomodaram-nos aos métodos das ciências exatas, ao ritmo dos jogos e das artes e à cadência da música. Além disso, ensinou aos homens a lerem no céu estrelado, e a adquirirem com isto o senso da vida que ultrapassa o destino terrestre.

A Esfinge — o monstruoso Leão com cabeça humana, que se pode ver, perto das ruínas de Memfis, em Gizeh, representa, o

Profeta, o civilizador do Egito, Hércules. ES-PHIN-GO é: “o grande Cultivador do Templo”. Seu semblante, cheio de majestade, olha o horizonte sem fim, enquanto entre as patas, o leão guarda cioso um pequeno templo! Hércules é o guarda do Templo!

Faltava-lhe por fim chamar à civilização o resto da humanidade. Abandonado o governo do Egito a sua mulher Isis (deixou o país entregue ao culto de Jeová), Osiris reuniu um grande exército, percorreu a terra ensinando aos homens o culto do Templo. Raramente recorreu ao uso das armas; os homens vinham a êle, fascinados pelas palavras, ligados pelos encantos da dança, vencidos pela música! Por tôda a parte Osiris se houve como deus benfeitor. Chamavam-no “o ser bom”, o que se dedica à salvação de todos os homens.

Infelizmente tinha um irmão, SETH, (se-eth = terror dos homens), ambicioso, devorado de ciúmes, o qual determinou perdê-lo. Num banquete persuadiu a Osiris a meter-se por brincadeira num caixão, que imediatamente Seth fechou, pregou, e lançou no rio! — Satã conseguiu introduzir o culto negro no campo cultivado por Osiris!

#### NA SIRO-FENÍCIA

Desentranhando os fatos históricos escondidos na 'ganga mitológica, vamos encontrar Hércules na Fenícia. Fenício é phoen-ik ou “os corrompidos do Templo dos cantores”, ou por outras. “cantores do culto negro”, pois foi êsse culto que penetrado no templo de Jerusalém, corrompeu aos cantores, e deu causa a uma grande dispersão de cantores. Os hamitas preferiram o Egito, os semitas corrompidos demandaram a Fenícia e a Síria. Sy-ri-a nos diz: “os negros cantores do Templo”.

CAD-MO (o escritor do Templo) identifica-se com Hércules. Cadmo fenício, filho do rei Agenor, rei daquele país, foi despachado pelo pai à procura da irmã Europa, raptada por Zeus, e transportada para Creta, na Grécia. Cadmo veio à Grécia, onde fundou a cidade de Tebas, e trouxe consigo da Fenícia, o alfabeto fenício e a invenção da escrita. Hércules esteve por tanto na Fenícia. Em Tiro da Fenícia, era cultuado sob o nome de Melkart, figurado como um guerreiro vitorioso.

Na Paixão de Osiris, lemos que Seth (Satã), o irmão, inimigo fígaldo de Osiris (Hércules) sufocou Osiris, num caixão, que levado ao Nilo, foi lançado ao mar. O caixão foi transportado pelos vagalhões, até Biblos, na Fenícia, a cidade de Adonis, o deus consorte de Venus! Ad-o-nis é “matriz do culto negro”! A Siro-Fenícia era o foco principal do culto negro! Em Biblos, um arbusto encobriu o caixão, e pela virtude do cadáver do deus, cresceu tanto e tão belo, que seu fusto envolveu o caixão e o cobriu

inteiramente, até o dia em que Melandro, rei do país, cortou o tronco, que em seu seio escondia o caixão, e dêle fez uma coluna do seu palácio. Isis conseguiu reconduzir o caixão a Buto no Egito.

Da narração citada, colhe-se que Hércules exerceu sua missão na Fenícia, e até chegou a entusiasmar ao próprio rei com o culto do Templo. Mas a pregação do Profeta não calou na terra saturada de culto obsceno. Jeová o retirou daquele país, e o guiou para outro!

A "Paixão de Osiris" ementa que Seth, descobrindo o cadáver do Profeta, o despedaçou em catorze postas, que dispersou por várias partes. — O culto obsceno e a desorganização social introduzida em tôda a parte pelo príncipe do mal, Satã, levou Hércules a percorrer o mundo, para abater o culto negro e restituir nas várias nações o culto de Jeová. Isis recomeçou sua busca, e conseguiu encontrar uma, a correspondente à parte generativa! — Hércules visitou com êxito treze nações; numa, a séde principal do culto negro, a Siro-Fenícia, perdeu seu tempo!

#### NA PÉRSIA

A PER-SI-A, ou "Terra de cantores do Templo", a terra dos AR-Y-AS ou dos "Brilhantes cantores do Templo", foi povoada por cantores jafétidas, da primeira emigração que deixou o Templo de Jerusalém. Conservou memórias notáveis da passagem de Hércules por entre seus povos. Vemo-lo aqui confundido com o primeiro monarca Dah-ka ou "fundador do Templo". O próprio ZO-ROASTRO é Hércules em terras irânicas!

Lendas pérsas contam que, centenas de anos antes da nossa era, apareceu no Airyans-Vaejo, o antigo lar dos pérsas, um grande Profeta. O povo o chamava ZAR-A-THUS-TRA ou "o restaurador do Templo de todos os cantores", ou abreviadamente, Zerdust, nome que os gregos adulteraram em Zathustres e depois em ZOR-O-AS-TRO, que nos diria: "o cantor do Templo, o inimigo da Serpente". Descendia da família dos Es-pit-a-ma ou "cantores do Templo do Filho do Homem", do Templo de Jerusalém.

Inicia sua vida extraordinária, concebido por uma virgem. Afastou-se do bulício mundano, e foi recolher-se ao silêncio de uma montanha. O diabo o tentou, mas inutilmente. O jovem aferrou-se à fé em A-UR-A-MA-DZA (o Filho do Homem, o criador de todos os cantores), o senhor da luz, o deus supremo, contra AN-GRAMA-Y-NI-U (o espírito revoltado, destruidor do templo e dos cantores do templo) o senhor das trevas e do mal. Madza apareceu-lhe e lhe entregou o AV-ES-TA, ou "o armazém de tôda a sabedoria", o livro da ciência e da sabedoria, mandando-lhe o pregasse aos homens.

Zarathustra atendeu às ordens de OR-MUDZ (Filho do Homem); saiu a pregar a verdade e a sabedoria; mas, por muito tempo o mundo o cobriu de ridículo. Seus mais ferrenhos inimigos foram os sacerdotes da religião tradicional (o culto negro) e os príncipes, ligados às antiguidades, em que o profeta só via demônios!

Quando apareceu no país dos pérsas, encontrou o povo adorando os animais, os ancestrais, a terra e o sol. Cultuava especialmente a MITH-RA ("a fôrça dos cantores"), juntamente com An-a-it-a (a serpente destruidora dos cantores do Templo), e HA-O-MA ou "o templo do culto negro". Zoroastro se revoltou contra tudo isto e contra seus sacerdotes, os MA-GOS (grandes cantores); e anunciou a um só deus, Ahura-Mazda, o senhor da luz e do céu. Após muitas infrutuosas pregações, foi ouvido por um príncipe do Iran. — A análise do mazdeísmo nos deixa entrever o nosso Profeta!

O nosso Profeta encontrou na Pérsia o culto de Mithra. MITH-RA significa "arrimo, sustento (mith) dos cantores ou do Filho (ra)". Muito tempo atrás, êle havia conduzido do Templo ao Iran os pérsas, e a êles havia deixado o culto do Filho do Homem. Tanta foi a fama que Hércules deixou entre os pérsas, que, na sua ausência, esquecendo a Ormazd, deificaram o Profeta, sob o título de Mithra; culto que o Profeta combateu na sua visita que fez à Pérsia! O culto de Mithra se espalhou entre os gregos na Ásia e mais tarde em todo o império romano, constituindo graves impedimentos à difusão do cristianismo. O culto de Mithra teve as mesmas vicissitudes que o budismo!

Zarathustra viveu longa vida, e foi consumido por um raio, e depois subiu ao céu. — Temos sempre a mesma história do nosso Herói, que percorre as várias regiões do mundo, apregoando a boa moral de Jeová contra as falsidades e as imoralidades do culto negro. Em tôda a parte Hércules aparece misteriosamente, como também desaparece. Em tôda a parte Hércules é assinalado por morte trágica, seguida de apoteóse!

### NA GRÉCIA

GRÉCIA vem de "graicós" e êste de G-RA-I-A, que indica: "Pais inundado pelos cantores do Templo". Foi povoado pelos Jafétidas. Foi o baluarte do culto de Jeová, ou de A-THE-NA, "o brilhante Filho do Homem", nome que traduz o de Jeová, e o nosso Tu-pa-na ou "brilhante Filho do Homem"!

Na história grega, após o dilúvio, encontramos, reinando na Tessalia, a DE-U-KA-LI-ON, nome que lemos: "o cantor brilhante, chefe de todos os cantores", é o nosso Hércules! No tempo

dêle, cêrca de 2060 a. C. deu-se o ingente dilúvio que inundou a máxima parte da terra, o chamado "Dilúvio de Deucalion", provocado pelos mortais, pelas muitas maldades feitas contra Zeus (o Filho do Homem). Deucalion salvou-se com sua espôsa PYR-RHA (templo dos cantores), refugiando-se numa arca, que encalhou no monte Parnaso (onde os cantores cantam no Templo). Foi pai de HEL-LEN (puros cantores) que deu origem a tôdas as tribos gregas, que por isso tomaram o nome de Helênicas.

Hellen foi avô de Ak-a-i-o, "cantor devotado ao culto do Templo", e de I-on, "cantores do Templo": os patriarcas das tribos aqueanas e jônias, que depois de longo peregrinar, vieram povour respectivamente o Peloponeso e a Ática.

A tradição grega denomina a seus habitantes primitivos — quo os modernos apelam de "Miceanos" — de PEL-ÁS-GOS ou "povos dos primitivos cantores", e os dava como vindos da Trácia e da Tessália, para a Ática e o Peloponeso, num passado tão remoto, que mereciam o título de "aborigenas". Falavam o GREGO — dialéto do sumério. Os Pelasgos, além de povoarem a Grécia, ocuparam as ilhas do Arquipélago, as praias da Ásia Menor, a Itália; e parece, se estenderam à Trácia, à Frígia, à Lídia, à Caria, à Etrúria, ao Epiro, à Ilíria, aos Samios e aos Oscos. Pertenciam à primeira emigração de cantores do Templo de Jerusalém; eram jafétidas.

A AT-TI-CA ou "Matriz do culto do Templo", com sua capital A-THE-NA ou "o Brilhante Filho do Homem", testemunha a existência do culto de Deus ou do Templo; enquanto PEL-OP-ON-ES-OS ou "povos cultivados pelos cantores do culto negro", nos fala da existência do culto satânico! My-cen-as, cidade da Argólida, célebre pelas ruínas megalíticas nela descobertas, era o "templo do culto negro". Abria-se com a famosa porta dos Leões — portal encimado por dois leões, que montavam guarda a um enorme vulto de Lúçifer; à direita da porta, pode-se divisar a "coluna fállica", a assinalar o templo negro; mais além, aparece o túmulo de At-re-u, "o matador dos cantores do Templo", rei de Micenas, célebre por suas crueldades. Em Micenas reinou Ag-am-em-non ou "o colérico senhor do culto negro", que éra o próprio Satanás.

Temos também Cor-in-tho ou "grande templo negro", ou melhor, "Cidade do culto negro", a formosa cidade, célebre por suas voluptuosidades e prazeres — outra Sodoma. Dela havia o provérbio "Nem a todos é dado ir a Corinto", porque lá os prazeres custavam grande preço! Como rei de Corinto encontramos Sis-yph-os ou "o matador das crianças do Templo", temido por suas crueldades e rapinas; depois de morto, foi condenado a rolar nos infernos, até o alto da montanha, uma pedra enorme, que logo se precipitava para o abismo! Sisifo é Satã, com seus continuos esforços para fazer subir à Montanha do Templo, o cuho negro!

Encontramos também a cidade de Tir-yn-tho ou “Jardim do Filho do Homem”, a pretensa pátria grega de Hércules, cidade vencida por Micenas e Argos!

A Grécia com Creta na frente, foi uma das regiões mais beneficiadas pelo nosso Profeta, e também foi a terra mais fiél ao culto de Deus, mórmente a Ática. O Profeta aparece como rei de Creta. K'-re-ta é “país iniciado pelos cantores”; chama-se também Can-di-a ou “Jardim do culto do Templo”. Hércules aqui aparece sob o nome de MIN-OS ou “o Sacerdote do Templo”.

Minos é dito sacerdote de Zeus (filho do Homem), vindo do monte Id-a (cantores do Templo), com os Dac-ty-los, ou “constructores do templo dos cantores”, os metalurgistas do cobre e do arame. Foi o legislador de Creta; reprimiu a pirataria; foi o primeiro que construiu a esquadra, e se fez senhor do Mar Helênico; venceu Atenas e o rei de Megara, Ni-so (cantor negro), e levou suas armas vitoriosas até a Sicília.

Houve em Creta um surto forte de culto negro. Da-ed-a-lo (chefe do templo do culto negro) refugiara-se na córte de Minos, assombrando com suas invenções e novidades mecânicas, tornando-se o primeiro artista e engenheiro do reino. Era grande escultor que representava ao vivo; suas estátuas deviam ser acorrentadas aos pedestais para não serem roubadas. Foi quem edificou o LAB-IR-IN-TO — a “grandiosa cidade do culto negro”! É fácil identificá-lo a Satã!

Minos se casara com a filha do He-li-os (o culto do Filho do Homem); chamada Pa-siph-a-é (os cantores e os sacerdotes enchiam o seu templo); mais tarde a mulher se enamorou de Ta-u-rus (cantores do culto negro), mandado por Nep-tu-no (chefe do culto negro), e dêle teve um filho, o famoso MIN-OT-A-U-RO (os cantores todos abraçaram o culto negro), que Minos mandou encerrar no Labirinto. — O Profeta conseguiu abafar o surto do culto negro na ilha!

De Creta o Profeta passou para a Grécia. Aqui fundou ou repovoou as principais cidades do país, com gente do culto verdadeiro. Em cada cidade tomava nome diferente. Suas fundações são mais culturais que materiais: visava o estabelecimento ou a consolidação do culto de Jeová, aqui conhecido por deusa Atena.

CAD-MO (o escritor do Templo), fundou Theb-as (templo dos cantores), na Bo-i-o-ti-a (região criada pelo trabalho dos cantores do Templo). Foi dito príncipe fenício, cretense e egípcio: êle já percorrera êsses países. Trouxe para a Grécia a arte de escrever. Destruiu o dragão que impedia os habitantes de usarem água da fonte Ar-ci-a-na (culto do Templo do Filho do Hmem) — um templo da Serpente impedia os cantores de seguirem o culto do Templo! Não é possível não ver em Cadmo a Hércules.

A história lembra que as primeiras povoações da At-ti-ca (matriz dos cantores do Templo), foram fundadas pelo sacerdote egípcio CEC-ROP (o eclipsado cantor). Cecrops descobriu a escritura; auxiliado pela deusa Atena, fundou num lugar, cuja acrópole já havia sido escolhida pelos Pelasgos, uma cidade, que em honra da deusa foi chamada Atenas. Foi êle que civilizou a Ática; instituiu o casamento, aboliu os sacrifícios sanguinários; ensinou a seus súditos a adorarem os deuses olímpicos, Zeus e Atena sobretudo. Dividiu o país em doze cantões; reorganizou a propriedade; fomentou a agricultura, e fundou o Areópago. Mais tarde foi cultuado! É sempre Hércules!

THE-SE-U (criador dos cantores do Templo), é dito descendente de Cecrops, amigo e companheiro de Hércules: trouxe ordem e poder a Atenas; proibiu os sacrifícios de crianças, ofertadas a Minos, no culto negro; livrou Atenas do ominoso tributo anual, pago ao Minotauro; venceu Procustes; matou Ciron; venceu as Amazonas, casando com Hipólita sua rainha.

PER-SE-U (o cantor, fundador do Templo), fundou Micenas (templo de todos os cantores), cortou a cabeça ao monstro Me-du-sa (culto negro no templo). I-AS-ON (o criador dos cantores do Templo), o chefe da famosa expedição dos Argonautas, é o próprio Hércules que chefia a conquista do templo, representada na conquista do velocino de ouro!

BEL-LE-ROPH-ON (o possante cantor que faz estremecer o templo), que mediante o alado Pe-ga-so (todo o templo dos cantores) venceu o monstro Chi-ma-er-a (roubava todos os homens do Templo), Satã. Êle venceu também as Amazonas. Em AR-GOS (seio dos cantores) encontramos a DA-NA-U (o possante cantor do Templo), que veio do Egito com suas cincoenta filhas (seus cantores), e implantou na Grécia o culto de A-POL-LO (o brilhante Filho do Homem). — São todos personagens que se identificam com o nosso Profeta Hércules!

Hercules é outrossim OD-YS-SE-US, ou “o cantor, criador de todos os cantores”, homem valente e perspicaz, tomou parte saliente na guerra de Troia, na guerra contra o culto tenebroso. Partiu para Troia com doze naus — as doze fadigas de Hércules. Casou com Pe-ne-lop-e (todos os cantores privados do Templo); dela teve um filho único TEL-EM-AK-OS (protegeu o templo e combateu pelo templo). Apanhou os cavalos famosos de Reso, rei da Trácia, aliado de Príamo, e entrou no cavalo de Troia. Após a guerra, andou errante dez anos: é a viagem de volta da América! Odisseus ou Ulisses é o próprio Hércules, visto sob outro aspecto.

OG-Y-GO é: “Fôrça de todos os cantores”. Fala-se muito do Dilúvio de Oigigés, que acreditamos ocasionado pela abertura do Estreito de Gibraltar, ou Colunas de Hércules. Dêle se diz que fundou a cidade de Eleusis e muitas outras cidades da Ática. O

ditívlo que herdou seu nome, teria acontecido uns 25 anos após a fundação de Eleusis, e teria tido graves consequências na Ática.

Um dos nomes mais célebres de Hércules, foi o de OR-PHE-U ou "o Cantor de todos os templos"! O grande músico que com sua lira encantava até os sêres insensíveis: os animais ferozes vinham descansar a seus pés; os pássaros pousavam nas árvores dos arredores; os ventos sopravam do lado, onde êle estava; os rios suspendiam seus cursos e as árvores formavam coros de dansas — é a arte da música empregada pelo nosso Profeta, para suavizar os costumes ferozes da Trácia, (terra repleta de cantores do Templo) e fazer passar os selvagens para a civilização. Em tôda a parte tinha reputação de sábio e de poeta, inspirado pelos deuses. Foi agregado aos Argonautas, na expedição à Cólquida.

Foi iniciado nos mistérios de Bac-co (o cantor do Templo). Estudou a origem, a história e os tributos de tôdas as divindades; tornou-se uma espécie de pontífice, encarregado de organizar o culto divino. Empreendeu várias viagens; esteve no Egipto para se instruir nas crenças e nas práticas religiosas dos vários povos; de volta do Egipto, levou para a Grécia a expiação dos crimes, o culto de Baco, de Hécate e de Ceres e os mistérios órficos.

Abstinha-se de comer carne, e tinha em horror os óvos — por que princípio de todos os sêres. Atribuem-lhe vários hinos e poesias. Dizem-no autor do verso hexâmetro. Casou com E-ur-yd-ic-e (livrou da prisão a serpente, assassina dos cantores). A esposa morreu-lhe no dia das bodas! Fôra buscá-la até o inferno (Tiro) para trazê-la à terra. Não foi feliz, porque a perdeu antes de sair do abismo — foi a tentativa de converter a Lúcifer, prêso em Tiro! Orfeu é o mesmo Hércules, visto sob o aspecto de profeta, que encantava com sua palavra, maviosa e insuperável!

Em tôdas estas personagens encontramos um pedaço do grande Profeta, que se dirigiu à Grécia, por ordem de seu amigo Atena, e ali estabeleceu, nas várias cidades, o culto do verdadeiro Deus, e combateu os monstros do culto negro. Com o culto de Jeová, Hércules legou à Grécia a verdadeira civilização, que ela, mais tarde, partilha com as demais nações!

A Grécia, preparada por Hércules, representa a parte saliente da Guerra de Troia — combatendo pelo culto do Templo, contra o culto negro, representado pelos Troianos (americanos). A Guerra de Troia não é senão a secular luta travada entre os dois cultos, guerra em que Hércules se houve como generalíssimo.

## NA ÍNDIA

A IN-DI-A ou "progênie dos cantores do Templo", povoada primitivamente por escuros cuxitas, leva-nos à suposição de que o

culto predominante naquele país, nos seus primórdios, foi o culto negro. Aliás, o culto do "lin-gam", ainda muito vivo naquelas paragens, se apresenta como herdeiro legítimo do culto negro. Houve nela a invasão dos AR-Y-AS ou "brancos cantores do Templo" ou "HIN-DU" ou "missionários do Templo". São os cantores do Templo, que acompanharam Hércules, que vinha conquistar a Índia para o culto de Jeová. Seria o século XXVI ou XXV antes de Cristo.

O nosso Profeta foi converter a Índia sob o nome de BAC-CO ou "Caçador do Templo" o de BUD-DHA ou "sacerdote da Sabedoria"; o de K'R-IX-NA ou "companheiro do Filho do Homem", e o de RA-MÁ ou "difusor do Templo".

Bachos, o caçador do Templo, depois de haver percorrido todos os recantos da Grécia e da Ásia Menor, reuniu todos os povos da Grécia, da Líbia e da Frígia. Ajuntou a esse exército o cortejo dos Sáticos (muitos homens do Templo), dos Silenos (numerosos cantores do Templo), dos Aegipans (muitos homens cortadores de madeira), das Menades (muitos homens fundidores), das Bacantes (muitos construtores de casas), das Bassaridas (assentadores de pedras e firmadores de pedras) e dos Centáuros (obreiros aptos para erigirem templos). Cercado de tão vistosa comitiva — reza a lenda — o nosso Herói partiu para a conquista da Índia.

Lançou uma ponte sobre o E-uph-ra-tes (rio grande que corre mansamente), e com sua delirante comitiva, ganhou as longínquas margens do Hidaspes. Os Hindus, no começo, zombaram do turbulento exército; mas em breve reconheceram seu valor; pois foram vencidos e constrangidos a reconhecer o deus, de quem tinham zombado. O regresso da Índia, foi outro passeio triunfal. Finalmente, tendo por toda a parte da terra então conhecida, conduzido seus coros, e estabelecido seus ritos, o filho de Semele, Hércules, subiu ao céu, e para sempre se assentou à mesa dos deuses!

Não há duvidar que Baco é o próprio Hércules. Hércules outrossim se identifica com BUDDHA. Este ganhou muitos nomes na Índia. Guatana, o criador de todos os cantores do Templo; Sidarta — "cantor sacerdote universal"; Sakia Muni — "o suave cantor do templo do Filho do Homem"; Bodisattua — "à serpente venceu com a espada do culto do Templo"; Tathagata — "chefe da associação dos cantores do Templo".

Conforme a tradição, Buddha saiu do seio de sua mãe puro; durante seu nascimento, apareceu uma grande luz do céu; surdos ouviram, mudos falaram, paralíticos se levantaram; os deuses se debruçaram no céu, para contemplá-lo. Passou a mocidade e a juventude, até os 29 anos, no luxo e na preguiça. Desgostado da vida, aos 29 anos, abandonou a família; vestiu-se de asceta e de mendigo. Apareceu-lhe BRA-HA-MA, "o Filho do Homem, o Cantor", que o induziu a encetar a pregação. Passou 45 anos na pre-

gação de suas doutrinas; fundou ordens religiosas, com regras especiais. No instante de sua morte, ribombou o trovão, e sobreveiu forte abalo de terremoto!

O herói Krixna, como Buddha, se identifica perfeitamente com Hércules. Foi concebido pela virgem Devanaky (filha do grão-sacerdote, cantora do templo), que o concebeu de Vix-nu (o Filho do Homem). Criado nos montes, aos 15 anos era robusto e hábil em manejar o arco e a espada, valente e destemido. Lutou contra monstros; matou terrível serpente que devia devorá-lo. Libertou os homens. Homem perfeito, foi ensinado e teve discípulos. Doutrinou sobre a imortalidade da alma; pregou o amor do próximo; curou enfermos. Pregou nas margens do Ganges. Seus inimigos, chefiados por Kan-sas (construtor da morte), o convidaram a uma festa, onde o quiseram matar, mediante um elefante, (el-eph-as = cantores do templo negro), que êle conseguiu dominar e salvar-se. Implantou em Mandura a dinastia solar. Foi morto às flechadas, e sua morte foi acompanhada de muitos sinais no céu. — Estamos sempre com Hércules!

Como o encontramos no misterioso MA-NU, ou sacerdote do Templo”, autor do código religioso e civil da mais alta antiguidade. Hércules também o identificamos com RA-MATX-AN-DRA, “o cantor primeiro e sacerdote brilhante”, o herói cantado pela grandiosa epopéia hindu, RA-MA-Y-A-NA ou “peregrinação do Cantor brilhante, adorador do Filho do Homem”.

As excavações, praticadas em terra de aluvião do Indu, em Harrappa e em Mohendjo, que revelaram cidades sepultadas, pertencentes a uma civilização antiquíssima, irmã da do Eufrates e da do Nilo, podem ser provas da passagem de Hércules pela Índia. As esculturas religiosas, ali encontradas, permitem adivinhar o culto do país, o do “lin-gam”, culto mui condizente com as campanhas travadas pelo nosso Herói, o inimigo figadal do culto negro, e dos monstros gerados pelo mesmo culto.

Com o correr dos tempos, os Hindus, visitados por Hércules-Buddha, esqueceram o Filho do Homem, que lhes pregara o Profeta, e passaram a cultuar como deus, Buddha. De onde proveiu o budismo, que da Índia passou à China e ao Japão!

#### NA ITALIA

A Itália, no seu início, foi povoada, como outras regiões, pelos cantores do Templo de Jerusalém — jafétidas — pelo ano 2640 antes de Cristo. O nome IT-A-LI-A nos diz: “Os cantores do Templo cultivaram a região”. O mesmo nos diz a palavra Sicília. Foi o primeiro povoamento. O segundo também foi pelos cantores, guiados parece, por Hércules, que voltava de sua expedição na

América. Veiu para a Itália com bando de gente arrebanhada na Grécia, os Pel-as-gos ou "povo dos primitivos cantores". O nome dos povos revelam a origem do povoamento.

Iapígios — cantores do templo, fôrça dos cantores do templo; Massápíios — sacerdotes e pastores, criadores do templo; Vênetos — criadores do culto do templo; Sabélios — sacerdotes cantores, criadores do templo; Sabinos — sacerdotes criadores do templo; Samnitas — parte dos cantores do templo; Lucânios — cantores fundadores do templo; Volscos — abridores do templo; Hérmicos — plantadores do culto do templo; Alpes — montes dos cantores; Apeninos — montanhas habitadas por cantores do templo; Pado — rio dos cantores; Tiberis — rio dos cantores errantes.

Thuscos — fundadores do templo; Etruscos — errantes cantores do templo; Rasenas — cantores do segundo templo; Firseni — novos cantores, criadores do templo; Cimbrios — cantores do novo templo; Úmbrios — cantores do novo templo; Latini — cantores do ressuscitado templo; Latium — onde os cantores estabeleceram o templo.

A capital das doze cidades, que formavam a Federação Etrusca, Tarquínia é a "grandiosa cidade dos cantores do templo". Latino, o lendário rei do Lácio pode muito bem identificar-se com Eneias. Italo = cantor criador do templo, é rei dos Sikels ou "errantes cantores", que conquistaram e ocuparam a Oenetria e a transformaram em Sicília; também se identifica com Eneias.

RO-MU-LO "sacerdote brilhante do Templo" se identifica com Eneias. Salvo de uma inundação do Tibre com Remo, amamentados por uma LUP-A (cantores do templo), vinga a morte de sua mãe e a usurpação de Numitor (grão-sacerdote da Serpente), matando ao criminoso Amúlio (poderoso opressor dos cantores do templo). Deixa Alba-Longa (onde os cantores do templo vivificaram o templo), e no monte Palatino (recinto na montanha da cidade do templo) funda a cidade de RO-MA "cidade do Templo". Mata RE-MO (culto negro); rapta as Sabinas (abate o culto negro). Desaparece misteriosamente, por ocasião de uma tempestade. Uns o viram arrebatado ao céu. Foi deificado!

O segundo Templo foi edificado por Hércules, que aportou à Itália sob o nome de A-IN-E-I-AS ou "o criador do culto do templo e de todos os cantores". Filho de Anchises (sacerdote do templo e cantor) e de Venus (dama do santuário) foi educado pelo famoso Chiron (sacerdotes do templo). Casou com Creusa ("terra cercada tôda pelo mar = América), que êle converteu. Estava em Troia; era contrário à guerra; aconselhou aos troianos que restituissem Helena, no que foi atendido. Contra a vontade é arrastado à luta, na qual, ora é impulsionado pelo seu amor acendrado por Apolo — Jeová; ora é movido de ira contra as povoações de Venus — o culto negro!

Na tomada de Troia combateu até o último momento; mas vista a resistência ser inútil, toma sobre os ombros ao velho pai Anchises (o culto do templo destruído), e levando pela mão ao filho Ascânio (homens educados no culto do templo), retira-se com alguns amigos ao monte I-da (templo dos cantores) em Jerusalém: mas perde a mulher Creusa, a América, que volta ao culto negro!

Faz-se ao mar, com uma frota de vinte naus; costeia a Trácia e a Grécia, o centro do culto divino. Foi dar no Epiro (no templo dos cantores do templo). Hércules iria à Grécia recolher gente do culto verdadeiro, para com ela repovoar a Itália. Explicamos assim a grande afinidade entre a civilização grega e a latina, e a grande semelhança entre o grego e o latim.

Eneias se fez novamente à vela; arrostou várias tempestades — lutas pelo culto. Os ventos o levaram às praias da África, onde foi recebido amigavelmente pela princesa fenícia DI-DON (culto negro); lá ficou algum tempo, numa vida de prazeres — tentou converter aquela gente! Inúteis esforços! Parte. Dirige-se à Sicília, e de lá à Itália, onde percorre a planície (desceu aos infernos) e subiu as montanhas (os campos Elyseos); aqui encontra seus pais e os heróis de Troia: estabelece o templo em toda a parte. Depois de sangrenta derrota, desaparece, talvez afogado no rio Numício. Estaria com 30 anos. Talvez sejam os anos empregados pelo Profeta no repovoamento religioso da Itália.

Falou-se em Oinotros “o cantor do céu, “que subjugou a serpente”, e em Paucetius (venceu à serpente o cantor brilhante do templo), os quais, 17 gerações antes da guerra de Troia, partindo da Tessália ou Arcádia, foram com suas gentes para a Itália. Pausânias diz que a navegação de Oinotros, foi a primeira expedição por mar, que partiu da Grécia, para fundar colônias. Podemos ver nesses dois nomes ao nosso Profeta que com seu “povo dos primitivos cantores”, os Pelasgos, vai colonizar a Itália.

Saturno destronado e hóspede da Itália, onde, como rei do Latium, fez florescer o país, na abundância da justiça e da liberdade — numa idade de ouro — esse velho de barbas compridas, a ostentar uma foice, nos faz pensar em Hércules, que visita a Itália. Saturno nos pode dizer: “ao templo da serpente dominou” — título que bem condiz com nosso Herói. Nem faltam referências à viagem de Hércules para a Itália. Muitas famílias nobres da Itália se ufanavam de descenderem de Hércules, da mesma forma que faziam muitas cidades e famílias da Grécia.

As lendas ementam que no Lácio Hércules encontrou o famoso ladrão CAC-US (sacerdote negro) que morava numa caverna ao pé do Aventino; de estatura muito elevada, meio homem e meio centauro. À porta de sua toca, pendiam sempre cabeças ensanguentadas. Enquanto Hércules dormia e seu rebanho pastava nas margens do Tibre, Cacus furtou-lhe quatro juntas de bois.

Hércules lançou-se ao monstro e o estrangulou! — Hércules estava em Roma, onde cuidava de sua gente: os sacerdotes negros lhe roubaram gente do culto do templo. O Profeta reagiu. — Prova que Hércules esteve na Itália em desempenho de sua missão!

### HÉRCULES NA IBÉRIA

HIS-PA-NO nos diz: “cantores filhos do Templo”, enquanto I-BE-RO nos diria: “cantores do culto negro”. Pertencem à primeira emigração, à dos cantores jafétidas.

A tradição diz que Hércules visitou a Ibéria, atraído pela fama de suas riquezas minerais. Ali venceu os filhos de Geron, os governantes da segunda dinastia, e assumiu o governo da Espanha. Proibiu aos Iberos possuírem prata, para obstar a que estrangeiros conquistassem o país, em vista do precioso metal. Passou em seguida o trono a um de seus filhos, para mais tarde o reassumir, e morrer como rei da Espanha. Ao morrer, teria transmitido o poder a um de seus capitães, Héspero, o qual o passou aos Atlantes, que teriam governado o país ibérico pelo espaço de 230 anos.

Os misteriosos BAS-COS são “Filhos do Templo” e no seu segundo nome E-us-kar-o nos lembram que são “cantores todos do templo”. Chamam sua linguagem de E-us-ke-ra que traduzimos: “Língua do templo de todos os cantores”, isto é, de Jerusalém. Formavam parte da grande comitiva que acompanhou Hércules na viagem que o Profeta fez à América, em prosseguimento de suas lutas contra o culto negro.

### HÉRCULES NA GERMÂNIA

Os germanos cultuavam W-OT-AN — “o brilhante cantor do Templo”, guerreiro e poeta que introduziu grandes mudanças na crença do país; e impôs, mediante seus cânticos e sua espada, uma nova mitologia. Tinham também um herói de nome SI-GUR-DO — “o brilhante ceifador do templo”, herói que matou ao dragão FAF-NER (o negro senhor). Sigurdo, filho de Odin, o mais forte dos deuses e dos homens, perseguiu sem tréguas os gigantes e os fulminou. Possuía três coisas preciosas: U’a maça, com a qual quebrava a cabeça aos gigantes; luvas de ferro e um talabarte que o tornava invisível. O seu culto era mais espalhado do que o de Odin.

Os GETAS honravam como seu mestre ZA-MOL-XIS, “cantor perfeito e protetor”; este lhes ensinara a filosofia e a moral, a física e a astronomia. Para afazê-los ao desprezo da morte, ensinou-lhes a imortalidade da alma. — Todos esses nomes se identificam com o de Hércules, o implacável inimigo do culto obscuro.

O próprio OD-IN (cantor do céu) empresta seus louros do nosso Herói, pois é dêle que provém tôda a ciência; êle é o inventor das letras, da poesia e da magia. Foi rei do país ocupado pelos Scitas e Trácios. S'-ky-ta é: "grande cantor do templo", e T'-ra-ke é: "pujante cantor do templo". Odin transpassou-se com uma flecha e morreu. Foi queimado em magnífica fogueira, de onde subiu ao céu. Se Odin não é o mesmo que Hércules é um perfeito arremêdo do Profeta.

A relação dos "Trabalhos de Hércules" conta-nos que o Herói, depois de seus vultosos trabalhos na América, voltou para a Europa, atravessando a Ibéria e a Gália, e atravessando o Ródano, chegou ao país dos Itali. Iberos, Galos, Italos e Germanos são todos cantores da primeira emigração do templo; entre êles se espalhará o culto negro: missão de Hércules era visitá-los para reconduzi-los ao Templo. Como visitou a uns, visitaria também aos outros!

### NO IMPÉRIO CHINÊS

A lenda nos diz que Dejanira a espôsa abandonada de Hércules (América), ficara no Extremo Ocidente, enquanto o Herói percorria o Extremo Oriente. Podemos afirmar a estadia do Profeta na longínqua China ou "terra dos cantores", onde havendo encontrado o culto do Templo bem acatado, desenvolveu um apostolado pacífico, de aperfeiçoamento. Ao menos não notamos âspêros combates contra o culto negro.

Diz-se que os primeiros habitantes da China foram os MI-A-U ou "cantores expulsos do Templo". Êstes tinham a nota, de aborígenas e de fetichistas. Os chineses entram na história em 2698.

A primeira civilização da China é atribuída a cinco imperadores. Se somarmos os trabalhos dos cinco, teremos exatamente o trabalho desenvolvido por Hércules em tôda a parte do mundo. Não notamos aqui lutas religiosas: foi trabalho de aperfeiçoamento e de precaução contra o culto negro.

Os cinco imperadores civilizaram os homens do Celeste Império, que antes eram como animais bravios, e comiam carne crua. Ensinaram ao povo o casamento, a música, e escritura, a pintura, a pescaria com rêdes, a domesticação de animais, a criação do bicho da sêda. (Daqui o nome de "Seres" dado a êsse povo). Introduziram a agricultura; estabeleceram o mercado e o comércio; desenvolveram a medicina. Nomearam historiadores; organizaram um observatório astronômico; corrigiram o calendário; padronizaram pesos e medidas. — Tudo isso fez Hércules em todos os países por onde passou na sua missão povoadora. Concluimos que os cinco imperadores são o próprio Hércules!

Temos tradições que nos lembram FO-HI (cantor do céu) ou TA-I-HA-O-FU-HI-XE, isto é, "o pujante cantor de todos os templos, o cantor mais perfeito dos cantores", filho de Oasse (flôr esperada, filha do Senhor). Esta, passeando pela praia do rio, passou pelo vestígio do Grande, e sentiu-se comovida; um arco iris a rodeou, e ela concebeu, e depois de doze anos (!) deu à luz a Fo-hi! Temos o nascimento virginal de Hércules! Tudo prova sua passagem pela China!

Fo-hi foi dito o primeiro imperador e civilizador da China, onde teria reinado pelos anos 3659 (?) a. C. Atribue-se-lhe corpo de dragão e cabeça de touro, a invenção do fogo, do comércio e da agricultura, da metalurgia, da astronomia, e dos sacrifícios em honra de Thi-en ("o Filho do Homem"), e dos espíritos do céu e da terra, da legislação do comércio, da escrita, do calendário, e de uma infinidade de conquistas guerreiras. Confúcio o cita muitas vezes. Não há duvidar que Fo-hi é o mesmo Hércules!

— E no JAPÃO? I-AP-AN nos diz: "cultores do templo da serpente". Os primeiros habitantes dessas ilhas foram os A-I-NO ou "tribos de cantores negros": saíram do Templo com os Miaus chineses, por serem cantores do culto negro. Acerca do Japão, há tradições que um super-homem civilizou o Império do Sol, em tempos mui remotos. Chamava-se J-IM-NU TEN-NO (ou Simnu), nome que traduzimos: "o brilhante cantor do Filho do Homem", título próprio do nosso Herói. Jimnu Tenno começou o repovoamento pela ilha de Kí-u-su ou "terra dos cantores negros", fundou no centro da ilha o reino de Y-am-a-to ou "domínio do templo do Filho do Homem", e foi honrado como primeiro mikado. Mik-a-do poderia dizer: "descendente do Filho do Homem". SHIN-TO diria: "culto do Templo".

Mais facilmente descobrimos o Profeta no fundador da Coréa, o "País das manhãs tranquilas". Chamava-se KIT-SE ou "sacerdote cantor". As façanhas atribuídas a Kitse facilmente as passamos ao ativo de Hércules: são as mesmas que obrou nos demais países. Além disso a linguagem do país, com a sua gramática, se avizinham muitíssimo do sumério. Sua história recorda duas raças que povoaram o país, raças que encontramos nos demais países visitados por Hércules.

Hércules viria da Índia à China, à Coréa e ao Japão: os países onde mais facilmente pegou o budismo ou religião de Buddha, que é o próprio Hércules, deformado!

## HÉRCULES NA LÍBIA

Em sua viagem para a América, Hércules visitou a LI-BY-A ou "cultura da Serpente brilhante", na APH-RI-KA ou "terra dos cantores queimados", a terra dos hamitas, e por tanto, do culto negro! Aqui deu com o gigante AN-TE-U, ou "o templo escondido na montanha", gigante formidável de 74 côvados de altura, que detinha todos os transeuntes da Líbia, que se aventuravam pelo deserto africano.

A altura do gigante, cêrca de 50 metros, mais do que a um gigante deve-se referir ao gigantesco templo que os cultores da Serpente, ergueram embrenhado nas montanhas do Atlas. Foi nêsse templo que vieram iniciar-se os dois etnarcas, que implantaram na América o culto negro, em substituição ao culto do templo, culto trazido pelos primeiros povoadores da "Tôda cercada pelo mar", a América.

Hércules atracou-se com o gigante; ergueu-o do chão, de onde vinha tôda a fôrça do gigante, e o estrangulou. Hércules para acabar com a influência de tal templo, o derribou e arrasou! — O episódio de DIDON na Eneida, refere-se a êste templo!

## CAPÍTULO IX

### OS GRANDES TRABALHOS DE HÉRCULES NA AMÉRICA

Os maiores trabalhos, enquadrados na épica missão de Hércules, foram executados na "Tôda cercada pelo mar", no continente americano. O Profeta pisou terras americanas pelo menos três vêzes, talvez quatro. Em cada viagem trouxe-nos uma leva de povoadores, todos êles cantores do Templo de Jerusalém, de onde êle era Grão-sacerdote.

O continente americano, que depois do dilúvio estacionou a uns 80-100 km., à esquerda do continente oriental, foi povoado por uma primeira leva de três tribos jafétidas — os Toltecas — que aportaram no México pelo ano 2963 a. C.; depois, por uma segunda leva — os Xiximecas — de dez tribos: duas jafétidas, quatro hamitas e quatro semitas, aqui chegadas pelo ano 2893. As duas vieram acompanhadas e foram instaladas na América por Hércules. Uma terceira grande leva de cantores — os Aztecas — foi novamente trazida à América pelo Profeta, para repovoar o país vítima do culto negro. Chegou com esta, pelo ano 2450 e aqui ficou trabalhando, cremos, uns 150 anos.

A miraculosa passagem do estreito das Colunas de Hércules, deu-se com a segunda leva.

Missão geral de Hércules era a luta contra o culto negro, espalhado na "Tôda cercada pelo mar" por dois chefes da segunda leva de povoadores; e como missão especial, trazia por ordem de seu Senhor Jeová quatro capítulos principais: A) libertar e repatriar os cantores raptados no Templo de Jerusalém pelos GUTI, e agregados aos cantores negros de Tiro; B) reconquistar o grande templo de Tiro, que caíra nas mãos dos cantores negros e de Satã; C) conquistar o chefe supremo do culto negro, Lúcifer, domiciliado no templo de Tiro; D) conquistar os cantores negros de Tiro, que dominavam todos os cantores da América e também da Ásia. Esta é matéria dos quatro últimos trabalhos de Hércules.

Esta missão de Hércules foi mitológicamente envôlta na célebre aventura dos AR-GO-NA-UT-AS ou "os valentes guerreiros que marcham contra a Serpente Grande", chefiados por I-AS-ON ou "o Vidente cantor do Templo" que é Hércules. O nome dos heróis que o acompanhavam, indica a gente que formava a gloriosa comitiva. Por ex. Acasto — brilhantes cantores do Templo; Admeto —

cantores sacerdotes do Templo; Erglino — homens operários do Templo; Eufemo — homens exímios cortadores de madeiras; Periclemenos — britadores de pedras brilhantes, para construção do Templo; Tifio — pedreiros que levantam casas; Castor e Polux — levantadores de muros com pedras cortadas; Atlanta — muitos pesquisadores e polidores de pedras; Meleagro — muitos cantores que cantam no templo; Aquiles — guerreiros brilhantes, cantores do Templo.

Acompanhado dessa fulgida comitiva, Hércules se aventurou à conquista da Bela Helena ou “Jardim de todos os cantores”, nome com que era designada a América. Vinha reconquistá-la para o Templo de Jeová, pois ela gemia cativa do culto negro de Satã.

Hércules partiu para o ocidente, margeando a costa africana do Mediterrâneo ou Sa-har-á (mar central da terra), embarcado em “cisternas fechadas” — naus quase redondas. Ao chegar ao limite ocidental do Sahará, como o sol estivesse muito ardente e muito o incomodasse, o Profeta lançou contra He-li-os (o Filho do Homem, o cantor), duas flechas (— “cercado pelos cantores dirigiu a Hélios o canto de todos os cantores unidos”). O sol admirado da ousadia de Hércules, para lhe permitir continuasse a viagem, emprestou-lhe a BARCA de OURO — Chrysokaphos — (“a montanha se transplantou e os mares se acasalaram”). O Atlas que fechava o mar ao ocidente se abriu e conjuntou o Mediterrâneo com o Atlântico. Daí nos vieram as Colunas de Hércules — “hoi styloi Heracleous”, que nos dizem: “os cumes se afastaram ao clamor dos cantores e ofereceram no mar largo caminho”.

Apareceram os dois promontórios, Abila e Calpe que dizem: “as casas tôdas dos cantores, correram para o oceano”! Às súplicas de Hércules, escoradas pelo canto dos cantores, que vinham conquistar para o culto do Templo, a “Tôda cercada pelo mar” — a montanha que a ocidente cercava o mar Mediterrâneo, se fendeu e formou o canal navegável, que foi nomeado pelos antigos de “Colunas de Hércules”, e que nós conhecemos como “Estreito de Gibraltar”.

O movimento da montanha provocou um sensível deslocamento do mar central, o Sahará, cujas águas demandaram o norte, e deixaram parte do leito, que recebeu o nome de “Deserto do Sahará”. Os dois promontórios de Abila e de Calpe, ficaram a assinalar a passagem de Hércules, à semelhança das colunas que os viajantes levantavam, quais marcos de sua passagem, por um lugar qualquer. O deslocamento das águas, provocado pela separação da montanha, cremos, corresponda ao dilúvio que os antigos denominaram “Dilúvio de Ogygés”, e que foi notado especialmente no Egito e na Ática, na Grécia. O-GY-GO nos pode dizer: “Fôrça de todos os cantores” (que é Hércules) e dizem ao mesmo tempo: “rasgou o monte dos cantores”! Atlas é A-t'-lan ou “monte de to-

dos os cantores". At-lan-ti-ko é "Seio (mar) dos brilhantes cantores do Templo".

Narram as tradições que um personagem de tez clara, cabelos longos e louros, que vinha com o nome de Ke-zal-co-hu-atl ou de "Recolhedor dos cantores tirados ao Templo dos cantores", chegou do oriente, vindo pelo mar, e abordando no rio Pânuco, sem que se soubesse de onde vinha. (Figura 20-B). Chegou no bojo de



Efígie de Quetzalcohuatl, según el *Atlas de la Historia de Nueva España*, por el padre fray Diego Durán

FIGURA 20-B

Efígie de Quetzalcohuatl Sumé.  
(Da "Enciclopédia Espasa").

sete cavernas nadantes sôbre a água. PAN-UK-O é a "Cidade da Serpente Brilhante" ou Tiro, ligada ao mar por um canal de três geiras de largura, cem pés de fundo e cinquenta estádios de comprimento (uns 330 m. por 33 e 2 km), e para que servisse de pôrto aos navios, que viessem do mar, tinha desembocadura, em que podiam navegar os maiores navios.

Pânuco era Tiro, chamada a "Tôda Brilhante", capital da América; magnífica e grandiosa cidade, da margem oriental, quase fronteira às Colunas de Hércules, fundada pelos anos 2700 a. C., pelas primeiras levas de cantores que, de Jerusalém, vieram povoar o nosso continente. A "Tôda Brilhante" chamada também Kar-ta-go (cidade de todos os cantores), era o centro do culto negro, pois nela residia no seu grandioso templo negro, fechado numa enorme

rodoma, o próprio Lúcifer, o grão pontífice do culto negro. Lúcifer em pessoa dirigia o templo, e emanava suas ordens aos cantores, e estes as transmitiam a todos os templos e aos cantores das várias regiões — aos dez reinos da América e aos sete estados negros além do Atlântico ou Ponto Euxino.

Hércules, por ordem de seu rei Eurystheu (o Filho do Homem, o fundador de todos os cantores) devia conquistar a “Tôda cercada pelo mar”, com a capital, com o templo de Tiro, com os cantores todos, e até com o chefe do culto negro, para tudo entregar ao culto de seu rei em Mycenae (templo de todos os cantores). Os primeiros a serem conquistados deviam ser os cantores roubados ao Templo de Jerusalém. “Hércules aportou na ilha do Gigante; e assim que se pôs a esquadrihar os bois, o terrível cão avançou para devorá-lo; mas Hércules com golpes de sua certaiva clava, matou o monstro; e em seguida liquidou também ao terrível boiadeiro. Travou luta com o Gigante, a quem venceu e matou às flechadas. Morto o Gigante conseguiu embarcar na barca que recebera do sol, todo o rebanho do Gigante, que recambiou para Mycenae, a seu rei e senhor”!

Escumemos a ganga mitológica. — Chegado a Tiro, Hércules tratou logo de satisfazer os desejos de seu amo, Jeová. Subiu e apareceu repentinamente no grande templo negro de Tiro. O templo estava repleto de cantores, e havia grande concurso de cultores do culto negro: era o dia do sacrifício de todos os pequenos cantores — a menina dos olhos de Jeová — raptados no templo de Jerusalém, e transportados juntamente com todos os cantores e cantoras do Templo, para o templo satânico de Tiro. Hércules chegou exatamente na hora, em que estavam sendo matados barbaramente os encantadores cantorezinhos do Templo!

A função horrenda estava sendo chefiada pelo próprio Satã. O templo todo retinha com os gritos plangentes das pequenas vítimas; gritos que Satã, com sua voz tonitruante, acompanhada pelo vozerio dos cantores, tentava abafar num charivarí infernal!

Terminada a chacina dos pequenos cantores, alguns matados pelos próprios pais, os cantores formaram ao redor de Lúcifer, todos — homens e mulheres — ritualmente nus! Lúcifer entrou a falar, quando, de repente, se projeta no templo a majestosa figura do Grão-sacerdote, que devagar se aproxima dos cantores. A mór parte deles eram cantores e cantoras, que, raptados no templo de Jerusalém, agora estavam transformados em cantores negros, e cantavam com Lúcifer! Todos os vultos se fixaram no Grão-sacerdote. Os cantores, na sua vergonhosa nudez, tremiam perante o sacerdote.

Hércules, com sua clava mágica da palavra de um Orpheu, tanto falou que converteu a todos os cantores trãsfugas de Jerusalém, e conseguiu que logo fôssem repatriados. O primeiro desejo de Jeová estava satisfeito. Hércules completara seu nono trabalho: a conquista dos bois ruivos do Gigante do Extremo Ocidente!

## CAPÍTULO X

### MISSÃO DE HÉRCULES MEIO MALOGRADA

Temos o décimo trabalho do Herói. Euristeu exigiu que Hércules fôsse ao Extremo Ocidente colhesse e trouxesse para Micenas as MAÇÃS de OURO do Jardim das Hespérides, guardadas pelo gigante Ladon, monstro que parecia um dragão de fogo, a guardar a entrada do jardim.

As maçãs de ouro ou "chrysomela" é o "grande templo de todos os cantores" negros; o jardim ou "ke-pos", é a "Tôda Brilhante" ou Tiro; as Hespérides ou "hes-per-id" é a "Tôda cercada pela água" ou a América; o gigante, guarda do jardim é o "dra-kon la-don" ou "o negro senhor do culto negro", Satã. Jeová desejava que o grande templo de Tiro, na América, onde residia Lúcifer, fôsse restituído ao culto do Templo, pois tinha sido erguido pelos primeiros cantores, e fôra dedicado ao culto de Jeová.

Hércules, no admirável discurso que fez no próprio templo de Tiro, perorou a cessão do templo; Lúcifer levantou dificuldades, até chegou a prontificar-se de êle mesmo o transformar em templo do culto de Jeová. O nosso Herói declinou a oferta e insistiu na entrega, que afinal conseguiu de Lúcifer! Hércules correu com as maçãs para Micenas e as entregou ao rei!

O terceiro desejo de Jeová — a conquista dos cantores negros da América — constatou o penúltimo trabalho de Hércules, realizado na terra das Amazonas!

Admete, filha de Euristeu, desejava possuir um famoso CINTO, propriedade de Hipólita, rainha das Amazonas. Hércules foi encarregado de ir buscá-lo, acompanhado de muita gente. E foi bem recebido pela rainha, que lhe prometeu o cobiçado cinto. Intrigas de Juno, deram causa a uma terrível luta, em que sucumbiu a rainha.

Ad-me-te é "desejo do Filho do Homem"; o cinto ou Zo-ne, são os "cantores negros"; hyp-pol-yt-a, significa cantores "amontoados nos templos da Serpente brilhante"; Am-az-on-as, aqui diz: "que cantam nos templos do culto negro". — Jeová encarregara a Hércules de conquistar para o Templo os numerosos cantores negros, que enxameavam nos templos do culto negro, e cantavam nas funções do culto. Eram êles que, guiados pelos cantores de Tiro,

mantinham vivo e florescente o culto negro, em todos os recantos do país.

O culto negro se espalhara de modo especial entre as tribos ribeirinhas do Rio-Mar — povos conhecidos pelos egípcios e pelos fenícios como “Terra de PUN-TU ou do culto negro”. A terra de Puntu era visitadíssima pelas naus fenícias e egípcias, para onde vinham os mercadores de ambas as nações, mormente os fenícios, reabastecer seus mercados, nas suas viagens que duravam três anos, e eram sempre embuçadas no mais profundo mistério, para se não tornarem conhecidas!

Hércules, com sua eloquência, começara a conquista em Tiro; e, por meio dos cantores da capital, conseguiu arrebancar para o culto do Templo, os muitos cantores do continente. — Assim Hércules pôde apoderar-se do cinto que mandou a Admete!

O último e o mais importante trabalho que Jeová pedira a Hércules, foi o de lhe conquistar o pai e chefe do culto negro, Juno, Venus ou Satã, que neste trabalho é denominado Cérbero. KER-BE-RO significa: “o deus do culto negro”! Estava êle prisioneiro no Tártaro, na “Tôda cercada pelo mar”!

O Cérbero era um cão tricéfalo (— habita no templo magnífico da cidade de todos os cantores); de corpo esguio (encerrado numa gigantesca redoma, no centro do templo); terminado por “cauda de dragão” (todo protegido por fulgurante veste); dotado de voz tremenda. Era Satã, que fôra condenado à prisão, no templo negro de Tiro, de onde dirigia todos os movimentos do culto negro, mediante os numerosos cantores que o rodeavam!

Prometeu que roubara o fogo sagrado do céu, foi condenado à prisão, no deserto, “e-re-mo” ou “cidade do culto negro”, de Ci-ti-a (a Tôda cercada pela água). Alí o prenderam com cadeias, chumbadas a um alcantil do monte Cáucaso. Quando Hércules foi conquistar as Hespérides e seus pomos, encontrou Prometeu prêso, teve dó dêle; quebrou-lhe as correntes, e matou o abutre que diariamente lhe devorava o fígado. Libertado, devia levar daí por diante um anel de ferro em que estava engastada uma pedrinha do Cáucaso. É a história de Satã, prêso no Templo de Tiro, e visitado por Hércules.

Hércules, para cumprir a missão de conquistar o pai e chefe supremo do culto negro, teve que descer ao Tár-tar-o, a “Tôda cercada pelo mar”; para lá chegar atravessou largos rios de chamas e torrentes de lodo. Plutão permitiu que levasse Cérbero para a luz do dia; mas não podia usar armas contra êle. Hércules, revestido de sua pele de leão (“cultura de sacerdote e fervor de cantor do Templo”) avançou contra o cão; apertou-o no ponto onde saiam as três cabeças (“furores contra o Filho do Homem”), e lhe passou pelo pescoço um laço, e o obrigou a segui-lo fora do abismo (ab-ys-su = templo de todos os cantores de Tiro). Levou-o a Micenas (templo

do Filho do Homem); mas apenas Euristeu o viu, ficou tão horrorizado com o monstro, que logo o recambiou para o Tártaro.

Soletrando a narração mitológica, podemos concluir que entre as grandiosas obras realizadas por Hércules, devemos sublinhar a tentativa que o Herói, por ordem de Jeová, esboçou: a de, na expedição ao continente americano, na famosa capital, Tiro, haver-se dirigido pessoalmente a Lúcifer, prêso no grande templo negro; haver parlamentado com êle, credenciado para isto por Jeová, propondo-lhe a volta para a amizade de Jeová, e para seu primitivo encargo de superintendente geral das criaturas tôdas.

Em nome de seu amo, Hércules relaxou a prisão de Lúcifer, soltando-o de seu esconderijo no templo de Tiro; depois, com sua palavra sedutora, conseguiu rebater as objeções formuladas pelo anjo desertor, convencê-lo do culto do Templo; animá-lo a reassumir seu cargo junto do Templo de Jerusalém; não conseguiu porém fazê-lo subscrever tôdas as exigências requeridas por Jeová. Aceitou a de dissolver o culto negro, destruir seus templos, dissolver seus cantores; recusou-se porém inflexivelmente a admitir que adoraria Jeová, como seu deus!

Pelo que nos é dado adivinhar, a interferência de Hércules, no caso de Lúcifer, prêso com domicílio coacto, no grande templo negro de Tiro, então capital da América, teve por resultado tão somente uma certa liberdade concedida a Lúcifer, no tocante a seu domicílio coacto. Satã foi sôlto da prisão, em que estava detido, por ordem de Jeová. Foi-lhe mitigada a pena: sua prisão foi circunscrita talvez a tôda a América. O templo e a cidade de Tiro foram entregues a Hércules, que nêles restabeleceu o culto do Templo ou de Jeová.

Sobre as intransigências oferecidas por Lúcifer, é fácil adivinhar-lhes o motivo. Lúcifer manteve, como mantém e manterá, sempre vivo e incoercível o desejo de igualar-se a Jeová. Ora Jeová tinha seus cantores: êle também os queria, como os quer ainda! Tentou roubá-los ao Filho do Homem, na Montanha do Templo, no Hed-en. Não o conseguiu plenamente, como era seu traçado: só o conseguiu em parte, mediante o templo e o culto negro! Queria ter cantores, para ser adorado por êles, como o era o Filho do Homem! Ser adorado como deus: eis a suprema aspiração de Serpente Grande, e também o móvel soberano de todos seus passos! Desejo supremo, a adoração! Desejo que lhe rompeu espontaneamente dos negros lábios, quando no deserto da Judéia, ofereceu a Jesus de Nazareth, a partilha do mundo, se o Nazareno houvesse por bem prostrar-se perante Lúcifer e ADORÁ-LO!

Essa intransigência da Serpente fez malograr, em parte, o duodécimo e último trabalho de Hércules! Lúcifer permaneceu em seu degrêdo, na América, onde aparece com o nome de Hu-em-ac ou

“Serpente desalojada do templo”, e se proclamou rei de Kol-hu-ah-au ou “remanso da Serpente saída do templo”. Naturalmente prosseguiu na sua faina de espalhar o culto negro e fazer prosélitos!

### XUMÉ REPOVÓA O MÉXICO

A “Tôda cercada pelo mar”, era conhecida também como HAV-I-LAH ou “Jardim de todos os cantores”, pois fôra povoada nos séculos 29 e 28 a. C. pelas duas levas de cantores do templo de Jerusalém, os Toltecas e os Xiximecas. O Grão-sacerdote vinha repovoar a Havilah, devastada e saqueada pelo culto negro; e para tamanha obra, vinha acompanhado pela terceira leva de povoadores, os AZTECAS, ou “Verdadeiros cantores do Templo”.

Agora Xumé estava no seu último quartel da laboriosa existência, pois os Aztecas deixaram o Egito pelo ano 2526 e chegaram a Tiro em 2450, e a vida do Profeta corre de 3380 a 2028, segundo nossos cálculos. Apareceu no ME-XI-CO, na “Terra, sede do Templo”, com o nome de KET-ZAL-CO-HU-ATL, isto é: “o restaurador dos cantores no templo de todos os cantores”. Chegou no pôrto de Tiro, com sua gente, em sete “cavernas nadantes”. Trazia consigo todo o pessoal necessário para uma reforma social. Vinha acompanhado de uma turma de arquitetos, pintores, mestres de bijuteria, escultores, músicos, artistas, obreiros de todo o gênero. Vinha com tôda a gente que tinha no Egito e na Grécia! —O México era chamado também AN-A-HU-AC ou “planície do templo de todos os cantores”.

As tradições informam que o Profeta, no Anahuac, se dedicou de corpo e alma à formação e civilização dos povos que encontrou na Havilah. Passava as noites em profunda meditação; depois, durante o dia, se entretinha com os seus ensinando-lhes o uso das letras, das ciências e de tôdas as artes; o modo de fundar e governar cidades e o de construir templos; e lhes doutrinava os princípios das leis e da geometria (divisão e demarcação das terras). Começou a reforma pela séde da Federação Tolteca. Dispendeu os primeiros anos em TUL-AN-KIN-GO ou “o grande templo e a cidade dos cantores”, isto é, Tiro, a capital.

Os Aztecas lembravam que Hu-em-a-tzin (o fundador do templo de todos os cantores) o Profeta, no ano de 2359, escrevera sua sagrada escritura, o Te-o-am-ox-tli ou “Palavras divinas para os cantores todos do Templo”: nêle descrevia o mundo e formulava o calendário. Permaneceu três anos na cidade de Tulancingo, onde construiu um templo e um palácio subterrâneo, e cuidou de reformar o culto e a moral do império dos Toltecas. Pretendeu dar novo cunho à civilização, pelo progresso das artes e das ciências. Reuniu em seu redor os membros devotados de uma sociedade

secreta (!); deu-lhes instruções, e os encarregou de prepararem, mediante pregações ao povo, a nova ordem das cousas que pretendia estabelecer.

Entretanto morre o rei, sem deixar sucessor legal. A corôa foi oferecida a Ketzalcohuatl. O Profeta aceitou a oferta, e foi recebido na capital e em numerosas cidades já existentes ao redor do vale do Anahuac, como se fôra um enviado do céu: veio com o duplo poder — o religioso e o régio. Apenas empossado, aboliu os sacrifícios humanos, purificou os templos, e determinou os dons a serem dados para os sacrifícios. Claro está, que no país dominava o culto negro!

A fim de dar imponência ao sacerdócio, impôs aos sacerdotes disciplina mais rígida, à qual êle mesmo, como chefe supremo da religião, se submeteu primeiro. Elevou os sacerdotes a uma verdadeira potência hierárquica e, com minucioso cerimonial, promoveu as funções religiosas. Fundou, em Tollan, mosteiros ou casas de jejum, penitência e oração, para pessoas de ambos os sexos. Abriu colégios, em que os sábios e os artistas do seu séquito deviam instruir a mocidade. Sob os auspícios desses hábeis mestres, em breve tempo, as artes e as ciências ganharam desenvolvimento extraordinário.

Cuidou não só da moral e da instrução de seus súditos, mas lhes prescreveu outrossim os meios, com que pudessem adquirir riquezas e desfrutar os percalços da civilização. Deu a seus estados organização inteiramente feudal; dividiu-os em províncias, governadas por príncipes de título hereditário. Mandou reconstruir com grande magnificência Tollan; encheu-a de palácios e de templos gigantescos, decorados com primor.

Curou igualmente das demais cidades, aformoseando-as. Construiu estradas e pontes; ligou Tollan com as regiões que se estendiam pelas margens dos dois oceanos. Os mercados da capital, rodeados de vastos pórticos, para onde acudiam, negociantes de meio hemisfério ocidental, tornaram-se em poucos anos, centro de imenso comércio, onde se encontravam os melhores produtos da natureza e das indústrias americanas. Sob seu reinado, o império tolteca conseguiu grande extensão, avaliada em mais de mil léguas de território. Numerosos estados e províncias, atraídos pela pregação do novo rei, solicitavam agremiação ao grande estado tolteca.

Havia mais de dois decênios, que o Profeta reinava na mais perfeita paz e com a maior glória, em Tollan; quando Huemac, rei de Culhuacan (Lúcifer), membro da federação tolteca, ambicioso, invejoso e cruel, projetou derribá-lo. Este conseguiu ganhar para seu partido os antigos sacerdotes, ainda descontentes com a abrogação dos sacrifícios humanos, inovação que lhes sabia a sacrilégio. e cerceava os direitos do homem sobre a vida. Esses sacerdotes,

adrede solicitaram do Profeta permissão para continuarem com êsses sacrifícios; e, como o rei-sacerdote se recusasse a lhes sancionar os desejos, fizeram estalar uma revolução.

O Profeta para evitar derrame de sangue, abandonou a seu gratuito rival a capital e seus estados; e dêles se afastou; predizendo-lhes porém, que um dia seus descendentes lá voltariam para restabelecerem suas leis.

Quetzalcoatl, chamado também "Serpente Emplumada", ou deus da civilização, ou deus do vento, da chuva e das tempestades, ou planeta Venus (pela sua aproximação ao Sol, o Filho do Homem), foi endeusado e adorado sob vários aspectos.

### DEMANDA O SUL DO MÉXICO

Xumé, destronado de Tollan, transpôs as montanhas, e veio para as planícies de Huitzilapan, hoje, Puebla de los Angeles. Os povos do leste e do sul dependentes do império de Tollan, e que não haviam aderido à revolução, vieram se agrupar ao redor dêle, e lhe supplicaram quisesse continuar a governá-los. Aceitou-lhes o pedido; e com sua gente fiél, foi fundar a cidade de Cho-lu-la (cidade de todos os cantores), e entrou a civilizar aquela região.

Cholula outrora abrigava mais de cem mil habitantes. Nela se admirava uma grande pirâmide-templo, atribuída ao chefe dos Maias, Xel-u-a (cantor de todo o Templo) que é o próprio Xumé. Mais tarde Cholula tornou-se a cidade santa do império mexicano. Em Cholula, o Profeta governou e civilizou o povo, durante um ou dois decênios; depois, sempre perseguido pelo rei Huemac, foi buscar refúgio mais para o sul, nas terras banhadas pelo rio Chiapas (terras cultivadas pelos cantores).

Viajou por mar, indo fundear no lago de Terminos. Da lagôa, remontou o curso do rio Lacandon (povo do templo dos cantores), para ir deter-se nas margens de um tributário dêle. O rio deu o nome ao país de Lacandon, que abrangia parte dos estados mexicanos, Chiapas e Tabasco, e parte do guatemalês Peten. Estamos no país do MA-Y-AS ou "sacerdotes cantores do Templo". Os Maias haviam semeado de cidades êsse país. Ainda existem muitas ruínas delas: à esquerda do rio Usumacinta, há a cidade de Men-ghe ou "conquista dos cantores": esta foi fundada por Xumé, e foi chamada de Nak-han ou "grande cidade". Talvez se relacionem com ela, as famosas ruínas de Pal-en-que ou "reino dos cantores do Templo".

Sempre perseguido pelo cruel Huemac, o Profeta teve que transferir-se para o país dos QUIX-ÉS ou "cantores do Templo", na Gu-a-te-ma-la ("país tirado ao culto dos cantores negros". Aqui o Profeta era conhecido como W-OT-AN ou "Cantor de todo o Tem-

plo". O grandioso império dos Quixés, hoje é representado por numerosas e admiráveis ruínas, esparsas ao longo do rio Usumacinta, com sua capital Utatlan ou Comorcaah. A toponímia do país, com tôda a teogonia quixé, nos deixam entrever que o Profeta sofreu profunda e medonha humilhação, por parte de seus adversários, que conseguiram vencê-lo, e o obrigaram a fugir.

Na Guatemala setentrional, há o departamento de Peten, perto do México, margeado pelo rio Usumacinta. Ladeiam o rio antigas e opulentas cidades, e formidáveis fortalezas — linhas de defesa — contra os homens do culto negro, que haviam ficado dominando no México, de onde haviam enxotado o Profeta. Destacavam-se algumas cidades de entre elas, pela grandeza, como a de Sax-tak-ik-i ou "cidade estendida pelo grande Cantor". Agora só remanescem escombros!

Com a vinda do Profeta ao sul do México, entram em cena os famosos Mayas ou "sacerdotes cantores do Templo". Eram semitas. Este povo, que deixou brilhantes sinais de cultura, se estendia na parte meridional do México, por tôda a Guatemala, um pouco em S. Salvador e nas Honduras (cultura dos cantores do Templo). Os Maias propriamente ditos, povoaram o I-UK-AT-AN ou "região do povo dos cantores do Templo", e o Chiapas. Os Maias-Hustecas espalharam-se pelo México, Vera Cruz e Tamaulipas; enquanto os Maias-Quixés povoaram a Guatemala.

A cidade principal dos Quixés, estendida num sítio elevado, naturalmente edificado, era Iz-mach-i ou "a grande cidade dos cantores". Neste setor havia várias cidades que se diziam fundadas por Wotan: Culhuacan, Huehuetan, Zavot ou Ghoval, no Chiapas; Utatlan ou Gumurcah, antiga capital dos Quixés e Copan nas Honduras.

Continuando sua peregrinação, o Profeta veio dar no Yucatã com o nome de KUK-UL-KAN ou "oprimido por todos os maus". Tomou por capital Ma-y-a-pan ou "cidade, morada de todos os cantores". Nela organizou um govêrno que seria modêlo; e, como fôsse nomeado chefe do govêrno, elegeu dois dós maiores dos Maias, e com êles formou uma Federação de três reinos: o de CHIC-EN (cultura dos cantores); de UX-MAL (cantores do Templo) e o de Mayapan. O Profeta teria chefiado esta triarquia, durante um decênio.

Durante o tempo em que o Profeta esteve entre os Maias, deve ter chegado até Honduras. Os índios de Copan se lembravam que descendiam de um grande senhor de Yucatã, o qual conquistou o país, levantou os edificios de Copan, e depois voltou para a península do Yucatã. As ruínas de Copan são muito semelhantes às de Izmál ou Oxmal no Yucatã. Estendem-se numa superfície de sete para oito milhas de comprimento, por duas de largura; e apresentam ruas, praças, pátios, calçadas, monumentos, pa-

lácios e templos, colunas e até sistemas de esgotos — o que atesta civilização antiquíssima e adeantada.

O Profeta visitou NIC-AR-A-GU-A (propriedade e cultura de todos os cantores do Templo). Aqui era conhecido como Y-om-ag-ar-den ou “criador do templo de todos os cantores da Palavra”.

Esteve também no PAN-A-MÁ (nova região dos cantores). Tradições dizem que, quando o Profeta apareceu no Panamá, vinha acompanhado por um grupo de brancos, revestidos de túnicas compridas. O Profeta era homem branco, de estatura elevada, testa ampla, olhos grandes, barba espessa, farto e negro cabelo. Ensinou aos toltecas, para ali emigrados, a arte metalúrgica e outras indústrias a eles desconhecidas. Pregava uma religião nova, o amor do próximo e tôdas as virtudes. Além de propagar a arte de fundir metais, ensinou a cortar pedras; melhorou o cômputo do tempo; edificou palácios, ornados com frutas e pedras preciosas.

Todos os cidadãos, sob seu govêrno, eram ricos e felizes. Era de coração manso e amoroso. Desterrou os sacrifícios humanos, só se ofereceriam à divindade frutas e flôres; os pecados se deviam expiar com jejuns e com o sangue tirado da língua e das orelhas — as duas fontes capitais da maldade.

Mais tarde, os povos visitados e beneficiados pelo Profeta, passaram a venerá-lo como deus! E com o progredir do tempo, a ignorância os levou a confundí-lo com Deus, como aconteceu com Buddha, na Índia; com Mithra, na Pérsia e com Jurupary no Brazil! Seus templos surgiram circulares, com forma de cone truncado; não traziam a forma de pirâmide, quais os templos da divindade. Seus sacerdotes trajavam vestes de algodão branco. Deus se com êle como se dá com os grandes santos do cristianismo!

### ENTRE OS MUISCAS

Deixando seus queridos Quixés, o Profeta se transferiu para os não menos queridos MUISCAS, na Colômbia. Os MU-IS-CAS ou “cantores do grande templo” conhecem-se também como CHIB-CHAS ou “sacerdotes cantores”. O Profeta veio para estas paragens com o nome de BOCH-IC-A ou “o criador dos cantores do Templo”.

Refere a tradição que os habitantes do planalto de Bo-go-tá (região dos cantores eminentes) viviam como bárbaros, nus, sem agricultura, sem leis e sem culto. De repente, do lado do Oriente, apareceu um velho barbado, que veio civilizar a essa gente. Dizem que veio montado em camelos, e encontrou gente selvagem, que adorava o sol, com muitos sacrifícios humanos; a êles ensinou o uso das vestes, a agricultura e a canalizarem a água, e a formarem cidades.

(O culto do SOL, entre êsses povos, como entre os demais, no fundo era o culto de Jeová, ou do Filho do Homem, o criador do Templo, o qual se dizia morar no sol. Obliterado o Morador, que não viam, por ser espiritual, passaram a cultuar a morada de Jeová, o sol, que além de ser morada de Jeová, conforme ensinamentos antigos, era também a morada dos bons cantores de Jeová, que haviam deixado êste mundo.)

Entre os Muisças, o Profeta consolidou e aperfeiçoou o reino temporal; e, ao lado dêste, ergueu o reino espiritual, escolhendo para sua capital religiosa IR-AC-A ou "cidade santa do Templo", conhecida também como SU-GA-MU-XI ou "habitação destinada para todos os cantores"; estava perto de Bo-y-ac-a ou "região submissa aos cantores do Templo". Iraca com seu rio sagrado, era a Roma ou a Meca dos Muisças, a séde do Grão-sacerdote; possuía um templo magnífico, portento de arte e de riquezas, coberto com lâminas de ouro. Era consagrado a Jeová ou o Verbo Divino. Formavam-no sessenta enormes colunas de pedra, trazidas do ocidente para leste. O templo era cercado de muitas casas, que formavam a cidade sacerdotal.

O templo era ao mesmo tempo o arquivo dos Muisças, preciosidades que a "auri sacra fames" dos conquistadores destruiu, ou melhor, pilhou e roubou sob o especioso pretexto, que deviam destruir tudo o que sabia ao paganismo! Mais tarde, iriam justificar-se, aduzindo mais uma razão luminosa: os índios americanos estavam privados de alma humana! Eram umas simples animálias!

Continua a tradição. O Profeta, em Iraca, onde fundara um pontificado riquíssimo, de noite se recolhia a uma caverna para descansar e meditar os mistérios do Altíssimo; de dia corria por entre sua gente, e lhes ensinava a fiar algodão, a tecer e a pintar mantas; infundia-lhes a crença num sêr supremo, na imortalidade da alma, no juízo final e na ressurreição dos corpos humanos; verdades que pregava com suas palavras proféticas, e mais ainda com sua vida austera e penitente, mais celestial que terrena.

Aqui o conheceram por vários nomes, além do de Bochica. Tratavam-no de Nenqueteraba ou "encanto do templo e de todos os cantores do Templo"; ou de Sadica — "o maior de todos os cantores do Templo"; de Sonoda — "o ilustre cantor do Templo"; de Chimizapagua — "cantor e sacerdote e pai de todos os cantores do Templo"; de Zuhe — "coluna do Templo"; de Idicanza — "cantor brilhante, fundador do Templo"; de Ramiriqui — "cantor, príncipe dos cantores do Templo". São outros tantos títulos que preendem descrever as grandezas do Profeta.

Triana escreve do nosso Profeta: "setenta idades antes da conquista espanhola, (70 séculos mexicanos nos dariam 3640 anos, e chegaríamos ao 2200 a. C.), apresentou-se no país dos Chibchas, do lado do Oriente, um sacerdote do sol, chamado Nenquetaba, que

ensinou seu culto, e apostólicamente progou as melhores práticas agrícolas, em relação ao curso dos astros, o bom gosto dos tecidos e uma doutrina moralizadora dos costumes.

As gentes anciosas por êsses ensinamentos do sábio e santo missionário, seguiam-no, por tóda a parte; às vêzes, a multidão, que o procurava, era tão grande, que se faziam valados ao redor dêle, a fim de poder pregar e respirar. Tal sucedeu por exemplo, ao passar pelo povoado de Cota, onde os fossos foram nivelados, com os objetos, com que o presentearam! (Note-se que Triana era espanhol!) Êsse civilizador e missionário, que os habitantes do Vale apelidaram também de Sadiguá, estabeleceu a jerarquia sacerdotal; instituiu o pontificado de Sogamoso; levantou alí o mais célebre templo, consagrado ao astro divino, e fundou as observações meteorológicas, deixando bem instruído nessas cousas a seu discípulo e sucessor."

Dizem as tradições que Xumé viveu entre os Muiscas 2000 anos! Depois se retirou dêles, por causa de seus inimigos. Quando o souberam morto, o endeusaram, e lhe decretaram culto especial. Cada quinze anos, lhe imolavam um lindo mancebo. O jovem era escolhido em criança; criavam-no e educavam-no como se fôra um príncipe; ao atingir êle os quinze anos, era levado com pompa e solenidade, à praça pública; onde, colocado num lugar saliente, era cravado de frechas, em honra de Bochica!

— Não longe dos Chibchas existem as "ruínas de San Augustin". Constam de colunas, pilastras a formarem adros de templos — escavados em declives de outeiros — de pedras de altar, ornadas de divindades antropomórficas. Devem pertencer à gente do Profeta Bochica!

Como alhures, também entre os Muiscas, o Profeta desapareceu misteriosamente. Foi repovoar com gente "tôda do Templo", com Aztecas, os dois reinos mais ao sul do continente, o Peru e o Amazonas.

Inspirados pela tradição, acompanhados ao Profeta, com uma nova gente, demandando ao rio Amazonas. Naqueles tempos, o Rio-Mar era muito mais reduzido, em largura e em volume de águas. A banda oriental do continente estava muito menos inclinada para o mar, e a praia estava mais baixa, e confluente atuais do grande rio, então desaguavam em outros rios. Devemos também notar que, no tempo do Profeta, o que hoje é mar das Antilhas, então era terra firme, e formava a província circunstante à capital da América, Tiro, a chamada "Tôda Brilhante", pois "TIRO" é: "Tôda brilhante"!

## NO PERU

O PE-RU ou "Domínio dos sacerdotes", missionado pelo nosso Profeta, ou o Peru dos cantores do Templo, abrangia o atual Peru, a Bolívia, o noroeste brasileiro, o Equador, a Colômbia e a Venezuela. Foi chamado Pe-ru, ou "domínio dos sacerdotes", porque povoado por tribos semitas, sacerdotes, pertencentes à segunda leva de povoadores.

O povo mais antigo que se nos depara na costa peruana, é o dos UR-OS ou "cantores do Templo", que possuíam sede importante em Atacama (fortaleza levantada pelos cantores do Templo). Chamavam-na também CHAN-GOS ou "lote de cantores". Outro lote da grande expedição estacionara no lago de TI-TIK-AK-A "onde fixaram morada os cantores do Templo". Li-ma é "cidade dos cantores".

O primeiro povoamento do Peru foi feito uns 550 anos após o dilúvio, pelos cantores do Templo, da segunda leva, os Xiximecas. Dizem que o primeiro soberano do Peru se chamava Ophir, que era dado como neto de Noé. O Peru fôra invadido pelo culto fálico ou negro ou da Lua! (Pirâmide da Lua em Tihuanaku). Veiu o nosso Profeta repovoá-lo com gente do culto de Jeová, os Aztecas. Conheceram-no como VIR-AK-O-XA ou "o Cantor do Templo de todos os cantores"; como CON-TIK-KI ou "o Alto cantor do Templo"; como PA-CHAC-AM-AC ou "o brilhante Comandante do Templo dos cantores"; ou também mais geralmente, como MAN-CO-CÁ-PAC ou "Chefe brilhante do Templo dos cantores".

Diz uma tradição, que no princípio do mundo (1) veiu do norte um homem que se chamava CON (alto ou senhor), o qual não tinha óssos. Andava muito e ligeiro, encurtava o caminho, abainhando as serras e levantando os vales, com sua voz tão somente e com a palavra. Encheu a terra de homens e de mulheres, a quem deu muitas frutas e o pão, com o demais necessário para a vida.

Outra diz, que Viracocha saiu das águas da lagôa de Titicaca (parecida com um seio de mar) e fundou a cidade de TI-HU-A-NA-CO isto é, "a Cidade do Templo de todos os cantores do Templo".

Várias lendas se referem à visita que o Profeta fez ao Peru. O país, no começo, foi habitado por gente selvagem que adorava ervas, árvores, antros, rochas, leões, macacos e o condor, e a êles ofereciam sacrifícios, até humanos — o coração e o pulmão da vítima. O sol, dêles se amerceou e lhes enviou dois de seus filhos: um filho e uma filha. O filho é o Profeta, e a filha, o povo que com êle veiu repovoar o país. O filho veiu ao mundo por parto virginal, pois Mama-Huaco (a cantora do templo concebeu o cantor do templo) o concebeu do próprio sol. O menino cresceu sábio, e foi pelos índios aclamado benfeitor e chefe. Casou-se com sua própria irmã: daqui o costume de os Incas se casarem com irmãs.

Atribui-se-lhe a edificação do grande templo de Cusco, que pelas riquezas e magnificências, era chamado "Depósito de ouro". Estava dedicado ao Sol — ao Verbo divino. Seu nome era Cor-i-can-cha ou "o grande templo de todo os cantores". Mais de quatro mil sacerdotes estavam adidos ao serviço do templo.

Manco Capac, o chefe da caravana sacerdotal, ia processionalmente, carregando um emblema, que apresentava forma de pássaro, chamado In-ti ou "Filho do Homem", o Verbo divino; trazia, além do emblema, uma vara de ouro, que devia fincar-se algures, para assinalar lugares de fundação do templo. Pacificou os vizinhos; repeliu muitas invasões, por terra e por mar; abriu caminhos, e lançou pontes; foi mui zeloso da religião e dos bons costumes; mandava enterrar vivo todo o sacerdote que se mostrasse pouco recolhido; fundou a casa das Vestais. Foi grande astrólogo; e depois de muitos estudos, mandou que se iniciasse o ano a 21 de março.

Acrescentam as tradições, que no fim da vida do Profeta, assomaram de noite, no céu, dois terríveis cometas: um parecido com serpente, e outro com figura de leão. O mundo nêsse momento esteve a pique de perecer; mas Viracocha, o Profeta, fonte de misericórdia, teve dó dos homens, e os livrou dos maléficis signos — a Serpente, Satã, com o Leão do culto negro, ameaçava de apoderar-se do país; mas Xumé o salvou das garras dêsses animais, pelo culto do Templo!

Outra tradição nos lembra que Viracocha, teve dois filhos, ou se manifestou em duas "emanações". Talvez sejam duas visitas que Xumé fez ao Peru. Manifestou-se como I-ma-y<sup>2</sup>-ma (pegou todos os cantores negros), e como tal foi dando nomes às árvores, às flôres e às frutas, andando por bosques e por montes (no planalto peruano?); como Tac-ap-o (começou o templo dos cantores), foi dando também nomes andando pela planície (Chile?). O Profeta correu todo o Peru, destruindo nêle o culto negro, e implantando o culto de Jeová.

O império sacerdotal do Peru chamava-se também Ta-hu-an-tin-su-y-o isto é, "Todo o país dos sacerdotes foi ressuscitado pelo fundador de todo o Templo", pelo Xumé. As tradições se referem muito ao cerro de Hu-a-na-ka-ur-i, que é: "o templo de todos os cantores (tornou-se) templo dos cantores negros", para indicar o estado, em que caíra o Peru antes da vinda do Profeta.

Os A-YM-AR-ÂS ou "família proveniente dos cantores do Templo" contam que após o dilúvio, um grande Profeta de nome Tuci-Huira-Cocha, chamado também Tuapaca ou "chefe do templo e dos cantores do templo", percorreu o mundo, obrando maravilhas e pregando a piedade, a ordem e o trabalho. Escondeu o ouro e a prata nos lugares mais desertos, para que não corrompessem os homens. Com o correr dos tempos, os peruanos esqueceram os ensinamentos que lhes dera o Profeta, o qual como visse que nada valiam os meios suaves, mandou vir fogo do céu sôbre Canchas (cidade do templo), e converteu em pedras os homens em Tihuanaco. Os homens se revoltaram contra o Profeta, e êste prêso foi empa-

lado, pelos insulares de Iuti-karka, que abandonaram seu cadáver sôbre uma balsa. O Profeta desapareceu para sempre do Peru.

Os cantores de Xumé deram ao Peru três dinastias sucessivas, com um total de cento e um soberanos: a dinastia dos Pi-ru-as (cantores sacerdotes do templo); a dos Am-a-ut-as ou "cantores filhos dos cantores do templo", e a dos IN-CAS ou "Cantores do Templo, ou Filhos do céu".

Houve época feliz para o Peru, em que o império alcançou grande glória, e fez progressos admiráveis. A ciência da astrologia era muito estimada. Haviam conseguido inventar uma espécie de escrita. Tinham escolas; regime político estável e justiceiro; famílias sadias e fortes. Sobreveiu época muito infausta: violentos tremores de terra, que duraram vários meses, e foram seguidos por desvio brusco dos rios; mais, arribou ao país gente terrível, e no céu apareceram cometas. Com estas invasões e cataclismos, a raça foi-se barbarizando, até sofrer muitos males sérios, como a perda da escrita, o hábito da vida nômade, e o crime da homossexualidade. Este vício chegou a tal auge, que as mulheres, para atraírem os espôsos, começaram a usar poções de bruxarias, com que acabaram de idiotizá-los! Foi a corrida para a decadência daquela nobre e grande nação!

#### NO BERAZIL

Repovoado o México com o Panamá e o Peru, o Profeta dos dois continentes desapareceu misteriosamente de entre seus caros Muiscas, e veio aparecer misteriosamente no BE-RA-ZIL ou "Terra dos cantores queimados", ou do culto negro, cantores que, bafejados pelo espírito evangelizador de Hércules, se tornaram A-MAZ-ON-AS ou "Terra dos genuínos cantores do Templo". O Profeta é aqui conhecido como XU-MÊ ou "Grande Sacerdote", ou então como I-U-RU-PA-RY, que é: "brilhante cantor e sacerdote do Filho do Homem".

Xumé veio ao Brasil acompanhado de numeroso séquito de cantores, pertencentes à terceira leva, à dos AZTECAS, a que chegou à América, lá pelo ano 2450 a. C. A estadia do Profeta no Brasil, pode ter durado uns 40 anos, e podemos havê-la como o último trabalho de monta de Hércules.

Os Aztecas, companheiros de Hércules, aqui foram denominados de AR-U-AK ou AR-U-AN ou "os nobres cantores do Templo"; também foram ditos: GU-A-RA-NY ou "os grandes e brilhantes cantores do Templo"; mais como IG-AR-A-U-NA ou "os nobres cantores do templo do Filho do Homem". Como sempre, vinham de conserva com os cantores, em numeroso contingente, obreiros do Templo, os Pelasgos, aqui conhecidos por TUP-Y ou "homens do Templo" ou "Gravadores do Templo".

Xumó com seus cantores, encontrou no Brasil, Xiximecas ou "cantores da segunda leva do Templo", aqui chamados CA-RA-IB-AS ou "cantores sequazes do templo negro", ou "cantores da segunda redada do Templo". Os Caraibas vizinhavam as Antilhas: An-ti-la é: "cultura do culto negro". Crime berrante dos Caraibas era o de tomarem mulheres e crianças dos adversários para os sacrifícios rituais do culto negro. Com isto promoviam dentro da própria tribo a singularidade de as mulheres falarem uma língua e os homens outra língua.

O Brasil fôra levemente povoado no século XXVIII a. C., pelas tribos hamitas de Sebá e Dedan, da segunda leva, tôda gente do culto do Templo, do culto de Jeová. Infelizmente o culto negro, adoptado pelas duas tribos hamitas, que povoaram as Antilhas e as GU-Y-Á-NAS (terra dos cantores do culto negro) contagiaram também as duas tribos brasílicas, mórmente os povos ribeirinhos do Rio-Mar. O Amazonas, na Bíblia, é chamado PI-XON ou Rio Negro, devido ao culto negro que dominava os povos das suas margens.

Xumé, com seus cantores e obreiros, apareceu na foz do Amazonas, e se instalou com os cantores na Ilha do Ma-ra-j-ó, que é "terra cultivada pelos brilhantes cantores", e também pode ser "remanso do Cantor, criador dos cantores". Marajó poderia significar "Templo da cidade de todos os cantores". Os Tup-y se espalharam pela margem meridional do delta do Amazonas.

A lenda do J-ab-ot-i (o fundador do templo de todos os cantores) e da AN-TA (serpente grande), relata que Jaboti, ou Xumé estava debaixo de seu taperibazeiro (no templo da cidade de todos os cantores) apreciando seus bons ca-j-ás (cantando com todos os cantores) — estava exercendo pacificamente seus mistérios entre os fiéis do Marajó, quando sobrevem a anta que lhe impõe, saia, sob pena de o pisar, se não atendesse a suas exigências. O Profeta mostrou-se renitente às exigências da anta; esta então o pisou, e o coitado do quelônio ficou enterrado na lama. O Jaboti contenta-se com a queixa, de que, quando viesse o inverno, saíria daí, e iria atrás da anta, e saberia encontrá-la; então o bicho lhe pagaria havê-lo enterrado!

Houve um longo intervalo. Foi, quando o Profeta demandou o Peru, onde se deteve longo lapso de tempo, percorrendo o "Domínio dos sacerdotes", na sua missão repovoadora. Foi o inverno do Jaboti. Passado o inverno, conforme a lenda, o Jaboti desceu pela margem do Pará-Mirim (o Amazonas), e encontrou a anta (encteu a luta pelo culto do Templo), e venceu o adversário. A lenda refere a vitória, dizendo que Jaboti amputou à anta os órgãos reprodutores — o culto negro! A anta se levantou, e foi correndo pelo Pará-Mirim, e, dois dias depois, a anta morreu. "Tapiira umano-ana!" Acabou no Amazonas o culto negro!

Quando pelo continente se alastrou o culto negro, os sequazes do culto do Templo, chamavam aos cultores negros de “efeminados” ou de “mulheres”. As lendas ementam que Jurupari era alto, forte e lindo; era legislador, soldado e reformador dos costumes. Dizem que encontrou o govêrno das tribos brasílicas entregue ao poder das mulheres; e êle, arrebatando-lho, o entregou aos homens — abateu o culto negro e restabeleceu o culto de Jeová. Contam que Jurupari, austero e puro, nunca permitiu que mulher lhe tocasse o corpo; mas Carumá, numa volta de dansa, abraçou-o; e o semideus, por castigo, a mudou em rochedo! Mulheres da lenda era o culto negro; a dansa, a luta entre os dois cultos. O Profeta nunca se deixou enlear pelos laços do culto negro; só uma vez entrou solenemente no templo, no Ca-ru-má ou “templo do culto negro”: deu-se isto em Tiro, quando foi parlamentar com o próprio Satã, para, se possível, reconduzi-lo a Jeová! Mas Satã ficou imóvel como rochedo em suas exigências e em suas maldades!

Continuam as lendas, e nos contam que ao chegar o Profeta à foz do Rio-Mar, as famosas Amazonas se lhe apresentaram em bandos, e o combateram no percurso todo do grande rio. As ditas guerreiras eram as tribos ribeirinhas, que por seguirem o culto negro, eram apelidadas, pelos cantores fiéis, de “mulheres”. Essas eram as famosas Amazonas, a quem atribuíam o costume de amputarem os seios, para melhor manejarem o arco. As tais mulheres não amputavam o seio; o que faziam era “as mulheres (A) com a mão (ma) comprimem (zon) o seio (a)” — sinal com que declaravam que pertenciam ao culto negro. Os homens do mesmo culto, traziam umas tiras, na perna direita!

Contra êsses povos efeminados, o nosso Profeta teve que lutar dura e longamente, a fim de suplantar o culto negro com o culto do Templo. As lendas adiantam que êle combateu vitoriosamente contra êsses efeminados, e os levou de vencida completamente, no Rio-Mar, até o Alto Rio Negro, o Qui-ar-y (fundação dos cantores do Templo), aonde chegou, após haver destruído completamente as Amazonas.

Os Mun-dur-u-ku (filhos todos do fundador do Templo) do rio Ta-pa-j-oz (dominado pelos cantores brilhantes do Templo) fazem largas referências à luta renhida pelo Xumé contra o culto negro. O grande civilizador dêles, o nosso Profeta em pessoa, que êles chamam de Kar-u Sa-ka-i-bé ou “o grande cantor, fundador do templo de todos os cantores” teve um filho de nome An-hu-ka-i-té (“a serpente o levou para o templo negro”), que confiou para criar a uma donzela mundurucu, chamada Chic-rri-di-a ou “colégio dos cantores todos do templo”. Mais tarde o belo filho do Profeta tornou-se tristemente célebre pelas aberrações sexuais (culto negro): as mulheres da tribo tinham-no seduzido! Karu-Sakaibé castigou essas devassidões: transformou o filho em anta, e as mulheres em peixes

o caranguejos. Em seguida, deu aos cavaleiros novas espôsas, plasmadas nos corpos, com argila que vivificou com fumaça.

Xumé saiu vitorioso contra o culto negro, e conquistou para o templo tôda a Amazonia e todo o Brasil. Os episódios dessa luta estão perenizados na toponímica brasílica, mórmente na amazônica. Rios, lagos, montanhas, vilas e lugarejos nos contam algo da luta renhida pelo Profeta contra os hediondos cultores do rito negro!

Os grandes rios nos recordam as expedições vitoriosas do Xumé e de sua gente. Os rios eram os caminhos naturais daquelas eras. O Cayari, hoje Madeira, diz: "O sacerdote, com o culto do Templo, o povoou"; o Quiary, Rio Negro = "Terra dos cantores do Templo"; o Ururacoera, cabeceiras do Rio Branco, o criador do Templo regou a região que cerca o rio; o Parabiana, antigo nome do Rio Branco = o grão-sacerdote do Templo aqui destruiu o culto negro; o Keleuene, outra denominação do Rio Branco = os cantores do Templo aqui quebraram o culto negro; o Xingu nos diz: "o caminho dos cantores"; o Tocantins: "o primeiro templo ressuscitado"; o Araguaya, "o rio grande de todos os cantores do Templo"; o Pará é "Rio dos cantores"; Maranhão, "os cantores do Templo o cultivaram". O trecho do Rio-Mar, chamado SOLIMÕES recorda: "homens do culto negro conquistados pelo Templo".

Infelizmente, Par-a-ná nos confessa: "Terras do culto negro"!

A luta de repovoamento do Brasil pelo Xumé, foi uma verdadeira epopéia, luta renhida entre os dois cultos: do templo de Jeová e do templo de Satã. Os numerosos nomes, que em linguagem antiquíssima — no sumério — recamam nosso mapa, descrevem essa luta do Hércules americano! Essa epopéia não foi gravada nas pirâmides do Egito, por onde passou triunfante; nem nas estélas da Mesopotamia, que lhes admiraram os primeiros triunfos; mas foi cinzelada nas páginas indeléveis do nosso mapa, páginas consteladas de nomes sagrados, que, na sua misteriosa polisemia, nos cantam as proezas obradas pelo Herói dos dois continentes e pelo seu séquitô povoador, em lutas constantes, implacáveis, impiedosas, sem tréguas, contra os adeptos do culto obscuro do deus cobra ou deus leão!

Ao mapa fazem éco os nossos rios, em suas margens; as encostas e os cimos dos nossos montes, pontilhados de medalhões do Grão-sacerdote, ladeado pelos seus fiéis companheiros de luta povoadora, quase sempre alinhados, fronteiros aos cenhos do inimigo, os cultores negros!

No Brasil, Xumé teve uma "vilegiatura": foi a ilha do estuário do Amazonas, a ilha do Marajó ou do "Templo dos cantores brilhantes do Templo"; de Joannes, porque Xumé foi o profeta ou o Oanne, que repetiu no Amazonas o que havia feito no Eufrates e allures: isto é, nas margens dos rios ensinava aos homens as letras, as ciências e as artes tôdas, a fundação de cidades, a ereição de templos, a insti-

tuição do *lots*, as regras da geometria (medir terras) e a agricultura. Oanne teria escrito, assim testemunha Beroso, um livro sobre a origem humana, a astrologia e o governo das nações. Seria um fac-símile do Gênesis bíblico!

Na ilha de Marajó, encontramos a Vila de Joannes ou Tipicu — “morada de todos os cantores”, chamada também de Sacacás ou “casa de todos os cantores”. A ilha, em tempos antigos, foi conhecida pelo nome de Ma-ri-na-tam-ba-lo-ou “Templo, querido remanso do chefe de todos os cantores”, Xumé; diziam-lhe outrossim: ilha de Ca-ma-mor ou “do chefe de todos os cantores do Templo”. Na ilha, há o lago artificial de A-ra-ry ou “lago dos cantores do Templo”; no meio do lago, surge a ilhota também artificial, do PAC-OB-AL ou “Alma dos grandes cantores” ou também “dos defuntos cantores”: era o cemitério! Nesta ilhota se erguia o templo majestoso e querido de Xumé, em que o nosso grande sacerdote pontificava no seu brilhante rito!

Entre os templos edificados no Brasil, talvez o mais belo tenha sido o que o Profeta ergueu no monte Ro-ra-i-ma ou do “templo dos cantores do Filho do Homem”. Edificado no alto do monte, entre as árvores, cercado de colunas de pedra e rodeado pela cidade do templo, tornou-se o templo central dos fiéis do Amazonas, e deu nome às montanhas circunstantes. Serra Ta-pi-ra-pe-có — “caminho dos cantores do Templo, que demandam o templo”; serra Pac-ar-a-i-ma ou “onde os cantores edificaram o templo ao Filho do Homem”; serra Par-i-má — “do templo do Filho do Homem”.

Obrigado a abandoná-lo, quando atacado pelos inimigos, o Profeta foi fundar outro importante, na Ilha do Marajó. A cidade de An-a-jaz nos lembra: “do templo destruído pelos cantores negros”. Também dêste foi desalojado; foi quando Xumé se refugiou temporariamente no Peru, entre seus sacerdotes. Na volta ao Amazonas, encontrou-o destruído: então edificou o suntuoso e magnífico templo da ilha de Marajó, não muito distante do templo destruído.

Templo grandioso deve ter existido outrora junto do que se chama “Monumento do Ingá”, na Paraíba do Norte. As gravações numerosas e complicadas que exornam o grandioso rochedo, e as muitas imagens que se admiram no campo atrás do rochedo, fazem-nos supor que se trate de um grandioso templo, mui semelhante ao descrito por Platão, na capital dos Atlantes: seria uma como Roma tupi-guarani! Numerosos romeiros deviam acorrer àquêlê lugar sagrado, para recordarem os grandes feitos obrados pelo Profeta do Marajó. O monumento do Ingá nos deixa adivinhar de como devia ser povoado o Nordeste, a parte melhor do império de Xumé. No mapa lobrigamos um como enxame de nomes americanos antigos, que só se analisam pelo sumério, na língua dos cantores de Xumé!

O monumento do Ingá, todo em ostilo simbólico, tem sua explicação cabal nos belos poemas sumero-americanos, que conseguimos vorter para o nosso idioma: o Poronaminarè ou “o Templo do Filho do Homem, no país que o oceano circunda”; o Erem ou “o culto do Templo” e Kakuhy ou “eclipse do culto do Templo”.

A êsse monumento faz referência Ivo d'Evreux, missionário no Maranhão, no século XVI, numa conferência com um dos maiores dos indígenas. Refere-se ao grande Profeta, a quem apelida de MAR-A-TÁ ou “afastado Cantor do Templo”. Dêle diz: “Veiu a vossa terra êsse grande Maratá, e aqui fez muitas maravilhas, como por tradição vos contaram vossos antepassados; foi êle, que fez talhar a rocha, o altar, as imagens e as inscrições, que ainda existem atualmente, como haveis visto. Foi êle, quem vos deixou a mandiôca, e vos ensinou a fazer o pão, pois, antes de sua vinda, vossos pais só comiam raízes amargas no mato. Como não quisesstes obedecer, êle vos deixou, predizendo-vos grandes desgraças, e que ficaríeis grande tempo sem verdes maratás !”

#### DESAPARECE DO BERAZIL

Para firmar suas vitórias sôbre o culto negro, Xumé assumiu autoridade de legislador; introduziu várias determinações, tendentes a tornar o culto negro abominável, e assim arredar dêle as tribos que acabava de repovoar. Introduziu as terríveis e dolorosas festas da iniciação sexual, quer dos mancebos, quer das donzelas. Precede-as a do batismo da criança ou nomeação, chamada: Mah-kan-ak-ab-a-sar-é ou “apoderar-se da criança, em nome do templo de todos os cantores do Templo”. Mais tarde vem a iniciação sexual do moço, que é a Ka-mu-an-o-nin-dé ou “falar ao homem da mulher e mostrar a mulher ao homem”; a da donzela é a Ka-ri-am-an ou “proclamar a plenitude do seio da mulher”.

Dispôs os segredos de Jurupari, entre os quais se contam dezesseis instrumentos musicais, quase todos trombetas ou flautas; os MAR-AC-ÁS ou “arma do cantor do Templo”, que servia para ritmar a dança, como compassos; as máscaras, em origem eram as vestes dos cantores do Templo — instrumentos todos que as mulheres não podiam ver sem perigo de morte. Mais, havia a rigorosa lei da exogamia, ou casamento fora da própria tribo; a sequestração da parturiente, afastada do convívio humano, e o simultâneo luto do marido, que durante uma lua, ficava deitado numa rêde, a guisa de parturiente — a tão estranhada chocada masculina !

A CIRCUNCISÃO que ainda encontramos entre algumas tribos dos nossos, por ex., entre os TUC-UN-AS (primeiros cantores do Templo), no Amazonas, está ligada ao culto negro, e foi imposta aos seguidores do culto do templo, como protesto contra o culto

**obsceno.** Os cultores negros adoravam os órgãos da geração humana, deturpada por Satã: os seguidores do culto do Templo, por sua vez, os desprezavam, mediante a operação circuncisória. Além disso, os cantores negros, cantavam no templo negro, inteiramente despidos; um circunciso que lá penetrasse, seria logo reconhecido!

Completado o tempo de sua missão, Xumé, como se havia retirado de outras paragens, onde havia desempenhado o papel que lhe fôra imposto, por Jeová, também se retirou da "tôda cercada pelo mar", a América. Desapareceu do seu aprazível remanso do Marajó. Desapareceu sem deixar vestígio de sua saída!

Os Tupi que conheciam Xumé também como Ir-in mag-é, ou "o homem do céu, o grão-sacerdote do Templo", resolveram matá-lo! Para isto o convidaram a uma festa. Irin magé, embora suspeitasse das más intenções deles, aceitou ao convite, e foi sózinho, confiado na persuasão que o povo tinha de seus poderes sobrenaturais. Na festa, exigiram-lhe saltasse, sem se queimar, três fogueiras acesas. Xumé, ao saltar a segunda fogueira, nela caiu e se queimou. Na queda partiu-se-lhe a cabeça, com tão estrondoso rumor, que êste chegou até o céu, onde originou o relampago e o trovão — os grandes atributos de Tupana! Assim nos recordam seu desaparecimento os seus queridos tupis!

A nobre nação dos Munducurus, que se diz descendente direta do Profeta, Karu-Sakaibé, a quem chamavam também de Ibaurobó (grande cantor, criador de todos os cantores) fazem remontar a Karu Sakaité tôda a cultura que possuem e possuem; dizem que lhes deu a própria tatuagem; foi quem pacificou as hordas dispersas e constituiu a Federação Mundurucu; quem estatuiu as classes sociais e as leis matrimoniais da exogamia; quem proibiu a êles a poligamia; quem os aperfeiçoou na caça e na agricultura, e lhes ensinou o uso da mandiôca.

Dizem êles que o Profeta, antes de partir definitivamente, deixou gravadas nas rochas de Kapikpi em Arekurekabek e em Cantagalo, as misteriosas inscrições ou itacoatiaras (pedras grandes, ornadas com gravuras, gravadas pelos cantores do emprego); acrescentam que êle desapareceu para sempre, descendo o rio Tapajoz!

Câmara Cascudo oferece linda versão sôbre o desaparecimento de Xumé da sua querida "Tôda cercada pelo oceano", a América!

"Depois de uma longa peregrinação, de tribo em tribo, de várias aventuras miraculosas, sujeitando povos a sua lei, e reformando hábitos, Jurupari confidenciou a seu fiel discípulo CÂR-I-DA (o templo de todos os cantores), o mistério de sua vinda ao mundo. Jurupari é filho do embaixador e embaixador do Sol (Filho do Homem), e baixou à terra para melhorá-la, e procurar uma espôsa para o Sol. Essa mulher privilegiada e sem defeitos, só terá três virtudes; Jurupari percorrera o mundo para encontrá-la e levá-la a

sou luminoso Pai. Qual a perfeição desejada em sua eleita? Quer uma mulher que seja paciente, saiba guardar um segredo e não tenha curiosidades.

E melancólico Jurupari dizia ao dileto Cárída: Nenhuma mulher existente na terra, reúne essas qualidades! Uma é paciente, mas não sabe guardar um segredo; se sabe guardar segredos, não é paciente; e tôdas são curiosas, querendo tudo saber e tudo experimentar!

Depois Jurupari sentou-se à beira de um lago, mirando-se nas águas serenas. Deviam separar-se: Cárída para o oeste, e o herói para o oriente! Anoteceu, e a lua pintou de prata a solidão. Súbito ergueu-se uma voz estranha e límpida, cantando a canção de Jurupari. Cárída reconheceu Ca-ru-má (templo do culto negro), a virgem dos Na-ru-na (cidade do templo negro), que cingira o corpo do Reformador e fôra mudada em montanha. Carumá cantava a noite tôda, embalando o sono de Cárída. Pela madrugada, êste despertou. A montanha refletia-se no lago imóvel. Jurupari desapareceu para sempre! Cárída, com o sol vivo, rumou para o poente!

À partida do Profeta, o culto negro fez adormecer o culto do Templo, o culto do Sol pregado por Xumé; o culto do Templo ou do Sol refugiou-se no ocidente do continente: tôda a parte oriental caiu sob o culto negro!

Xumé partiu da América, mas deixou nela memórias indeléveis, aviventadas pelas leis do código de Jurupari, a maioria delas observadas com escrupulo, até pelas tribos sujeitas ao culto negro; memórias perenizadas na toponímia, e muito mais no culto que Jurupari foi ganhando em todo o continente, mórmente no sul. Algumas tribos conservaram o culto do semideus, em relativo estado de pureza; outras o envolveram nas cerimônias religiosas, nas flagelações rituais, nos instrumentos, nos maracás, nas máscaras, e sobretudo nas danças religiosas, e nas cantigas, com que acompanhavam as dansas, cantigas e modinhas que cantavam muitas vezes, sem lhes conhecerem o sentido!

Cada tribo reconhecia Jurupari como fundador do culto, como legislador, e todos o recordavam sob diferentes nomes, mas todos que incluíam os atributos de Xumé, o grão-sacerdote do Templo. O culto que as tribos americanas vieram prestando a Jurupari, foi escurecendo o culto pregado pelo Profeta, o culto do Templo ou melhor, o culto do Filho do Homem. O culto do Filho do Homem era chamado de culto do Templo, porque o Filho do Homem morava misteriosamente no Templo (I-E-O-VÁ); também era lembrado como culto do SOL, porque, consoante a linguagem dos cantores, o Filho do Homem, o Verbo divino, tinha sua mansão oficial no sol.

Eclipsou-se aos poucos o culto do Verbo divino, progado por Xumé, e se foi consubstanciando no culto de Xumé ou Jurupari, culto que se tornou apanágio dos pagés. Do culto de Jurupari, escreve Cascudo, em Geografia dos mitos brasileiros: "Fôra êle o deus máximo, o deus popular, a maior tradição sócio-guerreira do Brasil colonial. Quando sua religião não estava integral, vivia modificada; mas vivia no ritmo de cada maracá, estrugindo nos silêncios rituais da oçara. Prescrições de seu ritual passaram de tribo em tribo, assimiladas nas crenças locais, determinando outra direção religiosa na vida tribal."

Deu-se com Jurupari, o que se deu com Buddha: o propagador do culto passou a ser cultuado como deus! Aliás, Jurupari e Buddha é a mesma personagem!

Com a saída de Xumé, refloreceu na América o culto negro! O culto negro prestava-se com homenagens diretas a Cobra Grande, Boia-uacu, nos seus templos, onde o monstro aparecia visivelmente, e até dirigia as funções culturais; fora do templo, Satã era representado por vários duendes: ANH-ÂN-GA ou "Espírito da Serpente Grande"; o KUR-U-PIR-A — "o ladrão de mulheres e de crianças do Templo"; o KA-A-PO-RA ou KA-A-GIR-RA — "o chefe de todos os destruidores do Templo"; o SAC-Y ou "o destruidor do Templo"; o ME-BO-Y-TA-TA ou "a brilhante serpente, arrebatadora das crianças dos cantores" — títulos todos endossados ao chefe do culto negro, Satã!

Os conquistadores vieram encontrar o continente forrado de culto negro: o demônio reinava em tôdas estas terras! Ministros do culto negro eram os Pagés, que olvidado o alto cargo de cantores (pag) do Templo (é), se transformaram em cantores e ministros de Satã!

"Na luta da catequese, escreve o sobrecitado Cascudo, os Jesuítas se convenceram que a argúcia dos pagés e seus conhecimentos médicos, meteorológicos e topográficos deviam vir do demônio, padroeiro dos irreligiosos. O indígena não tinha oração, nem tributo pessoal para a divindade. Tudo se fazia coletivamente, e sob a direção do pagé decrépito. A campanha catequisadora orientou-se contra o pagé, como para uma vertente lógica, por onde tôdas as águas malsãs escoavam, envenenando os ares limpos... Religião subentendia rito, cerimônia, liturgia. Assistindo às danças, cantos e viravoltas, o catequista convenceu-se de presenciar a uma seita de contorsistas endemoninhados, sob o maracá estrugente do pagé. Desmoralizar Jurupari era urgente! Jurupari foi sendo apresentado, indicado, denunciado como legítimo sinônimo de Satanaz!"

Oficializado o diabo em Jurupari, fez-se mister aos catequistas encontrarem um nome, que contraposto ao diabo, o princípio do

mal, representasse o princípio do bom. Investiram com as insígnias da divindade, a mais sensível manifestação do poder de Deus, o TROVÃO! TUP-AN, "o que repercute o céu"! E encarregaram a Língua Geral — outro invento dêles — de divulgar os dois antônimos: Tupã = deus; e Jurupari = o de demônio! E com êles, todos os seus derivados!

Sulco luminoso de Xumé no Brasil, foram os cantores do Templo. Muita reminiscência encontramos dêles. A indumentária ementa muita cousa dêles! Muito interêsse tem despertado a TANGA marajoara, chamada também de BABAL.

Babal é um objeto de barro cozido, afetando a forma de um triângulo, de ângulos verticais arredondados, a parecer quase uma meia campânula. Na parte anterior traz pintados estranhos desenhos, em caracteres vermelhos sôbre um fundo branco. Não passa de um palmo. Tem três orifícios: um em cada extremidade inferior e um na parte superior, orifícios que se destinariam a dar passagem a fios, com que se prenderia ao corpo. Essas tangas, entre as peças de barro, é a mais delicada, a mais fina, e a mais singular. Era usada só no Marajó; em nenhuma outra parte da América é encontrada.

Os entendidos querem emprestar a essa misteriosa tanga usos domésticos, religiosos, profiláticos. A maioria quer que fosse "vela-sexo" femininos, uma espécie de "fôlha de videira". Não! A forma plástica dela não condiz com a função de "vela-sexo"; nem um "vela-sexo" mereceria a pintura finíssima que a decora, e muito menos mereceria a honra de ser depositada nas urnas funéreas, entre os troféus do defunto, como acontece com a tanga marajoara.

Para proteção da decência e do pudor, e sôbre tudo, para realce do ofício, todos os cantores, homens e mulheres, envergavam a longa túnica branca, reforçada pelo manto. Sob essas vestes corais, todos traziam peças vestuárias apertadas, com que cobriam inteiramente as partes menos honestas do corpo.

Além da túnica e do manto, os cantores e as cantoras cingiam a FAIXA PEITORAL (não renal), chamada TANGA ou "fôrça do seio". Esta faixa peitoral, usada pelos cantores, visava reforçar as paredes do aparelho respiratório e dar firmeza à voz cantante.

A faixa peitoral usada pelas cantoras, chamavam-na de Tanga ou "firma-seio", ou lhe diziam Mu-ru-a-ri, isto é, "atadura do seio da mulher que canta", ou então era a En-tu-a-ri ou "veste do seio da mulher que canta". A faixa usada pelos cantores, denominava-se UL-UR-I ou "liame do seio do cantor"; ou Co-ê-i-o, "veste que cobre o seio do cantor; ou Ta-kun-ha-y-u-a ou "forte veste de todo o homem que canta no templo". Com o progresso do tempo e com a prevalência do culto negro, a tanga, de faixa peitoral passou a faixa renal, reduzida às mínimas dimensões, com finalidades profilática, mais do que a defesa do pudor!

A discutida tanga marajoara tem referências aos cantores. Chamava-se também BABAL. Ora “babal” pode ser pronunciado: BÀ-BAL, e assim pronunciado indicaria um “vela-sexo feminino; mas também pode ser pronunciado BAB-ÁL, e êste nos diz: Grande CANTOR, ou “chefe dos cantores”. A tanga marajoara era simplesmente uma insígnia, uma veneração dos cantores privilegiados. O grandioso templo erguido por Xumé na Ilha do Marajó, dispunha de vultoso contingente de cantores, que, por serem cantores do grande templo, e mais ainda por terem sido criados pelo próprio Xumé, gozavam do título de “Grande cantor”, título representado pela famosa tanga!

A arte de cantar no templo, para refôrço da voz, socorria-se, além das faixas peitorais, também dos exquisitos BOTOQUES — pedaços de pedra ou de madeira, introduzidos nos lábios inferiores e nas orelhas. Os que desfiguravam o lábio inferior, chamavam-se ME-TA-RA, que significa: “voz forte de cantor”; os das orelhas, eram os TEM-BE-TÁ, ou “recolhedor da voz cantada”. Ambos tinham a função de reflectores da voz, ou de aumentadores da voz emitida pelo cantor.

A ressurreição dos cultores negros, com a conseqüente “revanche”, explica outrossim o fato tão deplorável do NUDISMO, em que vivia a maior parte das tribos ameríndias! O número primeiro do culto negro era cantarem todos, homens e mulheres, nos antros satânicos, inteiramente nus, em plena oposição ao código dos cantores do Templo de Xumé, os quais se destacavam pela impecabilidade da indumentária, solicita em esconder as indecências, tão apetecidas pelo culto negro! Vencidos os cantores do Profeta pelos cantores negros, e ressuscitado, em quase tôda a América, mórmente na banda oriental, no Berazil (o que se não deu no Peru!) o culto negro, os cantores negros levaram e espalharam por tôda a parte o nudismo. O nudismo foi encontrado de preferência entre os índios do Berazil, ou na banda oriental, quando na banda ocidental, os índios andavam vestidos, e até caprichavam na indumentária, como se viu no império dos Incas!

— Com referência à saída de Hércules do Brasil, anotamos o que lemos acêrca do nono trabalho de Hércules, ou a conquista dos cantores arrancados ao templo de Jerusalém, e presos no templo negro de Tiro. — Hércules, conquistando todo o rebanho de Gerion, voltava alegre para Micenas, quando no fim da viagem uma VESPA (s’-phe-ko), mandada por Juno, dispersou-lhe o rebanho pelas altas montanhas. — A Vespa são os “Cantores chefes do Templo” de Tiro: êstes instigados por Juno ou Satã, dispersaram os cantores e as cantoras, que iam de volta para Jerusalém. Hércules com suma dificuldade conseguiu reunir a mór parte do rebanho e encaminhá-lo para Jerusalém. A parte que não pôde reunir ficou pela floresta, e se tornou selvagem — adeptos do culto negro! Os nossos TA-PU-Y-AS ou “cantores cortados dos cantores do Templo”, recordam êsser cantores dispersos pelas montanhas.

— De volta da América para a Europa, Hércules, atravessou a Ibéria e a Gália; e passado o Ródano, chegou à Itália. Completada sua missão na Itália, demandou a IL-LY-RI-A ou “cantores negros, cantores do Templo”, e a THRA-CI-A, “homens presos pelo culto do Templo”. Na Trácia encontrou o povo dos PYG-ME-US ou “associados do culto negro”, que tentaram combatê-lo. Hércules para acabar com eles, meteu-os todos no bôlso do seu casaco de pele de leão! Converteu-os para o culto do Templo.

— Profeta dizia que “saira quatro vêzes de VELUM VOTAN (velum-w-ot-an é: “A montanha do Templo de todos os cantores do Templo”) para VELUM CHIVIM (para confirmar todos os cultores do Templo). “Dizia que numa destas viagens visitara a “Habitação das Treze Serpentes”, que é a América!

## CAPÍTULO XI

### ÚLTIMOS TRABALHOS DE HÉRCULES

A última expedição de Hércules devia ser para a terra de seus sonhos dourados, a terra que o viu nascer, a terra da nunca olvidada I-O-LE ou "Templo do Filho do Homem" em Jerusalém, a mais formosa donzela do país, filha de E-ur-yt-os (onde era magnificado o Filho do Homem), rei de O-ik-al-i-a (onde cantam as crianças consagradas ao culto do Templo). Lutara umas vinte gerações contra o culto negro, que esmagava as crianças, em honra de Lúcifer. E no templo de Jerusalém cantavam as crianças tôdas — a menina dos olhos de Jeová! Desejava rever êsse templo, e nêle passar seus últimos dias, cantando com os coros de Jeová!

Mas sua querida Iole não existia mais! Os cantores negros, lá pelo ano 2500, instigados por Satã, partiram numa imensa expedição, de Tiro, na América; invadiram a Ásia Menor; tomaram Jerusalém; saquearam e derribaram o Templo, reconstruído por Nohá; mandaram para Tiro os cantores, as cantoras e o grande côro das crianças: os cantores e as cantoras, foram agregados aos cantores negros de Tiro, e as crianças foram baramente assassinadas no templo, na presença e em honra de Satã!

Ao mesmo tempo que um dilúvio de fogo destruiu o grande templo negro de Sodoma, deu-se o espantoso dilúvio de Deucalion, lá pelos anos 2060 a. C., que invadiu grande parte da Grécia, e fez sossobrar a capital da América, Tiro, com todos os seus cantores e com tôda a planície que cercava a capital. Como, na mesma época se deram muitos outros extermínios de cantores negros, cremos que então também ruiu o grandioso templo negro, edificado pelos cultores de Satã, não muito longe de Damasco, o chamado "Templo de BA-AL-BEK (Templo dos cantores rebeldes), cujas ruínas ainda perduram.

Durante êsses cataclismos, Hércules se achava na Ática, sob o nome de Deucalion, onde ressuscitou os cultores do culto de Jeová.

Expurgado o país, dos cultores negros, Jeová ordenou a Ab-ram reedificasse o templo, no Monte do Templo (Hed-en), no mesmo lugar onde surgiram o primeiro e o segundo templo. Por êsse

tempo, Hércules estava como grão-sacerdote de Jeová, no templo de Heliópolis, no Egito, sob o nome de Abimelek.

O príncipe Abraão desceu ao reino dos Faraós para engajar obreiros e artistas para o novo templo. Os obreiros do Nilo eram afamados como mestres de construções. Acompanhava-o sua irmã Sara. Ajustou os operários e os mestres e também trouxe consigo, por ordem de Jeová, ao grão-sacerdote Abimelek, que viria pontificar no terceiro templo, o que seria reedificado por Ab-ram em Jerusalém.

O nosso documento nos diz: "O grão-sacerdote da cultura universal, XED-EK (grande cantor) era rei de Xal-em (a cidade do templo). Sacerdote-rei, caçador, cantor e construtor, combateu e sustou o culto negro em todos os países, e nêles fundou templos, alegrados pelo canto das crianças, e pelos sacrifícios do trigo. Abertos muitos templos, em todos os países, e na "Tôda cercada pelo mar" (América), recolheu-se ao templo majestoso de Abram, onde cantava com os cantores todos e com as crianças tôdas do templo! Governador do templo, cantava com todos os cantores do templo!"

Abraão reedificou o grande templo de todos os cantores, no Monte do Templo, ou Gol-go-ta, ou Cal-va-ri (monte de todos os cantores), em tudo conforme aos dois primeiros. Por êsse feito, Ab-ram passou a chamar-se AB-RAH-AM, isto é: "construtor do grande Templo".

Hércules passou seus últimos anos, na doce mansão do Filho do Homem, abraçado a sua querida Iole, e juntinho de seu grande amigo Abraão. Aqui o Profeta era conhecido como Mel-ki-sed-ek ou "fundador do Templo e grande cantor"! Aqui, neste templo, veio buscá-lo o Filho do Homem, para levá-lo aos páramos etéreos!

## CAPITULO XII

### MORTE DE HÉRCULES

A mitologia conta-nos a morte do semideus Hércules. Dejanira (América), a esposa abandonada de Hércules, a qual havia ficado no Extremo Ocidente, enquanto o Herói percorria o Extremo Oriente, assim que soube que êle se achava com a sua querida Iole, recordando as palavras do centáuro Nesso, que lhe ensinara o modo de reaver o amor do marido, se por acaso o visse perdido, manchou, com o sangue do centáuro, uma veste ricamente bordada, que com uma mensagem, cheia de sentido amor e saudades, lhe enviou, para êle a vestir. — O Herói recebeu notícia de que o culto negro estava novamente grassando em tôda a América!

O portador da veste fatal LI-CHAS (Jardim dos cantores), encontrou o Profeta que estava sacrificando a Júpiter seu pai. O Herói vestiu a túnica, e no mesmo instante, sentiu um veneno terrível queimar-lhe impiedosamente o corpo — o veneno era a notícia de que a América estava sendo incendiada pelo culto negro! — Lutou para arrancar a traiçoeira veste; mas, inútilmente, pois a veste se lhe havia convertido como em pele; e enquanto se retorcia em dores, o sangue jorrava-lhe abundante do corpo! No mesmo tempo, apoderou-se do Profeta o costumeiro furor — amor pelo culto de Jeová — do qual foi vítima o fiel Lichas — a América perdeu no fundo do mar a capital Tiro!

Veiu então para seu lado, para adoçar-lhe o sofrimento e animá-lo, a adorada Iole. Com sua presença o Profeta se reanimou; e em seu semblante, brilhou novamente a alegria de costume, e nos olhos apareceu a luz pura dos seus anos juvenis. Pediu o levassem ao cume do monte Ô-I-TA (templo de todos os cantores). Aqui auxiliado pelos amigos, ergueu com lenha uma solene pira. Pronta esta, o nosso Herói, para oferecer a deus, a quem havia pregado em todo o mundo, um sacrifício de gratidão e de louvor, subiu à pira; nela se deitou, e deu ordem que lhe atexassem o fogo.

As sombras já invadiam o firmamento, e, contudo, Hércules tentava ainda atravessá-las com os olhos para contemplar o rosto de Iole, e animá-la, na sua mágoa. “Iole não chores! Os meus trabalhos estão findos; chegou o tempo de descansar. Ver-te-ei

de novo, no país, onde a noite não aparece" ! Tornavam-se cada vez mais profundas as sombras da noite, e unicamente as chamas da pira funérea, no monte, fendiam as trevas. Então uma nuvem de trovoadas baixou do céu, e seu raio atroou os ares ! Assim levou Júpiter o filho, e o Olimpo se abriu para receber o Herói, que já descansava de seus hercúleos trabalhos !

Tôdas as mitologias que tratam de Hércules, o Herói de vários países, tôdas narram a morte do semideus, cercada de acontecimentos extraordinários, sobrenaturais, como foi também seu nascimento.

O nosso informante sumério consagra um capítulo inteiro à narração da morte de Hércules, que nos apresenta sob o nome de AB-IM-EL-EK ou "Pai do Templo e cantor gigante". O Herói estava de rei na cidade do Templo (Xalem), e de sumo sacerdote no histórico templo de Abraão. Abraão e Sara eram exímios cantores dêste templo, e lá estavam, quando se deu o desenlace do Amigo.

"Todos os cantores do Templo estavam cantando, quando o Filho do Homem, do céu, veio demandando o templo brilhante dos cantores. O grão-sacerdote do Templo estava ocupado com o chamado "Sacrifício do Menino Cantor". Todos, homens e mulheres do templo, olhavam com atenção para o sacerdote-rei, que elevara um grande bolo cozido, com figura de um menino cantor, brilhante na veste branca roçagante e de douradas bordaduras".

"O Filho do Homem, após haver cantado com todo o templo, chegou-se ao branco Abimelek, e lhe revelou que tôdas as suas CORRIDAS chegaram ao repouso, e êle iria colher o fruto no céu". O Filho do Homem se afastou. O grande templo prosseguiu nos seus cantares. "Todos os cantores estavam cantando, quando Abimelek CAIU MORTO, à vista de todo o templo. Todos se aglomeraram no recinto circular do templo, para verem o morto. Quando todos viram finado no santuário a Abimelek, todos os cantores cantaram o "Canto do cantor que morre na paz do Templo". Todos, homens e mulheres choravam a morte do máximo cantor do Templo. Todos os cantores do templo estavam cobertos de tristeza !"

"Todos lamentavam o sacerdote morto no templo; o cantor mais exímio dos cantores; o cantor luz dos cantores ! Todos os homens do templo o proclamavam: o cantor entre todos os cantores do Templo; o criador dos cantores todos; cantor mais brilhante entre os cantores todos; o cantor dos templos todos; o cantor rei de todos os cantores ! Todos os cantores falavam do cantor criador e difusor do Templo; falavam do brilhante cantor de todos os templos... Todos lamentavam a Abimelek, o máximo de todos os cantores, que cantaram no Templo ! Todos choravam o criador e difusor do Templo".

Não sabemos onde jazem seus despojos mortais, nem sabemos onde se encontre seu glorioso túmulo. Somos tentados a emprestar-lhe o grandioso epitáfio, esculpido por mão sagrada, numa página indelével do Evangelho; ali podemos ler: “Houve um homem chamado I-O-AN-NE (o grande cantor e sacerdote do Verbo), mandado por Deus, para que viesse dar testemunho à Luz — o Verbo divino — afim de que todos os povos cressem por meio dêle. Ele não era a Luz, mas sim dava testemunho da Luz”!

— QUAL A ÉPOCA DE HÉRCULES? — O encontro de Hércules com Abraão, permite-nos determinemos, ao menos aproximadamente, a época dos trabalhos do grande Herói. Os historiadores concordam em assinares a época de Abraão dentro do período de 2200 a 1900 antes de Cristo. Hércules foi neto de Ham: deve ter nascido pouco mais de cem anos depois do dilúvio. Este o datamos em 3483 a. C. E como tudo é misterioso na vida de Hércules, e como o número misterioso dos súmerios, a quem êle pertencia, é o 13, damos-lhe duas trezenas de séculos mexicanos; assim dariamos à vida dêle 1352 anos, vida patriarcal, e ela se enquadraria entre 3380 e 2028 a. C. Hércules liga Noé com Abraão.

A terra que mais logrou dos trabalhos de Hércules foi a “Tôda cercada pelo mar”. Infelizmente, ela não soube, ou não pôde aproveitar os imensos benefícios que Jeová lhe dispensou, mediante o ministério de Hércules, pois afora o Peru, com seus sacerdotes, o Yucatã, com os Maias, e um pouco a Colômbia com os Muiscas, o demais território do continente americano recaiu nas trevas do culto negro, logo após da partida do Profeta. E também se explica! Lúcifer, que estava prêso em Tiro, foi solto por Hércules, por concessão de Jeová. Livre das peias, Lúcifer foi ateando o fogo do culto negro, enquanto ia apagando as luzes espalhadas pelo Profeta, no continente todo!





## CAPITULO XIII

### A CIVILIZAÇÃO ATLÂNTICA

Terminada a resenha dos trabalhos agigantados do nosso Profeta, para melhor os avaliarmos, podemos panoramizar a surpreendente civilização, iniciada na "Tôda cercada pelo mar" pelas treze tribos dos cantores, os primeiros povoadores da América, e completada pela obra civilizadora de Hércules.

As treze tribos estavam agrupadas em dez reinos, os reinos da Federação Tolteca, federação que, mais tarde, seria lembrada com o nome de "Os Reis de Tharxix".

Os cantores do Templo de Jerusalém transformaram a "Tôda cercada pelo mar" no "VERGEL de TODOS os CANTORES", a Havilá, onde surgiram cidades; ergueram-se templos; floresceram as artes; progrediram as indústrias; incrementou-se o comércio. Mòrmente depois que Hércules veio lançar no "Vergel de todos os Cantores", o seu povo e seus Pelasgos, para repovoá-la, após a tempestade que a assolou com o culto negro! A parte central do País e as cidades que bordavam os rios, mòrmente o PA-RÁ (grande rio), o Amazonas, foram as mais beneficiadas na civilização dos Atlantes.

Havilá era famosa pelo ouro, pelos diamantes e mais pedras preciosas. Muito estimados eram seus pavões (araras) e seus ma-caquinhos, suas especiarias, seus bálsamos e suas árvores de incenso.

Centro de tudo era a capital, Tiro, a "Tôda brilhante". Colocada na planície, com esplêndido acesso ao mar, estava cercada de vários muros, fossos e canais. Dêstes, alguns cobertos, davam entrada até à cidade, às naus de longo percurso. Para revestimento dos muros usavam bronze, estanho, auricalco (mistura de ouro, prata e cobre); com êstes muros, Tiro brilhava como fogo! Por isso também era chamada de OPH-HIR ou "Tôda brilhante".

Todos os anos havia duas colheitas, porque a terra era fecundada, no inverno, pelas chuvas, e regada no estio com água tirada de muitos canais. Podiam cultivar as artes, porque dispunham de numerosas minas, que lhes forneciam metais sólidos, fusíveis e preciosos. Criavam animais em grande escala. Os campos lhes produziam frutos em quantidade: trigo, uvas, legumes e outros. O seu maior pôrto estava coalhado de navios e de negociantes, que lhe vinham de tôda a parte do mundo. Nêle havia um tumulto contínuo, em que se percebiam tôdas as línguas da humanidade!

Senhores de tantas e tamanhas riquezas que lhes prodigalizava o solo, seus moradores construíram templos magníficos e riquíssimos; pálacios e portos para seus numerosos navios. Não se limitavam ao útil e necessário; passaram às obras de embelezamento. Na capital, havia casas balneárias para todos; templos, jardins, ginásios e hipódromos e casernas para o exército. Construíram canais e estradas e pontes para ativarem o trânsito e o comércio.

Possuíam organização militar admirável: o país dispunha de DEZ MIL carros de guerra; e sua frota se compunha de MIL e DUZENTAS naus!

No tocante a magistratura, cada um dos dez reis, em seu reino, gozava de poder absoluto sôbre seus súditos e sôbre as leis. Leis interessantes dirigiam a administração do país; processos excelentes acompanhavam a ação julgadora e punitiva da justiça. Reuniam-se, para em comum deliberarem acêrca da guerra e dos negócios importantes, ficando porém a autoridade principal para o rei da capital da Federação.

Passam para o ativo dessa civilização os admiráveis "teocalli" ou "Casa sagrada do Filho do Homem", ou templo com sua forma piramidal, de vários andares, com o fundo colocado na direção exata do paralelo do lugar. São herança da mesma os famosos TÚMULOS dos "Mounds Builders": planaltos ou pirâmides, para os sacrifícios; túmulos sepulcrais; túmulos com formas de animais para o culto, e recintos fortificados para a defesa.

Ainda hoje nos é dado admirar margens artificiais de estradas e de rios; escadas que levavam aos rios; valos e outeiros artificiais, feitos com arte e construídos com terra ou pedras; obras grandiosas de defesa ou para o culto religioso; imensas linhas de fortificações, a correrem do lago Ontário ao golfo do México, e dos

montes Alleganhys às Montanhas Rochosas, vastos recintos poligonais. As obras de defesa assinalam providências desses povos contra a invasão do norte e do leste: estão a indicar que essas obras foram realizadas, quando o continente americano ainda estava perto do continente europeu, de onde podiam vir os inimigos e haver surpresas.

As ruínas de quarenta e quatro cidades no estado de Chiapas, as de Vera Cruz, as do Yucatã, de Honduras, na América Central; as numerosas pirâmides, semelhantes às do Egito e de Babilônia; as ruínas do império dos Incas; os palácios e muros de construção ciclópica; os templos e os ídolos colossais; os ornatos de ouro maciço; os ídolos de ouro, de cobre, de bronze; os ritos, os sacrifícios — tudo nos fala e nos encomia essa grandiosa civilização!

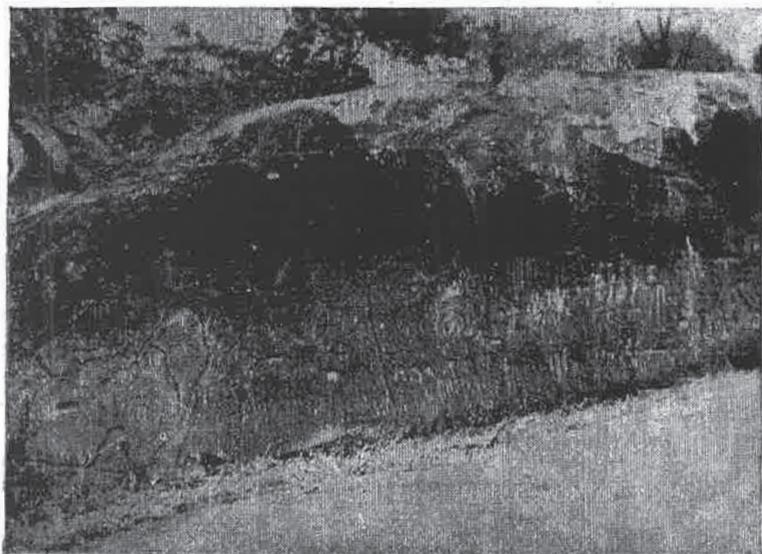


FIGURA 21

No monumento do Ingá. (Antero Pereira). Início da grande inscrição, que relata o povoamento da América por Poseidon.

A civilização atlântica, a podemos admirar outrossim nos numerosos grupos de imagens — a maior parte, rostos humanos, esculpidos nas rochas, que rendilham nossas serranias, ou bordam nossos rios e saltos, ou andam esculpidos em pedrouços, em grossos calhaus ou em pedras sôltas, que separadas ou agrupadas, ladeiam as correntezas ou descansam nas saliências das serras; as grandiosas imagens, que como o “Gigante que dorme”, descansam nas cristas de nossas serras,

O magnífico monumento do Ingá, na Paraíba do Norte, em que os nossos buriladores souberam gravar tóda a história da expedição povoadora de Hércules na Havilá, é mais do que suficiente para nos atestar a grandiosa e admirável civilização implantada na América pelos Cantores do Templo de Jerusalém, pelos treze povoadores, que, às ordens de Poseidon, vieram povoar sua querida Cleitô! (Figuras 21, 22, 23, 24 e 25).

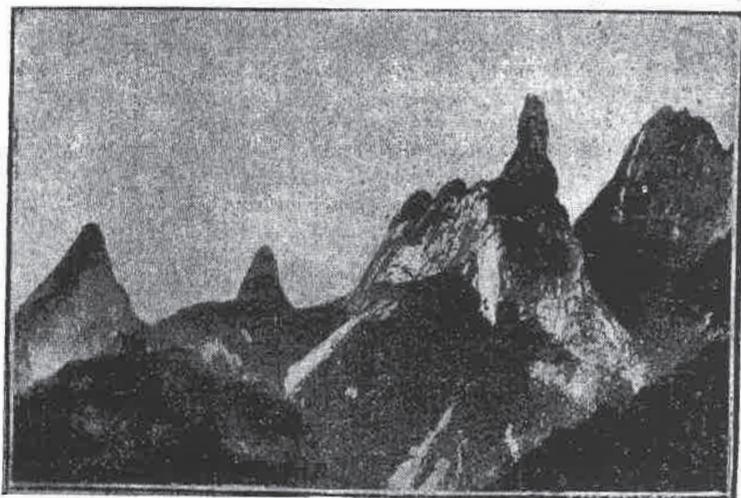


FIGURA 22

Várias figurações no Dedo de Deus e nas demais pontas da serra.  
(De “Uma Viagem Encantadora”, de A. M. Macejós, 1927).

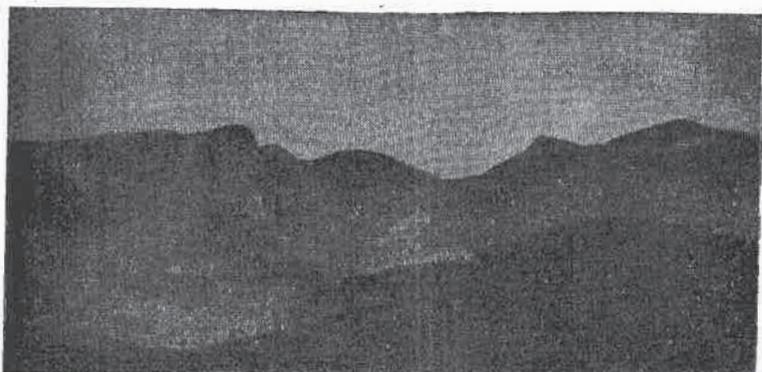


FIGURA 23

O Gigante de Caparaó — trabalho dos nossos Tupis que esculpíram na serra a imagem do grão-sacerdote Sumé. Nas fronteiras de Minas com o Espírito Santo. (Foto de Carlos da Cunha Lima, do Centro dos Excursionistas).

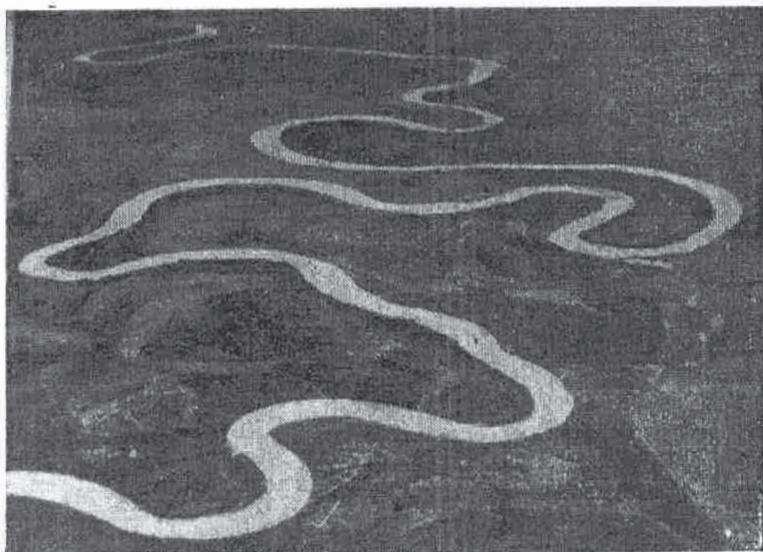


FIGURA 24

O Paraiba colhido de avião. Entreveem-se figuras enormes de ofídios com cabeças humanas. (Foto ENFA).

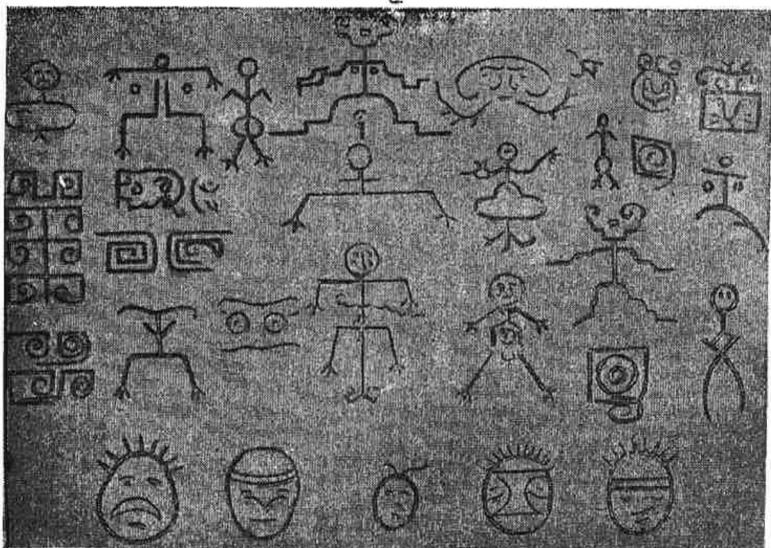


FIGURA 25

Esculturas rupestres do Rio Japurá. (De "Viagem no Brasil", de V. Martius). A maior parte destas figuras se resolvem em "jacarés", o símbolo que representa ao Grão-sacerdote Xumé; as outras, que parecem cabeças com raios, são figuras de Mago, o vidente da Montanha, encimadas pelo cocar, o emblema dos jafétidas.

## CAPÍTULO XIV

### TIRO, CAPITAL DA AMÉRICA

Tiro capital da América antiga, não se deve confundir com Tiro da Fenícia, cidade fundada pelos Sidônios, no século XIII antes de Cristo, na praia oriental do Mediterrâneo: a capital americana, como atesta Ezequiel (cap. 27) estava situada “no coração do mar, e habitava na entrada do mar”. Entrada do mar, eram as Colunas de Hércules: Tiro estava no meio do mar, no Atlântico, fronteira às Colunas de Hércules, distante delas uns oitenta quilômetros. Era dela e não da nova Tiro, que disseram os sacerdotes a Heródoto, pelos 440 a. C., que “seu templo de Hércules havia sido fabricado juntamente com a cidade, 2300 anos antes do tempo, em que êle escrevia sua história” — seria pois pelos anos 2740 antes da nossa era.

A primeira capital do nosso Continente surgia numa ilha meio artificial, e gozava de topografia magnífica. Estendia-se numa planície, muito acima do nível do mar, e estava rodeada por cêrco de altas e magníficas montanhas, que se prolongavam até o mar. Restos destas montanhas são os montes AL-LÉG-HAN-Y ou “montes que cercam a “Tôda Brilhante” isto é, Tiro. A superfície da ilha era unida e regular, de forma oblonga; de um lado media 620 km, e do outro, ao mar, acima de 420 km.

Numerosos canais artificiais recortavam a planície. Afastada da praia uns dois km. surgia a cidade de Tiro. TYR-O significa “a Tôda Brilhante”; nome que os hebreus abreviaram em TSOR — a famosa, a célebre, a brilhante”. Também era conhecida como Tar-tes-sos ou “a brilhante, rica e bela”! A cidade era cercada de vários canais e de vários muros. Comunicava-se com o mar, por um canal longo cêrca de dois km., com 300 metros de largura e 30 de fundo. Para que êste canal pudesse servir de pôrto, aos que viessem do mar, possuía embocadura, em que podiam navegar os maiores navios. No centro da cidade, num suave morro, erguia-se a cidadela, com o palácio real e o majestoso templo.

Vários muros e canais circundavam o cidadela. Uns muros eram cobertos de bronze, outros com estanho, e os extremos com oricalco, que brilhava como fogo. Daqui o nome de “Tôda bri-

lhante” ou de TYR-O. Seu pôrto principal estava coalhado de navios e de negociantes, que lhe vinham de tôda parte; nêle se notava um tumultuar contínuo, em que se percebiam tôdas as línguas do mundo !

A cidadela era uma magnificência ! No centro dela elevava-se o grandioso templo, que no comêço se chamou: “Templo de Neptuno e Cleitô” ou “Templo do Filho do Homem”, o senhor da “Tôda cercada pelo mar” ! Era um santuário riquíssimo, cercado de muro de ouro. Era o ponto das peregrinações anuais das gentes dos dez reinos da Federação Atlântica. O templo tinha uns 185 metros de comprimento, por 330 de largura e altura correspondente. Todo o exterior dêle estava coberto de prata, exceto os acrotérios, que eram de ouro; no interior, a abóbada estava forrada de marfim, enriquecido de ouro e oricalco. Todo o restante dos muros e das colunas e os pavimentos estavam cobertos de oricalco.

Nêle viam-se numerosas estátuas. Uma delas representava Neptuno guiando um carro com seis cavalos alados. Ao redor dêle viam-se cem NEREIDAS, assentadas sôbre delfins. Representava ao Filho do Homem, assentado em seu rico trono, a dirigir o côro, que era chefiado por seis espíritos alados, e era cercado pelos Cantores (ne) que cantavam (re) com o Filho (i) do Homem (des), e era cercado (del) de crianças (phis).

Tudo isso se via no templo, nos seus inícios — fôra fundado pelos povoadores das duas primeira levas — tôda gente do culto de Jeová; mas depois foi conquistado pelos cantores negros, e nêle levantou seu trono Lúcifer !

Conforme recorda Ezequiel, os fenícios forneciam a Tiro todo o material marítimo: naus, remeiros e pilôtos. Seu exército constava de persas, de lídios, de líbios, dos filhos de Arad e dos guerreiros chamados Pigmeus, isto é, de trácios. Seu comércio era com Tharxix, que lhe trazia tôda sorte de riquezas, e lhe enchia seus mercados de prata, de ferro, de estanho e de chumbo. De Javan e de Thubal e de Mosoch vinham-lhe os escravos e os vasos de metal. De Thogorma provinham-lhe os cavalos e os muares. Os filhos de Dedan trocavam mercadorias de Tiro, por dentes de marfim e de pau de ebano. Os sirios de Aram vinham a ela com pérolas e púrpuras e estofos bordados, linhos finos, sêdas e mercadorias preciosas.

Judá e Israel comerciavam com Tiro, com trigo do melhor, bálsamo, mel, azeite e resinas. De Damasco recebia vinhos generosos e alvas lãs. De Dan, da Grécia e de Mosel vinha para seu mercado ferro polido, mirra destilada e cana aromática. Dedan trazia-lhe magníficos chaires para cavalos. Da Arábia e do Cedar recebia carneiros, cordeiros e cabritos. De Sabá e de Ragma, vi-

nam aromas, pedras preciosas e ouro. Kharan, Konó, Ghodon, Sebá, Assur e Kilmad mandavam-lhe fardos de jacinto e do bordados multicores, ricas preciosidades e madeiras de cedro.

Seus mercados eram servidos especialmente pelas naus de Tharxix e dos fenícios. Os egípcios também conheciam as pratas do Tiro, e as visitavam com suas naus. (Figura 26).

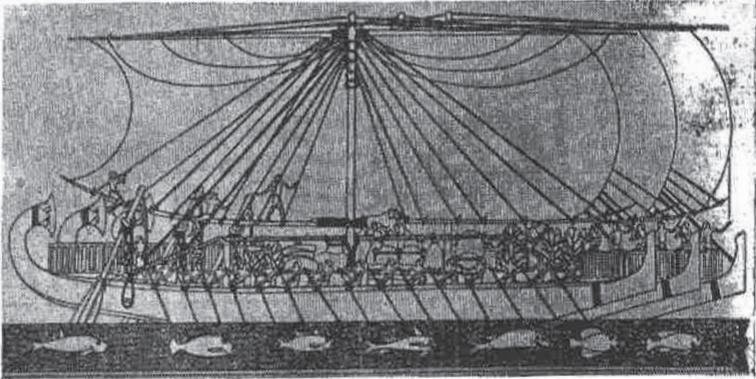


FIGURA 26

Nau da expedição da rainha Hatshepsu ao País de PUNTU ou Amazonia.  
(Em "Die Flotte einer aeg. Koenigin", de Dumichen).

O profeta Ezequiel, que cantou as grandezas de Tiro, capital da América, passa em seguida a narrar plangentemente o fim miserando da grande metrópole do Oceano. E no capítulo seguinte apostrofa terrivelmente ao rei de Tiro, Satã, pois Tiro e todo o país da Atlântida estavam invadidos pelo culto negro, e sacrificavam numerosas crianças ao Dragão infernal. O Dragão infernal, entre os fenícios, era conhecido também como BA-AL ou "o destruidor de crianças", destruição imposta pelo culto negro. O sacrifício de crianças era a cerimônia principal dos antros satânicos!



## CAPÍTULO XV

### A GUERRA DE TRÓIA

A chamada "Guerra de Tróia" tem sido tema enigmático, que sempre empolgou a atenção dos historiadores, e tentou-se muitas vezes resolvê-lo historicamente. Alguns até se alegraram por terem encontrado as ruínas da tal Tróia, em Hissarlick, na Ásia Menor, descoberta que muita matéria deu à imprensa!

A Guerra de Tróia não passa de uma narração histórico-mítica da grande luta travada entre os dois cultos — o de Jeová e o de Lúcifer — a começar, quatro ou cinco séculos depois do dilúvio, até o desaparecimento do grande batalhador, o adversário intrépido do culto negro, Hércules! Ou melhor, até o desaparecimento de Tiro, tragada pelo mar, lá pelos anos 2060 antes de Cristo. Assim em vez de dez anos, ela durou quase dez séculos, tendo sempre como generalíssimo, a Hércules!

A Guerra de Tróia é renhida entre gregos e troianos, entre GRAIKOI e TROES. Graik-o-i é: "o Templo de todos os cantores do Templo", ou dos cantores fiéis a Jeová, que estavam ligados ao templo de Jerusalém; TRO-ES será: "da SERPENTE os FILHOS, ou os sequazes do culto negro. Grécia vem de GRA-I-A ou "santuário dos cantores do Templo"; Tróia ou TOR-I-A é: "onde a Serpente ergueu seu templo" — é a luta entre os cantores de Jeová, com sede em Jerusalém, e os cantores de Lúcifer, com sede na América. Tro-i-a também nos diz: "a Tõda cercada pelo mar".

A mitologia resenha os reis de Tróia, no início da cidade, ou melhor no início da luta. Abre a série o rei TE-UK-RO ou "santuário do culto negro". O templo de Tiro, capital da América, era o domicílio de Satã, depois que foi expulso do Templo de Jerusalém, do qual era governador supremo. Sobrevem DAR-DA-NO, ou "ajuntamento de cantores negros"; êstes com Teucro são os fundadores da cidade negra de Tróia, unindo-se todos êles com TRO-OS ou "Serpente grande". Ajunta-se-lhes o rei ER-IK-TON-I-US isto é, o "que pegou os cantores todos do Filho do Homem". Os cantores do templo negro de Tiro eram todos cantores saídos, livre ou coactamente, do grande templo de Jerusalém.

Aparece um novo rei IL-US ou “cantores do Templo”, que dá à cidade o nome de I-LI-ON ou “cidade de todos os cantores”: outro nome de Tiro! Aponta mais um rei: La-om-ed-on ou “cantores fugidos do templo dos cantores!” Um filho de Laomedonte é PO-DAR-KES ou “muitos sacerdotes do Templo”; Podarke aqui muda de nome, é PRI-A-MO, ou “cantores do templo negro”: os próprios sacerdotes do Templo de Jerusalém passam para o culto negro, em Tiro.

Do lado dos troianos podemos acrescentar os nomes: AG-AM-EM-ON ou “o enfurecido senhor do templo negro”; HE-KU-BA ou “coligação dos destruidores do Templo”; HEC-TOR ou “NEGRA SERPENTE”; AN-DRO-MA-KA ou “a Serpente criou os cantores do seu templo”; POL-IK-SE-NA ou “templo de todos os cantores negros”. Denominações que nos falam só da luta religiosa entre os dois cultos!

Os gregos por sua vez nos apresentam: A-KA-I-O-I ou “todos os cantores do templo de todos os cantores”; MYR-MI-DON-ES ou “os cantores todos tirados do Templo; ES-PAR-TA ou “a terra dos cantores fortes”; TYN-DA-RO ou “todos os cantores do Templo”; A-KIL-LE-US ou “o mais brilhante cantor do Filho do Homem” (Hércules); PAT-ROK-LO, “habitação de todos os cantores (o templo); HE-LE-NA, “congregação de todos os cantores”; BRI-SE-IS ou “os cantores todos do Templo”; KRY-SES, ou “o magno ungido” (Hércules); ME-NE-LA-US é: “O Filho do Homem, o senhor do Templo”.

Hércules dá as escaramuças da luta que tende a libertar HE-SI-O-NE ou “a vasta demora de todos os cantores” a América, do monstro marinho, que é o culto negro.

Estalou a guerra, que nada tem de comum com as guerras verdadeiras, de armas contra armas: é uma guerra “sui generis”! Os gregos começaram devastando os países dos aliados dos inimigos — os países da Ásia, visitados por Hércules; em seguida vieram pôr o campo em frente de Tróia. Aqui nada faziam para se aproximarem das muralhas da cidade, para destruírem as fortificações ou derrubarem as casas. Nunca recorreram ao bloqueio; nunca interceptaram comboios de socorros. Acampavam longe das muralhas, no meio de seus carros ou de suas naus encalhadas no pôrto ou na praia.

No interior da cidade havia descanso, e a vida decorria quase normalmente. Tudo se limitava a uns combates diários, alguns assaltos, nos lugares onde a subida era mais comoda, e a escalada das muralhas mais fáceis. Os gregos estavam bem armados, e se mantinham prudentemente silenciosos; os troianos com seus aliados, gente das montanhas, pelo contrário, soltavam gritos horríveis. Não montavam cavalos; usavam de carros bélicos!

A guerra de Tróia não era guerra de conquista ou de vingança; era guerra puramente religiosa, entre os dois cultos. Os gregos — os cultores do culto de Jeová — empreenderam uma grandiosa cruzada em favor do culto verdadeiro, o do Verbo divino, ameaçado de morte pelos troianos — os sequazes do culto satânico, que tinham seus arraiais e suas fortalezas em Tiro e em tôda América! A guerra de Tróia era a luta de Hércules contra o culto negro, sustentado por Lúcifer, o inimigo ferrenho de Jeová e de seu fiél servo, Hércules!

Tôdas as lendas amazônicas, lidas em sumério, são outras tantas jeremiadas, a chorarem os belos tempos do primeiro povoamento do país, que “o oceano cerca de todos os lados” a América; felicidade desaparecida com a invasão na América, da NOITE “a pituna” do culto negro, que a guisa de colossal incêndio se alastrou pelo país todo, destruindo em tôda parte o culto do Templo de Jerusalém, culto em que nascera o país, culto suplantado pelo culto negro! Tôda a luta épica do Xumé foi dirigida contra o dito culto negro; todos os seus triunfos (muitos dêles efêmeros!) foram alcançados à custa do culto negro!

A luta do Xumé, no BE-RA-ZIL ou “terra dos cantores queimados”, foi o capítulo principal, gravado nas canções religiosas dos nossos indígenas, conservadas mediante a memória prodigiosa e feliz dos nossos Pagés ou “ex-cantores do Templo”. Nem duvidamos afirmar que autor dessas canções foi o próprio Xumé! Que assim ajuntou a seus numerosos títulos, também o de HOMERO, isto é: “Escritor (ho) do Filho (me) do Homem (ro), ou “escritor ambulante do Templo”.

Os hebreus recordam os KETH-IM ou “escritores do Templo”, tribo a que se atribuía a invenção da escrita, na Caldeia, invenção que depois levaram para a Grécia e para a Europa ocidental. Alma dessa tribo foi Hércules, que em tôdas as nações por onde passava, deixou escritas e gravadas em taboinhas de madeira ou de metal, canções que escondiam sob imagens, e ná DUPLA LÍNGUA dos cantores, as verdades fundamentais, por êle apregoadas, e relatavam outrossim de modo especial a grandiosa luta travada contra o culto negro.

Essas canções as encontramos no hebráico, no grego, no latim antigo, no sânscrito, no zend, nas línguas antigas americanas. Essas cantilenas de cunho sagrado foram recolhidas pelos “aedos”, que com elas compilaram a Íliada, a Odisseia, a Eneida, as lendas americanas, etc.

A êste “escritor do Filho do Homem” (Homero) devemos os livros sagrados profanos que nos transmitiu a antiguidade; e talvez seja êle o autor em parte do nosso “Gênesis”. Seria questão que merece ser ventilada!

Foi Hércules que escreveu e gravou em taboinhas de madeira ou de metal (confiram-se as taboinhas da Ilha de Páscoa!), sempre em estilo mitológico, a misteriosa Ilíada. Nela consignou um episódio dos mais vultosos e sensacionais da grandiosa luta travada entre os dois cultos, no terceiro milénio antes de Cristo. IL-I-AS nos diz: "Roubo ou deportação dos cantores do Templo". Os cantores todos do Templo (he-le-ne) foram roubados, pelos Guti, no Templo de Jerusalém e transportados ao templo de Lúcifer em Tiro. Ali os pequenos cantores foram bárbaramente trucidados, e os cantores mudados em cantores negros! Hércules foi libertá-los.

O poema dos Argonautas, narra "que os cantores do Templo conquistaram a tóda cercada pelo mar"; e a Odisseia, nos conta as peripécias da volta de Ulisses (Hércules) da América!

O termo HISTÓRIA, analisado pelo sumério, nos diz: "Colecção (his) dos movimentos (to) dos cantores (ri) do Templo (a)". Os movimentos principais dos cantores do Templo, eram fatos religiosos ou atinentes à religião: daí, a união fácil da história e da religião, transmitidas aos pósteros, sob o veu do estilo mitológico.

— MITOLOGIA seria a narração fabulosa ou alegórica: expomos um pensamento, um fato, um objeto, mas com o intuito de darmos a idéa de outro; com as palavras dizemos uma cousa; mas através dessas palavras entendemos outra cousa. De nossa pesquisa histórica, colhemos uma novidade acerca da mitologia não é a narração fabulosa dos deuses, semideuses e heróis da antiguidade; mas, sim uma narração feita em lingua primitiva, que dá lugar na lingua dupla ou derivada a narração semelhante, mas expressa por meio de figuras ou símbolos. Estaria em nosso caso o sumério.

Um trecho, se o lermos em sumério, nos dá a narração verdadeira de um fato dado; se o lermos numa lingua derivada do sumério — hebráico, grego, tupi — nos dará o mesmo fato, algo modificado (o que acontece poucas vezes), ou nos dará um fato mais ou menos relacionado com o da lingua fundamental. Exemplifiquemos. Temos o trechozinho: OI STYLOI HERACLEOUS — se o lermos em sumério, que é o original, o fundamental, o sentido *interno*, o *esotérico* — nos dirá: Todos os cumes (do Atlas) andaram se afastando, para oferecerem ao mar largo caminho; se ao envés o lermos em grego, teremos simplesmente: "As Colunas de Hércules" — sentido derivado, superficial, *externo*, *exotérico*, mas relacionado com o fundamental, porque denota o "estreitito, cuja abertura é narrada pelo sentido fundamental.

A própria palavra MYTHOLOGIA, analisada pelo sumério, nos dá: MYTH = chave, contorno, invólucro, parto; O, "das vozes"; LO "faladas"; GI "pelos cantores"; A "do Templo". Mitologia tem afinidade com o ESOTERISMO, e com os emesal, ou linguas femininas citadas pelos gramáticos sumérios.

## CAPÍTULO XVI

### A ATLÂNTICA DESAPARECEU ? !

Provamos a identidade da América com a Atlântida: torna-se lógico expliquemos o fato narrado por Platão do DESAPARECIMENTO da Altântida ! Diremos logo que a Altântida desapareceu; mas só em parte, isto é: Tiro, a capital, com sua privíncia, desapareceu completamente no fundo do mar; o restante da Atlântida, foi impellido para o longe, para o centro do oceano, onde a encontramos hoje, completamente desventrada !

A Atlântida, na época dos nossos treze povoadores, e nas longas peregrinações do grão-sacerdote Xumé, estava distanciada do continente áfro-europeu, algumas dezenas de quilômetros, uns 80 mais ou menos. Havia fácil acesso de um continente para outro, mórmente depois que Hércules, para executar as ordens do alto, inaugurou a viagem através das miraculosas Colunas de Hércules. Houve intenso intercâmbio entre os dois continentes, graças à navegação fenícia e egípcia.

Além de vizinho do contiente áfro-europeu, o nosso, naqueles idos, estava íntegro, isto é possuía tôda a parte central que hoje pertence ao Mar das Antilhas, e que constituia a parte mais importante do continente. Nesta parte, se localizava a famosa capital, Tiro !

Mas, quanto tempo, o nosso continente permaneceu íntegro e vizinho do continente áfro-europeu ?

Platão dá aos Atlantes uns NOVE MIL anos de vida ativa e gloriosa, para depois fazê-los desaparecer de repente, após terrível refrega que lhes infligira a frota grega. Nove mil anos de vida atlântica passada naturalmente nas vizinhanças do continente oriental ! É muita cousa ! Se nos "nove mil" anos concedidos aos Atlantes, trocarmos o "ENNEA" (onve) por "ENGYS" (perto de), que escritos em grego fácilmente se confundem, teremos ao envés de "nove mil", "perto de mil" ! Esse lapso fácilmente o constatamos, e condiz muito bem com a época de Hércules !

O culto fálico ou negro, com a sua negra sequela de torpezas, imundíeies e libidinagens — parte principal e mais saborosa de seu

programa! Logrou avassalar oito reinos da Federação atlântica; escaparam-lho o Peru e o Yuocatã, os dois reinos dos sacerdotes! Tiro, a capital, cresceu em extensão, magnificência, comércio, glória e imundície: tornou-se a Sodoma requintada! Era a cidade santa do culto negro; em seu ingente majestoso templo pontificava o próprio Satã!

A capital com os oito reinos estavam coligados numa luta renhida contra o culto do Templo, que tinha sua matriz no grande Templo de Jerusalém. Conseguiram levar o culto negro às terras banhadas pelo Mediterrâneo; ao norte, até a Itália; ao sul, até o Egito. Sua frota vitoriosa chegou a sulcar o mar Tirreno! Chegaram até Jerusalém (os Guti); aqui assaltaram o Templo de Jeová, e lhe roubaram todos os cantores, que remeteram para Tiro! Foi quando a Grécia em pêso, chefiada por Atenas, desceu à liça contra os cantores negros! Temos a expedição dos Argonautas ou das tribos dos Aztecas, chefiados por Hércules, a terceira leva de povoadores da América!

Na retaguarda do exército atlântico, escondiam-se os cantores de Tiro, os reais árbitros e senhores, que sempre miravam a derribar e se possível, destruir o Templo de Jeová, em Jerusalém, e carregar para Tiro, como despojos opimos, os cantores de Jeová, para reforçarem o negro côro de Lúcifer! Jeová sempre provocado pelos NEGROS, após centenas de anos de divina tolerância, **alfim determinou-se a castigar os protervos e contumazes criminosos.** Jeová, como sempre, procedeu com morosidade, na aplicação do castigo. Dispensou-o às etapas, ou às doses, com muito espaço intermediário, para aguardar possíveis emendas.

Quer-nos parecer que o primeiro castigo que Jeová mandou aos rebeldes cantores negros, foi o que passou para a história sob o nome de "Dilúvio de Oigigés", mais ou menos pelo ano 2280 a. C., dilúvio que, na frase de Eusébio, foi o máximo cataclismo, e inundou a máxima parte da terra, especialmente o Egito. O-GYG-ES nos pode dizer: "Região dos negros cantores", que seria a África. Foram tantos e tamanhos os estragos feitos por êsse dilúvio, que durante 190 anos, a Ática ficou sem rei! Oigigés seria o primeiro rei dela; depois do longo lapso de 190 anos aparece Cecrops.

Provavelmente foi nêsse dilúvio que se deu o esvaziamento do "Mar central da terra" o Sa-har-á, com a formação do Mediterrâneo, do Cáspio e do Mar Negro; assim também a inversão do curso do rio Nilo, que antes corria para a Etiópia.

Os anais ementam que dois ou três decênios antes dêste dilúvio, a Virgem Minerva (o Filho do Homem) apareceu no Lago Tritonide, na Líbia: podemos pensar que o Filho do Homem ali apareceu para avisar a seus fiéis cultores, do próximo castigo — como fizera com Noé e com Loth, êste na Pentápole.

O medonho castigo não emendou aos empedernidos cantores negros! Cresceram, multiplicaram-se na Ásia e na América. Novas visitas espaçadas de Jeová, para convertê-los. Houve uma série de castigos!

Veiu a primeira punição da série, punição mui consoante com os crimes punidos: uma horripilante epidemia blenorragica se alastrou entre todos os cultores obscenos, homens e mulheres! Dores e ais enchiam as casas dos infelizes cultores de Venus! Porém com o lurido castigo não se penitenciaram! Volveram ao fétido pasto!

Seguiu-os o segundo flagelo. As águas do mar tomaram feição de pus que emana de cadáveres em putrefação — podridão que deu morte a todos os animais do mar, e privou aos homens do precioso alimento que hauriam do mar! Obstinaram-se na perversidade do negro culto!

Apanhou-os o terceiro flagelo: o mesmo pus que infestara o mar, contaminou todos os rios e tôdas as fontes: as águas tôdas tornaram-se veneno aos homens e aos animais. Como brutos irracionais que recalcitram ao serem tangidos, assim os negros cantores, castigados, tripudiavam em suas imundícias!

Não se fez esperar o quarto castigo. Esta vez o encarregado do castigo foi o sol, o qual aumentou de muito seu calor, e começou a abrasar a ninhada de Venus! Mas, nem o fogo do sol pôde render aos endiabrados cantores negros: gritavam contra o céu, e continuavam com suas hediondas libidinagens!

Veiu a quinta praga. Densas trevas cobrem Tiro e o reino central, o fogo principal dos cantores negros. Os cantores, emaranhados na densidade das trevas, como que enlouquecem; e tomados de sádico furor, entram, homens e mulheres, a lutar com os dentes, entre si, e perpetraram mútuas mutilações vergonhosas! (Aqui o eufemismo é obrigado a velar muita cousa que o "Roteiro", na sua fidelidade de narrador, descreve com estilo natural!)

Mas, nem com êste flagelo vieram a melhor prudência! Jeová então dá mão ao último castigo: resolve-se a extérminar a raça dos cantores negros. Para isto, ajeita sábiamente uma concentração de todos os cantores negros na capital, em Tiro, ou em HARMAGEDON, nome que significa: "o Coração da Tôda cercada pelo mar", isto é, a capital da América que é Tiro. E como muitos cantores, emissários de Tiro, se achavam espalhados pela Ásia e pela África, Jeová determinou que se recolhessem tôdas as águas que formavam o mar chamado "o revoltado rio de todos os cantores" do Templo, e deixassem em sêco seu leite, para que os cantores negros asiáticos e de alhures, tivessem franca e fácil passagem para Tiro, o grande centro do culto negro. — O "revoltado rio" é o mar Atlântico, que os gregos conheciam por "Ponto Euxino", e os asiáticos apelidavam de "o grande Eufrates".

Tradições mexicanas nos contam que, no ano 1715 após o dilúvio, ocorreu medonho furacão, que andou derrubando casas, arrancando árvores, e rolando pedras qua mataram muita gente. (A data 1715 deve ser reduzida, cêrca de 1260). Já começava o castigo final dos incorregíveis cantores negros!

As mesmas tradições que recordam o furacão, acrescentam, cousa estranha, que em seguida, a terra foi invadida por horda incalculável de macacos! Seria para supor, que havendo o furacão destruído as florestas, os coitados dos macacos, os multiseculares inquilinos delas, viram-se na dura contingência de se acoiatarem entre seus próximos parentes, os humanos! Devemos porém abandonar tal suposição!

Macaco ou macaca é têrmo americano para designar os conhecidos quadrumanos, que alguns homens pretendem cultuar como avós! MA-CAC-A, em nosso sumério nos diz: "cantores da Serpente grande". A horda que após o medonho furacão invadiu a América, não foi de macacos, mas sim de cantores negros! O próprio Satã, mediante os cantores de Tiro, tocou a rebate, e convocou a leva em massa dos cantores todos, em Tiro, para num supremo combate, aniquilar para sempre, as fôrças de Jeová, representadas pelos cantores do Templo!

Assim os cantores negros estavam todos congregados em HARMAGEDON ou Tiro. De repente desfecham a soar estrondos sinistros; ribombam medonhos trovões; relampagos seguidos cruzam os céus: a grande Ilha é sacudida por terremoto sem semelhante no mundo; a gloriosa Tiro foi fendida em três partes, e as cidades vizinhas caíram tôdas com a capital. E tôdas elas foram logo pisadas por pesada saraivada, e assim machucadas, precipitam-se para o fundo do mar, destacadas totalmente da grande Ilha e das montanhas que coroavam a planície, em que surgia a capital Tiro!

Mas haviam transcorrido 158 anos, após aquela estranha invasão de macacos — são as tradições mexicanas que continuam a relação — novo flagelo açoitou a região mexicana: um pavoroso terremoto abalou todo o país, e fez submergir uma grande Ilha, que não estava longe do México, e ocasionou por isto o extermínio de um povo gigante, chamado QUIN-AM-ETZ-IN, isto é, "dedicados ao senhor do culto negro", e inimigos dos Toltecas. São os cantores negros, inimigos do Templo de Jeová, que pereceram no mar!

Antigas lendas mencionam uma terrível chuva de resina ardente, com ar asfíxiante, com movimentos terráqueos e inundações marítimas, que unidos constituiram horrendo cataclismo, que destruiu uma civilização centro-americana.

Na América Central e nas Antilhas, é tradição geral, de terras misteriosas desaparecidas. Dizem que as migrações caribes tiveram como ponto de partida as terras de Ticomega e Magnatega,

terras que sucumbiram num medonho cataclismo plutônico. TIG-OM-EG-A, diz: “país dos destruidores dos cantores do Templo” (América) e MAG-NAT-EG-A é “a grande cidade dos cantores do templo” ou Tiro.

O “Manuscrito Troiano”, livro religioso da América Central, refere-se à submersão de Tiro, quando narra: “No ano 6 kan, no undécimo muluk (9.º dia) do mês Zak (undécimo), houve terríveis terremotos, que se seguiram sem interrupção, até o terceiro Chuen (dia 11.º); o país de montículos de lodo, na terra de Mu, pereceu; elevado duas vèzes, durante a noite, desapareceu. Sacudidas as profundidades por fôrças vulcânicas, e faltando a estas a saída, afundaram e elevaram a terra, em diferentes lugares. No fim cedeu a superfície, e as dez províncias, despedaçadas, foram dispersas. Incapazes de resistir à fôrça das convulsões, afundaram com seus sessenta e quatro milhões de habitantes, 8060 (?) anos antes que este livro fôsse escrito”.

Aqui Eusébio anota o ingente dilúvio de DEUCALION e PIRRA, que invadiu tóda a Tessália, e lembra também o incêndio de Faetonte, na Etiópia. Acrescenta que nessa ocasião, como refere Platão no Timeu, em muitos lugares aconteceram outros extermínios. O dilúvio de Deucalion ocorreu pelo ano, cêrca de 2060 antes de Cristo. Ora traduzindo os nomes temos: De-u-ka-li-on = “AFUNDAMENTO da “Tôda Brilhante” com todos seus cantores”; Pyr-rha = “pelos tremores do mar”; Thes-sa-li-a = “na costa da “Tôda cercada pelo mar”. Pha-i-ton significa: “(Incêndio) do grande templo negro”; A-i-thi-op-i-a — “de todos os cantores negros, na Região dos cantores do Templo”. Região dos cantores do Templo, é a A-si-a!

Platão, o nosso cronista, refere o tremendo desastre da Atlântida. “Um dia foi este vasto império reunindo suas fôrças de guerra, com propósito de se apoderar de um golpe, não só do Egito e da Grécia, se não de tóda a região do Mediterrâneo adentro. Eis se não quando foi revelada ao mundo a virtude e a bravura de Atenas... que conseguiu derribar o inimigo feroz, salvando assim da ignominia e da escravidão, os povos e restituindo a liberdade a tantas nações de aquém das Colunas de Hércules. Aí porém, nesses tempos, se deram terremotos medonhos; as ondas do mar, impelidas pelos ventos, vieram invadindo com ímpeto, e varrendo, num dia, a armada grega. A Atlântida, por sua parte, também desapareceu debaixo das águas. Por sinal ainda hoje em dia, aquêle mar é pouco navegável, não permitindo explorar-se, por causa da muita lama, que a ilha, ao submergir-se, deixou atrás de si.”

No dilúvio de Deucalion, — 2060 a. C. — afundou tóda a cidade de Tiro, com a província circunstante; as águas derrubaram,

destruíram e soterraram muitas cidades da América Central. Na mesma ocasião, uma espetacular chuva do céu, destruiu o grandioso templo negro de Sodoma, com todos os cantores que allí se achavam concentrados; e a Pentápole foi transformada no Mar Morto. Muitos outros núcleos de cantores negros foram destruídos em vários pontos da terra.

O segundo dilúvio com o terceiro (o de Deucalion) varreram da face da terra quase todos os cantores fálicos. Hércules que vivia ainda no terceiro dilúvio, salvou-se no monte Parnaso, na Grécia, com seus fiéis cantores (Pirra), para depois ressuscitar os noveis cantores fiéis a Jeová.

O "Roteiro dos cantores" descreve neniando a dúplice desgraça, o afundamento da capital, Tiro, e o afastamento para o centro do mar, da restante da ilha da Atlântida: "A cidade de todos os cantores — Tiro — desapareceu tôda no mar, juntamente com os cantores todos e tôdas as mulheres do templo negro. O oceano no princípio rodeava a planície da "Tôda cercada pelo mar" (América). O oceano, todo conformado à voz do seu criador, bramindo todo, arrancou tôda do seu leito, a "Tôda cercada pelo mar", e a levou qual criança, nas mãos, e a colocou no centro do abismo, afastada do Templo. A "Tôda cercada pelo mar" foi separada do Templo inteiramente, pela prisão do oceano. A "Tôda cercada pelo oceano", com todos seus cantores, com todos seus templos, com tôdas as suas mulheres, desapareceu, separada do Templo pelo oceano! A "Tôda cercada pelo oceano" "ACABOU!"

"A cidade que abrigava todos os cantores, com seu brilhante templo, o mar a fechou em suas águas, com todos seus cantores, seus homens e suas mulheres negras! A "Cidade dos cantores" (Tiro) desapareceu no oceano, com todo seu culto, com todos cantores! A FORTALEZA avançada da "Tôda cercada pelo mar" acabou! A "Tôda Brilhante" (Tiro), com seu fulgurante templo, com tôdas as suas mulheres e cantores do templo, SOSSOBROU, com todo o templo! A "Tôda Brilhante", com seu templo negro, com suas mulheres, seus homens, seus cantores, desapareceu! A "Cidade de todos os cantores" (Tiro) o mar a destruiu com todo seu templo, e com todos seus cantores! Os cantores negros afundaram com o templo! O mar destruiu todos os cantores negros e tôdas as mulheres da Serpente Grande! Morreram os cantores do templo negro! Tôdas as mulheres do templo desapareceram na VASTIDÃO!" — Cumpriram-se as palavras do Filho do Homem, acêrca dos cantores negros!

Ezequiel (cap. 27), depois de haver cantado as grandezas de Tiro, cidade que assemelha a uma nau de longo percurso, fala da ruína da cidade de "formosura extrema": "O Senhor te fez cidade deserta; fez vir sôbre ti o abismo, e te cubriu com um dilúvio de

águas; precipitou-te como aquêles que descem ao túmulo, e te colocou no fundo da terra! O vento do meio dia te quebrantou no coração do mar! As tuas riquezas, teus tesouros, tua grande equipagem, teus marinheiros, teus pilôtos, teus guerreiros, que estavam contigo, e tôda a multidão do povo, que estava no meio de ti, caíram todos no fundo do mar, no dia da tua ruína!”

Tu, o Tiro, que com teu grande comércio marítimo, enriqueceste muitos povos; tu, que pela multidão de tuas riquezas e de tua gente, enriqueceste os reis da terra: agora foste quebrada pelo mar; e as tuas riquezas estão no fundo de suas águas, e essa tua multidão de gente, que vivia no meio de ti, tôda pereceu! Todos os habitantes das Ilhas estão cheios de espanto com tua ruína!”

Tiro, a capital da Atlântida, a fulgurante HARMAGEDON, esta sim sossobrou no seio do oceano, e desapareceu entre a Europa e a América, lá pelo ano 2060 antes da era vulgar, a uns oitenta ou cem quilômetros, do continente europeu! Lá pelo grau 40 de latitude norte, conforme nossos cálculos!

Não há muito, o pastor protestante Spannuth, anunciou haver feito, guiado por Platão, sondagens diante da ilha de Heligoland: fez descer um escafandrista, e conseguiu encontrar a cidade de Tiro! Estaríamos na mesma pista!



## CAPITULO XVII

### A ATLÂNTIDA FUGIU PARA O OCIDENTE

Naquêlê dia fatal, em que a cidade do fulgor, Tiro, com todos seus cantores negros e com tôdas as suas mulheres lascivas, foi lançada no profundo do mar, a "Tôda cercada pelo mar", a América, recolhendo o que lhe deixara a ira de Jeová, e fugindo aos negros vórtices, que lhe haviam engulido a capital, meteu-se a sulcar rapidamente o imenso mar, a guisa de mastodôntica nau, ou de colossal iceberg, em demanda do longínquo Ocidente. A Atlântida fugiu para a América!

A Atlântida desapareceu, mas não debaixo das águas do mar! Desapareceu da proximidade do continente áfro-europeu, para correr até o meio do oceano, onde nos encontramos hoje, nós, os Atlantes-Americanos! Foi arrancada da base em que a assentara o dilúvio universal, e foi empurrada para o longe, qual criança teimosa, que a mãe arranca da cadeira, e joga fora de casa, para castigá-la; e coitada, levada pelo empurrão, vai correndo, até parar cosida ao muro!

O empuxão que lançou a Atlântida até o meio do oceano, foi feito das leis naturais, das leis de Wegener, do deslize dos continentes? — Aqui nada de leis naturais! Como nada de leis naturais houve no primeiro empuxão, que a distanciou do continente oriental. Num e no outro caso, entraram em cena forças extraordinárias, forças, que só podiam ser manejadas pela soberana vontade do Criador, a quem tudo obedece, sem opôr a mínima resistência! e sem lavar o menor protesto!

A primeira cisão sofrida pelo nosso continente, e muito mais seu posterior deslocamento para o deserto do oceano são capítulos da história humana, que não efeitos das leis puramente físicas; são feitos que devem ser registados nos anais da humanidade, e não nos relatórios das ciências geológicas ou paleontológicas. As forças que agiram nos dois acontecimentos sumamente trágicos, são filhas da cólera de Jeová irritado: na cisão dos continentes, pelas imoralidades e injustiças dos homens, que então povoavam o continente único terrestre; e irritado mais tarde, perante o orgulho desmedido e a irreligião dos Atlantes, o moradores da América como nos confessa Platão.

A primeira cólera do Onipotente desencadeou o terrível e medonho cataclismo do dilúvio universal, que dispersou o continente único em vários continentes e ilhas; na segunda, o continente que estava fadado a ser o "Jardim de todos os cantores", o continente americano, arrancado de sua base, nas vizinhanças das Canárias, foi lançado, qual pedra na mão de gigante, para a longínqua solidão do oceano, que herdou a infeliz herança dos Atlantes!

Platão diz que a Atlântida afundou! A Atlântida não afundou! O que afundou foi a margem oriental da Atlântida, mòrmente na parte central: as ilhas que afloram o mar das Antilhas, foram vítimas dêsse afundamento. A margem oriental, parte afundou, e parte, antes elevada, se inclinou para o mar; e, no seu inclinação, deu lugar à elevação de linhas seguintes. Cremos date dêsse recuo do continente, a formação da longa cadeia dos Andes, aos quais se reconhece formação não muito antiga; também temos explicação plausível da extraordinária altitude de Quito e de outras cidades e localidades dos planaltos andinos. (AN-DES é: montanha do FOGO! e também "montanha da inundaçào ou dilúvio"!)

Assim também explicamos, que morros ou montes, que antes caíam para o mar com suave declínio, ficaram quase a pique sòbre as águas. E estas em muitos lugares foram obrigadas a se cavarem mais fundos leitos, entre penhascos, para consêrvarem seus cursos; outros rios tiveram seus cursos dirigidos para sentido contrário. Estradas para viandantes, transformaram-se em leitos fluviais ou em torrentes; e vice-versa, leitos de rios passaram a ser estradas.

Últimamente, alguns geólogos descobriram a existência, na crosta terrestre, de uma gigantesca "fenda" submarina, que corre no Atlântico de norte a sul, rentando a costa africana. A fenda mede 72.000 km. de comprimento, 32 km. de largura e 2,5 km. de profundidade. Dizem que essa fenda coincide em todo o seu comprimento com as zonas onde se produzem freqüentemente tremores de terra. — Não teria a dita fenda relação com o afastamento do continente americano, após o afundamento de Tiro?

A mitologia quando nos relata a morte de Hércules, acena claramente ao afastamento da América para o meio do oceano. Dejanira, a espòsa abandonada por Hércules, na América, quando soube que o Herói havia encontrado Iole (o templo de Jerusalém), ciumenta enviou-lhe a túnica envenada com o sangue do centáuro Nesso. Assim que a vestiu, Hércules sentiu-se tomado de dores atrozes e do costumado furor. Vítima de seu furor foi o bom do Lichas, que lhe trouxera da América a túnica de Nesso. O Herói apanhou a Lichas por um pé, e o lançou no mar Egeu, onde foi convertido em rochedo.

Analisemos os nomes. Túnica de Nesso ou "chiton Nesso", significa "restauraçào do templo negro" na América. Li-chas é

"Jardim dos cantores", ainda a América. Pé ou "po-do" é a "Tôda brilhante" ou Tiro. Egeu ou A-eg-a-i-um é "o mar que prende a Tôda cercada pelo oceano". A restauração do culto negro, na América, foi causa de que Jeová pegasse e segurasse Tiro, a capital, e a lançasse ao fundo do mar; e lançasse o restante do continente americano, o Jardim dos cantores, no Atlântico!

— Hoerbiger, cosmógrafo e astrónomo austríaco, falecido em 1937, atribuiu a ruína da Atlântida, à queda duma lua, anterior à nossa (1), e recorda a alta Cordilheira dos Andes a 4-7000 metros de altitude, onde outrora floresceu a civilização do lago Titicaca ou de Tiahuanaco. Pergunta-se, porque teria morrido essa civilização, e responde: "Era anterior à queda da primeira lua. No dia em que a massa de água caiu, essa sociedade marítima ficou, de um momento para outro, alcandorada nos altos das montanhas; e a prova é constituída pelo banco de conchas marítimas, que ao longo de 700 quilômetros, acompanha mais ou menos regularmente a cota 4000. Era aí a margem do oceano, há algumas centenas de milhares de anos!"

Os 700 quilômetros de braço de conchas marítimas, citados por Hoerbiger, cremos, provém antes que a massa de água "chupada pela velha lua", o impulso que o continente americano recebeu, quando das vizinhanças do continente afro-europeu, foi lançado no meio do oceano, onde nos encontramos atualmente!

Ao mesmo impulso atribuímos a formação das numerosas OSTREIRAS do nosso litoral. O impulso das águas formou os depósitos das ostreiras, e os nossos ameríndios aproveitaram-se desses depósitos de ostras, para nelas construir seus cemitérios ou SAM-BÁ-QUI (que vertemos: "casa dos homens defuntos").

Denis Saurat, citado por Daniel Rops, numa recente conferência, afirmou que "o mundo morto dos Andes não era senão a própria Atlântida; a catástrofe que pôs termo ao seu destino, teria sido de fato aquática, de harmonia com a tradição comum; mas ao invés de resultar de uma invasão, teria sido provocada por uma descida das águas."

Não foi descida das águas; foi tremendo impulso que arrancou a América de perto da África e a levou à América!

Gustavo Barros em "Colunas do Templo", conservou-nos magnífica lenda, sobre o desaparecimento da Atlântida, com relação ao Vale das Sete Cidades, da ilha de S. Miguel nos Açores. Dêmo-la:

"No tempo da Atlântida, um de seus reis vivia coberto de tristeza, por não ter herdeiro. Um dia um mensageiro celeste lhe anunciou uma filha; mas, por castigo das maldades cometidas por ele, o rei, o mesmo passaria vinte anos sem vê-la, por ser a menina encerrada numa das sete cidades, que, por milagre, surgiriam no Vale. Se antes desse tempo, ele tentasse violar as muralhas que lhe escondiam a filha, seria duramente punido.

Nasceu a princeza muito forte. Foi enclausurada numa das cidades. Decorreram anos, enquanto isso a menina crescia vigorosa e formosa. O pai morria em desejo de vê-la. Um dia não pôde se conter; e com seus homens marchou contra a cidade. Pela estrada, nuvens negras e vozes sinistras espantavam aos guerreiros. Chegaram ao pé das muralhas defesas. Línguas de fogo lambiam o ar, e o mar encapelado ululava!

O torvo rei ergueu o espada, e bateu violentamente numa das portas. Respondeu-lhe formidável ribombo de trovão: logo, o fogo e o mar destruíram a terra da Atlântida, que se sumiu nas ondas revôltas e ferventes. Dela somente restavam, à superfície do pélagos, as nove ilhas dos Açores, e, na ilha de S. Miguel, o Vale das Sete Cidades, cujo lugar guardou a côr verde dos sapatos e a côr azul do chapelinho da bela princeza”.

A Atlântida foi arrancada à fôrça de sua base, como se arranca uma árvore; esta deixa raízes; o mesmo se deu com a Atlântida, que deixou as Canárias e as ilhas vizinhas a estas.

A Atlântida foi arrancada de sua base, e lançada no meio do oceano; não foi submersa pelas ondas: prova disso é que a América é a Atlântida, e a América ainda existe, apesar de lançada no meio do oceano. Por isso foram infrutuosas tôdas as sondagens feitas em busca da grande Ilha! Sossobrou só a capital da Atlântida!

A Atlântida, no seu longínquo degrêdo, continuou a trilhar os caminhos da civilização encetada, quando vizinha e irmão gêmea do continente oriental; continuou a arrancada do progresso, para mais tarde entrar no declínio inglório da civilização, e chegar aos estertores da agonia, e ao aviltante desaparecimento, atestados pelos mudos acervos de pedras que jazem lançados pela América Central, pelo México e pelo Peru, e dormem seu sono multiseccular sob as camadas sedimentares do grande Amazonas; atestados pelas estupendas gravuras, que salpicam nossas serras e nossas ribanceiras — como outros tantos chorões funéreos a bordarem as campas silenciosas de um cemitério!

No portal enlutado dêsse cemitério, onde jaz a civilização atlanto-americana, fulgura um plangente letreiro, que se não cança de monodiar seus quatro gemidos: AM ER IK A!... monodia que em nossa língua diz: “O oceano laçou e lançou longe esta região”! A história atlanto-americana está homiziada nos nomes do nosso mapa!

O porquê do castigo inflito ao nosso continente, o encontramos em o nosso guia, Platão. “Durante numerosas gerações, enquanto os habitantes da Atlântida conservaram algo de sua origem divina, obedeceram às leis, a respeitaram o princípio divino, que lhes era comum a todos; nêsse tempo, suas almas, apegadas à verdade, só se abriam a sentimentos nobres; sua prudência e moderação brilhavam em tôdas as circunstâncias e em tôdas as relações entre êles. Não

conheciam outro bem afora da virtude; faziam pouco caso de suas riquezas, e não tinham dificuldade em considerar como pêsso o ouro e outras vantagens do mesmo gênero. Longe de se deixarem embriagar pelas delícias da opulência, e de perderem o govêrno de si próprios; não se afastavam da temperança. . .

Enquanto seguiam êstes princípios e a natureza divina nêles prevaleceu, tudo lhes saiu às mil maravilhas; mas, quando nêles começou a se alterar a divina essência, por se haver ela tantas vêzes aliado à natureza humana, e, a natureza humana tomou a dianteira, incapazes de suportarem a própria prosperidade, degeneraram. Então, Júpiter, ao ver a depravação desta raça, outrora tão virtuosa, resolveu puni-los, para torná-los mais prudentes e mais moderados. Convocou todos os deuses no santuário do céu, situado no centro do mundo; e assim que estiveram todos presentes, disse. . .”

Aqui termina bruscamente a punição de nossos Atlantes! Platão faz notar que Júpiter não resolveu destruir aos criminosos, mas, sim puni-los, para torná-los mais prudentes e comedidos. A submersão com o completo desaparecimento da Atlântida não colimaria com o fim alvejado pelo chefe dos deuses. Assim concluímos mais uma vez: A Atlântida para ser castigada, não foi submersa, se não em parte mui limitada (na parte central oriental). Seu castigo foi o de ser impelida para o cárcere oceânico, no seio do mar!

— Dos dez reinos da Federação Atlântica, após o tremendo castigo, surgiram os três reinos principais: ao norte, o México, ainda bastante impregnado do culto negro; no centro, o reino dos Maias ou Guatemala; no sul, o império dos Incas ou Peru. Êstes dois últimos puderam manter-se bastante afastados do culto negro, porque um e outro dominados pelos sacerdotes, que zelavam pelo culto do Templo, e se mantinham fiéis a Jeová.

Os nortistas baixaram bastas vêzes para o centro; os centrais brigavam muito entre si; o sul tratou de estender-se. Em tôda a parte encontramos representantes do culto negro. No México prevaleceram os cultores negros: seus numerosos sacrifícios humanos estavam estadeando êsse culto. No centro rareiam os negros cultores. No Brasil, enquanto os nobres Tupi cultuam a Tupana, os Tapuias se dão melhor (!) com o culto negro!

A missão evangelizadora de Hércules permaneceu um pouco em tôda a América; ao menos, todos o recordaram como seu legislador e seu benfeitor, e o seguiram em muitos de seus ensinós. O Peru foi o que mais se beneficiou da missão do Xumé. Entre as tribos brasílicas algumas se honravam da descendência dêle, e lhe observavam não poucas de suas leis. (Figuras 27, 28, 29, 30 e 31).

— A nota mais saliente que colhemos do estudo da nossa história, é a DEGRADAÇÃO de nossa gente! Martius notara que “os indígenas brasíleiros não são uma raça que começa, mas uma raça que acaba”. O que o sábio etnólogo notava nas tribos brasílicas, podia estendê-lo a tôdas as tribos americanas, que tôdas são descendentes dos mesmos povoadores, especialmente o Xumé, que lhes legaram uma civilização que não temia concorrência no Egito, na Índia, na Mesopotâmia, onde floresceram civilizações irmãs da nossa americana!

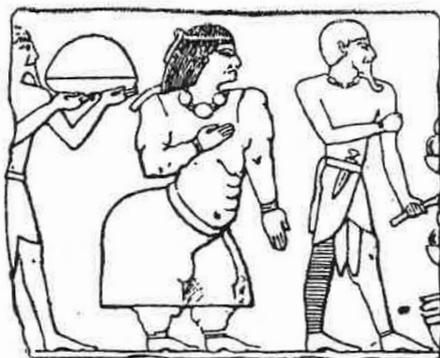


FIGURA 27

Na terra de PUNTU. O chefe Parihu e sua esposa Ati. São cultores do culto obscuro: êle com a perna direita enfaixada; ela apertando o seio com a mão. (Em "Rois et Dieux de Egypte", de Moret).

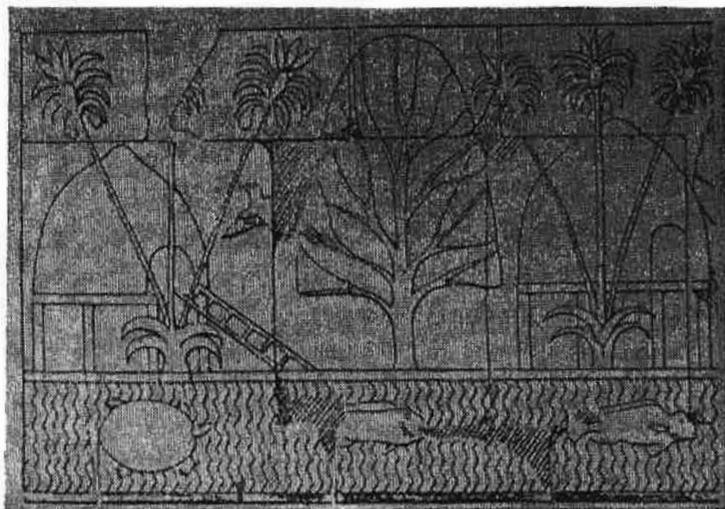


FIGURA 28

No País de PUNTU. Casa, e produtos do país: tartarugas, pirarucus, palmeiras, árvores do incenso e araras. (De Moret "Rois et Dieux d'Egypte").



FIGURA 29  
Ruínas da cidade santa dos Incas — MAX-UP-IK-HU ou “Cidade de todos os cantores do Templo”. Estava escondida num lugar inacessível dos Andes, a uma altura pasmosa.

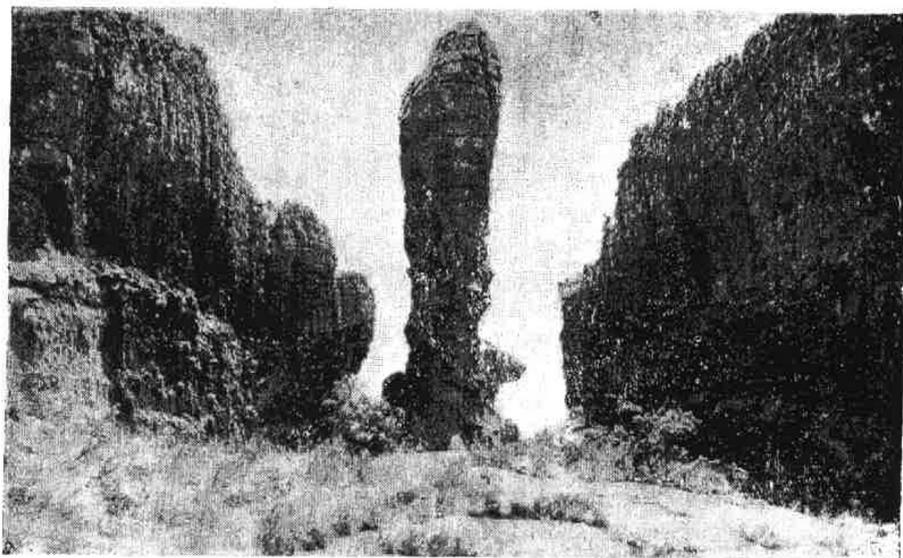


FIGURA 30



FIGURA 31

Rio de Janeiro. O Pão de Açúcar. Provável imagem do culto negro.  
Teríamos dois velhos em adoração da imagem.

## APÊNDICE

### A LÍNGUA DOS CANTORES DO TEMPLO

No começo, Jeová forjou e ensinou aos homens a "Linguagem sagrada", dos sinais sagrados ou dos hieroglifos. Consta de uns 300 sons, com os correspondentes sinais. Estes representavam fenômenos celestes ou terrestres; corpo ou membros do corpo humano; suas formas e ações principais; o vestuário; utensílios; animais e vegetais. Cada símbolo e som, além de indicar o sentido fundamental, podia indicar muitos outros sentidos, que tivessem afinidade, semelhança, dependência ou consequência, ou contrariedade com o sentido fundamental.

O contexto próximo ou remoto era quem decidia do sentido, que um termo possuía em dada frase.

A língua dos cantores era DUPLA: o XU-MER, ou "língua forte", ou "língua do Templo", e o AK-KAD ou "língua dos pequenos", ou "língua vestida" ou composta. A primeira consistia toda de monossílabos ou raízes; a segunda, era composta com raízes da primeira. A primeira era chamada também E-ME-KU ou "língua secreta do Templo"; a segunda, E-ME-XAL ou "língua das crianças e das mulheres".

Quando, no Templo, explodiu o culto negro, e os cantores rebeldes foram dele expulsos, estes levaram consigo o AK-KAD do Templo, e indo para Babilônia o transformaram no Akkádico ou assírio. Para os cantores fiéis do Templo, Jeová, em substituição do Akkad, formulou-lhes outro "emexal" que recebeu o nome de KHAB-ER ou "língua segunda". Khaber deu o hebráico "kheber, e khíberi" ou hebráico. O hebráico passou a ser o "emexal" do Templo, isto é, a língua das mulheres e das crianças do Templo!

Na dispersão das gentes, para cada leva que ia, por determinação de Jeová, para determinada região, o próprio Jeová formulou distintos linguajares, alterando a pronúncia das raízes do XUMER, e formulando para cada leva um emexal próprio. Daqui a divisão e distinção das línguas. Assim o hieroglifo que figurava a água (grupo de linhas onduladas) e no Templo se pronunciava "A", Jeová o alterou para AI, AWI, E; ME; EX; ID; UR; BUR; PUR; DUR; TUR e THUR. O mesmo fez com os demais hieroglifos:

destarte, cada leva ficou sendo possuidora de língua própria, mas filhas tôdas do XUMER.

O sumério era língua dupla. O "emeku" e o "emexal": o primeiro era compreendido só pelos cantores, pelos sacerdotes e pelos iniciados; o segundo, o era pelas mulheres e pelas crianças do Templo e pelos estranhos ao Templo, mas era compreendido também pelos cantores e sacerdotes; além disso era a língua falada no Templo, pelo povo.

No canto o "emeku" vinha envolto no "emexal", conservando porém seu sentido completo. Por ex. — cantores, sacerdotes, crianças e mulheres cantavam juntos, os homens no baixo e as mulheres com as crianças no alto: "Rahax, libi, dabar tob!" Os altos só entendiam dizer: "Lança, coração meu, palavras boas"; os baixos ao mesmo tempo que entendiam em "emexal": "Lança, coração meu, palavras boas", também entendiam no "emeku": "Ra, hax, Lib I, da bar, tob", isto é: "Cantemos, cantores, ao Filho do Homem, ao Príncipe dos cantores, que vem vindo"! Os altos só entendiam o "emexal"; os baixos, enquanto entendiam seu sentido do "emeku", também entendiam o sentido do "emexal", cantado pelas mulheres e pelas crianças. Para entender êste duplo sentido era necessária iniciação especial!

Entre os nossos indígenas ainda existem relíquias dessa língua dupla! Nalgumas tribos, os homens falam uma língua e as mulheres outras; os homens entendem a língua das mulheres, mas estas não entendem a dos homens!

O "emeku" é a LÍNGUA PRIMITIVA da humanidade. É monossilábica, com sílabas abertas ou fechadas, longas ou breves. Os Masoretas trataram da MA-SO-RÁ ou da "Língua escondida dos cantores": os enigmáticos acentos conjuntivos e disjuntivos das gramáticas, especialmente o XEVÁ e o DAGESH, são todos sinais que assinalam no "emexal" o correspondente "emeku". O "emeku" é todo medido, e no canto, marca o compasso.

O "emexal" é composto de raízes do "emeku": é monossilábico, poucas vêzes; as mais das vêzes, é dissilábico ou polissilábico. O "emexal" é todo gramaticado; o "emeku" não conhece declinação, nem conjugação, nem proposições, nem conjunções. Não possui adjetivos determinativos, nem qualificativos, nem artigos. Tem uma espécie de artigo "todo, tôda"; mas essa palavra é um ripio para igualar e encher as sílabas do "emeku", que entram nas palavras do "emexal". A mesma raiz pode ser substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio, conforme o contexto exigir.

Cada raiz possui numerosos sentidos, por exemplo, BAR tem 198; HU, 150; HAX, 140. Os vários sentidos de cada raiz, foram catalogados pelos Escribas Assírios, segundo o sentido fundamental, o sinonímico, o antitético, o religioso, etc.

O sumério EMEKU — a língua primitiva da humanidade — o encontramos envolto em EXEMAL hebraico, grego, no latim antigo, no sânscrito, no tupi e nas demais línguas antigas americanas. (Não o encontramos no tupi — língua geral — dos jesuitas!) O sumério das nossas escolas é um "emeku" bastante "emexalado", acrescido das partículas e das leis gramaticais.

Damos uma lista das raízes do sumério, acompanhadas de algumas das muitas traduções dadas pelos Escribas Assírios.

A	—	ÁGUA, luz, gerar, fazer, ligar, vestir, mão; casa,
AB	—	PAI, cultivar; desordem, templo, edificar.
AD	—	Mãe, seio, grito, chamar.
AG	—	Ignição, amor, posse, terra, missão, cantar.
A'	—	Laço, ligar, contrato.
AH	—	Animalzinho, gado, multidão, palavra.
AHH	—	LUZ, levantar, branco, calor, germe, arma, corrente, leão.
AK	—	esmagar, comida, pegar, governar.
ANK	—	Vida, viver, anjo, espírito, respirar.
AL	—	entranhas, coração, conceber, branco, alto, filho, moço.
AM	—	BOI, forte, senhor, amor, perdão.
AN	—	SOL, DEUS, estrela, brilhar, chefe, serpente.
AR	—	fazer, ruína, glória, majestade.
AS	—	unidade, um, filho, forte, templo, céu, mandamento.
AZ	—	queimar, maldição, aridez.
BA	—	ABRIR, repartir, dar, fazer, lábios, barba.
BAB	—	porta, pai, menino.
BAD	—	dia santo, fragmento, sacrificar, pão, batalha.
BÂD	—	fortaleza, bater, muro, sacerdote, cantor, alto, chuva.
BAG	—	pássaro, homem.
BAH	—	cantar.
BAL	—	machado, fuso, regar, pecado, dia, tempo, falar, orar, sacrificar.
BAN	—	seio, menino, querer, miséria, olhar.
BAR	—	repartir, sacerdote, boca, abrir, trovão, primeiro.
BE	—	BASTÃO, arma, proteção, surdo, vida, saúde, serpente, palavra.
BI	—	bebida, vaso, vinho, pegar, gritar, mandar, palavra.
BIB	—	cantar.
BID	—	templo, casa, família, destruir.
BIL	—	fogo, calor, brilhar, leão, fera, inimigo.
BIN	—	agricultura, instrumentos agrícolas, plantar, semear, tristeza, dor.
BIR	—	bode, carneiro, propriedade, visão.
BIS	—	porco, poder, sopro, cetro, repouso, filho, criança.
BU	—	brotar, crescer, estender-se, planta, todo, região, cantor.
BUL	—	machado, cortar, serpente, santuário.
DA	—	MÃO, poder, lado, braço, mandamento, sabedoria, chefe, falar.
DAB	—	DOIS, gêmeos, aumentar, bater, fundir.
DAC	—	estender, cobrir, habitação, vasto.
DAH	—	ramo, elevar, cortar, gravar, mandar, fazer tijolos.
DAHH	—	dobrar, ajuntar.
DAL	—	filete, pegar, pastor, guia, rei, pensar, compreender.
DAN	—	ÁRVORE, forte, príncipe, cetro, senhor, escrito, favor.
DAR	—	GALO, brilhar, crescer, cortar, voltar.

DAS	—	CAÇO, caça, fecundidade, ninho, fogo, baixo.
DAT	—	rounir.
DE	—	fundir, forroiro, rogar, trazer, falar, chamar.
DEL	—	cortar, romper, cercar, proteger.
DI	—	juízo, fazer, ir, saúde.
DIB	—	triturar, vencer, chefe.
DID	—	triturar.
DIG	—	atrelar, príncipe, grande, rei, menino.
DIL	—	= DEL.
DIM	—	pilar, clausura, plantar, fecho, reter.
DIN	—	VIDA, saúde, homem, visão.
DIR	—	barca, passar, ir além, perturbar, semelhante.
DU	—	marchar, pilhar, corsário, parar, sebe, floresta, brilhar.
DUB	—	taboinha, gravar, homem, vexar, dividir.
DUC	—	caldeira, jarro, joelho, bom, palavra.
DUL	—	sombra, imagem, tristeza, grande, Deus, ídolo.
DUL	—	colina, vigiar, santuário, saquear, veste.
DUN	—	machado, combate, altura, oceano, escuridão.
DUR	—	pequeno, jovem, cordeiro, laço, casa.
E	—	TEMPLO, sair, fossa, casa, resplandecer.
EB	—	nassa, laço, veste, tributo, chamar, templo.
EL	—	CANTO, brilhar, chorar, carregar, vento, manhã.
ER	—	cidade, tribo, carneiro, homem.
ÉR	—	pranto, lamentação, repousar-se, acampar.
EX	—	TRES, trinta, parte, novo, criança.
ET	—	templo.
CA	—	seio, leite, manteiga, boi, força, obedecer.
GAB	—	esquerda, cobrir, bater, tecer, céu, entender.
GAD	—	pano, lençol.
GAG	—	cimo, erigir, gravar, queimar, parar, ladrão, serpente.
GAL	—	HASTE, crescer, grande, broto, onda, tempestade, cantar.
GAM	—	submeter-se, dobrar, espalhar, trigo, colheita, vinha.
CAN	—	universo, chegar-se, vínculo.
CAR	—	QUATRO, deitar, quebrar, tristeza, deus, templo.
GAZ	—	bater, moer, ferir, ir, sacerdote.
GE	—	UM, homem, rei, tranca, marfim.
CÉ	—	cana, bastão, clausura, fechar, jovem, novo, homem.
GEG	—	trevas, eclipse, raça negra, imagem, enfraquecer, deitar.
GEN	—	homem, menino.
GEX	—	herói, céu, masculino.
GI	—	palma, colheita, bater, roubar, construir, assoprar.
GIB	—	doença, cegueira, veneno.
GID	—	longo, remoto, transgredir.
GIG	—	doença, furor, desastre, difícil, incenso, trigo.
GIL	—	cana, dardo, fecho, longo, mensagem, prosperar.
GIM	—	marchar, brilhar.
GIN	—	colheita, dedicar, mensagem, ofício.
GIR	—	espada, batalha, expedição, bastão, mês.
GIX	—	ÁRVORE, utensílio, madeira, fecho, serpente.
GU	—	BOI, guerreiro, grande, força.
CUB	—	firme, ceia, erigir.
GUD	—	filete, proteger, comer, dia, tempo, tempestade.
GUG	—	cordeiro, guerreiro, leão, velo, lâ, estrada.
GUK	—	brilhante, prata, marfim, úlcera, sacrifício.
GUL	—	nublado, mistura, unguento, negro.
GUN	—	senhor, dama, rainha, espôsa.
GUR	—	ceifa, ladrão, lobo, ninho, governar.
GÜR	—	medida, vaso, garrafa, correr, quebrar.

HA	—	PEIXE, multidão, trigo, violento, fortaleza, homem.
HAB	—	filho, fonte, entrada.
HAD	—	exprimer, bater, escrever, fender, lento, altura.
HAL	—	dejetar, correr, foice, fétido, arame, decisão.
HAM	—	CULTURA, noivo, hábito branco, sentir, farejar.
HAR	—	plantação, colheita, inflamar, trigo, escritura, selos.
HAR	—	entranhas, fígado, coração, lei, igual, osso, perna.
HAX	—	cortar, legumes, decidir, ver, julgar, ser, haver.
HE	—	gerar, pai, grávido, impôsto, perdão, vaso.
HEN	—	todo, gerar.
HI	—	circulo, prosperidade, perfeito.
HU	—	TEMPLO, altar, pais, bosque, brilho, bom, Deus, trono, serpente.
HUB	—	filete, derrubar, pecado, dividir, pesado.
HUD	—	cultura, bater.
HUL	—	mau-olho, desastre, dansa, pequeno, crime, trabalhar.
HUL	—	alegria, resplendor, brilhar, luminoso.
HUM	—	baixamento, humildade, cultura, abismo.
HUX	—	terrível, sagrado.
I	—	erigir, exaltar, ver, criar, cair, falar, templo, cantor.
IA	—	CINCO, quinto, êste.
ID	—	recompensa, rio, canal, mão, braço, forte.
IDE	—	olho, entendimento, vida, fonte, Deus, sacerdote.
IG	—	porta, saída, gigante, templo, brilhante, cantor.
IL	—	levantar, grande, olhar, favor, brilhar, forte.
IM	—	Céu, chuva, vento, força, ir, período, corpo, pele.
IN	—	linho, vestimenta, aguçado, broto, tremer, abalar, criança.
IR	—	laço, capturar, tecer, cultura, desejo, noivo.
IS	—	pranto, pó, argila, lepra, terra.
KA	—	PALAVRA, rosto, pensamento, boca, cantar, templo.
KAD	—	ligar, reunir, pequeno, proteger.
KAD	—	linho, tecido, vestimenta, manto.
KAL	—	desfiladeiro, fortaleza, cais, cobrir, proteger, graça.
KAN	—	campo, produto, inflamar, ardente, aliança.
KAS	—	correr, coletor, segundo, hábito.
KAX	—	cobrir, fundação, haste, separar-se.
KEM	—	cortar, construir, possuir, arquiteto, obra.
KEX	—	roubar, ligar.
KI	—	esteira, tecido, vento, altura, fim, terra.
KID	—	filete, gaiola, possuir, flanco, os restos.
KIB	—	plantação, irrigação, celeiro, veste.
KIL	—	recinto, filete, cordeiro, argila, acabar, todo, anél.
KIM	—	pegar, lobo, calçado, gafanhoto, choro.
KIN	—	Missão, comunicação, obra.
KIR	—	ilharga, chefe, altura, mel, palmo, serpente.
KU	—	comer, abundância, cultura, alimento, cheio, mel, figueira.
KÚ	—	habitação, veste, alimento, lado, praia, dormir, templo.
KUD	—	cortar.
KUL	—	encerrar, vaca, baixo, vinha, face.
KUL	—	semente, crescer, colher, criança, sobrinho.
KUM	—	almofariz, moer, destruir, andar.
KUR	—	montanha, subir, grande, cavalo, usar, perder.
LA	—	dirigir, pesar, atrelar, estábulo, sacrificar.
LÁ	—	Abundância, riqueza, volúpia, parecer.
LAB	—	árvore, forte.
LAD	—	alto, subir.
LAG	—	soldado, viajar.

LAH	— soldado, operário, povo, balança.
LAH	— viajar, pilhar, pastor, descer, subir.
LAL	— pesar, ligar, oprimir, manhã.
LAM	— crescer, perder, resplendor.
LI	— cipreste, verdura, cultura, brilhante.
LID	— vaca, gerador, rápido, mês, inteligência, palavra.
LIG	— árvore, homem, forte.
LIH	— unção, mensageiro, venerar, sacerdote.
LIK	— cão.
LIL	— arte, artista, alto, sacerdote.
LIM	— entendimento, vida.
LIR	— terra, habitação.
LIS	— separar, fragmento.
LU	— cantor, taboinha, estrêla, revolta, falar, adorar.
LUD	— cutelo, bronze, bom.
LUM	— germe, crescer.
LUP	— cantor, revolta.
LUS	— separar.
MA	— construir, mandar, lavar, casa, onda, levar, sacerdote.
MAD	— alto, montanha, cavalo.
MAG	— oração, manteiga, creme.
MAH	— irmã, grão-sacerdote, senhor, alma, plano.
MAK	— triturar, moer, adoração, oração, mistério.
MAL	— recinto, templo, purificar, posse, seio, cantor.
MAN	— VINTE, dois, irmão, chefe, sagrado.
MAR	— CARRO, apressar-se, captura, moer, fundar, pôr.
MAX	— ver, encantador, primeiro, alimento.
ME	— LÍNGUA, chefe, sacerdote, rito sagrado, falar, lei, terra, todo.
MEL	— fogo.
MEN	— corôa, pilhar, pássaro, correr.
MEX	— todo, sacerdote.
MER	— enchente, norte, vento, lua, príncipe, pastor, templo.
MIB	— cantor, voz.
MIK	— todo.
MIL	— poeira, ruína, derrota.
MIT	— arma, proteção, vida.
MU	— = MUN.
MUD	— parir, angústia, tremer, chave, clausura, homem.
MUG	— veste.
MUHH	— vértice.
MUK	— seio, flecha, raio, luz, veste, soldado.
MUL	— estrêla, brilhar, espada, sandália.
MUN	— MADEIRA, cetro, rebento, força, veste, templo.
MUR	— recinto, dorso, lado, gravar.
NA	— pedra, núcleo, queimar, subir, homem, cantor.
NAB	— gêmeos, nome, filho, palavra, rio, cantor.
NAD	— leite, habitação, sombrear, chuva.
NAG	— bebida, querer, formar, oferta.
NAM	— pássaro, palavra, apressar-se.
NE	— forno, fel, janela, país, força.
NI	— exprimer, óleo, brilhante, vida, passar, jovem, cantor.
NID	— gerar.
NIK	— propriedade, bem, todo.
NIM	— mosca, elevar-se, céu, ceifa, vaso.
NIN	— espôsa, espôso, leite, jardim.
NIR	— templo, senhor, proteger, gravar.
NIX	— nariz.
NU	— PEIXE, multiplicar-se, crescer, governar, câmara, santuário.

NUT	— leito, habitação.
PA	— examinar, chamar, cercar, perdão.
PAH	— cantor, adorar, revolta.
PAP	— pai, irmão, hostil, batizar.
PEX	— armadilha, peixe, caçar, respirar, queimar.
PEX	— peixe, filete, viver, força, flôr, festa.
PIG	— pequeno, fraco, gracioso, alegre.
PU	— nascente, poço, vergel, altar, fétido.
PUL	— chuva, temporal, tremer, alicerce, render-se.
RA	— inundar, rio, voltar, derrubar.
RAB	— grande, alto.
RAD	— regueira, rebento, ligar, bater.
RAH	— lavar, banho, libar, aspersão.
RAM	— templo.
RAR	— fazer.
RAS	— estrada, viagem, recolher, jardim.
RE	— = RI.
RI	— estar, vestir, encher, ir, cantor.
RIB	— comprar.
RID	— sacrifício, formar, mensagem, sacerdote, taboinha.
RIC	— verdura, perfume, esmagar, afastar-se.
RÍC	— seio, emanar, abundância, unguento.
RIM	— templo.
RIS	— cabeça, nascente, capital, grosso, pêso, homem.
RU	— virar, derrubar, dividir, fugir, templo, morro.
RUG	— pêlo, carne, bom, resplendor, faiscar.
SA	— rêde, sangue, templo, andar.
SAB	— tosquiar, pastor, sacerdote, comerciante.
SAD	— alto, monte.
SAH	— lugar, país.
SAL	— seio, largo, cavalo, veste, saída, mulher.
SAR	— alto, cantor.
SIG	— lâ, vestimenta, pele, avó, cabelo.
SIK	— ceifa, moer, cebola, oferta, inspecionar.
SIL	— possuir, poderoso, gôzo, muralha.
SIM	— pôr, laçar, dar, cliente.
SIR	— cortar, resplandecer, denso, gordo, cantar.
SUD	— plantar, coluna, regar, fiar.
SUB	— (XUB) benigno, acudir, adorar.
SUL	— homem, herói, bater, bosque, floresta.
SUM	— (XUN) ir, vir, correr, bem, bom, corpo.
SUX	— (XUX) crescer, região, cantar.
SUZ	— pescar, arrancar, abalançar, vaso.
XAC	— CORAÇÃO, meio, perna, veste, fundação.
XAM	— preço, venda, compra, calcular.
XAN	— palmeira, bom, gracioso, serpente.
XAR	— santuário, príncipe, dansar, taxa, por turno.
XED	— neve, repouso, frio, cabeceira.
XEG	— preço, trigo, água, grande.
XEN	— gravar, homem, deixar.
XEX	— ungir, quebrar, lágrimas, estabelecer-se.
XI	— LUZ, chifre, cantar, prosperar, asno.
XIM	— emanar, abundância, unguento.
XIN	— cobre, arma, brilhante, sândalo.
XIB	— carne, oráculo, fiar, imagem.
XIX	— violentar, proteger, irmão, sangue, pássaro, filha.
XU	— tenebroso, circuito, recolher, ancião, prender.
XUR	— exprimer, encantar, conceber, vinho, brilhar.
TAB	— caçar, pegar, sacrificar, cordeiro, templo.
TAG	— caçar, bater, sacrificar, falcão.

TAM	-	brilhar.
TE	-	montículo, originar, engendrar, sabedoria, inteligência.
TER	-	bosque, vergel, habitação, senhor, homem.
TI	-	floresta, vida, associar-se, palha, semelhante.
TIL	-	sentar-se, aproveitar, destruir.
TIN	-	vida, aguardente, inspecionar.
TUD	-	obedecer, filho, fazer.
TUG	-	barrete, príncipe, conquistar, primeiro, palavra.
TUH	-	abrir, abundante, dissolver.
TUM	-	carregar, tirar, obra, ir, humidade.
TUN	-	menino, potro, filho, veste, lábio.
TUR	-	gerar, pomba, corvo, vaso, voltar.
TÜR	-	estábulo, tapada, dragão, útero, serpente.
U	-	contemplar, olhar, construir, casa, senhor, clamor, cantor, templo, brilhante.
UB	-	cultura, renôvo, elevação, ir, passar, filho, todo.
UD	-	governar, subir, pastor, leme, madeira.
UG	-	asno, marcha, leão, luz, serpente.
UH	-	saliva, palavra, exército, escuro, sangue.
UL	-	assembléia, festa, abundante, rebelde, terra.
ÜL	-	rebento, tomar, tributo, longo, haste.
UM	-	(UNUM) sacrifício, cordeiro, príncipe, sacerdote, cantor, mulher, criança.
UR	-	cinto, amor sexual, gerar, base.
UX	-	geração, regar, submeter, grande, largo.
UT	-	cão, herói.
WÁ	-	orelha, entendimento, largo, muito, demônio.
ZAG	-	lado, fim, sacrário, príncipe, ligame.
ZAL	-	cetno, abundante, pingue, oriente.
ZAR	-	campo, semente, serpente, jorrar, sair, sol.
ZE	-	irrigação, pedra, fechar.
ZI	-	fel, refinado, bater, esmagar.
ZIB	-	crepúsculo, azul, horizonte, fim, decisão.
ZID	-	vapor, sopro, vida, crescer, pegar, iluminação, manhã.
ZIG	-	servo, feroz, renovar, surgir.
ZU	-	pegar, mistério, oráculo, conspirar, santuário.
ZUC	-	lago, mar, campo, serpente, enviado.
ZUR	-	moer, dia de festa, aquecer, orar, filho, caminho.
ZÜR	-	mágico, grou, acabar, abrasar, tudo, morrer, coração.

NOTAS: a) - A língua dos cantores só possui as vogais A, E, I e U (u francês). Falta-lhe o O, que deve ser substituído, na versão, pelo U. Este U sumérico, no tupi é substituído pelo Y.

b) - O grupo NH, mórmente no tupi, deve ser dividido em N-H, como Maran-ham.

c) - O sumério não admite o grupo de consoante com líquida, p. ex. BL, CL, MN, - na versão dos "emexal" para o "Emeku", é necessário introduzir entre as duas consoantes o "xevá" E, às vezes A, I, ou U: por ex. KLITO será - KAL-I-TO ou "a tóda cercada pelo mar" a América. Outras vezes é bastante a metátese: TRÓIA - TOR-I-A, isto é: "a tóda cercada pelo mar".

d) - As raízes do EMEKU ao passarem para os vários "emexal", sofreram várias alterações fonéticas: por ex. o TH, no mexicano, passou a ser TL; na América Central, TZ; no nosso tupio, ND, NB, NP. Houve trocas de iniciais entre si: d, t, th, z, ç, s - hh, g, k, r, l, - m, g, l - b, k, - b, n, x. Nas finais: d, t, th, - z, s, ç, x - g, k, kh, - b, p - m, b, - x, l, r - g, d - n, l. O final N muda-se muito em M.

e) - Algumas raízes podem mudar suas vogais, sem mudar de sentido, p. ex. HAR, HIR, HUR.

## TOPONÍMIA AMERICANA

Os termos toponímicos, provenientes do sumério, (e na América há enxames deles!) sob leves variantes, são susceptíveis de vários sentidos, muito variados e muito diferentes: é o que se designa pela expressão "pluralidade do sentido literal", ou "homofonia polisêmica". O sumério é língua polisemântica. Em geral, os nomes geográficos sumérios designam o povo que povoou ou habita um dito lugar, e ao mesmo tempo revela o sítio físico — sentido étnico e sentido toponímico. Às vêzes, se lhes acresce o sentido histórico, a recordar fatos ligados ao dito lugar.

Os termos toponímicos do mapa americano preferem dar-nos o sentido étnico, isto é, assinalam os povos ou lugares ligados ao Templo, ou com relação aos cantores negros, os adversários dos cantores do Templo. Temos mapa histórico-religioso.

### AMÉRICA SETENTRIONAL

AMÉRICA — a água a cerca de todos os lados = (a-mer-ik-a); os cantores a ligaram com o culto do Templo = (Am-er-i-ka). HAVILÁ — Jardim de todos os cantores (hav-i-lah); Casa dos cantores negros (ha-vi-lah). AL AS CA — cultura dos cantores do Templo. CA-NAD-Á — início do estabelecimento do Templo. ATHAB AS CA — caminho de entrada dos cantores do Templo. UN BA VA — primeira abertura do Templo. I DA HO — cidade dos cantores do Templo. TOR ON TO — onde a Serpente iniciou seu culto. CHIC A GO — recinto de todos os cantores. OR EG ON — início dos cantores do Templo. NEB RAS KA — rio, caminho do Templo. Montes AL LEG HAN YS — que cercam a "Tôda brilhante" (Tiro): o mesmo que A PAL A CHE. O HI O — região de todos os cantores. AR KAN SAS — cultura dos filhos do Templo. A RI ZO NA — região dos cantores do culto negro. TEX AS — homens do Templo. IL LI NO IS — cantores que passaram para o culto negro. MICH IG AN — região dos cantores da Serpente. UT AH — subida ao Templo. MIS SIS SIP I — país trabalhado pelos sacerdotes do Templo. MI SU RI — país tratado pelos cantores.

---

CRIQUES (ke-riK-es) — tribos saídas do santuário. CHOC TA US — descendentes dos cantores do Templo. AP ACH ES — destruidores dos cantores do Templo. CHE ROK ES — cantores arancados ao Templo. AL GON KIN OS — cantores altos, mensageiros do Templo. ES KI MA US — filhos das tribos fundadoras do Templo. IN NU IT — filhos do santuário brilhante.

MÉ XI CO — país, início do Templo; mex-ik-o — país de todos os cantores. A NA HU AC — terra, jardim de todos os cantores. XI CAL AN CAS — os cantores presos pelo Templo da maldição. UL ME CAS — filhos todos de cantores. HON DUR AS — posse toda do Templo. AN TIL AS — região cortada ao Templo. HAV A NA — filhos do templo negro. CUB A — destruidores do Templo. NI CA RAG A — onde os cantores do Templo propagaram na região o Templo. PA NA MÁ — onde os cantores descansam no Templo.

#### AMÉRICA MERIDIONAL

OR EN OK O — princípio do templo da Serpente grande. CA RI BAS — cantores saídos do Templo. AR U AK OS — cantores exímios e inteligentes do Templo. MA I PUR ES — filhos todos de cantores do Templo. PAR AM AR I BO — os cantores do Templo cultivaram toda a região. MA RA CA I BO — o templo dos cantores ocupou toda a região. QUI TO — caminho para o santuário. PE RU — terra dos sacerdotes; ou “domínio do sol”. LI MA — cidade do Templo. CAL LA O — cidade dos cantores do Templo. CHI LE — terra dos cantores. CUS KO — o grande templo. PU NO — entrada para o templo. AR E QUIP A — os cultores do Templo cultivaram a região.

COCH AB AM BA — grande templo dos cantores do Templo. OR U RO — cidade de todos os cantores. TUK UM AN — o primeiro templo da Serpente. CAT AM AR CA — colégio dos cantores que cantam no Templo. CU RI CÓ — cidade dos cantores do templo. MON TE VID E U — povo tirado ao país dos cantores do Templo. A CON CA GU A — monte alto que vomita nuvens incandescentes. AN DES — montanha de fogo. IL LAM PU — alto e resplandecente poço. CHIM BOR AZ O — excreta água fervente e lodo. COT OP A XI — lança para o alto água inflamada. PAT AG ON I A — Terra do fogo dos primeiros cantores do Templo. PAR A GU A Y — território de todos os cantores, submissos ao Templo. UR UG U A Y — cidades que a Serpente submeteu, tirando-as ao Templo. PU EL CHE — filhos brilhantes dos cantores. TE HU EL CHES — homens altos, claros, cantores. LAM BAR É (Assunção) — fulgor do grão-sacerdote do Templo

## BRASIL

BE RA ZIL — Domínio dos cantores queimados (em oposição a Pe ru, ou “terra dos sacerdotes, Maias). TUP Y — filhos dos fundadores, ou filhos dos cantores, ou gravadores das montanhas. GU AR A NY — grandes cantores do Filho do Homem. A YM OR Ê — tribo de antigos cantores do Templo. CA RI RY — cantores provenientes dos sacerdotes. TAP U Y A — homens arrancados ao culto do Templo. PO TI GU AR A — filhos legítimos dos cantores, fundadores do Templo. TUP I NAM BÁ — homens, filhos submissos do Templo.

A MAZ O NA — rio de onde se vê o templo dos cantores. SO LIM ON ES — rio debaixo do templo dos cantores. MAR AN HAN — (rio) tomado pelo templo negro. CO DA J AS — templo dos cantores do culto negro. Rio J AV AR Y — rio cultivado pelos cantores do Templo. J UR U A — onde o culto negro submeteu o Templo. PUR US — cantores negros. I ÇÁ — cantores do TEMPLO. J AP U RÁ — rio trabalhado por todos os cantores. MA NA US — país dos cantores negros. PAR IN TIN — cantores do culto negro. MA U ES — país dos cantores do Templo.

I TA CO AT I ARA — pedra a assinalar as viagens dos cantores do Templo, nas irrigações do Templo. CUN UR I — das jovens consagradas ao culto do Templo. HUM A Y TÁ — humilde templo da serpente brilhante. Serra Y ME RÍ — do templo de todos os cantores. CA PAR O Ó — onde os cantores do Templo ergueram o templo. Rio MU CA J A HY — onde os cantores do Templo destruíram o templo da serpente. Rio CAR A TIM A NI — entrada para o templo ereto para o Filho do Homem. Rio UR AR I CO ER A — onde os primitivos cantores cultivaram o Templo com o culto do Templo. Rio J A UP ER Y — rio cheio de sequezes do culto do Templo.

Serra IT AK E U — onde os cantores do Templo edificaram um templo. Serra ES SAR Y — do templo dos cantores do Templo. Rio PAD AM A RY — templo tomado pelo culto negro. Serra TA CA MI A BA — de onde os cantores do Templo vigiam todo o Templo. Serra TA PI RA PE CÓ — caminho dos cantores do Templo que demandam o templo. Ca.GU A HY — de onde os cantores avistam o templo. C.CU RU PIR A — pouso de todos os cantores do Templo. Serra UN TUR AN — da primeira vista do santuário. Serra PAC AR A I MA — onde os cantores fabricaram o templo ao Filho do Homem. PAR I MÁ — do templo do Filho do Homem. Monte RO RA I MA — do santuário dos cantores do Filho do Homem. Rio CAR ON I (?) que corre do templo dos cantores. Serra TUM UK HU MAK — séde da serpente e de seus humildes adora-

dores. M.TUM UT AK EN — séde da serpente e templo negro. Rio O Y AP OK que nasce na montanha do templo da Serpente.

PAR Á — Domínio do Templo. Serra A CA HAR Y — serra do templo dos cantores do Templo. Serra do PAR U — dos cantores do Templo. Serra de PAC A J AZ — dos cantores do templo do culto negro. Serra dos G RA DA ÚS — de todos os cantores do culto negro. Rio XIN GU — dos brilhantes cantores. GUR UP Â — caminho para a região do templo. Rio TAP A J OZ — do santuário de todos os cantores negros. CAM ET Á — viagem dos que sobem ao templo.

Ilha do MAR A JÓ — dos cantores do templo da Sabedoria, ou — onde todos os cantores edificaram um templo. PAC OV AL — os defuntos dos nobres cantores. AN A J AZ — mulheres e crianças dos grandes cantores. AF FU Á — residência dos cantores inválidos. CAM UT IM — túmulos dos cantores do Templo. MA CA PAN — morada dos chefes dos cantores. CUN AN I — virgens consagradas ao templo. Rio J AM UN DÁ — onde os cantores do templo governam o templo.

GO Y AZ — região dos cantores negros. TOC AN TINS — primeiro templo ressuscitado. Rio AR AG U A Y Á — onde os cantores do Templo cultivaram o Templo em todo rio. J AR AG U Á — os nobres cantores o inflamaram com o culto do Templo. T RA HIR AS — onde todos os cantores cultivaram o Templo.

CE AR Á — celeiro dos cantores do Templo. Serra IB I A PAB A — do templo estabelecido pelo brilhante pai do Templo. AR A RI PE — onde o culto do Templo se espalhou pela região. AP OD Y — templo da Serpente brilhante. Serra MON BA ÇA — do templo de todos os cantores. Serra U BUR E TA MA — templo dos cantores que cantam com o Filho do Homem. MER U OK A — templo dedicado à Serpente brilhante. BA TUR I TÊ — templo da Serpente do culto negro.

J A GU AR I BE — rio de todos os cantores que cantam no templo da Serpente. QUIX A DÁ — cidade de todos os cantores. QUIX ER AM OB IM — cidade que acolhe os cantores todos do templo. CAN IN DÉ — filhos do culto negro. AQU IR AZ — cantores do culto negro. MAR AN GU A PE — os cantores do Templo cultivaram tôda a região. PA CA TU BA — cidades reunidas pelos cantores do Templo. AR A CAT Y — os obreiros do Templo reuniram as tribos. I CÓ — cidade do Templo. IR AC EM A — a cidade de todos os cantores do templo. I ER I CO A CO A RA — a linda cidade, fundada pelo grão-sacerdote, criador do templo de todos os cantores.

PI A UH Y — domínio do templo da Serpente. PAR NA HY BA — domínio dos cantores todos do templo. UR US SU HY — onde o culto negro plantou o templo. CU RI MA TAN — templo dos cantores do culto negro. J Á IK OZ — templo de todos os cantores negros. BU RI TY — região do culto negro. J ER UM EN HA — cidade ligada ao templo do culto negro.

RIO GRANDE DO NORTE — Serra de BOR BO RE MA — do templo de todos os cantores do Templo. S.U AB OG Y — monte do templo da Serpente brilhante. AS SU — o grande santuário. MA CA U — morada de todos os cantores. CA IK Ó — templo de todos os cantores. Rio SE RI DÓ — de todos os cantores do Templo. TA IP U — caminho para o templo dos cantores. MI PIT IB U — país que cerca o templo dos cantores.

PAR A HY BA — domínio do templo de todos os cantores. MA MAN GU A PE — templo principal dos cantores todos da Serpente. GU AR A BIR A — cidade construída por todos os cantores do Templo. Serra PON GÁ — do grande templo. Rio das PIR AN HAS — dominado pelo templo dos cantores. CAR A UB AS — cidade erguida pelos filhos do templo. NA TU BA — cidade dos cantores do templo. BO DO PIT Á — região submetida ao culto do templo. QUI PAP Á — cidade do pai do templo. IP O J UK A — templo de todos os cultores da Serpente brilhante. Rio PA J E HU — de todos os cantores do culto do Templo. IN GÁ — Templo do céu.

ALAGOAS — Serra MA RA BÁ — de todos os cantores do templo. MA CE I Ó — séde de todos os cantores do Templo. MUN DA HU — cidade dos cantores do templo. COR U RI PE — cidade de todos os cantores da Serpente. CA MA RA GI PE — cidade de todos os cantores submissos à Serpente. MA RA GO GI PE — templo edificado pelos cultores do culto da Serpente. Rio J AC U HY PE — rio de todos os cantores do culto da Serpente.

SER GI PE — Cantores do culto da Serpente. CO I Té — cidade do culto negro. Sarra I TA BA I A NÁ — filhos do Templo, tirados ao Templo pelo culto negro. AR AC A J U — os obreiros do templo erigiram brilhante templo. MA RO IM — templo de todos os cantores. Serra de TA BÂN GA — cantores do novo templo. AQU I DAB AN — os cantores erguem um templo à serpente. I AP AR A TU BA — brilhante templo erguido por todos os cantores do Templo. AR AM BI PE — o culto do templo domina a região. Rio MU CU RY — filhos do culto do Templo. Rio GU AN DU — dos cantores da Serpente negra. Rio MAR IR UK U — dos cantores presos à Serpente brilhante. Rio TIM BU HY — vivificado pelos filhos do Templo.

**PER NAM BU CO** — Território tirado ao domínio do Templo. **CAB RO BÓ** — cidade dos sacerdotes da Serpente. **MU RI BE CA** — templo erguido pelos cantores do Templo. **UR Y** — cidade do Templo. **U-NA** — templo negro. **GAR AN HUNS** — templo da Serpente brilhante. **Rio MO XO TÓ** — do templo de todos os cantores. **CA RU A RU** — morada dos sacerdotes do culto negro. **IT AM AR A CÁ** — os cantores do Templo a cultivaram com o culto do Templo. **J A BO A TAN** — cidade de todos os cantores do culto negro.

**MATO GROSSO** = a **SAR TAN**. **CU Y A BÁ** — cidade de todos os cantores do Templo. **PAR EC YS** — cantores ilustres do Templo. **CA Y A PÓ** — cantores brilhantes do templo da Serpente. **COX IM** — pequeno templo. **Rio TAQ U AR Y** — tomado todo por cantores do Templo. **COR UM BÁ** — grande templo dos cantores. **GU A HY BÁ** — região povoada toda pelo Templo. **QUID A U NA** — região roubada ao Templo pelos cantores negros. **MAN DI OR É** — partilha adjudicada aos cantores do Templo. Serra de **MA RA CA JU** — serra tomada pelo Templo de todos os cantores. **S.A MAM BA HY** — serra dos gêmeos, inauguradores do templo.

**PAR AN Á** — domínio do templo negro. **AP UK AR A NA** — templo da Serpente e dos cantores do culto negro. **GAN TU Y** — cidade de todos os cantores. **CURI TY BA** — morada de todos os cantores do Templo. **PAR AN A GU Á** — povoado todo pelos cantores do Templo. **GU AR AP U A VA** — região que os cantores do Templo submeteram ao culto do Templo. **I GU AS SU** — rio cultivado pelos cantores do Templo. **I VA HY** — rio dos cantores da Serpente. Serra de **GAN DÁ Y** — dos filhos do culto do Templo. **Rio PI QUI RY** — dos cantores do templo negro. **Rio CHA PE CÓ** — de todos os cantores do Templo. **Rio I TA J A HY** — rio prêso todo com o culto do Templo.

**RIO GRANDE DO SUL** — **SE PÉ** — cidade dos cantores. **CAM AQ U AM** — campo cultivado pelos cantores da Serpente. **IB I RA PU TA N** — o Templo venceu os cantores do culto negro. **QU AR AH IM** — habitação dos cantores todos do Templo. **CAÇ AP A VA** — onde os cantores do Templo fundaram o templo. **BAGÉ** — templo negro **TAP ES** — filhos do Templo. **VAC CA A HY** — os cantores do Templo fundaram um templo. **J AG U AR ON** — cidade formada toda com cantores do Templo. **GU A I BE REN DA** — (Pôrto Alegre) — vila fundada pelos cantores da Serpente, no grande caminho.

**MINAS GERAIS** — **IN DA I Á** — coberto todo pelos cantores do Templo. **Rio PAR A OP E BA** — os cantores do Templo o cultivaram com o culto do Templo. **R.PAR AC A TU** — os can-

tores do Templo formaram o Templo. R.UR UK U I A — os cantores da Serpente submeteram os cantores do Templo. A RA XÁ — cultura de todos os cantores. U BE RA BA — onde os cantores negros derrubaram o Templo. CA E TÊ — morada dos cantores do Templo. SA BA RÁ — cidade de todos os cantores. MO-GOL — séde dos negros. CON-GON HA — claustro das virgens do Templo. J EQ ET IN HON HA — todos os cantores edificaram um templo do culto negro. MU RI AH É — templo edificado pelos cantores do Templo.

BAHIA — CA E TE TÊ — os cantores do Templo fundaram o Templo. CA TU LÊ — templo do culto negro. CA CUL É — templo de todos os cantores. CON DE U BA — remanso das sacras mulheres do Templo. IT AB U NA — cantores do templo do culto negro. TA PE RÔ Â — todos os cantores espalham o Templo. CA Y RU — templo do culto negro. MAR AG OG I PE — os cantores ergueram à Serpente o templo negro. MA CA HUB AS — os cantores do templo destruíram o Templo. UM BAR AN AS — templo dos cantores do culto negro. OR O Bó — cidade dos cantores da Serpente. CAR IN HAN HA — caminho para o templo do culto negro. IT AP IC UR U — os cantores do Templo inauguraram o culto do Templo. MUR I BE CA — alturas cultivadas pelos cantores do Templo. I E RO MO A BO — templo erguido pelos sacerdotes negros em honra da Serpente.

S. PAULO — PI RA TI NIN GA — bacia do rio que corre para o grande templo. PIR A TI NIN GA — patrimônio de todos os cantores do grande templo. Rio TI E TÊ — que corre para o grande templo, ou “Que ladeia o templo negro”. AN HEM BY — templo dedicado à Serpente. AN HÛM AS — templo de todos os cantores. SOR OK ÂB A — os cantores da Serpente destruíram o Templo. PAR AN AP AN EM A — os cantores da Serpente edificaram à Serpente um grande templo. BO TUCATU YB UT U KA TU — Alturas da Serpente, adorada no templo das pedras. Caminho de PE A BYR U — da Serpente adorada no templo das pedras. PIR AM BO Y A — cidade dos cantores da Serpente do templo das pedras. AV A RÉ — templo de todos os cantores. I TA TIN GA — cidade de todos os cantores do Templo. A RA RAK U A RA — terra dos cantores, saídos do templo de todos os cantores. I TU — filhos do Templo. AV AN HAN DAV A — o culto do Templo cultivou ambas as margens. PI RA CI CA BA — rio trabalhado pelos brilhantes cantores do Templo. PAR AN A PI AK AB A — domínio do templo de todos os cantores, conquistado pelo Pai do Templo. (Par-a-na-pi-a-cab-a — dorso da “tôda cercada pelo mar”, do lado esquerdo do mar). Serra da MAN TI QUE IR A — o chefe do Templo a vestiu com o culto do Templo (ou segunda parede da “tôda cercada pelo mar”). MOG Y — templo dos adoradores. I TAN

IIA EN — cidade forte de todos os cantores. CAN AN E A — os filhos do Templo fundaram o Templo. IP AN E MA — templo da Serpente dos cantores negros. TA U BA TÊ — os cantores do Templo erguem o templo. PIN DA MON HAN GA BA — início da fundação do templo por todos os cantores do Templo. GU A Y PAC AR Ê (Lorena) cidade de todos os cantores dedicados a cantar no templo. A RA RI TA GU AB A — (Pôrto Feliz) os cantores do Templo estenderam por tôda a parte o culto do Templo. BO CA I NA — região do templo de todos os cantores. IT AP ET I NIN GA — os cantores do Templo levantaram o templo com o culto do Templo. GU A RA TIN GU ET Á — cidade de todos os cantores que criaram o templo com o culto do Templo. TA TU Y — filhos todos do Templo.

PA CA EM BU — CLAUSTRO do grande templo da Serpente. J UN DI A HY — cidade primeira da viagem para o templo da Serpente. CU BA TAN — viagem para o templo da Serpente. TAM AN DU A TE HY — corrente que banha de dois lados o templo da Serpente. EM BO I — templo da Serpente brilhante. CA X IN GU — caminho para o templo da Serpente. AN HAN GAB A HU — prado que cerca pela esquerda o templo da Serpente. PAR A HY BA — território do templo da Serpente brilhante. PAR A HY TIN GA — território do templo da Serpente, que vive no templo. PAR A HY BU N A — território do templo da Serpente. o templo negro.

RIO DE JANEIRO — Baía da GU AN A BAR A — do TEMPLO da Serpente brilhante, reclusa no templo, ou — Gu-an-ab-ar-a — “templo da Serpente, erguido no meio das águas” (Ilhã do Governador). Ilha PAR A NA PU AN — TEMPLO CENTRAL, onde reside a brilhante Serpente — é a Ilha Grande do Governador! Ilha MA RA CA J Á — templo construído pelos cantores filhos do Templo — ainda a Ilha do Governador! Ilha de CO TUN DU BA — entrada do oceano, caminho para o templo. UR CA — proteção do templo. Praia I TAP UC A — vista do templo da Serpente brilhante. COP AC AB AN A — cidade dos cantores do templo da Serpente brilhante. CA RI OK A — morada dos cantores da Serpente brilhante ou KA RI OK A — santuário, clausura da Serpente brilhante. NI THE RO Y — celeiro de todo o templo da Serpente. Ilha de SE RIG I PE — grande cais do templo da Serpente (Villegagnon).

I TA BO RA Y — cidade forte de todos os cultores da Serpente. IC A RA HY — os cantores do Templo foram presos pela Serpente (Pedra do Índio). Ilha de PAC ET Á — cantores defuntos do templo. PAC EK ER — cantores saídos da cidade. MA GÊ — templo negro. MAR AP EN DI — cantores que cultivavam o culto do

Templo. MA RA CAN AN — morada dos cantores filhos da Serpente. MAN GAR A TI BA — onde o chefe do Templo espalhou o Templo. TI J UK A — bosque do templo da Serpente brilhante. Serra do BAN GU — dos grandes cantores. J AC AR É PA GU Á — morada de todos os cantores negros que vão ao templo. Morro do CAB OK LO — do derrubamento de todos os cantores (cemitério).

Praia da SAP UK A IT OB A — dos sacerdotes da Serpente brilhante, dedicados a seu grande templo. AN DA RA HY — alto de todos os cantores da Serpente. UR US UM IR UM — o culto negro destruiu o culto do Templo. (Praia do Flamengo). IP A NE MA — viveiro de todos os cantores negros. GAV E A — frente que anuncia o templo. PÃO de AÇÚCAR seria assonância de PAN DHE AS SU KAR — isto é: "Vigia de todos os cantores do grande templo"! Seria o semáforo do grande templo da Serpente. EM BO AB A — filhos da Serpente e destruidores do Templo.

---

NOTA: — A toponímia antiga americana prova evidentemente que os povoadores da América — da "Tôda cercada pelo mar" foram cantores do Templo de Jerusalém, e também testemunha a luta renhida entre os cantores do Templo, emissários de Jeová e os cantores negros, os filhos do anjo rebelde!

### CULTOS E TEMPLOS

A toponímia americana, suméria, gira quase tôda ao redor de templos, cultos e cantores. E é mui natural! Os homens (cantores) que do templo de Jerusalém demandavam a "Tôda cercada pelo mar", vinham encarregados por Jeová, de propagarem no continente americano, o culto de Jeová, qual lhe era prestado no templo de Jerusalém. Vinham, por tanto, fundar o culto do Templo de Jerusalém. O culto exigia um lugar determinado: o TEMPLO. Deviam erguer templos materiais para nêles exercerem o culto espiritual.

Ao encaço dos cantores de Jeová, vinham os cantores negros de Satã, guiados pelo fim de propagarem o culto da Serpente, a custas do culto de Jeová. Eles também precisavam de TEMPLO.

Daí explicamos o máximo cuidado do maior Povoador, Hércules, e de sua gente, o de, em tôda a parte, abrir, inaugurar, erguer, ressuscitar, confirmar TEMPLOS, consagrados ao culto do Templo ou de Jeová: explicamos outrossim o trabalho insano, satânico de seus adversários, que só visavam difundir, multiplicar templos do culto obscuro, consagrados a Lúcifer, o anjo decaído, que só aspira a ser adorado!

O local para a ereção de templos, eram quase sempre as alturas, e onde não as havia naturais, recorria-se às pirâmides artificiais, truncadas e encimadas com o templo. Ao redor do templo, ou nas vizinhanças, surgia a "Cidade do templo", para abrigo do pessoal destinado ao serviço do templo. Pouco mais longe, apareciam as modestas choupanas ou tendas ou cavernas, abrigo do povo.

Havia pequenos templos para as cidades; e havia os grandes templos, demandados pelos fiéis em suas peregrinações anuais, como acontecia no grandioso templo de Tiro, o templo central dos dez reinos toltecas (hoje os árabes, na Meca!). Os grandes templos eram servidos por numerosas turmas de sacerdotes. Para abrigo destes, havia as "cidades sacerdotais", que nem sempre surgiam vizinhas ao templo.

Os cantores de Jeová edificavam seus templos nas alturas; os da Serpente, preferiam as cavernas.

A toponímia americana, especialmente, no México, no Peru e no Brasil, nos deixa entrever a existência — obra do Xumé — de claustros para as virgens consagradas a Deus, e conventos ou reclusórios para homens adoradores, espécie de monjes.



# ÍNDICE

	PÁG.
CAPÍTULO I	
COMO ENCONTRAMOS A HISTÓRIA DA AMÉRICA . . . . .	1
CAPÍTULO II	
OS TREZE POVOADORES DA ATLÂNTIDA . . . . .	9
CAPÍTULO III	
OS TREZE POVOADORES DO MEXICO . . . . .	21
CAPÍTULO IV	
OS PRIMÓRDIOS DA AMÉRICA . . . . .	31
CAPÍTULO V	
APARECE O HOMEM AMERICANO . . . . .	37
A primeira leva — dos toltecas . . . . .	40
A segunda leva — dos xiximecas . . . . .	44
O negro povoador da América . . . . .	47
Explosão do culto negro . . . . .	50
A terceira leva — dos Aztecas . . . . .	52
CAPÍTULO VI	
POSEIDON — AMIGO DA AMÉRICA . . . . .	55
CAPÍTULO VII	
O PROFETA APARECE EM JERUSALÉM . . . . .	61
Juventude do grande profeta . . . . .	65
Os trabalhos de Hércules . . . . .	69
CAPÍTULO VIII	
LUTAS DE HÉRCULES NO CONTINENTE ORIENTAL . . . . .	71
Em Babilônia e na Assíria . . . . .	71
No Egito . . . . .	74
Na Tiro-Fenícia . . . . .	76
Na Pérsia . . . . .	77
Na Grécia . . . . .	78
Na Índia . . . . .	82
Na Itália . . . . .	84
Hércules na Ibéria . . . . .	87
Hércules na Germânia . . . . .	87
No Império Chinês . . . . .	88
Hércules na Líbia . . . . .	89

## CAPÍTULO IX

OS GRANDES TRABALHOS DE HÉRCULES NA AMÉRICA . . . . .	91
---	----

## CAPÍTULO X

MISSÃO DE HÉRCULES MEIO MALOGRADA . . . . .	95
Xumé repovôa o México . . . . .	98
Demanda o sul do México . . . . .	100
Entre os muíscas . . . . .	102
No Perú . . . . .	104
No Berazil . . . . .	107
Desaparece do Berazil . . . . .	112

## CAPÍTULO XI

ÚLTIMOS TRABALHOS DE HÉRCULES . . . . .	119
---	-----

## CAPÍTULO XII

MORTE DE HÉRCULES . . . . .	121
-----------------------------	-----

## CAPÍTULO XIII

A CIVILIZAÇÃO ATLÂNTICA . . . . .	125
-----------------------------------	-----

## CAPÍTULO XIV

TIRO, CAPITAL DA AMÉRICA . . . . .	131
------------------------------------	-----

## CAPÍTULO XV

A GUERRA DE TROIA . . . . .	135
-----------------------------	-----

## CAPÍTULO XVI

A ATLÂNTIDA DESAPARECEU ?   . . . . .	139
---------------------------------------	-----

## CAPÍTULO XVII

A ATLÂNTIDA FUGIU PARA O OCIDENTE . . . . .	147
---	-----

APÊNDICE . . . . .	155
--------------------	-----

A língua dos cantores do Templo . . . . .	155
---	-----

Toponímia Americana . . . . .	163
-------------------------------	-----

América Setentrional . . . . .	163
--------------------------------	-----

América Meridional . . . . .	164
------------------------------	-----

Brasil . . . . .	165
------------------	-----

Cultos e templos . . . . .	171
----------------------------	-----



Composto e impresso na



RUA DA GLÓRIA, 653